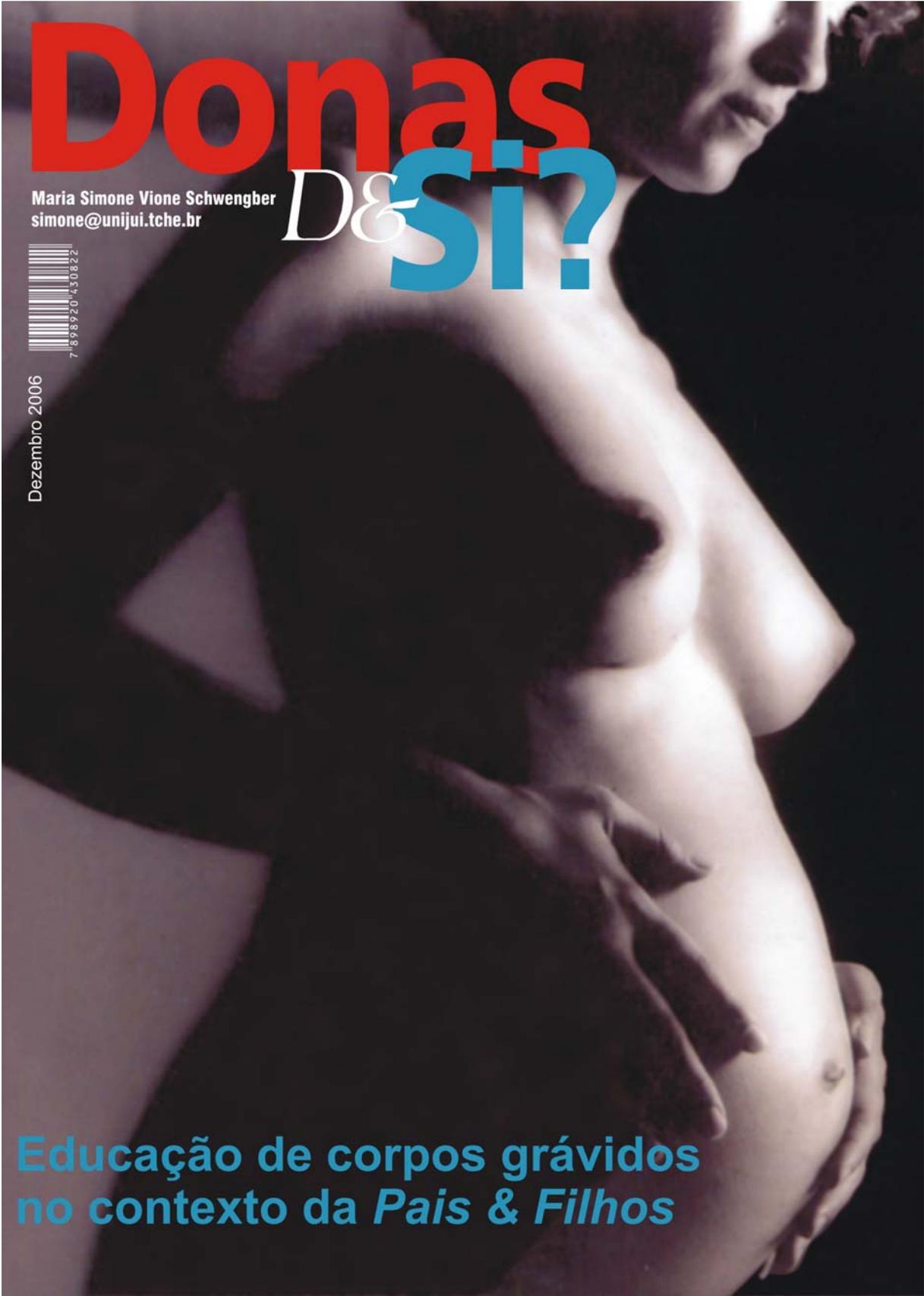


Donas



Maria Simone Vione Schwengber
simone@unijui.tche.br

D&S?



7 898920 430822

Dezembro 2006

Educação de corpos grávidos
no contexto da *Pais & Filhos*

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. **Donas de Si? A educação de corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos***. Porto Alegre: UFRGS, 2006. 192f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DONAS DE SI?

A educação de corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos*

Maria Simone Vione Schwengber

Porto Alegre

2006

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO (CIP)

S414d Schwengber, Maria Simone Vione

Donas de si? : educação de corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos / Maria Simone Vione Schwengber ; orientação de Dagmar Estermann Meyer. – 2006.

f.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2006, Porto Alegre, BR-RS.

1. Gênero – Educação – Mídia. 2. Mulher - Maternidade. 3. Estudos culturais. 4. Pais & Filhos (Revista) I. Meyer, Dagmar Elizabeth Estermann. II. Título.

CDU – 396:659.3

Bibliotecária : Maria Amazilia Penna de Moraes Ferlini – CRB 10/449

Maria Simone Vione Schwengber

DONAS DE SI?

A educação de corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos*

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para obtenção do título de Doutora em Educação.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Dagmar Estermann Meyer

Porto Alegre

2006

Maria Simone Vione Schwengber

DONAS DE SI?

A educação de corpos grávidos no contexto da *Pais & Filhos*

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Carmen Lúcia Soares (UNICAMP)

Prof^ª. Dr^ª. Jane Felipe (UFRGS/PPGEDU)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Henriqueta Luce Kruse (UFRGS/PPENF)

Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS/PPESEF)

Victor e Victor Hugo,
que dupla maravilhosa!

Ao Victor, por ser
incentivador dos meus
estudos e dar asas a
minha liberdade...

Ele sempre me deu
tranqüilidade para o
processo do doutorado e
para a escrita desta
tese.

Ao Victor Hugo, por
compreender minhas ausências
e me estimular com seu
carinho e desprendimento.

Por isso, com muito orgulho,
digo que somos uma família
pela convivência amorosa
e respeitosa que nos une.

AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas que merecem meus agradecimentos pela contribuição na realização desta tese. Sem o apoio e o suporte delas, eu não teria chegado aqui, e algumas merecem um agradecimento especial.

À orientadora Prof. Dra. Dagmar Meyer, pela orientação valiosa, apoio incondicional e disposição ímpar com que sempre me acompanhou e me guiou na elaboração desta tese. Como observadora crítica, é uma intelectual que me ajudou a refinar minha maneira de pensar sobre o mundo social e cultural, situando o feminismo como dimensão importante do meu conhecimento. Muito do que aprendi e escrevi nesta tese não teria sido possível sem a permanente e exigente presença de Dagmar. Todos que a conhecem sabem do privilégio que é conviver com ela, uma orientadora cuidadosa, amiga, carinhosa, admirável, inesquecível. Agradeço pelo carinho na acolhida, pois com ela compartilhei não apenas aulas e orientações, encontros e reflexões, como também congressos, jantares, vinhos e cafés... estabeleceu-se uma relação de amizade que se iniciou com o processo de orientação, intensificada com a afetividade da convivência e que se espera seja duradoura...

Às professoras Dra. Jane Felipe, Dra. Carmem Soares, Dra. Silvana Goellner, Dra. Maria Henriqueta Luce Kruse, que aceitaram o convite feito pela minha orientadora e por mim para analisar a tese.

Em especial, agradeço à Guacira, Silvana e Carmen pelas sugestões e pelo incentivo dado por ocasião do exame de qualificação. As contribuições acadêmicas que cada uma trouxe para a escrita da tese mostraram-se inestimáveis, assim como as valiosas trocas afetivas. À professora Carmem, pela disponibilidade, sensibilidade, carinho e atenção. À professora Silvana, gostaria de agradecer pelo acolhimento carinhoso que sempre me deu na ESEF e pela oportunidade de participar do GRECCO. Gostaria de dizer que suas palavras serviram de “combustível” para a definição do tema da pesquisa. À professora Jane, de modo particular, por me ensinar mais pelo exemplo do que por preceitos; pela alegria, afetividade e desprendimento. Agradeço a todas pela afetividade, companhia e encontros em Porto Alegre.

Agradeço ao grupo de orientação – Helena, Sandra, Maria Cláudia, Karin, Luiz Fernando, Ile, Aline, Letícia, Damico, Julio, Fátima e Gládis – pelas contribuições sempre valiosas nos rumos desta investigação e pelas longas conversas que ajudaram não só na tese, como também na vida. E também aos novos integrantes do grupo de pesquisa: Paulo, Elisandra, Eloá, Zulmira.

Aos membros do GEERGE, pelo ambiente acadêmico, afetivo, estimulante, em especial, pelo carinho e amizade das professoras Guacira, Jane e Rosângela.

Também gostaria de agradecer pelo apoio e carinho de amigos e amigas da linha de pesquisa dos Estudos Culturais, em especial, ao Rodrigo e à Mirtes.

Agradeço à UNIJUÍ, que me concedeu a bolsa, fundamental para que eu pudesse fazer o doutorado. Agradeço ao Curso de Educação Física por ter me permitido liberações imprescindíveis para a concretização da tese. Em especial, agradeço aos colegas do Curso de Educação Física, Fernando González, Paulo Carlan, Paulo Fensteiseifer, Lisiane Goettens, Leopoldo Schonardie, Dari Goller, que com suas expectativas em relação a mim, sempre me serviram de incentivo e de impulso nesta conquista.

Às amigas Neli Marcelina Gonzalez, Lene Belon e Patrícia Klahr, que sempre estiveram dispostas a me ajudar nas revisões textuais e nas formatações das imagens. Nunca houve tempo ruim para elas, mesmo quando as coisas eram para “ontem”.

À família Casarin, à Evanir e ao João Alberto (in memoriam), que carinhosamente me doaram a coleção dos primeiros dez anos da revista Pais & Filhos.

Às famílias Vione e Schwengber pelo apoio incondicional.

RESUMO

A presente pesquisa inscreve-se nos campos dos Estudos de Gênero e dos Estudos Culturais que se aproximam das teorizações pós-estruturalistas, em especial, das de Michel Foucault. Com esse referencial teórico-metodológico, discuto alguns dos modos pelos quais diferentes discursos, da medicina à educação física, investem sobre o corpo grávido, argumentando que esse processo educativo pode ser compreendido como uma dimensão importante de um processo contemporâneo mais amplo que temos definido como “politização do feminino e da maternidade”. Para fazer essa discussão, examino a revista *Pais e Filhos*, no período de 1968 a 2004, utilizando-me das estratégias metodológicas da análise de discurso. A partir da *Pais e Filhos* busco investigar, de modo mais específico, como o discurso das práticas corporais governa e regula os corpos grávidos, perguntando-me, ainda: de que modo esse discurso colabora/concorre com o processo da politização contemporânea dos corpos grávidos? Trato de mostrar que as práticas corporais alternativas, esportivas e de *fitness*, na revista, se constituem como elementos importantes de um discurso de “cuidado de si”, sobretudo ao produzirem diferentes posições de sujeito de mãe cuidadosa (aquela que cuida e se cuida), carinhosa, flexível, preparada, atlética, participativa, resistente, forte e sensual.

Palavras-chave: corpo grávido, gênero, práticas corporais, mídia.

ABSTRACT

The present research is inscribed in the field of Gender Studies and Cultural Studies that approximate to post-structuralist theorizations, especially those of Michel Foucault. From this theoretical-methodological reference, I have discussed some of the ways that different discourses, from medicine to physical education, have invested on the pregnant body, arguing that this educative process may be understood as an important dimension of a wider contemporary process that has been defined as “politicization of feminine and motherhood”. To carry out this discussion, I have examined *Pais & Filhos* magazine, published from 1968 to 2004, using methodological strategies of discourse analysis. From *Pais & Filhos*, I have attempted to investigate more specifically how the discourse of body practices has governed and ruled pregnant bodies, also wondering in which way this discourse has collaborated to the process of contemporary politicization of pregnant bodies. I have attempted to show that alternative, sports and fitness body practices, in the magazine, have been constituted as important elements of a “self-care” discourse, mainly when they produce different positions of a caring mother-subject (that one that takes care of others and of herself), affective, flexible, prepared, athletic, participative, resistant, strong and sexy.

Key Words: pregnant body, gender, body practices, media.

SUMÁRIO

PARTE I – O PROCESSO DE POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE É EXTENSIVO AOS CORPOS GRÁVIDOS	11
1 MODOS DE APROXIMAÇÃO DO TEMA	12
2 AS BASES MATERIAIS DA POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE.....	19
O ESTADO BRASILEIRO E A POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE.....	22
POLÍTICAS MATERNAIS DESENCADEADAS PELO DISCURSO MÉDICO.....	26
3 MODOS DE OLHAR E DE FAZER A PESQUISA	34
PARTE II – A EDUCAÇÃO DE CORPOS GRÁVIDOS NA PAIS & FILHOS	53
4 DOS SABERES AOS MODOS QUE COMPÕEM A EDUCAÇÃO DE CORPOS GRÁVIDOS NA PAIS & FILHOS	54
DO AMOR AO CORPO À EXALTAÇÃO DO DEVER-PRAZER DE CUIDAR DE SI.....	55
A PAIS & FILHOS DISSOCIA O CORPO DA MULHER DO CORPO DA GESTANTE.....	60
AMPLIAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DA REDE DE CUIDADOS CORPORAIS NO PRÉ-NATAL.....	66
O CORPO MATERNO COMO SUSTENTÁCULO DO PROCESSO REPRODUTIVO	75
COMBINAÇÃO DO MODELO DE CASAL-IGUALITÁRIO COM O DE CASAL NÃO-IGUALITÁRIO	86
5 AS PRÁTICAS CORPORAIS VISTAS COMO MODO DE CUIDAR DE SI.....	92
GRÁVIDAS: NEM O EXCESSO NEM A CARÊNCIA DE MOVIMENTOS CORPORAIS.....	98
OS PROCESSOS EDUCATIVOS IMPLANTADOS POR MEIO DE PEDAGOGIAS CORPORAIS	103
O DISCURSO DAS PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E AS GESTANTES.....	106
O PROCESSO DE TORNAR LEVE O PESO DA GRAVIDEZ.....	118
O CHARME DA FLEXIBILIDADE E A MOBILIZAÇÃO DOS CORPOS GRÁVIDOS.....	121
6 A REPRESENTAÇÃO DE MÃE ESPORTIVA ASSOCIADA À DE MÃE CONTROLADA É PREPARADA.....	126
MÃE PREPARADA	135
MÃE FORTE.....	148
MÃE RESISTENTE	151
MÃE SENSUAL	155

7 A PREVENÇÃO DESDE A VIDA INTRA-UTERINA COMO PRESSUPOSTO DE SAÚDE DOS SUJEITOS	161
LIMPEZA DO PLANETA E DOS CORPOS	165
LIMPEZA DOS CORPOS POR MEIO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES	167
LIMPEZA DOS GENES	169
O CORPO GRÁVIDO LIMPO, APTO E SAUDÁVEL POR MEIO DAS PRÁTICAS CORPORAIS E ESPORTIVAS	171
O PAVOR DAS MARCAS DEIXADAS PELA GRAVIDEZ: AUMENTO DE PESO, MANCHAS, CELULITES, ESTRIAS, FLACIDEZ, CICATRIZES	178
8 REFERÊNCIAS	183
REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS	193

PARTE I

**O PROCESSO DE POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE
É EXTENSIVO AOS CORPOS GRÁVIDOS**

1 MODOS DE APROXIMAÇÃO DO TEMA

O interesse por estudar a maternidade e, mais especificamente, a gravidez e sua relação com as práticas corporais e esportivas tem ligação direta com minhas trajetórias pessoal, profissional e teórico-política. Designo as razões da escolha da temática em questão na confluência destes três caminhos: a experiência pessoal de mulher grávida, minha inserção na linha de pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e a minha atuação como professora na formação de profissionais de educação física¹.

O universo cultural de significações de condução da gravidez, especialmente na minha cultura de mulher branca, de classe média, escolarizada, é tecido e contextualizado em palavras (discursos) como: saúde, corpo, cuidado, autocuidado, pré-natal, ultra-som, exames, segurança, alimentação, exercícios físicos, amamentação (a ponto de pensar, toda vez que vejo uma grávida: “bem-vinda ao clube!”). O processo de condução da gravidez tornou-se progressivamente “ativa e intervencionista”, como diz Aminatta² Forna (1999, p.45)³, uma tarefa cada vez mais complexa e de muitas aprendizagens e exigências. É possível perceber a emergência de uma série de novos saberes que produzem verdades acerca da gravidez, sobretudo os da obstetrícia, enfermagem, fisioterapia, nutrição, psicologia, psicanálise, educação física, religião, economia, direito.

Esses saberes constituem-se em um projeto diferente de maternidade, que fortalece a ligação das gestantes com suas existências corpóreas, sendo prescritos num processo contínuo, laborioso, sutil e estratégico, no sentido de que as grávidas controlem, intensifiquem e vigiem seus corpos para promoverem a saúde do/a filho/a. Marilyn Yalom (1997, p. 277) destaca que os deveres das gestantes em relação aos seus corpos e aos dos/as filhos/as, em vez de diminuir, “aumentaram em termos de importância” a partir do final do século XIX. Gestar

¹ Esse foco de investigação integra-se com a atividade profissional de ensino, pesquisa e extensão que desenvolvo no Curso de Educação Física da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ.

² Menciono o nome e o sobrenome do/a autor/a quando este/a é citado/a pela primeira vez no texto propriamente dito para visibilizar mulheres e homens a quem me refiro, assim como a grafia *o/a* de algumas palavras.

³ Não tenho dúvida de que os inúmeros cuidados corporais trouxeram efeitos positivos e abriram novas possibilidades para se viver a gestação.

um filho requer investimento constante, centrado na mãe, no e sobre o seu corpo, num movimento de fazer sempre o que é melhor para o feto.

Interessou-me, então, a discussão acerca dos corpos grávidos porque me parece que eles carregam o peso de grandes expectativas, sobretudo a de gestar “uma grande saúde, carimbada como saúde perfeita”, em um culto à longevidade e até à imortalidade (SFEZ, 1995, p. 132), segundo os padrões estabelecidos pelas ciências e reforçados pela mídia. Lucien Sfez (1995) destaca que essa nova demanda da saúde perfeita⁴ põe a saúde das mulheres em débito, particularmente a partir das últimas décadas do século XX, vinculando-se às idéias de prevenção, correção e aperfeiçoamento dos corpos (mãe e feto). Segundo Sfez (1995), há uma responsabilidade de gerar e criar “o/a filho/a mais perfeito/a possível”, de preferência, magro/a, alto/a, mais veloz, inteligente, conforme escolhas validadas pelas normas de saúde e de aparência da sociedade⁵. Sandra Caponi (2003, p. 55) também chama a atenção para o quanto a “saúde perfeita parece ter deixado de fazer parte da utopia para entrar no horizonte do possível” na vida das gestantes.

Entendo que a questão política a ser problematizada hoje, tal como ontem, é a correlação entre mulheres⁶, corporalidade e gravidez. No passado, o discurso normativo encerrava as mulheres na condição de mãe; seus destinos estavam ligados às amarras biológicas de um corpo. Parece que as mulheres, a partir da segunda metade do século XX, foram inscritas em uma rede mais ampla de discursos e saberes que possibilitaram a inserção e a difusão de outros padrões de vivência para a experiência da gravidez – livre “escolha” acerca do que fazer com o próprio corpo: como cuidá-lo; quais as melhores formas de cuidado; como exercer a sexualidade; ter ou não ter filhos; quantos, como e quando tê-los. Entendo que esses saberes colocam o corpo biológico em destaque, regulam e controlam a intimidade das mulheres, orientando as suas condutas, ao mesmo tempo em que as deixam

⁴ Essa “saúde perfeita” exige um plano geral do tipo proposto pela “nova *eugenética*”. Para Sfez (1995), as práticas eugênicas de melhoramento da espécie humana, já experimentadas no passado, são hoje retomadas pela *eugenética* – encontro entre a genética, a biologia molecular e a engenharia genética.

⁵ Ver a respeito o texto “Bioética e Manipulação da Vida”, de Volnei Garrafa (2003). In: *O Homem Máquina: a ciência manipula o corpo*.

⁶ O emprego da expressão “as mulheres”, ao longo do texto desta tese, tem a ver com uma opção teórica feminista que assumo, baseada em Louro (1999) e Meyer (2003), de pensar a pluralidade de sujeitos femininos a partir de múltiplos atravessamentos, tais como: raça, geração, etnia, classe, religião. No Ocidente, nem todas as mulheres têm iguais possibilidades de escolha nas suas vidas individuais, devido a diferentes situações sociais, ao estatuto profissional, a sua nacionalidade.

com um sentimento de “autonomia”; seriam elas donas de si? É por isso que escolhi colocar o título desta tese na forma interrogativa.

Este estudo apóia-se nos campos dos Estudos Culturais e dos Estudos Feministas, em sua aproximação com a abordagem pós-estruturalista de Michel Foucault, exatamente porque essa perspectiva permite entender e trabalhar com a noção de corpo como construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relações de saber-poder. Esse referencial ajudou-me a entender também a gravidez como prática cultural abarcada por formas de regulação moral e social e imbricada em relações culturais, histórica e lingüisticamente determinadas por relações de saber e poder, conforme apontam os pensamentos de Foucault (1999), Guacira Louro (1995, 1999, 2000) e Dagmar Meyer (2000, 2002a, 2004a, 2006). As análises de Foucault, em particular, ajudaram-me a compreender que não se encontra a subjetividade fora dos processos sociais e, sobretudo, da ordem discursiva que a produz como tal.

Também inscrevo a tese na agenda de estudos de Meyer acerca da “politização do feminino e da maternidade”⁷; ao fazê-lo, foi possível entender que a politização da maternidade se evidencia (como destaque no primeiro capítulo) a partir dos Estados modernos, na expansão institucional das políticas de saúde, por meio do “imperialismo moral” do

⁷ Pesquisas desenvolvidas individualmente por Dagmar Meyer: *Mulher perfeita tem que ter mamas e uma barriguinha: educação, saúde e produção de identidades de gênero*, concluída em fevereiro de 2003(b); *Educar e assistir corpos grávidos para gerar e criar seres humanos “saudáveis”*. Educação, saúde e constituição de sujeitos “de direito” e “de risco”, concluída em janeiro de 2005; *A educação “da família” como estratégia governamental de inclusão social: um estudo situado na interface dos Estudos Culturais, de Gênero e de Vulnerabilidade*, em andamento desde março de 2005. Pesquisas desenvolvidas com participação ou sob orientação de Dagmar Meyer: 1) DURO, C. 2002. *Maternidade e cuidado infantil: concepções presentes no contexto de um programa de atenção à saúde da criança*, Porto Alegre, RS. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem). Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002; 2) KLEIN, C. 2003. “...um cartão [que] mudou a nossa vida”? *Maternidades veiculadas e instituídas no Programa Nacional Bolsa Escola*. Porto Alegre/RS:UFRGS. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 3) SOUZA, J. F e cols. 2003. *Qualificar o cuidado infantil e a cidadania feminina: um trabalho com mulheres atendentes de creches comunitárias em Viamão/RS*. Porto Alegre: UFRGS/FAPERGS. Relatório de pesquisa. Faculdade de Educação da UFRGS, Fundação de Amparo à Pesquisa no Rio Grande do Sul; 4) MEYER, D. E cols. 2003c. *Educação, saúde, gênero e mídia: um estudo sobre HIV/AIDS-dsts com Agentes Comunitários/as de Saúde do Programa de Saúde da Família em Porto Alegre, RS*. Porto Alegre: UFRGS/CN DST-HIV/Aids. Relatório de Pesquisa. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; 5) SCHWENGBER, S. 2005. *Filho/a perfeito/a é (...)* Resultado de muito trabalho corporal da mãe. *Aprendizagens que (con)formam corpos-grávidos*. Porto Alegre/RS: UFRGS. Projeto de tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 6) KLEIN, C. 2005. *Programas governamentais de educação e saúde para uma “infância melhor”*: maternidades e paternidades em biopolíticas de inclusão social. Porto Alegre/RS: UFRGS. Projeto de tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul; 7) ABICHEQUER, Aline. 2005. *Um olhar sobre HIV/AIDS sob o prisma das articulações entre gênero, saúde e vulnerabilidade*. Porto Alegre/RS: UFRGS. Projeto de mestrado (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

discurso médico e do aparecimento de outros diferentes discursos voltados ao cuidado da saúde materno-infantil, principalmente os enfatizados pela mídia⁸ (em sentido amplo).

Rosa Fischer (2002) é uma das estudiosas que chama a atenção para a importância que a mídia assume, ocupando uma posição central no processo de constituição do sujeito contemporâneo, nos modos de ser homem e mulher, inclusive nos de ser pai, mãe e gestante.

Foi a partir dessas considerações que me interessei pela problemática da politização da maternidade e, em particular, pela politização dos corpos grávidos, no contexto de um artefato específico da mídia impressa brasileira, a revista *Pais & Filhos*. Seduziu-me o desafio de responder a seguinte pergunta: como o discurso das práticas corporais e esportivas, na *Pais & Filhos*, regula e governa os corpos grávidos? Desafiei-me ainda a perguntar: como esse discurso veiculado na *Pais & Filhos* colabora com o processo dessa politização? A demarcação temporal da investigação se faz na razão direta do tempo de existência de publicação da revista no mercado brasileiro, ou seja, 37 anos.

A escolha da *Pais & Filhos* deve-se, primeiramente, ao fato de ela ser uma revista brasileira de ampla circulação no país e reconhecida como a mais antiga das revistas, no mercado, destinadas a mães e pais. É também uma das publicações mais lidas no contexto brasileiro⁹ frente a outras publicações do mesmo gênero. Para Maria Celeste Mira (2001), a *Pais & Filhos*, dentro do contexto da mídia brasileira, é tida como uma das primeiras publicações (1968) a mostrar a necessidade de *pais e mães planejarem a chegada de seus/suas filhos/as*, aumentando sua responsabilidade pelo futuro da criança.

Entre os diferentes discursos veiculados na revista relacionados com os cuidados para com os corpos grávidos, optei por discutir e analisar o discurso das práticas corporais, que está vinculado a minha área de atuação – educação física. Nas últimas décadas, as práticas corporais e esportivas são indicadas (prescritas) “como importante forma de cuidado no pré-natal, uma necessidade absoluta para uma gestação bem-sucedida”, como destaca Raul Artal (2000, p. 6). Lurdes Fidalgo (2003) define esse discurso como um dos mais importantes sobre o “cuidado de si”, representado pela promoção do governo dos corpos grávidos.

⁸ No Brasil, encontramos uma grande gama de materiais – jornais, manuais, programas de TV, propagandas, revistas e, mais recentemente, *sites* – endereçados às mulheres mães. Entendo que esses materiais têm um papel central no movimento moral de educação sobre os corpos de grande parte das mulheres gestantes no Brasil.

⁹ IBOPE – Pesquisas Especiais – IFCH/Unicamp – 1969-1997 – arquivo Edgar Luenroth.

Para Carmen Soares (2005, p. 46) é possível perceber as práticas corporais e esportivas, como “(...) modos singulares de tratar, educar os corpos, de exercitá-los, de compreendê-los”. Essa reflexão sugere que essas práticas educam para determinados modos de vida, podendo-se pensá-las como práticas propositivas, que estabelecem positivities nas suas próprias ações. Desse modo, não são neutras, elas produzem efeitos na vida das gestantes, e são alguns desses efeitos que pretendo mostrar nas análises da tese.

Historicizar alguns dos modos pelos quais as práticas corporais e esportivas se apresentam e se articulam nas páginas da *Pais & Filhos*, produzindo e educando os corpos grávidos – eis então o propósito desta tese. Parto do pressuposto de que essas práticas indicadas/prescritas/incentivadas para os corpos grávidos são “fruto da trama sociohistórica”, como diz Foucault (1989, p. 27):

(...) pensamos que o corpo [grávido] tem apenas as leis de sua fisiologia e que ele escapa à história. Novo erro; ele é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destruído por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares, [programas regulares de exercícios físicos] e leis morais (...).

Cada época diz o que pode dizer, conforme suas condições de enunciação e seus campos de visibilidade (FOUCAULT, 1999). Por concordar com o autor, interessa-me investigar, especificamente, o lugar e a função do discurso das práticas corporais e esportivas na produção e governo dos corpos grávidos. Parto das seguintes questões: quais as práticas corporais que, no contexto da revista, têm investido nos e sobre os corpos grávidos? Sobre que pressupostos essas práticas se legitimam? Como ensinam? O que ensinam? O que persiste e o que se modifica ao longo dos 37 anos de existência da revista?

Nesse movimento, pretendo focalizar as práticas corporais destinadas a educar os corpos grávidos. Compreender, como sugere Denise Sant’ Anna (2001a, p. 114), as “delicadezas e as rudezas”, a “força e a poesia” existentes em muitas dessas prescrições corporais. Afinal, como ensina Silvana Goellner (2003a, p. 6), “não podemos esquecer que, na sociedade contemporânea, o esporte é um palco privilegiado para a exposição dos corpos que, ao exibirem-se e serem exibidos, educam outros corpos. Educam (...) a padronizar gestos, a fabricar imagens heróicas, a expressar emoções, a superar limites (...)”.

A maioria das pesquisas dentro da área da educação física brasileira investiga a gravidez e as prescrições¹⁰ adequadas a essa condição. Minha pesquisa vai em outra direção, na medida em que procura compreender como essas práticas corporais são produzidas e modificadas ao longo do tempo. Assim, o meu tema não é apenas de ordem pessoal, mas também profissional, visto que, como mulher-professora que vive o tempo presente, quero dele dar testemunho (do jeito que puder): por exemplo, pesquisando o investimento que a minha área de atuação vem fazendo para educar os corpos grávidos de determinados modos.

Para Lucila Scavone (2001a) e Meyer (2002b), na atualidade, inscrevem-se nos corpos femininos e na maternidade novos e conflitantes atributos, cabendo à academia (em particular, às estudiosas feministas) compreender um pouco como isso se dá e com que efeitos. Nesse contexto, parece que as gestantes carregam o mundo em seus corpos, e não apenas um/a filho/a, e que a geração de filhos/as “perfeitos/as e saudáveis” se define como responsabilidade individual de cada mulher que engravida, independentemente de suas condições sociais de vida. Meyer (2004b, p. 12) indaga se os investimentos sobre a mulher mãe não estariam funcionando, em alguns contextos sociais e políticos, “como estratégias de minimização dos efeitos” das profundas transformações sociais, econômicas e culturais desencadeadas pela globalização e pelo neoliberalismo. Por esses e outros motivos, “a história de como o feminismo deve lidar com as questões em torno da maternidade está apenas começando” (FORNA 1999, p. 21).

Scavone (2004, p. 20) destaca que a temática da maternidade é de uma “atualidade sem fim”. Para Françoise Thébaud (1986), há um campo de domínio da história da maternidade e da gravidez ainda a ser explorado, sejam elas desejadas/recusadas, realizadas/interrompidas. O alargamento da historicização da maternidade é importante e necessário porque nos possibilita mostrar como determinadas maternidades são significadas politicamente no interior de uma série de discursos e saberes que as normatizam e definem, e não como experiências “sem história”, associadas a uma idéia biológica, considerada como natural do feminino.

Desafio-me a compreender a maternidade e, sobretudo, a gravidez sob o prisma do contexto histórico em que estou inserida, um tempo que me é (in)visível por inteiro e em que

¹⁰ Conforme trabalhos de Miranda (2004), Frade (2000) e Artal (2000).

parece haver mais “liberdade” dos corpos. Porém, isso implica entender uma outra relação: “as luzes que descobriram as liberdades inventaram também as disciplinas”, como bem define Foucault (2005, p. 114). Tenho a intenção de fazer um diagnóstico que não se limite a mostrar o que somos, mas que aponte para aquilo que estamos nos tornando.

Divido esta tese em duas partes. Na primeira parte, apresento alguns elementos de uma lógica de ampliação da educação da maternidade, especificamente do corpo grávido, no Brasil. Apresento também as escolhas teórico-metodológicas, indicando os campos teóricos que proporcionam o instrumental de problematização e as ferramentas analíticas utilizadas na investigação. Na segunda parte da tese, apresento alguns dos saberes e modos que compõem a educação do corpo grávido na *Pais & Filhos*. Recorro a essa estratégia no sentido de mostrar que o discurso das práticas corporais e esportivas, centralidade de análise da tese, é apenas um dos discursos que compõem a rede de cuidados prescritos às gestantes pela revista. Destaco de modo mais pontual as posições de sujeito mãe produzidas pelo discurso das práticas corporais nos modos de cuidados que instaura e prescreve ao longo período analisado na tese.

2 AS BASES MATERIAIS DA POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE

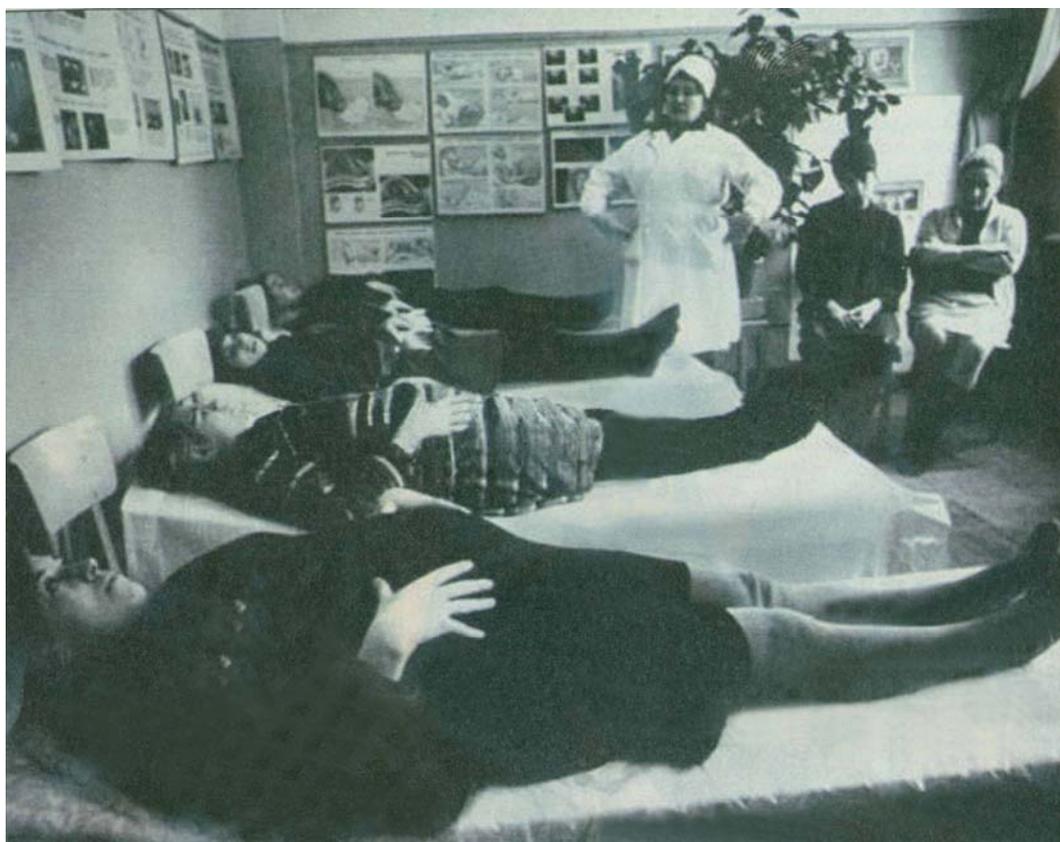


Figura 1 – RAY, Bill. *Veja*, São Paulo, n. 40, p. 82, out. 2004.¹¹

Discuto neste capítulo a emergência de uma lógica, segundo a qual a educação dos corpos se intensifica, a partir do século XVIII, recorrendo aos estudos de Michel Foucault (1988; 1997), Jurandir Freire Costa (1979), Marilyn Yalon (1997), Elisabeth Badinter (1985; 2003) e Dagmar Meyer (2002a; 2003b). Destaco algumas dessas normas educativas dos corpos, que se estabeleceram a partir do discurso da ciência médica na conformação de

¹¹ Trago essa imagem, embora ela não pertença ao artefato estudado, porque ela foi um dos recursos que me ajudou a compor este capítulo. Essa imagem, juntamente com as leituras, levou-me a compreender a pormenorização e o gerenciamento do corpo feminino, especialmente na gravidez, por evidenciar as formas e os modos de cuidado: as gestantes estão em repouso, vestindo roupas largas, sendo cuidadas (vigiadas) por profissionais, e por marcar o quanto as práticas maternas mudaram, operadas dentro de padrões sociais, culturais e históricos específicos. Essa imagem me instigou a pensar que a maternidade inclui uma série de processos – como a concepção, a gravidez, o parto, o puerpério e, para muitas, a amamentação – e estende-se para além dessas práticas. A maternidade vincula-se também a cuidados posteriores de socialização, criação, educação.

cuidados com a família. Tais cuidados constituíram-se na cultura ocidental, principalmente, como atribuição quase exclusiva da mulher, desde a gravidez, e estão implicadas com a “invenção do corpo grávido¹²”.

Conforme Foucault (1997), a modernidade elegeu os corpos como fonte de produção das demais riquezas dos estados-nação e, nesse contexto, produzir uma população saudável seria propiciar a constituição da riqueza de uma nação. Na cultura ocidental, percebe-se claramente a passagem de um “estado territorial para um estado populacional” – a idéia de que a riqueza dos estados-nação não é definida pela presença apenas dos recursos naturais de seus territórios, mas principalmente pelo estado de saúde das populações (FOUCAULT, 1997).

A sociedade moderna, para Foucault (1999), é demarcada pelo investimento nos corpos. Para o autor (1999), é a primeira vez que tanto o corpo individual quanto o corpo coletivo – a população – ingressam no registro da política: a vida, o corpo e a saúde passam a entrar no espaço de intervenções, de regulação e de controle. Para Foucault (1999, p. 135), na modernidade, emerge uma “nova administração dos corpos e uma nova administração calculista da vida”, num processo denominado de “estatização do biológico”. Articula-se a partir daí o biopoder, numa dupla forma: uma “anátomo-política” do corpo do indivíduo e uma “biopolítica” da população. A primeira, diz Foucault, tem a ver com a disciplina do corpo individual, “ampliação das suas aptidões, extorsões de suas forças, crescimento de sua docilidade e utilidade na integração com sistemas eficazes e econômicos” (FOUCAULT, 1999, p. 131). A segunda está relacionada com as intervenções dos saberes sobre o corpo-espécie, preocupação em “controlar e regular” a população, com a “proliferação de dados estatísticos sobre os nascimentos, a mortalidade, o nível de saúde e da duração da vida”. O autor caracteriza esse período como a época em que o “velho poder de deixar morrer” deixa a cena em favor de um “poder de fazer viver, devolver a vida” (FOUCAULT, 1999, p. 130).

A partir do século XIX, cresce o interesse em conhecer as características das populações e daquilo que constitui seu bem-estar para melhor apoiar as futuras intervenções.

¹² Utilizo o termo “invenção” inspirada em Ariès (1981), referindo-me à “invenção da maternidade” como um conjunto de influências que afetaram as mulheres a partir do século XVIII: o surgimento da idéia do amor romântico, a criação do lar, a modificação das relações entre pais e filhos.

A vida e o corpo saudável adquirem um valor político e econômico. Os Estados percebem que os estudos específicos da vida corporal da população se apresentam como fontes propícias de intervenção, na medida em que as populações podem ser conhecidas, vigiadas, cuidadas, viabilizando a organização de “políticas de saúde”, como denomina Foucault (1979, p. 196).

Nesse contexto, a saúde das populações passa, pois, a ser vista como um elemento que definiria as potencialidades concretas de riqueza dos estados-nação, de modo que os corpos adquirissem “uma significação diferente; não mais supliciados, mas (re)formados, corrigidos, aqueles que receberiam aptidões, um certo número de qualidades” (FOUCAULT, 1979, p. 119). Assim, as condições de vida, a natalidade, a fecundidade, a incidência de doenças, a forma de alimentação passaram a ser objetos de regulação do Estado. Daí a introdução, pelos Estados, de ações constantes e obrigatórias de gerência sanitária do espaço social, tais como a organização das condições de vida, a construção de novas funcionalidades dos espaços residenciais, o incentivo à higiene, à saúde e ao vigor dos corpos, o imperativo da importância da reprodução saudável da espécie, o “melhoramento” dos costumes e da moral dos corpos e a expansão das políticas de regulação da natalidade, conforme aponta Costa (1979). Nas palavras de Foucault (1979), foi desse modo que ocorreu o investimento nos corpos; visibilidade, educação e “gerenciamento” não foram outorgados apenas ao corpo do rei, mas também aos corpos individuais e aos corpos populacionais. Assim, uma concreta e articulada rede de controle e regulação política e social de saberes específicos passou conferir ordem à vida.

Esse pressuposto de que a riqueza dos Estados-nação se mede pela saúde dos corpos de seus habitantes é um princípio que se aplica a todos os corpos, independentemente de classe, idade, gênero, raça. Entendo que esse pressuposto afetou e afeta, de modo particular, as mulheres por sua relação com a capacidade de gestar e parir. As mulheres e seus corpos, a partir da modernidade, são revestidas de um novo simbolismo político; seus corpos não estão mais à disposição de interesses apenas particulares, como transmissão do sangue e do nome da família, mas também de valores coletivos mais complexos, como o vigor de um povo e o “crescimento/riqueza de uma nação” (FOUCAULT, 1999, p. 130).

O ESTADO BRASILEIRO E A POLITIZAÇÃO DA MATERNIDADE

(...) do cuidado das mulheres depende a qualidade das crianças, assim, educar as mulheres quando jovens, cuidar de seus corpos quando adultas, aconselhá-las quando grávidas (...) eis os deveres dos Estados-modernos (ROUSSEAU, 1780)¹³.

Textos como esse reproduzido na epígrafe oferecem pistas para pensarmos a politização do feminino e da maternidade, inserida de modo mais pontual nas sociedades ocidentais a partir da modernidade. Observa-se uma invasão da autoridade do Estado em âmbitos mais particulares como o da maternidade, a partir do século XIX, através de orientações como esta:

(...) a boa mãe apenas começa a sua missão com a gravidez. Sua responsabilidade como mãe é muito maior, pois, além de gestar a vida [nutrir o filho], deve exercer outra função tão importante quanto a primeira: a educação [dos filhos] (COSTA, 1979, p. 135).

O fato de a fecundação ocorrer dentro do corpo feminino e a longa dependência que os recém-nascidos têm dos cuidados maternos tornaram “legítimas” concepções como a de Rousseau, apresentada na epígrafe desta seção, sobre a posição das mulheres mães na sociedade ocidental. No Brasil, também se observa, de forma mais pontual, um investimento específico e especializado na educação feminina¹⁴ a partir do século XIX. A nova concepção de maternagem ligava-se a um programa pedagógico que abrangia a educação dos corpos e a educação moral das mulheres, em especial, das mulheres mães. Tal posição pode ser assim resumida: somente uma mulher saudável, instruída e bem treinada poderia exercer o papel de boa mãe, como destaca Roberto Machado (1978).

¹³ Fragmento da seção: Saberão elas, essas bondades de mães. ROUSSEAU, Jean Jaques. *Emílio ou da Educação*. Livro I, Rio de Janeiro: Martins Fontes.

¹⁴ Entre os conhecimentos indispensáveis para ser uma “boa mãe” e dona de casa, referia a medicina caseira: saber tratar feridas, queimaduras, cólicas, desconfortos estomacais, dor de garganta, aftas, dor de dente. Mais especificamente, a “boa mãe” não poderia deixar de conhecer os cuidados referentes à higiene das crianças: asseio, alimentação, vestuário e, principalmente, educação moral. É nesse sentido que se justificava educar as mulheres; era importante que elas dominassem as ciências das “práticas domésticas”. Afinavam-se alianças na preparação das mulheres através das economias domésticas e das informações higienistas na modernidade, de modo que as mulheres modernas compreendessem melhor a sua função administrativa: guardiãs da sociedade, gestadoras e educadoras da humanidade (COSTA, 1979).

É, então, nesse período que, de forma diversa e contraditória, a politização da maternidade se consolida e se amplia através das políticas higienistas desenvolvidas pelos Estados modernos. Tais políticas afetaram as idéias e as práticas em torno do exercício da maternidade no Brasil.

Para Costa (1979), a crença na missão “civilizadora” do Estado levou à formulação de um projeto de reorganização da sociedade brasileira, visando a produzir indivíduos com corpos saudáveis, capazes de efetuar transformações não apenas em suas vidas particulares, mas no destino do País. Para cumprir essa meta desenvolvimentista, elaboraram-se discursos reformistas sobre as principais instituições, a começar pela família, alcançando escolas, hospitais, quartéis, prisões, mercados, cemitérios, famílias, enfim, milhares de espaços públicos e privados que deveriam seguir as normas da reforma higienista (COSTA, 1979; MACHADO, 1978)¹⁵.

A família foi e continua sendo a primeira instância de articulação de investimentos das políticas relativas à boa saúde, tanto individual quanto coletiva, como apontam Foucault (1979, p. 200) e Costa (1979). Dentro da família, pela sua capacidade de gestar e parir, os corpos das mulheres foram investidos de uma nova função política: “produzir bons e saudáveis cidadãos” (COSTA, 1979). A educação dos corpos reprodutivos apresentou-se, também, nas sociedades antigas, mas é “somente a partir do século XIX que a população e a reprodução constituíram-se em objetos a serem regulados” pelos Estados modernos, segundo Foucault (1988, p. 28). De acordo com esse autor, acreditava-se que o controle das sociedades modernas não deveria ser exercido simplesmente por meio de uma consciência, pois “foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade moderna” (FOUCAULT, 1988, p. 28). Ainda segundo Foucault, foi a primeira vez que a sociedade, de forma sistemática, falou dos corpos destacando aqui os das mulheres, como algo que se deveria

gerir, inserir em sistemas de utilidades, regular para o bem de todos, fazer funcionar segundo padrão ótimo. O sexo não se julga, apenas administra-se. Sobreleva-se ao poder público, exige procedimentos de gestão; deve ser assumido por discursos analíticos (FOUCAULT, 1988, p. 27).

¹⁵ Ver sobre o projeto da reforma higienista da sociedade brasileira em Costa (1979) e Machado (1978).

Nesse contexto, o corpo das mulheres mães foi elevado de objeto de atenção secundária para objeto de atenção primária das ações dos Estados modernos. Segundo Costa, os Estados modernos enalteceram uma personagem cuja existência social era, até então, quase imperceptível:

Tradicionalmente presas ao serviço do marido, da casa e da propriedade familiar, as mulheres ver-se-ão, repentinamente, elevadas à categoria de mediadoras entre os filhos e o Estado. Em função destes encargos, suas características físicas, emocionais, sexuais e sociais foram redefinidas. Passou-se a solicitar insistentemente às mulheres cuidados [com seus corpos] (COSTA, 1979, p. 73).

O fato de a população passar a ser apreciada como uma unidade de riqueza, um capital econômico, militar e político, levou os Estados modernos a cumprirem um papel ativo de *governo* sobre os corpos das mulheres. Para Foucault, esses corpos deixavam de ser uma “terra incógnita” para se tornarem um espaço, por excelência, de “tecnologia da população, de conservação e de aperfeiçoamento da espécie” (FOUCAULT, 1999, p. 146).

Desse modo, observa-se que as políticas higienistas brasileiras modernas objetivavam transformar as mulheres em unidades morais, células saudáveis da sociedade, atacando os hábitos familiares relativos à administração-gestão de seus corpos e fornecendo modelos para melhor cuidar e preservar a vida e a saúde de seus/suas filhos/as. Como expressou Madel Luz (1982, p. 17), as políticas higienistas sobre a saúde das mulheres

(...) revelam ser tanto modelos de conhecimento sobre as estruturas das doenças e suas causas, como propostas de intervenção, sobretudo, para as mulheres mães, no sentido de higienizá-las, discipliná-las e organizá-las para a maternidade.

O Estado moderno brasileiro politizou a maternidade e converteu-a em objeto de preocupação, educação, pois considerava as mulheres mães “ignorantes e negligentes” (LUZ, 1982, p. 18), e por isso, elas precisavam de conselhos dos profissionais da saúde, sobretudo no que se refere às formas de viver e pensar o processo de condução e implementação da reprodução. Portanto, essas diretrizes estavam associadas ao papel social que *rosseauistas* defendiam como sendo o dever da mulher: ser mãe. Mas nem por isso a maternidade implicava algo óbvio – as mulheres deveriam aprender a ser mães.

A história da maternidade brasileira, a partir do século XX, coincide com a emergência do Estado Novo e seus empreendimentos em políticas sanitárias. O investimento nos corpos das mulheres como força produtiva surge, então, como certa garantia de prosperidade nacional (Cf. FELIPE, 2003). Vida, saúde, morte e, particularmente, a reprodução eram temáticas dominadas pela Igreja, mas que passaram a ser disputadas e efetivadas também pelas ações do Estado, como destaca Mary Del Priore (1997). A preocupação com os corpos reprodutivos representou uma novidade no sentido de que:

é a primeira vez que, pelo menos de uma forma constante, uma sociedade afirma que seu futuro e sua fortuna estão ligados, não somente em produzir um número de cidadãos, mas em produzir um contingente humano qualificado em termos biológicos (FOUCAULT, 1988, p. 28).

Foucault (1988) vê a *reprodução da população* como uma questão central dos processos econômico-políticos e, por conseguinte, a reprodução torna-se passível de controle político. A preocupação com a saúde da população redundou no estabelecimento de intervenções efetivas nos corpos reprodutivos na tentativa de melhorar seus níveis de saúde. Não eram apenas os corpos daqueles que trabalhavam que interessavam ao Estado Brasileiro, mas especialmente os corpos que iriam ser gerados. Reconheciam-se esses corpos como estratégicos, uma vez que poderiam melhorar e até aperfeiçoar a espécie. Muitas estratégias políticas destinadas ao controle da saúde dos corpos reprodutivos foram criadas com a finalidade de torná-los mais produtivos e menos ameaçadores à sociedade, já que seriam as fontes maiores de recursos e de riqueza da nação.

É importante destacar que a maternalização das mulheres não é um fenômeno nacional; pelo contrário, seguiram-se aqui no Brasil as coordenadas de um processo geral que atingiu o mundo ocidentalizado desde o final do século XVIII (SCAVONE, 2001b). A maternalização das mulheres foi se construindo e se estendendo, gradualmente, em diferentes âmbitos e planos da vida social, nas práticas científicas, nas idéias e práticas políticas, no mercado de trabalho. Para assegurar a materialidade da relação mãe-filho/a, as ações desenvolveram-se em dois sentidos: primeiro, empreendendo-se campanhas contra a mortalidade infantil, aborto, infanticídio, abandono de crianças; segundo, buscando-se transformar as mães, bem como seus hábitos e seus sentimentos com relação aos/às filhos/as. Era necessário educar as mães em todas as instituições (hospitais, institutos de puericultura, lactários). Essas ações para educar as mães geravam certa tensão, pois contradiziam as idéias

de uma suposta “natureza” maternal, feminina, instintiva. Para Badinter (1985, p. 355), a história mostra que, “em vez de instinto maternal, seria melhor falar de uma fabulosa pressão social educativa que a sociedade moderna disponibilizou para que a mulher aprendesse a se relacionar e cuidar dos filhos”.

O crescimento populacional e as idéias da produção da riqueza do Estado brasileiro por meio das boas condições de saúde da população foram determinantes para o processo de politização da maternidade. Temos muitos exemplos de como se reformula a maternidade no Brasil a partir do século XIX como um assunto público. Os dados estatísticos do IV censo geral da população¹⁶ no Brasil comprovam investimentos na família brasileira. Percebe-se nesse documento a problematização da maternidade: registram-se nascimentos, mortalidade infantil, índices de natalidade, número de filhos/as, lugares em que nasciam. Criam-se e aperfeiçoam-se instrumentos de controle/análise desses registros, que são alguns dos indicativos de que a maternidade se politiza, se transforma em um assunto público.

POLÍTICAS MATERNAIS DESENCADEADAS PELO DISCURSO MÉDICO

O aparato médico sanitário desempenhou um papel de destaque no processo de politização (dos corpos) das mulheres mães brasileiras. Os problemas de saúde, em especial os da saúde reprodutiva das mulheres, não poderiam mais ser sanados apenas no âmbito doméstico. O Estado constituiu-se, então, como setor propositivo dessas políticas, e é a medicina, como ciência, que se propõe a ser a grande reformuladora social, a ponte entre o Estado e a sociedade, entre a luz e a ignorância, entre a ordem e o caos. Acreditava-se que seu papel era orientar as mulheres mães, dissipando a ignorância e tornando-as “mães cuidadosas”. A medicina é, a área do conhecimento que dá coerência inicial às idéias da politização da maternidade (MEYER, 2002a).

A politização da maternidade brasileira foi se construindo e, gradualmente, atingindo diferentes âmbitos e planos da vida social. Cientificamente legitimados, os médicos iniciaram o processo de maternalização, contando com o apoio do Estado. Para o aparato médico

¹⁶ *Revista Estatística do Brasil*, ano XLII, n. 4, abril de 1930-1945. Fonte do censo nacional de 1916, 1926, 1930, 1940, 1950, 1950.

sanitário¹⁷, a maternidade estava inscrita na “natureza” feminina, nos corpos das mulheres, considerados como frágeis, quando não inferiores (Cf. BADINTER, 1985). Nesse sentido, as mulheres não pareciam seres confiáveis para gestar, cuidar e educar sozinhas os futuros cidadãos. Esse diagnóstico pessimista dos médicos embasava suas intenções de educar, medicalizando e controlando mais eficazmente os processos orgânicos, sociais e subjetivos relacionados à maternidade.

O interesse das políticas higiênicas do Estado brasileiro volta-se para o controle dos corpos das mulheres conjugando-se com a nova geração de ginecologistas, obstetras, puericultores e médicos sociais, que foram, pouco a pouco, modificando grande parte das experiências e vivências da maternidade: o parto em hospital público; o acompanhamento da gravidez; os conselhos acerca de como criar os/as filhos/as; as idéias sobre a reprodução e, mais especificamente, a puericultura intra-útero, como destaca Ana Paula Martins (2004).

Ao redor das mulheres afirmava-se, cada vez mais, um conjunto de práticas e políticas voltadas para a gestão e aperfeiçoamento dos seus corpos, mesmo antes da concepção. Acreditava-se que a sua saúde repercutiria na constituição orgânica e nas qualidades comportamentais da espécie. O discurso médico sanitaria visava a convencer as mulheres acerca de sua “vocação natural” para a procriação, sua responsabilidade social com o processo da gravidez e com a maternagem, uma vez que “se é a fisiologia da mulher que lhe permite carregar, é ela, portanto, que pode melhor materno” (SANTOS, 1998).

Para os discursos médicos, são as mulheres que contribuem, de um modo particular, para “(...) a regeneração física e moral da raça”, como destaca Fabíola Rohden (2001, p. 135). Nesses discursos, crianças saudáveis seriam prenúncio certo de homens fortes, e esse processo dependia do papel educativo sobre o corpo das mães; cuidar das crianças começa pelos cuidados do corpo das mulheres gestantes. Percebe-se, assim, a vitalidade e a continuidade de uma idéia bastante antiga que perdura até os nossos dias: a de que a saúde dos/as filhos/as é o espelho da saúde da mãe.

A interiorização desses valores requeria um novo modelo feminino: mãe cuidadosa que deveria estar sempre atenta a sua saúde e à dos membros da família. Responsável pelos mínimos detalhes que pudessem comprometer o bom andamento da saúde da família, a mulher mãe deveria ser vigilante, abnegada, afetuosa, assexuada, frágil enquanto mulher, mas

¹⁷ Os médicos propunham-se a ser os grandes reformuladores sociais pela posição legitimada de seus saberes científicos.

forte e saudável enquanto mãe e soberana dentro do lar, conforme Jacques Donzelot (1986). A responsabilidade pela saúde da família, sobretudo pela dos/as filhos/as, continuava a ser cobrada como dever feminino e a importância da mãe era medida pela sua capacidade de gerar filhos/as saudáveis. Para Jane Felipe (2003, p. 6) “é interessante observar o quanto existia uma indissociabilidade entre os discursos voltados para as mulheres e os discursos voltados para a formação da criança”.

Como observa Scavone (2001), é a partir da modernidade que começam a circular as primeiras idéias de uma puericultura intra-útero:

(...) a criança, no útero, é quase sempre a base da saúde do infante por nascer, a criança bem conformada, sã, robusta e inteligente depende dos cuidados intra-uterinos. (...) o descanso da mãe, a sua nutrição, o ambiente higiênico exercem uma influência sobre o produto da concepção (a criança) (SCAVONE, 2001b, p. 55).

Essas afirmações traziam inovações, mostrando que as crianças começavam a existir desde a concepção, ou seja, que grande parte da saúde das crianças era preparada durante a gravidez. Como sabemos esse pressuposto está plenamente assumido hoje. Donzelot (1986) observa que, até o século XVIII, a Igreja católica seguia as idéias de Santo Agostinho e Santo Tomás, para quem o feto não estava plenamente formado e, portanto, não se condenava o aborto durante as primeiras semanas posteriores à concepção. Os abortos começaram a ser condenados nos séculos XIX e XX, época que coincide com a profissionalização da medicina e com as repercussões das práticas médicas. Foram os códigos modernos que passaram a divulgar a idéia da vida a partir do ato da fecundação e por isso o aborto tem sido condenado desde então.

Através dos aparatos sanitários, os médicos começaram a propor uma série de inovações pedagógicas cujo alvo de investimento era o corpo da gestante. Este é visto, então, como o meio ideal e mais imediato para intervenções, a cavidade hospedeira onde, por um período prolongado de nove meses, o embrião se aloja, e é ali portanto, que deveriam começar os cuidados. Seria esse corpo, também, o responsável pela manutenção do ser vivente, não apenas durante a fase fetal, como também após o nascimento para nutrir a nova forma de vida.

Rohden (2003) sublinha que a medicina, antes do século XIX, pouco se referia às gestantes e aos cuidados que deveriam ser adotados na gravidez. Aos poucos, as mulheres gestantes passaram a ser responsabilizadas pelos altos índices de mortalidade infantil, em razão de seu desconhecimento dos princípios da reprodução, da gravidez e da saúde dos

recém-nascidos. A organização recente do Estado brasileiro, com seu potencial educativo e sanitário, assumia o processo educativo da gravidez, e assim o vínculo mãe-filho/a começa a ser preparado, de modo particular, durante a gravidez.

Abria-se todo um campo de conhecimento a respeito da gravidez. A medicina tentava avançar e superar as superstições e as fantasias comumente associadas aos corpos femininos, como partos monstruosos e a má formação do feto, como destaca Marilena Corrêa (2001). Os médicos avançaram na idéia de que a vinda de um/a filho/a começa antes da concepção, por isso dever-se-ia educar as mulheres para cuidar de seus corpos desde antes da concepção.

Esse novo ideal da gestante cuidadosa, das novas práticas de cuidados e das idéias sobre a gravidez não foi aceito de forma muito simples e rápida. No campo das práticas sociais, encontrou resistências: algumas mulheres pareciam negar-se a seguir esses ditados sobre os seus corpos. Esse comportamento é, até meados do século XIX, heterogêneo e variável segundo a classe social: as burguesas teriam sido as primeiras a incorporarem os novos ensinamentos; já as aristocratas e as pobres foram as últimas a assimilarem o novo perfil materno – cuidar-se na gravidez (CORRÊA, 2001). O Estado brasileiro, de sua parte, empreendeu estratégias mais firmes e ativas para isso intensificando a conexão das suas ações através da inserção de outras mulheres (enfermeiras, parteiras, visitadoras) junto ao aparato médico e organizando com essas últimas um sistema mais acabado e completo de seus serviços. Esses discursos moralizantes sobre a necessidade de cuidados corporais não foram suficientes para modificar os hábitos e costumes das mulheres em geral; ao contrário, pode-se dizer que esse processo de mudança foi longo e lento, mesmo que esse novo comportamento em relação à maternagem e à gravidez representasse a possibilidade de desempenhar um papel mais importante no seio da família e da sociedade brasileira.

O Estado brasileiro tentava, através de suas políticas higiênicas de saúde, persuadir e ensinar “cientificamente”, tanto as mulheres de classes abastadas quanto as de classes menos privilegiadas, que ser mãe era (é) uma posição (tarefa) “natural” e nobre. Por isso, instituíam-se muitas e diferentes estratégias para convencer as mulheres da importância de seu “novo” papel social – ser mãe cuidadosa com seu corpo. A mãe passa a ser vista como fundamental para o desenvolvimento do Estado na razão direta da prosperidade da família (Cf. COSTA, 1979).

O título de “mãe” era (é) como um rótulo de honra – dizia ao mundo em alto e bom tom que a mulher tinha cumprido o seu destino, ainda mais se tivesse gerado um/a filho/a perfeito/a e saudável (Cf. COSTA, 1978) e, nesse contexto, a maternidade era considerada

uma atividade de realização pessoal e de prestígio social. Pouco interessava se a mulher sentia-se ou não feliz como mãe.

O discurso higiênico centrava suas preocupações na “sagrada família” e no casamento monogâmico, dizendo que gerar um/a filho/a saudável era função fundamental da mulher (COSTA, 1979). A mulher mãe foi uma transformação importante – em parte, produzida pelo novo modelo de família moderna e, de outra parte, nele incorporada. Essa posição de mãe não só atribuiu uma outra função à mulher, como também reformulou as relações familiares: o elo clássico e o poder paterno (pai-filho/a) desviava-se para o inalienável binômio mãe-filho/a. Anthony Giddens (1993, p. 53) assinala que, a partir do século XX, ocorreu um “declínio do poder paternal”, com o “maior controle das mulheres sobre a criação de filhos referindo-se a um deslocamento da autoridade paternal para a afeição maternal”.

Na nova ordem social urbana moderna, evidenciam-se claros sinais de abalo: a secundarização da figura do pai e a exaltação da figura da mãe na gestão da vida do cotidiano familiar. Donzelot e, mais recentemente, Jurandir Freire Costa (1979) afirmam que a entrada do médico no lar burguês, tendo a mulher como interlocutora – agregando tarefas vistas como próprias ao seu gênero, feito para parir e cuidar – sugere a queda do poder do pai e certa promoção da mulher como cuidadora.

Badinter (2003) chama-nos a atenção para o quanto a transformação do papel da mãe é fruto de uma estratégia de controle e disciplinamento e também de promoção e de exaltação das mulheres. O doméstico podia ser tanto um lugar delimitado e estreito, quanto um lugar de ação extensiva na sociedade, posto que a família era sua base. Para Badinter (1985, p. 163), a mulher aparecia como “artífice modesto e poderoso que, do seu canto, organizava os costumes privados e públicos, organizava a família, preparava os corpos dos cidadãos, que são as bases (da riqueza) dos Estados”.

O destino das famílias, seus êxitos e fracassos parecem, a partir daí, depender quase inteiramente das mulheres. Propagava-se, de muitas e diferentes formas, que

a família é o centro, o elo direto, da grande máquina social, de onde devem sair os que dariam mais tarde dias de glória à pátria, os homens com suas energias, e em especial, as mulheres com suas belas qualidades morais, para que isso se realize, é necessário que toda a casa de família tenha um bom governo interior, corresponde à mulher essa delicada missão (COSTA, 1979, p. 74).

Esse pressuposto integrou uma discursividade que passou a ressaltar o papel da mulher como mãe, atribuindo-lhe quase todos os deveres e obrigações na criação dos/as filhos/as, delimitando sua função social à vivência da maternidade. Yvonne Knibiehler (1996) aponta que a realização desse ideal de maternidade era mais difícil para as mulheres pobres, uma vez que:

(...) foram as classes dominantes que reinventaram a maternidade como vocação exclusiva do feminino e estão em contradição absoluta com a realidade concreta: muitas mulheres pobres que já trabalham no séc. XIX deveriam assumir essa condição. A distância é imensa entre o ideal descrito e sonhado da mãe educadora, consagrada em tempo integral a sua criança, e a vida cotidiana das mães de origem modesta (KNIBIEHLER, FOUQUET, 1983, p. 210).

A transição para essa outra representação define a mulher como mãe, cuidadora e educadora da espécie deu-se com a consolidação da sociedade industrial e do processo de urbanização. Com mais acesso à educação formal e à educação profissional, as mulheres mantêm a responsabilidade na criação dos/as filhos/as ao mesmo tempo em que, gradativamente, ocupam o espaço de trabalho público. As contradições inerentes ao processo de industrialização provocaram, também, mudanças nos padrões da maternidade. Instaura-se a lógica da dupla responsabilidade, em especial para as famílias operárias, que começaram a associar, de forma crescente, trabalho dentro do lar e fora do lar, condição essa que análises feministas contemporâneas designam como “dupla jornada de trabalho”¹⁸.

A partir de então, é a mãe – a progenitora – a *pessoa adequada*, a única capaz de garantir a saúde integral da criança, enquanto anteriormente poderiam ser as amas e outras mulheres. Acentua-se a legitimidade da maternidade biológica – a centralidade outorgada ao corpo da mãe como condicionante da saúde do/a filho/a. Era ela quem deveria conceber, gestar e parir, além de criar a criança, cuidar dela e educá-la. Essa posição teve profundas influências nas concepções e políticas em torno da maternidade: se a existência da criança começa na concepção, poucas dúvidas caberiam quanto ao vínculo biológico (a sociedade

¹⁸ A esse respeito, ver análise brasileira sobre mulheres e trabalho: Bruschi (1994), Paiva Abreu (1998). O feminismo utilizou muito o conceito de “dupla jornada” para definir o trabalho da mulher operária na fábrica e em casa, sendo este último também designado de “trabalho invisível”.

ocidental não se desprende dos laços biológicos até hoje; aliás, parece que os está sempre renovando). Destaca-se que a mãe biológica¹⁹, apenas essa, era a “verdadeira mãe” a ser cuidada

(...) a medicalização da gravidez e do parto, iniciada no século XIX impõe-se maciçamente no século XX.

(...) as mulheres-grávidas tornam-se objeto de uma vigilância ativa, de um respeito religioso, de uma espécie de culto (...) os médicos transformam a gravidez numa ascese controlada. (...) a mulher grávida do século XIX é uma eterna doente.

(...) as parteiras entram como assalariadas nos hospitais e nas clínicas, sob a ordem dos médicos.

(...) a reprodução pertence à esfera materna, as técnicas de reprodução moderna minimizam a participação masculina, (...) a forma tradicional de solidariedade feminina se desorganiza e as mulheres perdem sua “autonomia” no domínio da reprodução (KNIBIEHLER, 1996, p. 358-60).

A partir desses excertos, é possível captar grande parte do processo de construção da gestação como um objeto de conhecimento científico e, ainda, observar a transformação da gestante em protagonista desse acontecimento. Existem muitas formas de representação, na cultura ocidental, que contribuem para afirmar que a gravidez deixou de ser uma abstração e/ou um “mistério”, tornando-se objeto de cuidados cada vez mais atentos, rigorosos e precisos, o que implicou o reconhecimento da educação corporal das mulheres para a gravidez.

Ao longo dos séculos XIX e XX, multiplicaram-se discursos e imagens sobre o processo da gravidez, reforçando a idéia da centralidade da mulher no processo gestacional, como destaca Martins (2004). Tal como descreve essa autora, tratados médicos e imagens anatômicas, assim como inúmeras publicações na literatura e na arte, foram produzidos, a partir do final do século XIX e no decorrer do século XX, presentificando o tema da gravidez na cultura brasileira. O que conhecemos como atendimento pré-natal hoje, que é o acompanhamento clínico da mulher grávida, até meados do século XIX era um cuidado desconhecido. Conhecer as especificidades do estado da gravidez representou um importante

¹⁹ A análise de Maria Antonieta Mota (2001), no seu livro *Mães Abandonadas: a entrega de um filho em adoção*, mostra o quanto as “mães biológicas”, ao doarem o/a filho/a, são mulheres que, na maioria das vezes, são violentadas pelo preconceito, por estigmas que as marcam fortemente por “contrariarem” a norma e a sacralidade da maternidade. A autora propõe um outro olhar, encorajador, de efetiva solidariedade com relação a essas mães que entregam seus/suas filhos/as e que, em meio a circunstâncias tão adversas e desestruturantes, são capazes de preservar a vida e a esperança do/a filho/a que nasceu, entregando-o/a para a adoção.

passo não só para a construção do conhecimento, como também para o fortalecimento da argumentação médica sobre assuntos como regularidade das consultas, idade adequada para engravidar e cuidados especiais, aspectos que são cada vez mais detalhados nos nossos dias. Esses conhecimentos também foram os principais instrumentos usados para marcar uma “nova” representação da mulher mãe e de seu envolvimento na gravidez, no parto e na criação dos/as filhos/as. Entendo (junto com outras estudiosas feministas) que essas representações abriram espaços para “fixar” a exclusividade da mãe não só no processo reprodutivo, como também em quase todo o processo de crescimento e educação das crianças (Cf. FORNA, 1999; MEYER, 2000; KLEIN, 2003; VOSNE MARTINS, 2004). O processo da gravidez é, portanto, inicialmente, um tema da família expandida, que passa a interessar ao amplo grupo social, e não mais apenas ao grupo familiar/cônjuges.

Esse percurso mapeado até aqui através de alguns fragmentos de discursos sobre a politização da maternidade me permite argumentar que essa politização é histórica e inconclusa e, também, me instiga a compreender como um artefato específico da mídia brasileira, a *Pais & Filhos*, contribuiu para a reprodução e veiculação de discursos implicados na politização de corpos grávidos na contemporaneidade.

Cabe lembrar que a problematização da maternidade, tratada neste capítulo, se tornou necessária e importante para mim como pesquisadora iniciante nesse tema porque me possibilitou compreender que o que entendemos por maternidade está ancorado no que é possível de ser definido e vivido como tal em um dado momento histórico. Para isso procurei aqui lidar com as seguintes questões: através de quais processos (discursos) a maternidade se “politizou”? Que discursos permitiram que essas verdades acerca dos corpos grávidos e da maternidade fossem admitidas? Como essas “verdades” contribuem e contribuíram para significar um determinado modo de viver a maternidade hoje?

Penso que esse mapeamento geral, ao longo deste capítulo, foi importante na medida em que contribuiu para identificar melhor alguns dos rastros da maternagem no Ocidente e, especialmente, no contexto brasileiro. Entendo que o processo da politização da maternidade na modernidade tem um papel fundamental para a consolidação da politização do corpo grávido hoje, que é o que me interessa investigar. Mas antes apresento, no próximo capítulo, os modos de olhar e fazer que construí para essa pesquisa, elucidando as ferramentas teórico-conceituais que me ajudaram a produzir determinadas unidades analíticas e delimito, também, a fonte de pesquisa, descrevendo os critérios que orientaram sua escolha.

3 MODOS DE OLHAR E DE FAZER A PESQUISA

Como discuti no segundo capítulo, um dos fenômenos fundamentais ocorridos a partir do século XVIII foi o poder de “fazer viver” os indivíduos e a população, buscando assegurar sobre eles uma regulação “através de um poder contínuo e científico” (FOUCAULT, 1999, p. 294). Em suas reflexões, Foucault preocupa-se em destacar que “a velha potência da morte” é substituída pelo aparecimento “[...] das práticas políticas e observações econômicas, dos problemas da natalidade, longevidade, saúde pública, habitação e migração; explosão, portanto de técnicas diversas e numerosas para obterem a sujeição e controle das populações” (FOUCAULT, 1988, p. 131-2). É nesse sentido que a administração cuidadosa dos corpos grávidos, pela gestão calculista na ordem do saber e do poder, passa a significar o processo de condução e de implementação da gravidez também como objeto político, inserindo-a no domínio da política, da disputa e da luta por governá-la cada vez mais. A gravidez começa a ser exaltada, e, a partir do século XIX, a gestante ganha, cada vez mais, o estatuto de ser insubstituível, a responsável pela vida e pela saúde do/a filho/a.

Longe da suposta uniformidade que lhes seria dada pela natureza, os corpos grávidos (suas saúdes) são produzidos culturalmente, de maneira particular, em cada sociedade; portanto, são passíveis de educação cultural. Para Soares (2002a), forma-se, a partir do século XIX, mais do que em outros momentos da história ocidental, uma “pedagogia do gesto e da vontade”, configurando-se, assim, diferentes pedagogias que “educam os corpos” de homens e de mulheres, inclusive de gestantes.

Na contemporaneidade, uma sofisticada maquinaria pedagógica amplia e complexifica a educação dos corpos grávidos, incluindo: revistas, jornais, programas de TV (de auditório, novelas, documentários, *talk shows*, *video shows*), filmes, músicas, esportes, publicidade, entretenimento. No entendimento de Shirley Steinberg (1997), esses artefatos culturais são “pedagogias culturais” porque oferecem narrativas em suas formas de apresentação, que capturam e re-produzem sentidos e significados ativos que circulam na cultura, produzindo sujeitos e identidades sociais em intrincadas redes de poder.

Assumir que esses artefatos culturais colocam em funcionamento pedagogias culturais e, constituem, portanto, instâncias importantes de aprendizagens, que produzem educação dos corpos grávidos é possível porque me apóio em um referencial teórico que pressupõe o alargamento da concepção de linguagem. A linguagem deixa de ser compreendida como meio

estrito de expressão e passa a ser tratada como o lugar em que se produzem os sentidos que compartilhamos na cultura. A linguagem é entendida, então, como constituinte, produtora, formadora da realidade, como destaca Tomaz Tadeu da Silva (2001).

Para Stuart Hall (1997), os sistemas de representação produzidos e veiculados nas pedagogias culturais constroem os lugares nos quais os indivíduos e grupos são posicionados e/ou se posicionam, instituindo, assim, posições de sujeito e identidades. Os sistemas de representações oferecem respostas às perguntas “quem eu sou?” e/ou “o que posso ser?” e/ou, ainda, “quem pode dizer” e “em que circunstâncias?” (Cf. Meyer 2000). Para Silva (1999), identidades culturais incluem o conjunto de características pelas quais os grupos sociais se identificam como grupo: aquilo que eles são, o que, no entanto, é indissociável daquilo que eles não são. Portanto, tanto a identidade quanto a diferença são construídas nas e através das representações sociais.

Nossas identidades são formadas, produzidas e representadas no interior da cultura, a qual assume, assim, uma centralidade na sua constituição, conforme destaca Stuart Hall (1997). É nesse sentido que acredito serem de grande relevância as discussões sobre as mudanças culturais da contemporaneidade que perpassam as políticas de representações de corpos grávidos. Isso porque a contemporaneidade alimenta uma renovada representação de maternidade a partir da reconstrução desses corpos, possibilitada, dentre outras coisas, pelas biotecnologias e “pedagogias culturais” produzidas pelos *mass media*.

Apoiada e desafiada, então, por esse referencial teórico, procuro fazer nesta tese um exercício de problematização da maternidade e, particularmente, da gravidez, tomando como referência um artefato da mídia brasileira impressa. Faço esta opção porque concordo com Zygmunt Bauman (2000, p. 23) quando este afirma que a mídia impressa transformou-se, ao longo do século XX, em uma das grandes chaves utilizadas pela sociedade contemporânea para explicar o mundo, para “(...) acelerar ou afrouxar, talvez dirigir o fluxo das representações sociais num sentido ou noutro”.

A esfera midiática, segundo Fischer (2002), rearranjou as fronteiras entre o que é público e o que é privado. Nesse sentido, afirma a autora (2002), a mídia alterou (e altera) a relação entre os fatos que afetam todos os cidadãos e aqueles que, até então, diziam respeito à esfera privada. Assim, para a autora, nenhuma outra sociedade na história produziu e disseminou tal volume de informações, produzindo efeitos na intimidade, ensinando como ser determinados tipos de homens e/ou mulheres, pais, mães, gestantes, produzindo, assim, novas conformações de gênero, paternidades e maternidades.

A mídia impressa contemporânea dispôs e disseminou na cultura, de modo cada vez mais acessível, os ideais de uma gravidez e maternidade ditas científicas²⁰, não só para as mulheres mães – que têm a tarefa de gestar, criar, cuidar e educar –, como também para todos os indivíduos. As prescrições sobre cuidados maternos começaram a ser temas recorrentes nesse contexto. Para Paulo Vaz (2004), a mídia impressa, na contemporaneidade, apresenta-se como uma das principais articuladoras do biopoder, desencadeando uma frutífera aliança entre biopolítica e mídia; abre-se, assim, a era das anátomo-políticas e biopolíticas informacionais. Nela, é indiscutível a centralidade da divulgação de informações sobre os modos de viver e exercitar uma gravidez cientificamente fundamentada, uma vez que essa cultura da informação vem sendo identificada como uma das marcas mais fortes da cultura contemporânea.

Para Vaz, exercitar o poder na contemporaneidade envolve não apenas a vigilância do corpo, mas também divulgar e fazer circular “informações” que advertem os indivíduos acerca “dos riscos, dado o que fazem e o que trazem como herança” (VAZ, 2004, p. 8). Assim, podemos dizer que a pós-modernidade monitora os corpos através de uma rede de informações, dentro daquilo que Alex Fraga (2005, p. 28) chamou “biopolítica informacional”: “(..) uma forma de governo que não depende [apenas] da relação corpo-a-corpo para fazer valer um poder sobre a vida da espécie, mas de um conjunto de técnicas, procedimentos e saberes que regulam a vida” por meio das informações.

Pode-se dizer que um grande volume de informações divulgadas em manuais e revistas passou a conformar regras que altera(ram) de modo significativo o *ethos* da maternidade e da educação dos corpos grávidos. Essa nova cultura impressa requereu que as mães não só monitorassem as suas crianças, como também lessem e seguissem as recomendações dos peritos, o que exige uma prestação intensiva de cuidados (tal como nas receitas dos livros de culinária) em que se pesam, se medem, se contam, se enumeram, a partir de indicadores quantitativos (peso, medidas, coeficiente intelectual), características dos corpos grávidos e das crianças, dando-se sustentação a prescrições acerca dos melhores métodos para gestar, parir e educar filhos/as.

²⁰ O acesso das mulheres ao ensino formal e ao mundo do trabalho, bem como as secretarias da infância, aos Postos de saúde, organizações privadas e estatais e a criação do Dia das Mães, ajudaram a legitimar a aceitação das teorias científicas da maternidade.

Tendo em vista, pois, essa centralidade da mídia impressa na educação contemporânea de corpos grávidos, escolhi investigar, dentre o enorme acervo de publicações sobre gravidez e maternidade que está disponível no mercado editorial brasileiro, a revista *Pais & Filhos*. Por isso, passo a apresentá-la agora, destacando alguns elementos do seu projeto editorial, bem como da sua trajetória no contexto brasileiro. De certo modo, também tento responder (minimamente) uma pergunta: quem lê a *Pais & Filhos*?, inspirada em uma outra questão, formulada por Caetano Veloso: *O sol nas bancas de revista me enche de alegria e preguiça. Quem lê tanta notícia?*

Dos meios de comunicação impressa que circulam no Brasil, a *Pais & Filhos* é apontada por Mira (2001) como um dos mais mobilizadores/encorajadores de adesão de mulheres e homens às novas propostas de cuidados com a gestação, planejamento e criação de filhos/as. Ela é considerada como mídia de caráter informativo, dinâmico e atualizado e classificada como uma espécie de aliada na tentativa de definir um estilo de mulher mãe brasileira, sempre atualizada, moderna, profissional, participante, cuidadosa (Cf. MIRA, 2001). É nesse sentido que a revista²¹ se apresenta como um novo – e exemplar – marco do jornalismo brasileiro que tem:

(...) um ritmo - *like American people* - que se ordena através do código da velocidade, sobretudo, nada de lentidão, do tempo morto, máximo de efeitos visuais, ataque insistente aos olhos e aos ouvidos, detalhamento e simplificação das ações prescritas.

(...) um ritmo em que a cultura da narração é substituída por uma cultura do movimento, da ilustração, da objetividade.

(...) um ritmo que não trata mais de evocar um universo irreal, trata-se, antes de superexcitar-se com desfiles de imagens, que dialogam com a vida na sua dimensão mais científica.

(...) um ritmo de tempo em que uma narrativa é mais viva, mais emotiva, a ordem é não cansar o leitor (PAIS & FILHOS, 2004).

Do ponto de vista de Bauman (2001), as revistas agem sobre bases interpretativas mais simplificadas, maleáveis e, conseqüentemente, mais adaptadas aos nossos tempos velozes, seduzindo leitores/leitoras e apresentando-se como uma proposta impressa renovada.

²¹ Os fragmentos textuais retirados da *Pais & Filhos* e inseridos a partir deste capítulo serão destacados de duas formas: com letra em itálico, quando for dentro do parágrafo, e com letra normal, quando destacado em caixa de texto.

Seguindo a apresentação da revista, a diretora de redação explica que a *Pais & Filhos* tem um “corpo editorial de peso”, que conta “com profissionais de primeira linha trabalhando para trazer o que existe de melhor, particularmente, as últimas descobertas científicas lançadas no mercado”. Ela afirma que, se tivesse de responder a pergunta “o que a gente é?”, diria, em poucas palavras:

Uma revista muito bonita visualmente, limpa, clara, de leitura fácil, organizada, quase um manual, um guia, e sempre que possível se mostra (exemplifica) o que se fala (PAIS & FILHOS, 2004).

O conselho editorial afirma que a publicação teve, nestes 37 anos, uma preocupação cuidadosa com as estratégias de comunicabilidade – os tópicos, as manchetes (chamadas) e os “olhos”²². Para o chefe editorial,

(...) qualquer título, subtítulo, *olho*, são criados com muito cuidado para ganhar o leitor.

A cor, a qualidade do papel, o tamanho da revista, o brilho, as chamadas das manchetes, as imagens, estilo, tudo sempre teve muita qualidade, são apelos que sempre a *Pais & Filhos* cuidou/priorizou para ganhar os leitores e as leitoras (PAIS & FILHOS, 2004).

Observo que, ao longo do tempo, o número de páginas da *Pais & Filhos* quase não se alterou: nos primeiros anos de publicação, a revista era impressa em aproximadamente 130 páginas; hoje, são cerca de 115 páginas a cada edição. O que se alterou significativamente foi o número de peças publicitárias destinadas a difundir a venda de produtos, direcionados tanto para adultos, principalmente mães e pais, quanto para bebês e crianças.

Inicialmente, a *Pais & Filhos* foi publicada pela Editora Bloch; atualmente, é a Manchete²³ que a edita. A circulação da revista é mensal, e sua tiragem confere-lhe uma

²² *Olho* é utilizado, nesse contexto, no sentido do jargão jornalístico e significa a frase que aparece logo após a manchete ou título da matéria.

²³ A Editora Bloch vendeu para a Manchete todas as suas publicações: *Ele e Ela, Fatos e Fotos, Desfile, Pais & Filhos*. Assim, a Manchete relançou a *Pais & Filhos* pelo fato de ela ter “mercado mais fiel do que as outras” (PROJETO EDITORIAL PAIS & FILHOS, 2004).

inquestionável popularidade no contexto brasileiro²⁴. A sua tiragem, nos primeiros 27 anos, estava em torno de 300 mil exemplares; com a multiplicação de publicações destinada ao mesmo público, essa tiragem foi decrescendo ao longo da última década.

Minha escolha por essa revista deve-se, primeiramente, ao fato de ela ser uma publicação midiática brasileira, de ampla circulação no Brasil, reconhecidamente privilegiada por seu tempo de permanência no mercado frente a outras publicações destinadas ao mesmo segmento – surgiu em setembro de 1968 e mantém-se até hoje no mercado brasileiro²⁵, sendo, portanto, a mais antiga nesse gênero. Assim, se comparada a uma série considerável de revistas lançadas a cada ano no Brasil (por exemplo, *Gravidez Feliz*, *Gravidez Especial*, *Gravidez e Gestaçã*o, *Supermãe*, *Da Concepçã*o ao Nascimento, *A Gestaçã*o, *Ser Mãe Especial*, *Seu filho e Você*, *Crescer em Família*), ela desfruta de uma longevidade notável, uma vez que uma minoria delas consegue passar pela prova do aniversário de dez anos após a primeira publicação. Pesaram, também, na escolha da *Pais & Filhos*, seu pioneirismo e sua trajetória, que conferiram uma inquestionável popularidade à revista até a década de 90, período em que ainda “reinava” quase sozinha nas bancas brasileiras.

Talvez seja interessante registrar aqui que também fui leitora e assinante da *Pais & Filhos* por um longo tempo, no período de 1990 a 1995. Posso até dizer que essa revista educou mais do que uma geração de mulheres mães na minha família, pois localizei, no próprio contexto familiar, a coleção completa e encadernada da *Pais & Filhos* referente ao período de 1968 a 1980 (enormes pilhas bem guardadas). Parece-me possível dizer que somos, em minha família, um pouco *mães* tipo *Pais & Filhos*.

Conforme dados do conselho editorial²⁶, o universo dos/as leitores/as da *Pais & Filhos* apresenta-se distribuído na faixa etária entre 20 e 49 anos, sendo 82% do sexo feminino e 18% do sexo masculino. Seu público leitor é composto, como se vê, majoritariamente, por mulheres adultas – de todas as classes sociais, embora haja prevalência

²⁴ A circulação da revista se dá por assinaturas e pela distribuição em bancas, conforme dados da editora. Uma outra parte (não dimensionada em números) circula em diversas redes de supermercados no Brasil, tais como Pão de Açúcar, Extra, Carrefour e Big. Mais da metade da tiragem das revistas é destinada para as assinaturas corporativas e avulsas, por intermédio do site www.revistapais&filhos de uma recém estruturada área de *telemarketing*. A circulação tem destaque nacional, já que se “tornou líder de vendas no seu segmento” (PROJETO EDITORIAL PAIS & FILHOS, 2000).

²⁵ Nesses 37 anos, houve interrupção na publicação apenas por alguns meses.

²⁶ Esses dados fornecidos pela editora foram extraídos de uma testagem de mercado (em mil pessoas) pelos estudos Marplan, 2003.

das de classes média e alta, escolarizadas e com renda própria²⁷, conforme dados do mesmo conselho editorial. Mas este também destaca que milhares de pessoas lêem as revistas, não só no seu mundo privado, como também em lugares públicos (salão de beleza, consultórios médicos, clínicas infantis, academias, escritórios). Pude observar, ainda, que nos últimos tempos a *Pais & Filhos* têm se endereçado de maneira especial a mulheres que valorizam a vida profissional, sem deixar de lado a opção pelo exercício da maternidade e pela manutenção (cultivo) da boa aparência²⁸.

Um depoimento que me fez refletir sobre o público leitor da revista veio da proprietária de um sebo de Porto Alegre²⁹. Ela disse o seguinte:

Essa revista *Pais & Filhos* tem muita saída, particularmente, as edições mais novas. Não sobra uma: as gestantes procuram muito. Sabe, elas se queixam de uma dada escassez de informações que elas recebem dos profissionais da saúde, outras afirmam que ficam com medo que suas perguntas sejam triviais e aí compram... Outras querem criar seus filhos diferentemente das suas mães (eu era uma dessas)... A procura é boa dessas revistas, principalmente pelas mulheres que estão tendo filhos pela primeira vez.

Como se observa, o número de exemplares da revista vendidos em sebos implica considerar que sua tiragem acaba sendo multiplicada e incidindo sobre mulheres de outras classes sociais. Assim, borram-se, ao menos um pouco, as fronteiras socioeconômicas e de escolaridade do público que a publicação originalmente pretende atingir.

Beatriz Sarlo (1997) e Fischer (2005) chamam a atenção para o cruzamento de classe, de situação social, do nível de informações, proposto pelas revistas. Para as autoras, são comuns, tanto na mídia impressa quanto em outras, os depoimentos de mulheres que, mesmo famosas, um dia reconheceram que foram pobres e detinham um baixo capital cultural e social. A *Pais & Filhos* pode ser exemplo dessa lógica, pois também traz depoimentos de mulheres *bem-sucedidas e vencedoras*, mulheres nos ‘topos’ de carreiras fazendo confissões sobre as formas (estratégias) através das quais “subiram na vida” e assim por diante. Para Fischer (2005), trata-se de demarcar para os leitores que a pessoa saiu das classes populares e ali se encontra em posição melhor. De acordo com a autora, a mídia impressa apresenta, de

²⁷ O valor de venda da revista atualmente fica em torno de R\$ 7,90.

²⁸ Mãe(s) CCC, conforme a revista denomina (*cash, career e children*).

²⁹ Espaço Livre, Salgado Filho, n. 350, Porto Alegre/RS.

um modo particular, irônico e contraditório, a diferença como desejável (por exemplo, alguém que estudou e venceu na vida), ao mesmo tempo em que

marca um Outro - classe média intelectualizada, ou seja, um outro como lugar desejado de chegada, como modelo de vida. Preenche-se o vazio do simbólico duplamente: marcando a diferença (de classe, de capital cultural, de origem social), simultaneamente a um reforço de outros enunciados liberais e clássicos – do sucesso individual, associado, no caso, à beleza e à sensualidade do corpo feminino (FISCHER, 2005, p. 265).

Para Fischer (2005), trata-se de “diferentes femininos” que circulam culturalmente (eu diria que tanto pela exposição quanto pelo silenciamento) de modo mais amplo, interpelando públicos massivos e, ao mesmo tempo, distintos que adquirem, naquele espaço cultural específico, uma forma de existência. Para a autora,

são estratégias de linguagem que expõem o feminino em suas diferenças – geração, etnia, condição social e cultural - ao mesmo tempo em que definem [estes outros femininos] como um “diferente” que deve ser tornado público e controlado, numa tensão entre universais de gênero secularmente preservados e que buscam afirmar-se como resistência (FISCHER, 2005, 265).

Considerando-se o período que me propus a investigar, consegui localizar e manusear: 220 exemplares do período de 1968 a 1980; 102 exemplares de 1980 a 1990; e 172 exemplares do período de 1990 a 2004, perfazendo um total de 674 revistas. Isso me permite, penso eu, dar conta da análise das quase quatro décadas de existência da publicação. Procurei garantir ao menos duas a três edições de cada ano de publicação desde o lançamento da *Pais & Filhos*.

Do ponto de vista de sua pauta editorial, nos primeiros seis anos de edição, a revista apresentava três seções: *Família, Filhos e Conselhos*. Hoje, ela apresenta um conjunto mais amplo de seções: *Histórias de Crianças, Colaboradores, Notícias, Pais & Filhos Responde, Passo a Passo, Gravidez, Mãe também é Gente, Moda, Saúde, Comportamento e Nossos Colunistas*.

Os anos 60 e 70 evidenciam um aumento do poder, maior confiança nos/as profissionais da saúde quando o assunto é a educação dos/as filhos/as. A revista enfatiza o conhecimento dos/as especialistas, e a narrativa da maternidade científica é apresentada como a que tem mais autoridade e legitimidade. A *Pais & Filhos*, partindo da premissa de que as mães necessitam de ajuda, sugere como primeira regra *que as mães sigam as instruções dos/as peritos/as; só conhecer as experiências de outras mães não é suficiente*. O conhecimento das avós, na revista, é paulatinamente desvalorizado (por expressões como *do*

tempo da vovozinha), por se achar que esse conhecimento do senso comum (e outros) sobre a gravidez está cheio de “crendices”. A presença dos/as especialistas é marcante no decorrer desses 37 anos da revista, já que quase todos os artigos são assinados por eles/as e/ou estes/as aparecem como consultores/as nas matérias, investidos/as de autoridade para dizer “verdades”, representando para a *Pais & Filhos* poderes quase incontestáveis. Somente o saber de especialistas (peritos/as) teria o poder de ajudar as mães a conduzir corretamente a educação dos/as filhos/as e a identificar, de forma adequada, cada estágio e necessidade de desenvolvimento das crianças.

A *Pais & Filhos* é muito importante para os pais modernos, na troca de experiência, pois ninguém educa sozinho e os especialistas são as pessoas mais adequadas para ajudar neste momento em que a maternidade está organizada e baseada em pressupostos científicos (PACHECO, 2001, p. 27).

A *Pais & Filhos* apresenta-se, então, como a *família ampliada*; um gigantesco clube de amigos (especialistas), que traduzem e replicam saberes científicos e técnicas direcionadas para o bem-estar da gestação, criação e educação dos/as filhos/as. Para Bauman (2003), a pós-modernidade capitalista, leve, amigável com o consumidor (sujeito com capacidade para consumir não só economicamente, avaliado não só pelo poder financeiro, como também pela capacidade e competência para consumir as informações de *experts*), não aboliu as autoridades que ditam as leis, nem as tornou dispensáveis. Para o autor, apenas permitiu que muitos materiais e idéias coexistissem “jogados no ventilador”, espalhados, muitas vezes desconexos, com uma linguagem feita de palavras e de imagens que seduzem pelas combinações com que se apresentam, pelas desconstruções que praticam, pelos ecos que despertam, pelos elementos científicos implícitos que ativam.

Fidalgo (2003) argumenta que as revistas são documentos sem paralelo, concorrendo consideravelmente para as mudanças de uma renovada formulação da maternidade, atravessadas por prescrições decorrentes de uma determinada forma de aplicabilidade das biotecnologias e das ciências. Como destaca Sharon Hays (1998), as revistas oferecem ajuda e informações e, ao mesmo tempo, se constituem como lugares que proporcionam refúgio e lazer, além de fornecerem *skills*, informações detalhadas e úteis para as grávidas lidarem com os problemas da maternidade. Para a autora (1998), as mulheres que já são mães e/ou as que serão podem nunca ter cuidado de um bebê, nem sequer ter tocado em um, mas bastaria ler as

informações para adquirirem as competências mínimas de ação. Segundo ela as mulheres contemporâneas de classe média, mesmo longe da rede de proteção (auxílio de familiares e de especialista), descobriram que, por meio dos manuais e/ou revistas, poderiam ter sempre ao seu alcance as respostas de especialistas. As revistas, assim, recriam a sensação da livre escolha, política que prevalece a partir da década de 60 e que dá prioridade ao individualismo, enfatizando uma noção de maternidade através de um discurso de livres escolhas e de soluções individualizadas.

Esses (e outros) aspectos motivaram-me, de modo particular, para a escolha da revista *Pais & Filhos*, juntando-se ao fato de haver (ainda) poucas pesquisas, no plano acadêmico brasileiro, que analisam revistas endereçadas às gestantes. É nesse sentido, então, que analiso o processo educativo desenvolvido pela revista *Pais & Filhos*, considerando-o como uma das importantes “pedagogias culturais” direcionadas para gestantes e mães, em ação no contexto da sociedade brasileira atual. Por meio dela, almejo compreender e “(...) prestar atenção ao jogo político aí implicado”, o que acarreta algo mais do que “meramente contemplar uma sociedade plural”; implica “dar-se conta das disputas políticas, dos conflitos e das negociações constitutivos das posições que os sujeitos ocupam” (LOURO, 2001, p. 5).

Esse argumento de Louro remete-me a uma das importantes ferramentas analíticas que uso nesta tese, qual seja, o conceito de gênero, tendo em vista que ele está profundamente imbricado nessa discussão acerca da produção das posições de sujeitos grávida, mãe e pai, das quais a revista trata. Meyer (2000) lembra que as representações de gênero são inúmeras e que competem entre si, num contexto histórico sujeito a instabilidades, indeterminações, ambigüidades. Para Meyer (2000, p. 120):

As representações que significam e inscrevem a maternidade [e a gravidez] no corpo (e na “alma”!) da mulher, em diferentes espaços e tempos, são, ao mesmo tempo, incapazes de fixar nele, de uma vez para sempre, um conjunto verdadeiro, definitivo e homogêneo de marcas e sentidos.

Para a autora, nesse processo de disputas, algumas representações revestem-se de autoridade científica e passam a funcionar no senso comum como “sendo a melhor ou verdadeira maternidade, aquela que se transforma em referência das ações assistenciais e educativas [...] e a partir da qual outras maternidades são classificadas e valoradas” (MEYER, 2000, p. 120-121). Interessa-me, pois, discutir e compreender algumas dessas representações que se revestem de autoridade na *Pais & Filhos*.

Gênero é uma categoria que nos ajuda a problematizar determinadas representações (como, por exemplo, as de gravidez, maternidades e paternidades) na cultura. O debate acadêmico relacionado aos estudos de gênero, na perspectiva pós-estruturalista, segundo Louro (1995; 1999) e Meyer (2000), considera o caráter relacional das noções de feminino e masculino, que se constroem em relações sociais e culturais específicas, mutantes e dependentes, produzidas por relações de poder. É nesse sentido que essas autoras, em consonância com outras, como Joan Scott (1995) e Linda Nicholson (2000), nos instigam a rejeitar a oposição binária homem/mulher, propondo a implosão desses pólos, bem como de seu caráter fixo. Elas sugerem que pensemos as diferenças entre mulheres e homens numa interseção com outros marcadores, tais como os de raça, etnia, classe social, religião, idade.

Ao discutir de forma mais direta o tema da maternidade no contexto dos estudos feministas, Scanove (2001) sintetiza sua abordagem em três vertentes: a primeira vertente, representada pelas feministas mais radicais, recusa a maternidade, tomando-a como elemento chave para explicar a dominação de um sexo sobre o outro; a segunda vertente tematiza a maternidade como instrumento de poder insubstituível das mulheres, o chamado feminismo das diferenças; a terceira vertente, a da desconstrução, problematiza a maternidade no sentido de que não é a condição biológica de gestar e parir que determina a posição social das mulheres, mas as relações sociais e culturais que atribuem determinados significados a esses eventos e ao exercício da maternidade *lato senso*. O foco das análises dessa vertente volta-se para a problematização dos mecanismos e das estratégias de poder que, em nossa cultura, produzem tais significados e, com e a partir deles, nos educam como mulheres mães de determinados tipos.

Posicionando-se nessa terceira vertente, Nicholson (2000) argumenta que muitas correntes dentro dos Estudos de Gênero continuam operando com o pressuposto de que o social e a cultura agem sobre uma base biológica universal que os antecede. Pensar sob essa perspectiva tem mantido muitas feministas próximas daquilo que a autora denomina de “fundacionalismo biológico”, o que não permitiria pensar que os próprios corpos – maternos e paternos – são produzidos pela “complexa rede de características culturais específicas” (NICHOLSON, 2000, p. 11).

Inserindo meu estudo nessa terceira vertente, assumo também essa perspectiva pós-estruturalista, a qual, como observa Meyer (2003, p. 19), não está negando

a materialidade do corpo ou dizendo que ela não importa, mas mudando o foco dessas análises: do corpo em si para os processos e relações que possibilitam que sua biologia passe a funcionar como causa e explicação de diferenciações e posicionamentos sociais.

A perspectiva pós-estruturalista à que me refiro aqui se apóia, principalmente, em teorizações de Foucault e privilegia a discussão das relações entre gênero, conhecimento e poder. Essa abordagem “reconceptualiza o poder inscrito nas relações sociais, nas formas de conhecimento”, conforme destaca Louro (1995, p. 31). O poder, tal como concebido por Foucault (1999), não é apenas repressivo, negativo; é também produtivo, gera saberes, normas e regulações. Para Foucault (1999), a ciência é entendida como uma forma de discurso, como maneiras de falar de um campo circunscrito e delimitado. Quando olhamos a ciência desse modo, somos encorajadas/os a olhar as condições que possibilitaram que determinadas normas e/ou verdades prevalecessem sobre outras em determinada época. Torna-se possível, assim, pensar que os discursos inclusive o científico são sempre políticos e que o conhecimento é socialmente construído e determinado também pelas questões de gênero.

Para Scott (1995), Louro (1999) e Meyer (2003), o uso do conceito de gênero na perspectiva pós-estruturalista afasta-se das abordagens que se restringem às discussões de papéis e funções, no caso, de mães e pais, e destacam aspectos mais abrangentes, uma vez que considera genericadas as instituições, os símbolos, as normas, os conhecimentos, as pedagogias culturais. É a partir dessa perspectiva que, para mim, foi possível identificar, em campos de conhecimento como educação e saúde e nos discursos da mídia, assumidos e replicados pela *Pais & Filhos*, uma acirrada disputa pelo poder de significar os corpos grávidos. Nesse sentido é que apresento, aqui, as demais ferramentas analíticas – discurso, enunciado, posição de sujeito – que, em confluência com gênero, me permitiram organizar, classificar e realizar as análises que me propus a fazer nesta tese.

Foucault (1996) parte do pressuposto de que os sujeitos são posicionados, em relação a discursos particulares e às práticas por eles produzidas, “na condição de sujeito”. As regras que sustentam as práticas discursivas são enfatizadas e evidenciam as condições de possibilidade que governam o sistema do conhecimento de determinado discurso. O pensamento foucaultiano casa-se com a análise feminista pós-estruturalista, como afirma Tânia Navarro-Swain (2005), na medida em que ambos pretendem mostrar como os discursos funcionam em nível dos processos de sujeições, já que colocam em ação formas específicas de saber e de poder.

Os discursos são práticas sociais, não podendo ser entendidos separadamente das práticas que formam, de modo sistemático, os objetos de que falam (FOUCAULT, 1996).

Os discursos constroem e implementam significados por meio de procedimentos internos que regulam, classificam, selecionam, incluem e excluem, os quais, por sua vez, produzem e legitimam o que é aceito como “verdade” em um determinado tempo e lugar.

Para Foucault, os discursos são, em sua materialidade, constituidores de sentidos, fabricantes da realidade: “(...) os discursos estão intimamente ligados à questão da constituição dos sujeitos (...) os sujeitos não são causas, não são origens do discurso, mas são efeitos discursivos” (Cf. PINTO, 1989, p. 27). Foi a partir dessas referências teórico-metodológicas que busquei, inicialmente, as “superfícies de emergência” nas ordens dos diferentes discursos que posicionam as mulheres gestantes na *Pais & Filhos*.

Foucault (1996) sugere que o/a pesquisador/a tome os discursos sob o caráter de acontecimento, em sua materialidade, e que tencione suas condições de produção, os sujeitos nele posicionados, as relações de força existentes, o lugar a partir do qual cada um deles é falado. O autor sugere que o/a pesquisador/a capte, de preferência, nas formações discursivas, aquilo que é dito e/ou que pode ser dito naquele contexto, além do lugar que as pessoas assumem no discurso, a “posição de sujeito”. A “posição de sujeito” como ponto de partida para compreender como as relações entre saber e poder atravessam e conformam discursos particulares.

Ora, o que está em questão para Foucault é que as “práticas de poder” e os “jogos de verdades” são produzidos pelos discursos e colocados em funcionamento nas práticas institucionalizadas. Então, o sujeito aparece como resultado da articulação entre, de um lado, as práticas institucionalizadas que o capturam e, de outro, as práticas discursivas que o posicionam, nomeiam, produzem (ou deixam de produzir), julgam, evocam, (des)qualificam, hierarquizam, orientam, enunciam, visibilizam.

Foucault (1996) descreve a nossa subjetividade como produto histórico e contingente. Nessa direção, podemos considerar que as noções de corpo grávido, maternidade(s) e paternidade(s) são sempre produções históricas, fabricadas pelo conjunto do que é dito nos discursos, no grupo de enunciados que as nomeiam, classificam, recortam, descrevem, explicam, julgam.

Para Foucault (1996), cada época produz suas verdades e as condições de sua enunciação, e o entendimento disso me tornou possível interrogar/problematizar as particularidades enunciadas sobre os corpos grávidos apresentados na *Pais & Filhos* e perceber como eles se vinculam a mudanças de *status* dos corpos na sociedade contemporânea.

Analisar discursos é, então, “(...) dar conta exatamente disso, das práticas enunciativas concretas, que estão nos discursos” da *revista* (FISCHER, 2001, p. 198-199). Em concordância com essa teorização, do ponto de vista da metodologia adotada, realizei minha análise valendo-me das contribuições de Foucault no que tange ao conceito de discurso e enunciado.

Analisei os textos da *Pais & Filhos* buscando identificar nos discursos os enunciados que dão (e davam) sustentação para uma determinada configuração do corpo grávido. Para Foucault (1996), são os enunciados que posicionam os sujeitos de forma particular nos discursos. Segundo ele,

Descrever uma formulação de enunciados não consiste em analisar a relação entre o autor e o que ele diz (ou quis dizer, ou disse sem querer), mas em determinar que posição de sujeito pode e deve ser ocupada por qualquer indivíduo para que ele seja o sujeito dele (FOUCAULT, 1996, p. 95-96).

Foucault (1996) convida o/a pesquisador/a a trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na “complexidade que lhe é peculiar, nos enunciados”. Para dar conta disso, ele sugere que nossa primeira tarefa é tentarmos nos desprender do aprendizado que ainda fazem (e fizeram) os/as pesquisadores/as ao olharem os discursos como conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados significados, garimpando as “reais intenções” que estavam ocultas nos discursos. Trata-se, ao contrário, de trabalhar no interior do discurso, “estabelecer séries, distinguir o que é pertinente, descrever as relações, definir as unidades enunciativas” (FOUCAULT, 1996, p. 7).

De acordo com Foucault, o/a pesquisador/a atento/a estuda o que os enunciados suscitam, a luta política que eles colocam em movimento. Sugere o autor que o/a pesquisador/a se recuse a realizar a leitura/decifração dos enunciados.

Os discursos, como observamos, “são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas (...)”. E é esse “mais” que Foucault diz que “é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (FOUCAULT, 1996, p. 56). Sabemos que analisar discursos requer encontrar os enunciados, determinadas marcas, vestígios deixados aqui, ali e mais adiante pelos sentidos dos textos. Chama-se de enunciado o movimento de construção e reforço de um mesmo sentido por estratégias e expressões variadas. Os enunciados são os rastros dessas significações; as regularidades vão se reunindo, como ímãs, na forma de enunciados singulares em torno de um sentido particular (FOUCAULT, 1996).

Instrumentalizada por esse “modo de ver”, optei por mapear os enunciados nos discursos da *Pais & Filhos*, observando a sua *regularidade, insistência e repetição*. E depois, como sugere Foucault, questioneei: a que posições de sujeito os enunciados fazem referência? Inspirada pelo desafio por ele colocado, procurei identificar, nos enunciados, as suas visibilidades e dizibilidades, procurando captar, ao longo da leitura, seus efeitos. Desse modo, busquei, no trabalho operativo com a coisa dita, multiplicar as diversas modalidades enunciativas, descrevendo-as. Um enunciado apresenta-se sempre em série, não há enunciado em geral, livre, neutro e independente. Cabe pensar as rupturas também e problematizar os enunciados que acenam para elas; o que, para mim, foi uma tarefa difícil de realizar.

Para Foucault (1996, p. 115):

o enunciado se distingue das palavras, frases e proposições, trata-se de uma função que cruza um domínio de estruturas e unidades possíveis e que faz com que estas apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço (...).

Então, descrever um enunciado “consiste em descrever a posição que pode ocupar o indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 1996, p. 109). É colocar questões como estas: de que modo e segundo que condições o sujeito aparece na ordem desse discurso? Que lugar o discurso dá ao sujeito? Quais são os modos de existência desse discurso? Enfim, trata-se de captar a posição que o sujeito ocupa, na formação discursiva, bem como quem fala, com que autoridade, sob que condições, sobre que sistema de legitimação social.

Segundo Foucault (1996), um enunciado comporta duas dimensões: uma dizível e outra visível. Daí que, para mim, foi possível identificar tanto os enunciados dizíveis quanto os visíveis, pelas imagens, no sentido de melhor mapear o movimento da politização contemporânea do corpo grávido no contexto da *Pais & Filhos*. Para Foucault (1996), o saber é também um “arquivo audiovisual”, uma vez que este se constitui como um discurso, em enunciados dizíveis e visíveis. Assim, analisei as imagens que freqüentemente integram os textos da *Pais & Filhos* não como peças ilustrativas, mas como prática discursiva, procurando explorar seu caráter produtivo.

Pode-se dizer que se vive hoje num mundo saturado de imagens, as quais produzem, em suas formas plásticas, concepções estéticas, políticas e sociais. Trato-as, então, como um texto discursivo e enunciativo, visível, que também conta a nossa história contemporânea.

Nas páginas da *Pais & Filhos*, em muitas reportagens, as imagens são centrais para a produção de atenção e para a significação. Como diz Goellner (2003b), são produtoras de uma dada sensibilidade e instauradoras de dada forma de ver e dizer a realidade.

Nessa direção é que considero produtiva a combinação entre texto escrito e imagens, entre o dizível e o visível; utilizei as imagens, então, como mais um recurso analítico. A minha opção pelo uso da imagem como fonte analítica se deve à leitura dos trabalhos de Soares (2002a) e de Goellner (2000). *Imagens da Educação no Corpo*, de Soares, mostra de um modo especial o quanto elas produzem fios de um discurso desprezioso, numa composição *sui generis* com as palavras, figuras e pinturas, em que o texto, a partir de sua articulação imagética, mostra modos especiais de conceber os corpos. O trabalho de Goellner (2003b) – *Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na revista Educação Physica* – narra a história das imagens dos corpos femininos, presentes na revista *Educação Physica* nos anos 30 e 40, as quais, para a autora, explicitam representações dos corpos femininos daquelas décadas.

Essas abordagens ensinaram-me que podemos trabalhar com as imagens como fonte de pesquisa, não como meras formas de ilustração: “imagem como um texto que amplia a possibilidade de movimentar uma tensão entre diferentes fontes/testemunhos que dizem sobre algo que ocorreu num tempo/espaço” (GOELLNER e MELO, 2001 p. 122). Para Goellner e Melo (2001), a imagem “não apenas ilustra” os textos, como também “movimenta sentidos e significados, apela à nossa memória” e nos ensina, na medida em que é tomada como um texto “a ser lido, imaginado, observado, reconstruído no seu significado”. As imagens seriam possibilidades de “modelar representações, afirmar conceitos, estabelecer possíveis verdades” (GOELLNER e MELO, 2001 p. 123).

Como podemos aprender com as autoras acima, uma imagem não é apenas um conjunto composto por linhas, cores, luz ou sombra; não é apenas uma questão de forma, um pensamento plástico; ela existe como um pensamento político, histórico, cultural. Assim, a leitura de uma imagem exige um esforço de reconhecimento que, de alguma forma, depende dos modos de expressão e compreensão de cada época e lugar, ou seja, cada imagem conta a sua história. As imagens podem ser um recurso produtivo que reafirma, amplia e/ou fixa os enunciados escritos ou podem atuar como outro texto. Considerarei, inclusive, que elas podem “se constituir, também, num texto que perturba o texto escrito”, conforme sugestão de Louro quando na qualificação da proposta (2004).

Como assevera Luiz Henrique Santos (2002, p. 120), as imagens “não são janelas transparentes para ver o mundo”; elas incorporam e apresentam determinadas representações de modos muito particulares, pois seus significados nunca são inocentes. Nesse sentido, é possível pensá-las e explorá-las como um tipo de discurso. Jacques Aumont (1993) lembra que as imagens não são independentes, pois sempre estão ligadas a um determinado regime de poder (visualidade), organizando experiências, induzindo o/a leitor/a a ver algumas coisas e não outras. Para o autor, cabe dizer que uma das tarefas do/a pesquisador/a é explorá-las, mostrando como elas se modificam historicamente e como estão implicadas em contextos históricos específicos. Na mesma direção, Hall (1997, p. 112) destaca que nunca há uma única resposta à questão “o que esta imagem significa”.

No meu trabalho de análise selecionei, em primeiro lugar, as imagens repetidas, anunciadas, comentadas ou mesmo tencionadas pelos próprios textos. Procurei selecionar as que se repetem, que são retomadas (propiciando identificações-projeções), observando as respectivas posições sociais e modelos formadores, que delimitam e governam os corpos grávidos (Cf. LUPTON, 1999).

Partindo da premissa de que as imagens produzem e veiculam saberes, procurei compreender seu entorno, valores e preceitos que expõem, respondendo as seguintes questões: Quais imagens apresentam maior potencialidade de persistência/repetição/recorrências? Quais têm o poder de criar e introduzir novas projeções-identificações, sensibilizando o olhar das mulheres? Onde aparecem, onde circulam as de maior “peso” na revista?

Situei as imagens em termos de sua significação cultural; procurei destacar as relações de poder que produzem no contexto da revista. Jacques Aumont (1993) refere que há duas instâncias onde os significados das imagens são construídos: a da produção técnica ou *composicional* (enquadramento, angulações, iluminação) e a da produção *social*, que se refere às variedades de relações econômicas, sociais e culturais que as circundam – respectivos significados visuais (como a imagem é utilizada, como circula, qual posição é oferecida, como se relaciona com o texto, a imagem expressiva). Minha análise procurou explorar mais a segunda instância, a dimensão social da própria imagem. O importante, para Aumont (2002), é aquilo que dá sentido à imagem (enquanto representação visual), seus efeitos e as circunstâncias da sua circulação.

Para uma análise mais detalhada das imagens, procurei seguir a noção de plano, apoiando-me nas categorias utilizadas por Aumont (1993). Essa opção permitiu o entendimento da conjunção dos dispositivos técnicos com os elementos sociais da composição das imagens. O autor sugere que se trabalhe com o plano central, social (o que representa), observando-se as questões de fundo, que fazem parte da imagem retratada, analisando-se a maneira como se posicionam, incluindo poses gestos, vestimentas, acessórios, o que é o enquadramento central, o que circunda a imagem, como se dirige e o que ensina ao leitor.

Muitas foram as dúvidas para delimitar os “olhares” sobre o *corpus* de investigação para aí analisar os discursos, acerca da gravidez que circulam no material reunido durante esta investigação. Entre tantos temas existentes no contexto da *Pais & Filhos*, selecionei aqueles dirigidos claramente às grávidas, tomando-os como *corpus* desta tese. O critério utilizado para seleção dos artigos foi o de que, de alguma maneira, estes envolvessem a questão dos cuidados na gravidez.

O primeiro passo na leitura do material foi localizar somente as reportagens sobre gravidez, delineando sua abrangência; localizei os tópicos principais das reportagens, o ponto central dos artigos e, dentro deles, a posição dos seus enunciados, as formações discursivas articuladas. Classifiquei os temas por ordem cronológica, no sentido de identificar as mudanças de ênfase nas abordagens e também por entender que os discursos veiculados determinam o que pode ser dito e/ou escrito sobre um objeto e/ou tema relacionado com a gravidez numa dada época.³⁰

³⁰ O volume de publicações encontradas exigiu o estabelecimento da seguinte metodologia de estudo do material, de forma que possibilitasse a organização e o recolhimento das principais informações:

Data	O que diz? O que enuncia? Quais os enunciados centrais?	Efeitos sociais (...) os regimes de verdades que aparecem (...) como a revista posiciona as gestantes?
------	--	---

Depois de feita essa primeira classificação, passei para uma segunda, organizando e mapeando o que permanece e o que muda em termos de enunciados (as continuidades, as rupturas) e verificando as redes e as relações de poder que constituem, classificam, posicionam as gestantes.

Ano de publicação e número de exemplares da revista	Temas (enunciados) O que emerge? O que permanece? O que desaparece?	Como a revista posiciona as mulheres gestantes
---	--	--

Tendo apresentado os modos que me permitiram ver e fazer esta investigação, passo a apresentar, no próximo capítulo, a primeira parte da análise, procurando mostrar como os corpos das mulheres, em particular os das gestantes, são posicionados na *Pais & Filhos*. Esse movimento inicial de análise ajudou-me a compreender e a destacar as questões educativas mais amplas referentes à gravidez, a pensar a trama maior da politização na qual o discurso das práticas corporais e esportivas se articula no contexto da revista. Foi o modo que achei para melhor ir me aproximando de meu tema de pesquisa.

Agora, convido o/a leitor/a para percorrermos juntos/as os caminhos traçados a partir de minha leitura/análise da *Pais & Filhos*, que não serão os únicos, talvez nem mesmo os mais adequados e melhores, mas que, ao final, foi o que melhor pude fazer no sentido de dimensionar e responder minha questão de pesquisa.

PARTE II

A EDUCAÇÃO DE CORPOS GRÁVIDOS NA *PAIS & FILHOS*

4 DOS SABERES AOS MODOS QUE COMPÕEM A EDUCAÇÃO DE CORPOS GRÁVIDOS NA *PAIS & FILHOS*

Neste capítulo, procuro descrever e discutir os principais pontos da formação discursiva sobre a gravidez que circula na *Pais & Filhos*. O fato de ter mapeado um volume bastante grande de artigos sobre gravidez levou-me a imprimir uma ordem ao material para torná-lo analisável. Decidi, então, alinhar os discursos (textos e imagens) em dois grupos: o primeiro foi o de apresentação do tema da gravidez, com seu caráter mais genérico; depois, focalizei de modo mais específico os corpos grávidos e a sua relação com o discurso das práticas corporais e esportivas nestes últimos 37 anos.

Contemplo o caráter genérico para demarcar o corpo grávido e identificar o que é veiculado pelos discursos da *Pais & Filhos*, como pressupostos mais gerais sobre o corpo grávido. Desse modo, algumas perguntas iniciais foram se estabelecendo: como se define e se posiciona o corpo grávido no contexto da revista? O que se ensina? Sobre o quê? Em que circunstâncias?

Analisei os exemplares da *revista* tendo em mente um conceito de Foucault: o *a priori* histórico. Para Foucault (1996, p. 173), o *a priori* histórico

é o que, em dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que nele aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode enunciar as coisas num discurso reconhecido como verdadeiro.

Busquei olhar aquilo que atravessa o projeto editorial da *Pais & Filhos* tendo como critérios a *insistência*, a *repetição* e a *regularidade* de certos enunciados e também o que escapa, o que rompe, o que desarranja essa regularidade.



Figura 2 – ESTÚDIO P & F. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 133, p. 14, jan. 1980.

A imagem que abre este capítulo sintetiza o movimento que a *Pais & Filhos* faz em relação ao que denomino de redescobrimto dos corpos. Já não se trata do menosprezo, do constrangimento, muito menos do conformismo a uma dada condição corporal. Sugere-se o cuidado de si (FOUCAULT, 1996), em que cada um tem direito de dispor do seu corpo para corrigir suas imperfeições e/ou intemperanças e o dever de produzir existências saudáveis. A novidade é que os limites dos corpos e da sua saúde deixam de ser limites, passando a ser algo que pode ser transcendido e modificado. A revista parece movida por essas idéias:

(...) não há nada que tenhamos que suportar no nosso corpo, basta corrigir, pois os conhecimentos científicos e os tecnológicos estão aí, para isso.
Se o nariz, é grande, mude.
Se o queixo é para trás, avance.
Se parece que sua filha vai ser baixa, atrase-se a primeira menstruação e ganha-se alguns centímetros.
Se não consegue ter filhos, basta consultar um médico (COSTA, 1979, p. 14).

Para Foucault, o cuidado de si, os deveres dos indivíduos para consigo mesmos, a partir das sociedades modernas, foram invocados de modo tão intenso que estes, “nunca se esforçaram tanto no aperfeiçoamento funcional dos seus corpos” (FOUCAULT, 2004, p. 188). O cuidado de si, para Foucault, abrangia:

aqueles técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem um certo número de operações em seus próprios corpos, em suas almas, em seus pensamentos, em suas condutas, e isso de um modo tal que os transforme a si mesmos, que os modifique, com o fim de alcançarem um certo estado de perfeição, ou de felicidade (FOUCAULT, 2004, p. 135-36).

Entendo que a *Pais & Filhos* participa, junto com outras instituições, da difusão da idéia do *dever-prazer* de cuidar de si. É nesse contexto que a revista convoca os/as leitores/as para a tarefa de cuidar de si, conduzir, controlar e orientar a indeterminação dos estados corporais. Para Jorge Larrosa (2001, p. 48), “o que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que nos contam e das que contamos a nós mesmos”.

As muitas exposições dessas imagens de corpos solitários (como a que abre este capítulo), envolvidos pelos próprios braços e mãos, parecem destacar o caráter de individualidade e sugerir o carinho e a atenção que se deve dispensar ao corpo. O corpo aparece nu, sem amarras visíveis de roupas, solto. Aliás, nem tão solto, como nos ensina o historiador Harold Koda (2001), pois o nu é o corpo sem roupa, mas revestido de cultura, ou melhor, vestido pelos padrões estéticos de sua época.

A noção de cuidado de si e o desejo de transformação individual que a integra é tipicamente ocidental (KODA, 2001) e migra também para as páginas das revistas, alimentando abundantes incitações, quase imperativas, como:

Seu corpo acima de tudo, o corpo é você, por isso deve ser cuidado, amado, em primeiro lugar por você (NOBRE, 1970, p. 70).

Como se observa, a revista, desde seus primórdios, faz circular o pressuposto de que *o sujeito é o seu corpo*. Amplia-se a idéia de que o sujeito é responsável pela sua vida, pelo seu corpo e por seu nível de saúde, cabendo-lhe postergar sua finitude e combater os efeitos da decrepitude do tempo ou quaisquer traços que apontem na direção de sua finitude. Como explica Foucault (2005), o cuidado de si implica o "conhece-te a ti mesmo", aplicando, efetivamente, ações sobre si próprio, pois, para além do conhecer-se, trata-se de governar-se. Assim, opera-se, na *Pais & Filhos*, ao longo do seu projeto editorial, um processo visível no qual se estimulam e desafiam os/as leitores/as *a ficarem cada vez mais atentos a si mesmos – a seus corpos – e a conhecerem-se* para melhor cuidarem de si. A revista insiste:

(...) a mulher e o homem moderno precisam conhecer, explorar, tocar o próprio corpo, devem valorizá-lo, investir nele como forma de amor e respeito por si (CORREA, 2001, p. 14).

Entretanto, as chamadas da *Pais & Filhos* em relação aos cuidados corporais ainda dirigem-se (endereçam-se) bem mais às mulheres que aos homens. Imagens de homens cuidando-se quase não aparecem na revista. Não quero simplificar a posição da revista; ao longo do projeto editorial, há, sim, a presença de imagens masculinas com certa estetização, mas em proporção bem menor que a das mulheres. Encontrei muitos artigos que instigam as mulheres a conhecerem os mínimos detalhes do funcionamento de seus corpos, até mesmo das partes íntimas, por exemplo, *encorajando-as a usar espelhos* para observar as minúcias de seus genitais, que agora deveriam ser (re)conhecidas desde a mais tenra idade por todas, colocando a nu o seu caráter *íntimo e individualista*. Já essas mesmas formas de cuidados não se aplicam aos homens. Chamadas como a que trago a seguir são muito comuns nas páginas da revista:

(...) Dê uma olhada em si mesma, seja íntima de seu corpo, curta a sua sexualidade (...). (AZEVEDO, 1975, p. 23).

As mulheres são instigadas pela revista a um constante exercício de autodomínio, de vigilância de si (elas têm quase o dever de cuidar de si) e de desenvolvimento das competências necessárias, para cuidar dos seus corpos e dos outros. Para Foucault (1999), é a partir da modernidade que o indivíduo é incitado a cuidar do que tem de mais íntimo e

peçoal: o corpo, a sexualidade e a sua funcionalidade. Como destaca Sant'Anna (1995, p. 123), cuidar de si implica “afinar a escuta em relação ao corpo próprio”, uma escuta que seja capaz de captar as questões mais íntimas. Sant'Anna (1995) faz-nos ver que esse cuidado, até a década de 50, respeitava um limite que, se ultrapassado, colocava em dúvida a moral, evocando um certo pudor com relação a determinadas partes do corpo. É a partir dessas questões que me pergunto: como se engendram esses processos que, em determinados momentos históricos, protegem ou excluem as mulheres de certos conhecimentos corporais e formas de cuidar-se as submetendo a eles em outros?

Naomi Wolf (1992, p. 177) destaca: o “corpo feminino ideal foi despido, a partir da década de 60, e colocado em exibição por toda a parte, e isso mostrou às mulheres os detalhes nítidos de perfeição, os quais elas deveriam perseguir”. Emergindo uma nova experiência feminina, o exame minucioso do corpo (...) ligado agora à idéia de cuidar de si, à funcionalidade do corpo em diferentes estados e, também, de cuidar do prazer sexual feminino, sem descuidar da proteção contra doenças venéreas, deixando, por exemplo, às mulheres a responsabilidade pelos métodos anticoncepcionais.

Ter ou não ter filhos já foi conversa só de comadres. Mudaram as comadres e as mães, a reprodução humana passou a ser assunto político, tratado claramente pela *Pais & Filhos*, até defendido “como tema de segurança nacional”, como destaca o conselho editorial da revista (1975). Verifica-se, nos artigos examinados, um considerável esforço de propagação de informações científicas, de fácil manuseio e leitura, sobre o corpo feminino e o direito ao prazer. As práticas de cuidados não são naturais, mas se constroem e se modificam ao longo da história; desenvolvem-se no âmbito das relações sociais e, portanto, são sensíveis às relações de poder, modificam-se e produzem subjetividades diferenciadas, como também formas de enfrentamentos: o que é um corpo, como lidar com um corpo feminino, a que submetê-lo, como cuidá-lo (FOUCAULT, 2004).

O material de cunho científicizante sobre os corpos, extraído dos livros de anatomia, de medicina e de outros saberes afins, transborda de longe a intimidade dos consultórios e das bibliotecas e marca as páginas da revista. Embora esses artigos e imagens não sejam completamente homogêneos em termos de repertório sobre os cuidados nas páginas da *Pais & Filhos*, pode-se identificar, nos primeiros cinco anos, um conjunto maior de representações, oriundas do que Jurandir Freire Costa (1979) denomina de discursos da “ordem médica”, que enfatizam a necessidade de conhecer os diferentes aspectos de funcionalidade corporal:

(...) as mudanças corporais nas diferentes idades, desde a vida uterina até a velhice e nos diferentes estados da vida, especialmente a menstruação (e seu atraso, a tensão pré-menstrual), a contracepção (métodos mais seguros), os transtornos e doenças vinculados ao aparelho reprodutor e sexual, os hormônios, a menopausa, o aborto, a gestação, o parto e o puerpério, o pré-natal, o desenvolvimento fetal, suas causas, seu controle, sua prevenção (RODRIGUEZ, 1971, p. 7).

É interessante observar que esses acontecimentos biológicos destacados não se constituem como aspectos quaisquer, mas se relacionam diretamente com a gestação e a maternidade, que, desse modo, são estrategicamente enfatizados como formas de desenvolver as competências que dizem respeito ao cuidar dos corpos durante o processo reprodutivo. Parece que quase tudo o que possa ocorrer *nesses estados* tem que vir à luz agora para que nossos olhos “apreendam, conheçam e classifiquem” (FOUCAULT, 1989, p. 123). Foucault (1989) reflete sobre os cuidados de si como uma pedagogia da alma e dos corpos, como propugnava Platão – como um cuidado permanente para o sujeito tornar-se médico, e eu acrescentaria também o psicólogo de si mesmo.

A revista *Pais & Filhos* parece tomar a corporalidade feminina como âncora da mulher no mundo, sua razão de ser, *para si mesma e para os outros*. Parece que a equação mulher = corpo, orienta grande parte do discurso da revista, onde abundam textos acerca de tudo o que falta e/ou sobra na insubordinada fisiologia feminina, como descreve Graciela Natansohn (2005). Quando a revista fala da mulher (e/ou da mãe), enfatizam-se muito mais os aspectos biológicos; quando fala do homem, dirige-se mais ao aspecto simbólico da presença dos valores culturais, tradicionalmente ligados a um mundo da vida mais amplo.

Lendo a *Pais & Filhos*, logo convencemo-nos de que o seu projeto editorial faz, claramente, a opção de tratar de modo mais detalhado das particularidades do processo reprodutivo e, em especial, das dos corpos grávidos. Inicialmente, o tema da gravidez aparecia de forma dispersa nas diferentes seções da revista; contudo, a partir da metade da década de 1970, o conselho editorial apresenta uma seção específica, direcionada às gestantes e/ou envolvidos e demais interessados por esse tema.

A PAIS & FILHOS DISSOCIA O CORPO DA MULHER DO CORPO DA GESTANTE

As gestantes, no contexto da *Pais & Filhos*, são muito mais desafiadas a serem as prudentes administradoras da própria vida, ou seja, de seus corpos e de sua saúde. A revista remete a uma série de questões sobre corpos e saúde: *como posso aperfeiçoar o funcionamento corporal? Qual é a dinâmica funcional da gravidez?* Pode-se dizer que a revista divide as funções reprodutivas das mulheres em duas fases. A primeira é a da preparação corporal mais direta da mulher para a concepção; a segunda é a do período da gestação propriamente dito, como se observa também nos excertos abaixo:

(...) Conheça a anatomia e fisiologia dos órgãos genitais, suas modificações durante a gravidez.
(...) domine o processo de fecundação e desenvolvimento do feto e da placenta.
(...) conheça tudo sobre o cuidado das mamas e sobre musculatura uterina (RODRIGUEZ, 1971, p. 9).

A revista posiciona as gestantes como mulheres que necessitam desenvolver competências específicas, segundo padrões definidos, para melhor conduzirem suas gestações e cumprirem com as respectivas obrigações. Há uma série de artigos descrevendo a anatomia do corpo grávido, sua fisiologia e respectivos mecanismos de transformação, bem como o desenvolvimento fetal. Pode-se dizer que a revista, ao veicular essa série de textos, se aproxima de um ideal: de o corpo feminino ser um corpo de ajuste flexível às condições mutantes, como as da gravidez e outras.

A *Pais & Filhos* insiste em afirmar que a gestante precisa aprender como funciona o seu corpo e conhecer os respectivos sinais e sintomas lançando mão de palavras e de conhecimento especializado, ou seja, nesse período inicial, o vocabulário do discurso médico. A didatização das descrições anátomo-fisiológicas da gravidez opera através de uma série de práticas discursivas que, podemos dizer, são tão pedagógicas quanto políticas. Essas práticas são produzidas como jogos de verdades, jogos coercitivos que, no meu entender, capturam para um suposto ideal de condução e implementação da gravidez, autoformando as gestantes (FOUCAULT, 2004).

Um dos efeitos dessa estratégia de investimentos nos corpos grávidos elaborada pela revista é a definição de diferentes posições de sujeito, pois ser gestante e tornar-se mãe não é, nesse contexto, a mesma coisa que ser mulher. Foucault (1996) desafia-nos a olhar as “superfícies de emergência”, as condições em que a revista posiciona os sujeitos nas “ordens dos respectivos discursos”. A partir desse referencial, é possível afirmar que a *Pais & Filhos* faz um declarado movimento no sentido de posicionar as mulheres gestantes de modo diferente das demais mulheres. É nesse sentido que apresento, nesta seção, alguns dos vários mecanismos e estratégias que as posicionam.



Figura 3 – NATIONAL GEOGRAPHIC CHANEL. *Pais & Filhos*, São Paulo, n. 140, p. 12, ago. 1980.

Essa imagem é uma entre tantas que evidenciam e destacam o corpo grávido. Ao dirigirmos a observação do centro ao canto esquerdo da imagem, leremos o seguinte

enunciado: *Grávida, cuide do seu corpo*. A posição dos braços e mãos, demarcando os seios, e a região pubiana, produz uma moldura de proteção e, ao mesmo tempo, de exaltação da barriga. A imagem do corpo em fundo escuro, cortada verticalmente pela luz, ressalta a barriga. A gestante passa a ter sua significação corporificada: a portadora de um útero.

Na imagem, seio, barriga, quadril e baixo ventre são partes para onde nosso olhar é automaticamente direcionado. A posição dos braços e mãos da gestante, em torno da barriga, parece convidar o/a leitor/a a pensar que não se trata mais de um corpo solitário, mas de um corpo que abriga a existência de outro ser humano, que transporta uma carga preciosa que precisa ser cuidada e protegida. Inúmeras imagens como essa inspiram o seguinte pensamento: é o corpo da mãe que dá condições como proteção, alimento, tranquilidade e segurança, para que o feto/embrião se desenvolva bem. A gestante é posicionada como aquela que dispensa amor, proteção, amparo à barriga, ou melhor, defesa e resguardo ao feto/embrião.

O projeto editorial da *Pais & Filhos* coloca a relação mãe-filho/a em primeiro plano, veiculando a idéia de que é no decorrer da gravidez que a vinculação, o apego mãe-filho/a se estabelece. As gestantes são conclamadas a cumprir seu dever de procriar, cuidar da sobrevivência e amar, sem restrições, os/as filhos/as. A posição da “mãe amorosa”, tão exaltada a partir do catolicismo e reiterada pelo romantismo (BADINTER, 1985), também é reforçada pela revista. Verifica-se que o amor é um exercício, uma prática construída no decorrer da gravidez, não nasce junto com os bebês, na hora do parto...

Outra estratégia, que também exalta as barrigas, demarcando-as como “carga preciosa”, é a exposição explícita das “barrigas de fora”; há em curso, hoje, um culto e uma glamourização explícita das barrigas. Entendo que essa forma de não mais se disfarçar a barriga também funciona como estratégia de fortalecimento da idéia da mãe amorosa ao apontar certo orgulho e/ou amor demasiado no ato de carregar o/a filho/a.

Penso ainda, que o recurso técnico utilizado pela revista em imagens como a apresentada acima, demarcando as mamas e não todo o tronco, a região genital e abdominal e não as pernas, retira essas partes do silêncio e convida o/a leitor/a a observar a especificidade de cada uma delas. O corpo é fragmentado, raramente é apresentado por inteiro; o olhar analítico prevalece sobre o sintético. Cada parte tem um valor e uma função: mamas e abdômen estão relacionados com a maternidade e exigem práticas específicas de cuidado. A estratégia é a de isolar os segmentos corporais para melhor demarcar a estrutura e a função de cada um deles. Trata-se da localização de cada parte, conhecimento e descoberta das leis que presidem combinações, numa avaliação sem descanso – uma maternidade intensiva.

Cada parte tem aqui “uma função social muito precisa (...), as partes metaforizam o social e o social metaforiza as partes” (LE BRETON, 2006, p. 70).

A revista interpela a mulher gestante, colocando-a em uma posição de sujeito aprendente. Dessa forma, demanda fortemente a aquisição de capacidades cognitivo-afetivas que possibilitem a absorção e implementação de informações corporais específicas. Ao centralizarem o foco nas regiões ligadas à reprodução, essas imagens representam o corpo materno como um “semicorpo”, reduzido àquilo que importa dele, ou seja, algumas de suas partes: aquelas que se localizam no espaço que vai das mamas ao baixo ventre.

A região que vai das mamas ao baixo ventre é destacada pela revista como área também de aconchego, como a região do corpo que *acalenta, esquentar, acarinha* a criança. A revista fragmenta o corpo grávido sob uma lógica fria, dura e objetiva, para melhor mostrá-lo, ao mesmo tempo em que o destaca como afetuoso, suave, emotivo, protetor do feto. Essas imagens, de um modo particular, trazem à tona também aspectos emocionais na expressão do corpo acolhedor, em nível dos seios, do colo e da pele, magnificamente ordenados pela mão afável da mãe. É para o corpo da mãe que a criança se volta para pedir ajuda e proteção, é onde busca abrigo e segurança.

As imagens destacando as mamas das gestantes também podem ser vistas como uma força vital ligada à dimensão da mãe nutriz, representada pelas muitas imagens de mulheres com seios grandes e generosos. Por exemplo, ao longo desses 37 anos, no projeto editorial da *Pais & Filhos*, pode-se acompanhar a acentuação de uma ampla iconografia, repleta de descrições dos seios e de técnicas para melhor preparar as mamas para a amamentação, que vai desde *sutiãs específicos, cremes, óleos, dosagem diária de sol nos mamilos, dietas e massagens* até *exercícios específicos (ginástica)*, que demarcam e posicionam de modo diferente os seios das gestantes. A revista assume a responsabilidade de fornecer uma educação específica sobre as mamas, o que lhes confere, por meio das técnicas de preparo, a posição central que elas exercem na maternagem. Para Yalom (1997, p. 131), os seios começaram a adquirir significado político a partir do século XVIII, e “não é muito forçado argumentar que foram as modernas democracias ocidentais que inventaram o seio politizado e a partir daí cada vez mais ampliaram esta experiência”.

O destaque às imagens de mamas grandes e generosas das gestantes, na *Pais & Filhos*, também pode ser visto como ressaltando uma força inerente a um corpo vital que contém as condições para dar à luz, gestar, nutrir e proteger os pequenos. Acho útil chamar a atenção para esse discurso que tem desdobramentos específicos. Por exemplo, o aleitamento materno, no contexto da *Pais & Filhos*, passa a constituir-se num imperativo a ser exaltado, em detrimento do uso de leites industrializados, particularmente depois da década de 70,

mediante uma campanha orquestrada cuidadosamente a favor da amamentação. O leite ganha *status* de insubstituível, e a mãe, de provedora fundamental dos alimentos³¹ do/a filho/a.

Meyer, ao analisar o *Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno*, vinculado ao projeto Hospital Amigo da Criança no Brasil, chama a atenção para o quanto o discurso da amamentação tem desdobramentos específicos em países chamados em “desenvolvimento”.

Informa-se para a mãe (e demais) que uma dieta adequada de um bebê alimentado com o leite materno custo menos que a de um bebê alimentado com leite artificial. Além disso, economiza-se também em água e combustível, o tempo gasto com preparo de mamadeiras e visitas ao médico (conseqüência do maior adoecimento da criança que não mama no seio). Decorre disso uma economia para o Estado no tocante ao número de consultas, hospitalizações, exames e medicamentos, além do controle natural das taxas de natalidade; (...) amamentação como um discurso que representa uma atitude comprometida com a preservação do meio ambiente: o aleitamento materno favorece a ecologia, pois sua fonte é natural, renovável e não polui o meio ambiente com plásticos, mamadeiras (MEYER, 2003b, p. 45).

Agregadas à tarefa da amamentação³², outras tantas se impõem para as mulheres (Cf. MEYER, 2003b). Evidencia-se, assim, a artificialidade da construção específica de cada parte do corpo grávido – mamas, barriga, útero - e o caráter histórico e cultural da produção do corpo grávido e da maternidade. Nas palavras de Meyer (2000, p. 120):

Os significados da maternidade – que permitem às mulheres ser/fazer/sentir enquanto mães – são construídos. Está implícita, aqui, a importante premissa de que as características anatômicas como ter ou não mamas e útero, funções biológicas como produção de leite, comportamentos e sentimentos de doação, cuidado ou amor ilimitados usualmente inscritos no corpo feminino e colados à maternidade não têm, em si mesmos, qualquer significado fixo, final e verdadeiro, mas são produzidos e passam a significar algo específico no interior de culturas específicas.

³¹ Meyer examinou, em uma das suas pesquisas, o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM). Em tal pesquisa, a autora verificou a maneira pela qual determinadas identidades/posições de sujeito são produzidas a partir de verdades científicas, relacionadas à nutrição e à medicina, construídas em torno de uma prática unânime e insubstituível. Para Meyer, o imperativo do aleitamento destaca pouco as condições sociais, culturais e emocionais de grande parte das mulheres, que podem dificultar e/ou mesmo impedir a realização da amamentação. Para a autora, tal imperativo pode estar ligado ao pressuposto de que “quase todas as situações são contornáveis desde que haja empenho e vontade da mãe” (MEYER, 2004, p. 14). A autora destaca “a rede de regulação e controle que parece se fechar em torno desses corpos, constituindo a mulher que não amamenta como sujeito social desviante” (MEYER, 2004, p. 17).

³² Não amamentar nesses tempos pode gerar uma espécie de culpa em relação ao/a filho/a, pois o discurso médico atual, pelo menos no Brasil, aponta a amamentação como sendo fundamental para a saúde do bebê; nesse sentido, ela pode ser entendida por muitas mulheres como uma “obrigação de uma boa mãe”. Quantas mães biológicas ou não (aidéticas e outras), encontrar-se-ão, dessa forma, presas em um conflito, sofrendo, por não conseguirem satisfazer com êxito as expectativas sociais de “uma boa mãe” nutriz e carinhosa.

Como se vê, ninguém nasce mãe: torna-se mãe. Nenhum destino biológico e psíquico, define de que forma a mulher conduz a sua gravidez na sociedade; é o conjunto da civilização, no qual a revista *Pais & Filhos* está incluída, que elabora e qualifica um corpo materno, como destaca Simone de Beauvoir (1980).

O fato de o corpo de a mulher estar grávido modifica quase completamente o olhar que se tem sobre ele; por exemplo, a revista usa, freqüentemente, a palavra *respeito* ao definir esse corpo, evocando sentimentos de deferência. É possível destacar, no contexto da revista, a idéia do corpo grávido como sagrado, a persistência de uma noção “sacralizada” da maternidade e do corpo materno. Encontramos também muitos exemplos do modo como a *Pais & Filhos* educa as mulheres para desejarem o estado de gravidez.

(...) GRAVIDEZ: como um estado de graça, um momento de mais pura alegria, uma condição que deixa a mulher com mais inteligência (PAIS & FILHOS, 1977, capa).

(...) A gravidez, um estado em que a mulher viaja com seu bebê para o reino encantado da felicidade, onde se vivem intensas alegrias, dentro do seu próprio corpo (PAIS & FILHOS, 1980, capa).

(...) Vou pôr a mão na “massa”... Feliz, feliz, mesmo sabendo que vou ter muitos cuidados pela frente, afinal, estou grávida!(CARNEIRO, 1990, p. 102).

Os excertos tendem a contribuir para um posicionamento que fortalece uma representação da gestante feliz, contente e, de certo modo, deslumbrada em relação à gravidez. Parece que essa é uma das muitas estratégias que fortalecem uma imagem de felicidade e de celebração do processo da gravidez, ainda mais se essa mulher for adulta e tiver renda própria; porém, se for adolescente e/ou pobre, aí não merece admiração e comemoração.

Uma outra estratégia de positivação da gravidez refere-se ao modo como são abordados seus desconfortos, como *náusea* e *sonolência*, mencionados em poucas matérias, em que são apresentadas possíveis soluções, produtos e recursos que asseguram o bem-estar. Observa-se que, na *Pais & Filhos*, há uma crença na maternidade controlada, que caminha ao lado do emprego, cada vez mais abrangente, de prescrições e de soluções como atividade física para amenizar as náuseas, remédios como analgésicos e tranqüilizantes para eliminar desconfortos.

Assim a revista vai demarcando um movimento que reforça a noção de que a *mãe* e a *mulher* não convivem num mesmo corpo. O exercício da gravidez – gestar, parir, amamentar – exigiria cuidados intensivos, tanto que a revista produz incontáveis informações sobre esses cuidados.

AMPLIAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DA REDE DE CUIDADOS CORPORAIS NO PRÉ-NATAL

As imagens e os artigos da *Pais & Filhos* mostram a gestante quase sempre em ação, numa demonstração do empenho individual em garantir um corpo saudável a ela e ao/a filho/a. É possível visualizar uma intensificação de cuidados em relação à atenção dispensada à gravidez, no universo da *Pais & Filhos*, ao longo do seu projeto editorial. É um pouco sobre os modos como esses cuidados foram se concretizando que pretendo discorrer nesta seção³³.

É o modelo da mãe cuidadosa – que *cuida e se cuida* – que triunfa e, ao mesmo tempo, se populariza na revista quando esta insiste na necessidade de a gestante assegurar uma gravidez o mais saudável possível para que o embrião se forme e se desenvolva sem problemas.

Compreender a revista com base na inspiração foucaultiana demanda um deslocamento da perspectiva reflexiva e prescritiva para tratá-la como uma “prática produtiva que conduz, governa e regula condutas³⁴ individuais e coletivas” (FOUCAULT, 1999, p. 240). Como uma prática de governo, a revista está implicada no exercício de relações de saber-poder. As relações de saberes consistem em “um conjunto de ações que se induzem e respondem e/ou se tencionam uns aos outros” (FOUCAULT, 1996, p. 240). Saber é aqui tomado como algo que produz, cujo exercício consiste em um conjunto de ações, diluídas ao longo dos 37 anos do projeto editorial, sobre determinadas mulheres brasileiras, fazendo-as agir de determinados modos (FOUCAULT, 1988).

³³ No sentido de destacar que os cuidados relacionados ao discurso das práticas corporais e esportivas (centralidade de análise da tese) é apenas um dos cuidados prescritos às gestantes.

³⁴ O termo “conduta” é tomado no contexto desta tese a partir da visão de Foucault (1995, 1998), que se refere à conduta como algo que pode ser regulado, controlado, formatado e modificado para fins específicos.

A revista enfatiza o pressuposto de que cada gestante deve aprender a decodificar, incessantemente, as linguagens de um organismo grávido, valendo-se, para isso, do pré-natal³⁵. A *Pais & Filhos* multiplica e faz circular o enunciado de que

bom pré-natal é a linha divisória entre a vida e a morte, a saúde e a doença, a normalidade e a anormalidade, [e] o que interessa é que isso é dito às mulheres freqüentemente e que são elas que precisam cuidar de seus corpos grávidos e dos corpos de seus filhos (RIPOLL, 2005, p. 66).

O bem-estar e a saúde do feto aparecem em primeiro plano e são, quase sempre, relacionados à quantidade e à freqüência dos exames feitos no pré-natal, bem como à qualidade do cuidado “consigo” que a mãe é capaz de assumir e executar. Fica, assim, evidenciado o risco potencial oferecido ao feto pela mãe que não controla seu corpo, uma vez que a “boa mãe” é a que submete seu corpo aos exames minuciosos do pré-natal³⁶. No Brasil, vale destacar que nos anos 60 se intensificaram as ações do planejamento pré-natal³⁷ (VIEIRA, 2002), embora as políticas públicas de saúde já viessem há algum tempo privilegiando o ciclo grávido-puerperal.

Diz-se, por exemplo, no contexto da revista, que uma gravidez *acompanhada no e pelo pré-natal é segura*. É possível problematizar essa afirmação da revista, pois os dados do Ministério da Saúde indicam que 85,6% (91, 4% urbanas e 68,1% rurais) das gestantes brasileiras recebem atendimento no pré-natal³⁸. Isso demonstra que a maioria comparece às

³⁵ No Brasil, o Ministério da Saúde preconiza a realização de, no mínimo, seis consultas de acompanhamento pré-natal, preferencialmente, uma no primeiro trimestre, duas no segundo e três no terceiro trimestre de gestação.

³⁶ Informações de rotina solicitadas no pré-natal (CF. DATASUS, 2006): idade, profissão, grau de instrução dos pais; antecedentes de saúde pessoais e de familiares; doenças, cirurgias, alergias, hábitos, vícios (fumo, álcool, drogas), medicamentos em uso; se estão fazendo algum curso de preparação para pais; quantas vezes a mãe já engravidou (incluindo eventuais abortamentos); número de filhos, suas idades e dados de saúde; tipo de partos anteriores (natural, cesárea ou fórceps); peso e estatura de cada filho ao nascimento; boletim de Apgar de cada filho; intercorrências no período neonatal de cada filho: icterícia, desconforto respiratório, infecções; se houve necessidade de internação ou não; período de amamentação de cada filho - eventuais dificuldades; tipo sanguíneo dos pais e filhos (Grupo A, B, O e fator Rh); dados relativos à gravidez atual: programada ou não, desejada ou não, sangramentos, cólicas, contrações, infecções, problemas de pressão, vômitos, medicamentos em uso, exames complementares realizados e seus resultados; se terá ajuda de algum familiar para cuidar do bebê.

³⁷ Mesmo as mães mais carentes de recursos materiais têm hoje a sua disposição uma oferta praticamente universal de serviços públicos de pré-natal no Sistema Único de Saúde - SUS. Os princípios de gratuidade, universalidade e descentralização desse sistema têm permitido o acesso de praticamente todas as gestantes do país a serviços especializados de assistência. Pode-se dizer que hoje, no Brasil, “só não faz pré-natal quem não quer” (Ministério da Saúde Brasil, 2006).

³⁸ Os dados do Ministério da Saúde mostram que o atendimento no pré-natal no Brasil acontece, variando entre 70,2 % no Nordeste, 81, 9% no Norte e 97,4% no Sul.

consultas, faz todos os exames disponíveis que são registrados na carteira de gestante³⁹, porém o fato de ter feito pré-natal não garante atendimento no momento do parto. Para Miriam Paiva (2006, p. 4), as mulheres brasileiras fazem pré-natal, mas muitas não sabem onde vão dar à luz: “a peregrinação por hospital e o precário atendimento é ainda o que mata”. Segundo a autora, tem sido mais difícil para as mulheres pobres receber atenção, durante o trabalho de parto, pois desperdiçam horas cruciais procurando vagas nos hospitais – “as parturientes pobres, muitas vezes, precisam disputar o centro cirúrgico com baleados, atropelados e outros” (PAIVA, 2006, p. 4).

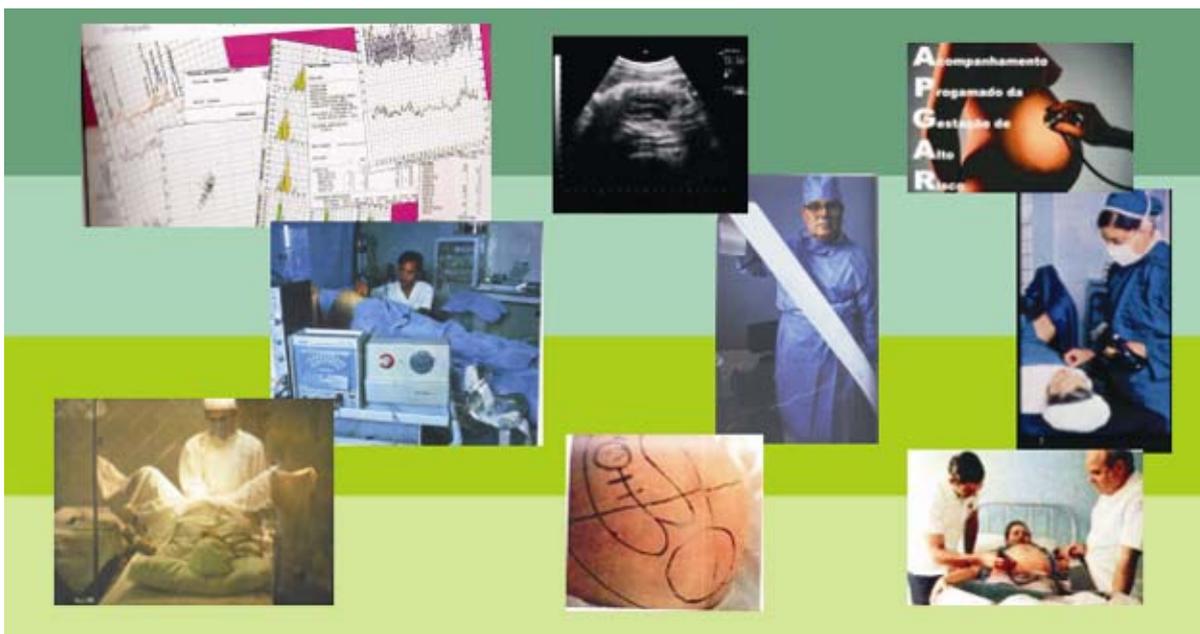
Um pré-natal “perfeito” apenas não dá conta se não forem encontrados leitos hospitalares e se as parturientes não tiverem um atendimento médico adequado no parto, como destaca também Mirian Fitchner (2006). Para a autora, isso é o avesso do que ocorre com as grávidas de classe média-alta, para quem o nascimento de um/a filho/a é uma superprodução calculada em seus mínimos detalhes. Elas se submetem a uma bateria de exames, geralmente fazem cursos na maternidade onde darão à luz, agendam o parto e até encomendam um enfeite com o nome do bebê para colocar na porta do quarto privativo.

Trata-se de um contexto de “fazer viver”, com amplas biopolíticas fazendo emergir sistemas de seguridade social, tanto de previdências públicas quanto privadas. Entendo que o pré-natal é uma estratégia biopolítica que não exclui a disciplina individual, mas que, sobretudo, a utiliza (FOUCAULT, 1989).

É importante destacar que, nos primeiros anos de publicação da *Pais & Filhos*, os saberes do discurso médico eram proeminentes, definindo-se como o discurso que respondia, de forma quase absoluta, pelo processo de condução da gravidez e do pré-natal, como se pode observar no quadro abaixo que compus a partir de imagens⁴⁰ de exames mais recorrentes na revista no decorrer de seus cinco primeiros anos de publicação.

³⁹ Carteiras e cartões – na sociedade de contemporânea, quase nada escapa de uma documentação, partilhada entre diferentes instituições, cada vez mais abertas ao intercâmbio, produzindo um controle incessante.

⁴⁰ Monto esse quadro, bem como os das próximas páginas, agrupando imagens, porque elas traduzem as mudanças nas respectivas categorias analisadas. Portando, pretendo que eles sejam lidas como se texto fossem. Elas refletem a ordem em que construí essas categorias de análise, embora para os/as leitores/as, essas imagens possam parecer desorganizadas e/ou fora de ordem. A escolha dos temas que analisaria foi possível a partir do agrupamento das imagens, organizadas de forma a permitir a visibilidade da composição das unidades de análises.



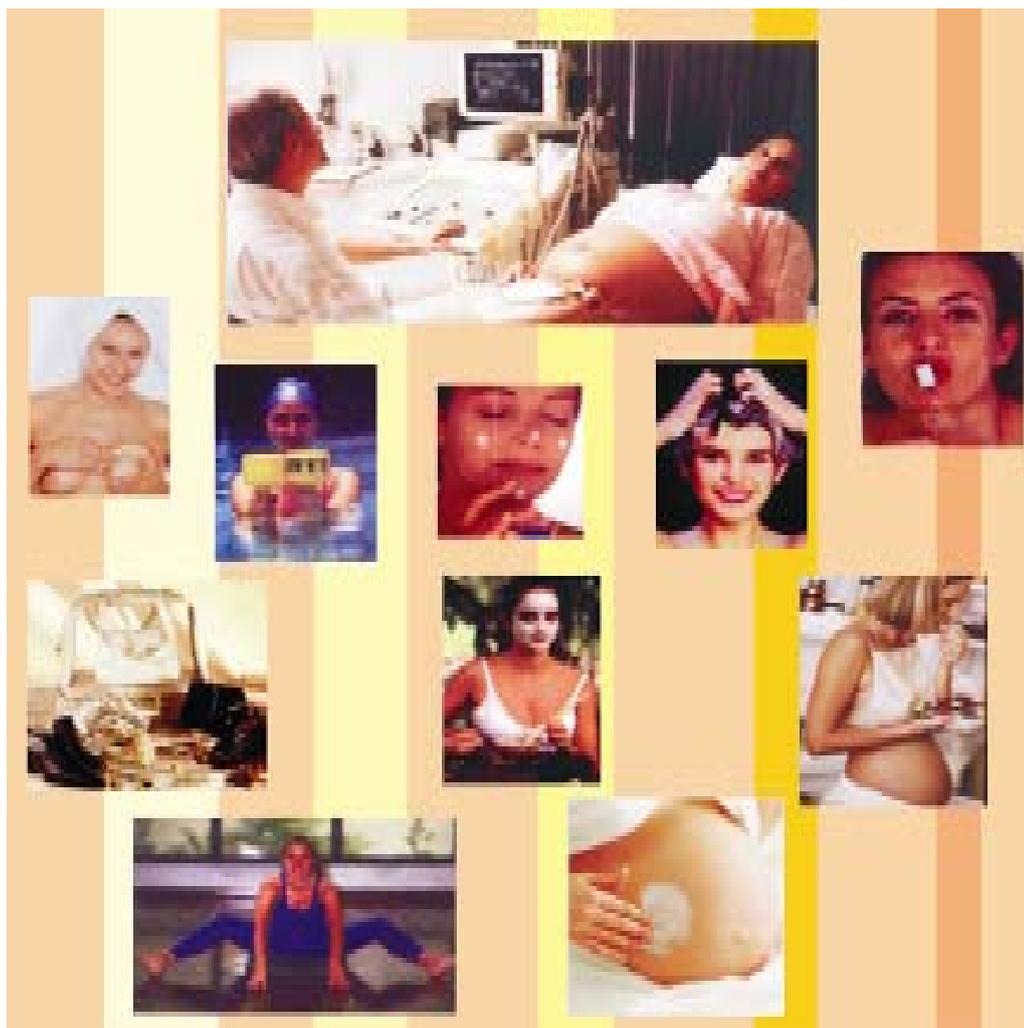
Figuras 4 – ZULEMA RIDA E RICHARD SASSO. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 7, p. 42, jan. 1970⁴¹.

Os exames *obstétricos*, como palpação abdominal e pelvimetria, são procedimentos clínicos importantes, destacados pela revista de muitos e diferentes modos. Reforça-se uma idéia radical: a de que os exames e o acompanhamento clínico são procedimentos que aperfeiçoam o processo de condução da gravidez saudável e de que se submeter a (ou assumir) esse pressuposto ajuda a consolidar o lugar central das mulheres no processo de condução e implementação da gravidez e, por conseqüência, da maternagem.

Essa posição marca definitivamente a forma como as sociedades ocidentais, a partir da segunda metade do século XX, irão desenvolver dispositivos que lidam com as questões relacionadas à vida e à sua gestão. Dentre os dispositivos aqui apresentados, encontra-se a implementação, paulatina e contínua, de inquéritos, levantamentos e/ou coletas de dados relacionados à gravidez, aos indivíduos e às populações.

A partir do final da década de 70, a revista promove e divulga outros saberes, de forma mais intensa e regular, que emergem gradativamente, como, por exemplo, os que seguem:

⁴¹ Figura 2 e 3 ESTÚDIO P & F. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 3, nov. 1968; 1969.



Figuras 5 – ESTÚDIO P & F. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 133, p. 14, jan. 1980⁴².

Assim, uma rede mais ampla de cuidados, de novos saberes físicos, psicológicos, estéticos, odontológicos, nutricionais e cosméticos, como também uma série de produtos e serviços, passa a ser destacada como necessária a um “bom” pré-natal, na revista. O importante é que esses outros discursos se consolidam, pouco a pouco, mas não do mesmo modo e nem com a mesma força do discurso médico, nas suas mais diversas formas no contexto da *Pais & Filhos*. Se até a década de 70 o discurso médico era quase exclusivo, depois a revista passa a veicular a idéia de que, quanto mais cuidados as gestantes assumirem e mais se adaptarem a determinados padrões de cuidados, mais valor vão agregar.

⁴² FIGURA ESTÚDIO P & F. **Pais & Filhos**, n. 111, p. 12, fev. 1978; n. 134, p. 16-19, fev. 1980; n. 408, p. 21, jan. 2002.

A quantidade de cuidados a partir daí se coloca, na revista, como “novo” determinante da condição social das gestantes.

Como observa Sant’Anna (2001b), essa tendência de exaltação do cuidado dos corpos no Brasil, é também fortalecida, a partir da década de 70, pelo impacto de diferentes movimentos, do desenvolvimento da indústria farmacológica, da cosmetologia, da publicidade, da moda, do cinema de Hollywood e do incremento de políticas públicas.

A revista, a partir da década de 70, trata da educação dos corpos grávidos de uma maneira mais alargada e complexa, como observamos pelo volume de prescrições. Segundo Madel Luz (2003), é o próprio caráter simbólico da saúde que muda a partir desse período. As medicinas alternativas, as concepções ambientalistas, as correntes de psicologia da auto-ajuda, as modas dietéticas e a cultura física, entre outras, produzem efeitos que as gestantes observam em termos de saúde.

Em conexão com essa forma educativa mais ampla está a própria noção de saúde reprodutiva preconizado pelos organismos nacionais e internacionais. Scavone (2004) observa que o conceito de saúde reprodutiva se inspirou na enunciação⁴³ do conhecido conceito de saúde da OMS, que define como um estado de completo bem-estar físico, mental e social que não supõe apenas a ausência de doença. Essa definição aponta para aspectos que pressupõem o envolvimento de outras áreas do conhecimento, para além do que comumente entendemos como um campo restrito do saber médico. Esse conceito de saúde tem como referência um modelo de saúde integral⁴⁴ a ser alcançada, cujas características holísticas servem como padrão para definir os aspectos específicos também da saúde materna. Tal conceito é o elogio a um mundo onde diferentes discursos das ciências ocupam lugar de destaque, e é mediante esses conjuntos de saberes que a condição de pleno “bem-estar” fica assegurada.

No momento em que discursos de domínios diferentes invocam a gravidez, pode-se dizer que ela se tornou um campo de batalha, um campo de disputa de saber-poder. O processo de implementação e condução da gravidez passa a ser investido como capital vital, sendo-lhe atribuída uma força de valoração que irá se associar a outras forças, expandindo a idéia de que os indivíduos são aprendizes corporais, administráveis e gerenciados desde muito

⁴³ Esse conceito passou a ser definido após a Conferência do Cairo de 1994 (Cf. SCAVONE, 2004, p. 49).

⁴⁴ Um exemplo dessa lógica, o PAISM - Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher, foi formulado no início da década de 80 para contemplar as necessidades de saúde integral.

cedo, desde o embrião/útero até o leito de morte (MEYER, 2004b)⁴⁵. Desenha-se uma detalhada administração da vida por meio de um complexo ordenamento de saberes e de práticas culturais que alimentam a idéia de gerenciamento dos corpos das mulheres gestantes e os dos seres humanos que elas geram. Referi-me a esse processo em curso como politização do corpo grávido, uma vez que estão colocados “no centro das políticas de gestão da vida” (MEYER, 2004b, p. 3), sendo fabricados dentro de uma rede de práticas e de saberes – cuidado pré-natal, cursos especializados, consultas, academias – que objetivam maximizar, através da saúde materna, a saúde do feto.

O corpo grávido e sua saúde terá que ser produzido, então, por cada mulher, na ginástica e/ou em outras práticas destacadas no pré-natal, de acordo com a força de vontade pessoal, com a idéia de uma saúde “holística”⁴⁶ feita pela própria gestante. A economia de saberes descrita anteriormente faz parte de um movimento contemporâneo que envolve uma nova politização do corpo grávido, “(...) nova não no sentido de inovadora, mas no sentido de uma atualização, exacerbação, complexificação e multiplicação de investimentos educativo-assistenciais que têm como foco as mulheres (...) [no caso, as gestantes]” (MEYER, 2003b, p. 47).

Como observamos no segundo quadro, há hibridismos e/ou sincretismos⁴⁷ em termos de cuidados prescritos à manutenção de saúde das gestantes na *Pais & Filhos*. Diferentes saberes são apresentados na revista e coexistem, às vezes de maneira contraditória e outras vezes, de maneira harmoniosa e mais ou menos integrada, justapondo e/ou articulando práticas de cuidados e aspectos conceituais de distintas racionalidades (Cf. LUZ, 2000). E, na maior parte delas, os cuidados são colocados na órbita do *self-service* (GIDDENS, 2002).

Escolher o próprio roteiro de cuidados corporais?
Construa o seu roteiro de cuidados no decorrer da gravidez: os itinerários propostos em nossa revista são apenas sugestões de cuidados, que podem ser combinados e também modificados levando em conta o que cada uma pretende (PINTO, 1984, p. 114).

⁴⁵ Ver também Forna (1999) e Lupton (1999).

⁴⁶ A definição de holismo, para Madel Luz (2003), refere-se ao sentido social do termo. Entretanto, se partirmos da etimologia da palavra, *holos* significa o todo. Também encontramos na palavra *holismo* o sentido de integração, aplicado em outras áreas, como na área de saúde, com a medicina holística.

⁴⁷ A idéia de sincretismo em termos de práticas de saúde como marca da pós-modernidade é exposta e tomada aqui a partir dos estudos de Madel Luz (2003).

Esse é um exemplo onde se afirma que as escolhas das gestantes podem ser individuais, que são elas *que podem e devem dirigir e conduzir a sua gravidez*. A revista sugere, como se observa nos excertos, certa “liberdade” combinatória de cuidados. Os cuidados apresentam-se como um imperativo, mas o interessante é que a revista destaca o *kit* de cuidados que podem ser escolhidos em razão das motivações e das condições pessoais. Parece que os cuidados são deslocados de quadros rígidos e coercitivos em direção a um processo de individualização de escolhas, funcionando com suavidade, respeitando as inclinações individuais, o bem-estar e os interesses de cada mulher. A revista faz uma aparente substituição da indução uniforme pela livre escolha, dando a sensação de que agora cada gestante tem o prazer de compor à vontade os cuidados que vai privilegiar na sua gestação.

Como se observa nos excertos anteriores, a *Pais & Filhos* faz um convite às mulheres a responsabilizarem-se por si no que se refere ao sucesso da gestação, estabelecendo relação com uma ética ativista, individualista e construtivista (SANT’ANNA, 2001b). Parece que essa nova ética em relação aos muitos cuidados corporais contribui, também, para a revista argumentar e incentivar a diminuição da prole familiar. Muitas vezes, dentro da revista, reconhecem que uma prática materna

(...) rodeada de cuidados individuais era (é) incompatível com a idéia de ter muitos filhos, tanto pelo tempo quanto pelo trabalho e dedicação psíquico-afetiva-emocional que requer (FERNANDES, 1980, p. 21).

Agrega-se a esse argumento o fato de que filhos/as custam “caro” e exigem muitos cuidados. Desse modo, começava a circular na *Pais & Filhos*, a partir da década da 70, acentuando-se na década de 80, a idéia de que:

(...) a melhor mãe não é a que tem mais filhos, mas a que tem menos filhos e cuida deles (FERNANDES, 1980, p. 20).

E ainda:

(...) ter um filho, desde que seja um modelo exemplar da raça humana, vale por vinte imperfeitos (FERNANDES, 1980, p. 21).

Dessa forma, a tensão entre qualidade e quantidade, no contexto da revista, sobretudo depois da década de 80, mostra uma vitória do primeiro pólo, quando começaram as exigências de cuidados corporais e de dedicação a triunfar sobre o número de filhos/as a serem concebidos/as.

Na segunda década do século XX, o forte tom nacionalista que imperava em muitos países, inclusive no Brasil (*birth control* - controle de nascimento), tem como uma de suas implicações a preocupação mais acentuada com a qualidade da população, do corpo e da saúde (CORREIA, 2000). Emergem políticas mais firmes em relação à quantidade de filhos/as, e o incentivo à redução desse número de filhos/as é posição assumida claramente pelo conselho editorial da *Pais & Filhos*, principalmente depois da década de 80.

No Brasil, observa-se uma queda na taxa de fecundidade a partir desse período. A média de fecundidade por mulher assim se configurava: em 1940, cada mulher brasileira tinha em média 6,16 filhos; em 1950, 6,21; em 1960, 6,28; em 1970, 5,76; em 1980, 4,35; em 1990, 2,5; em 2005, 2,1, conforme Arilha Berquó (2006). Para a autora, a redução é devida a vários fatores⁴⁸, tais como: elevado uso da esterilização feminina, da pílula e de outros contraceptivos; aumento do número e permanência de mulheres no mercado de trabalho; expansão do emprego no setor terciário; transformações nos valores relativos ao lugar social papéis das mulheres; expansão da escolaridade feminina. Marcelo Medeiros (2006) chama a atenção para o fato de que a taxa de fecundidade caiu na classe média-alta, bem como nas classes menos favorecidas⁴⁹, que se aproximam da média geral.

Aqui há um paradoxo na revista: uma política de incentivo ao controle da natalidade que, ao mesmo tempo em que divulga uma série métodos para não engravidar, afirma a valorização e a positividade da gravidez - *gravidez não é doença, é estado de graça*.

⁴⁸ A partir da década de 1980, tornou-se claro que a fecundidade no Brasil estava diminuindo bastante; hoje, a média brasileira não é muito maior do que a observada em países bem mais ricos (IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

⁴⁹ Para Marcelo Medeiros (sociólogo pesquisador do IPEA), pensar que a miséria no Brasil decorre do tamanho excessivo das famílias é uma maneira confortável de se transferir para os pobres a responsabilidade por sua pobreza. O discurso de justificar a pobreza pela alta natalidade é frágil, não enfrenta o que realmente é grave e o que está por trás da pobreza e de outros problemas no País: a desigualdade social. Para o autor, estudos também do IPEA “sobre as mudanças ocorridas na composição das famílias brasileiras ao longo dos últimos 30 anos indicam que, hoje, a proporção de domicílios que têm mais de três filhos com idade inferior a dez anos não chega a 3% do total de domicílios brasileiros. Famílias enormes estão cada vez mais raras, fazendo com que medidas controlistas sequer possam ser aplicadas a grandes parcelas da população” (MEDEIROS, 2006, p. 1).

Na *Pais & Filhos*, os discursos sobre a família reduzida ganham cada vez mais espaço. É importante destacar que, nos países de terceiro mundo, sob o antigo regime demográfico, a gravidez ocupava pelo menos quatro anos e meio da vida de uma mulher; nos novos tempos, representa de 18 a 27 meses. Em compensação, o tempo dispensado pela mãe aos cuidados corporais parece ter aumentado e se intensificado, como destaco na seção a seguir.

O CORPO MATERNO COMO SUSTENTÁCULO DO PROCESSO REPRODUTIVO

A *Pais & Filhos* amplia as técnicas de observação do interior – o mistério daquilo que nos habita temporariamente. O feto/embrião passou a ser mostrado na multiplicação de imagens da realidade interna, feita de dois corpos, em seus menores detalhes, que vão desde as pinturas e desenhos dos atlas anatômicos até fotografias, filmes, raios-x, ecografias, tomografias, ressonâncias magnéticas, endoscopias. Até há pouco tempo, o que saía da barriga de mulher era enigma; hoje, o que sai da barriga da mulher está decididamente decifrado no processo da produção/explicação da vida. O crescente aprimoramento técnico da imagem intra-uterina, desde o início do século XX até os nossos dias, corresponde à sofisticação dos registros internos dos corpos, possibilitando uma colonização em profundidade do seu interior, o que Paul Virilio (1996) chama de *endocolonização*; esse processo mostra, de modo cada vez mais detalhado, a relação do corpo da mãe com o do feto/embrião.

As imagens das ecografias e dos demais exames não se apresentam apenas como recurso técnico de apreensão do desenvolvimento do feto. São recursos que também dão respostas às questões ligadas ao que Louro (2004) denomina de “códigos identitários”, por observarem feto-mãe, avaliá-los, medi-los e classificá-los, num trabalho incessante em que se reconhecem e se produzem divisões e distinções; um processo duplo que classifica mãe e feto, que inscreve marcas nos dois corpos: anormais/normais, saudáveis/doentes, perfeitos/imperfeitos, como quer a revista.

Posso afirmar, então, que o projeto editorial da *Pais & Filhos*, nestes 37 anos, utilizou grande volume de diferentes tecnologias de imagens para descrição do processo da reprodução. Nos primeiros dez anos (1968-1978), encontrei um volume maior de imagens de atlas anatômicos que descrevem minuciosamente o espaço interno do corpo materno.



Figura 6 – CFAC. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 121, p. 98, dez. 1978.

Essa imagem é uma das tantas que objetiva mostrar, em níveis mais profundos, a descrição anatômica de tecidos e órgãos do *corpo materno e sua relação com o feto*. Parece-me que essas imagens não são meras ilustrações da revista, mas descrições que ensinam, principalmente às mulheres, a ver a posição do feto e a relação intrínseca do feto com o corpo materno, reforçando a centralidade do corpo da mãe no processo de condução e de implementação da gravidez.

Tomo aqui duas imagens da revista, uma do início da década de 70 e outra do início dos anos 90, para destacar as mudanças ocorridas em termos de nitidez e detalhamento do processo da gravidez.

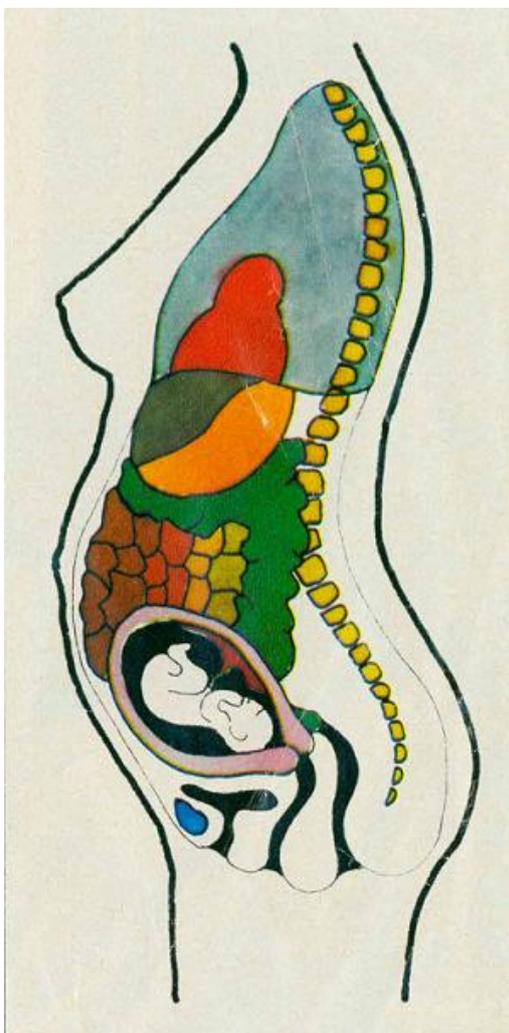


Figura 7 – LUIZ GARRIDO. **Pais & Filhos**, São Paulo, 35, n. 408, p. 121, jul. 1971.

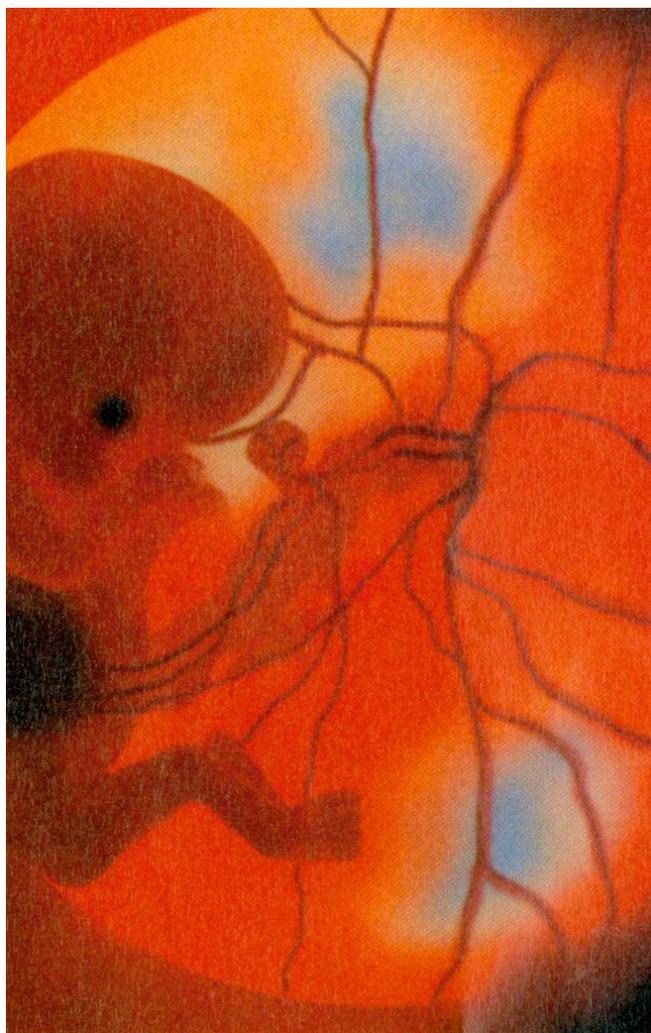


Figura 8 – FOTOTECA INTERNACIONAL. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 253, jan. 1990.

Comparando essas duas imagens, podemos observar que a da direita tende a perder o caráter estático em proveito de um ar mais móvel, descritivo, nítido, detalhado. Essa descrição de maior mobilidade e nitidez emerge com mais força, no contexto da *Pais & Filhos*, especificamente a partir dos anos 90. Por exemplo, aparecem com frequência imagens do útero e do desenvolvimento do feto captadas através de microcâmeras (filmagens, diafilme, fotografia em filme para projeção) introduzidas no útero das gestantes, detalhando-o. Essas técnicas penetram no interior do útero não apenas para reparar funções normais, mas também

para ampliá-las, estimulá-las, transformá-las ou mesmo para criar novas funções; o útero é mostrado na revista como órgão altamente manejável.

O acompanhamento teleguiado do útero é mostrado na revista com certo glamour; porém a revista, em poucos momentos, destaca esses recursos, como o das microcâmeras introduzidas no útero, como uma prática de vigilância e de controle mais intenso sobre o corpo da mãe e do feto/embrião. Foucault (1979) descreveu alguns dos grandes centros de confinamento, como a família, a escola, a igreja, a caserna, a fábrica, o manicômio, o hospital, ou seja, estratégias que lançam mão da arquitetura como modulação política, ou melhor, como tecnologia de poder, explícita, segundo a interpretação de Gilles Deleuze (1988) – estratégias que se acentuam nos séculos XX e XXI. A estratégia concentra, distribui no espaço, compõe uma força produtiva de dupla vantagem, pois confina e vigia mãe e filhos/as. O panóptico inverteu o princípio da masmorra, pois “a luz e o olhar de um vigia captam melhor que o escuro que, no fundo, protegia” (FOUCAULT, 1979, p. 210). Assim, o indivíduo vigiado

[...] não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola, depois a caserna, depois a fábrica, de vez em quando no hospital, eventualmente a prisão, um meio de confinamento por excelência.

De acordo com Bauman (2000), esse olhar do vigia, em seu solitário exílio na torre central, foi ampliado por milhões de olhos eletrônicos – as câmeras de segurança, as *web cameras*, as câmeras dos telefones celulares –, um conjunto em que podemos incluir as novas tecnologias pré-natais de amniocentese, as ultra-sonografias e outros exames. A presença desses exames permite afirmar que há em curso uma “construção progressiva e lenta de aprofundamento do ser sujeito no terreno do próprio corpo, agora inscrito na história: imagens de um arquivo vivo”, como afirma George Vigarello (2002, p. 12).

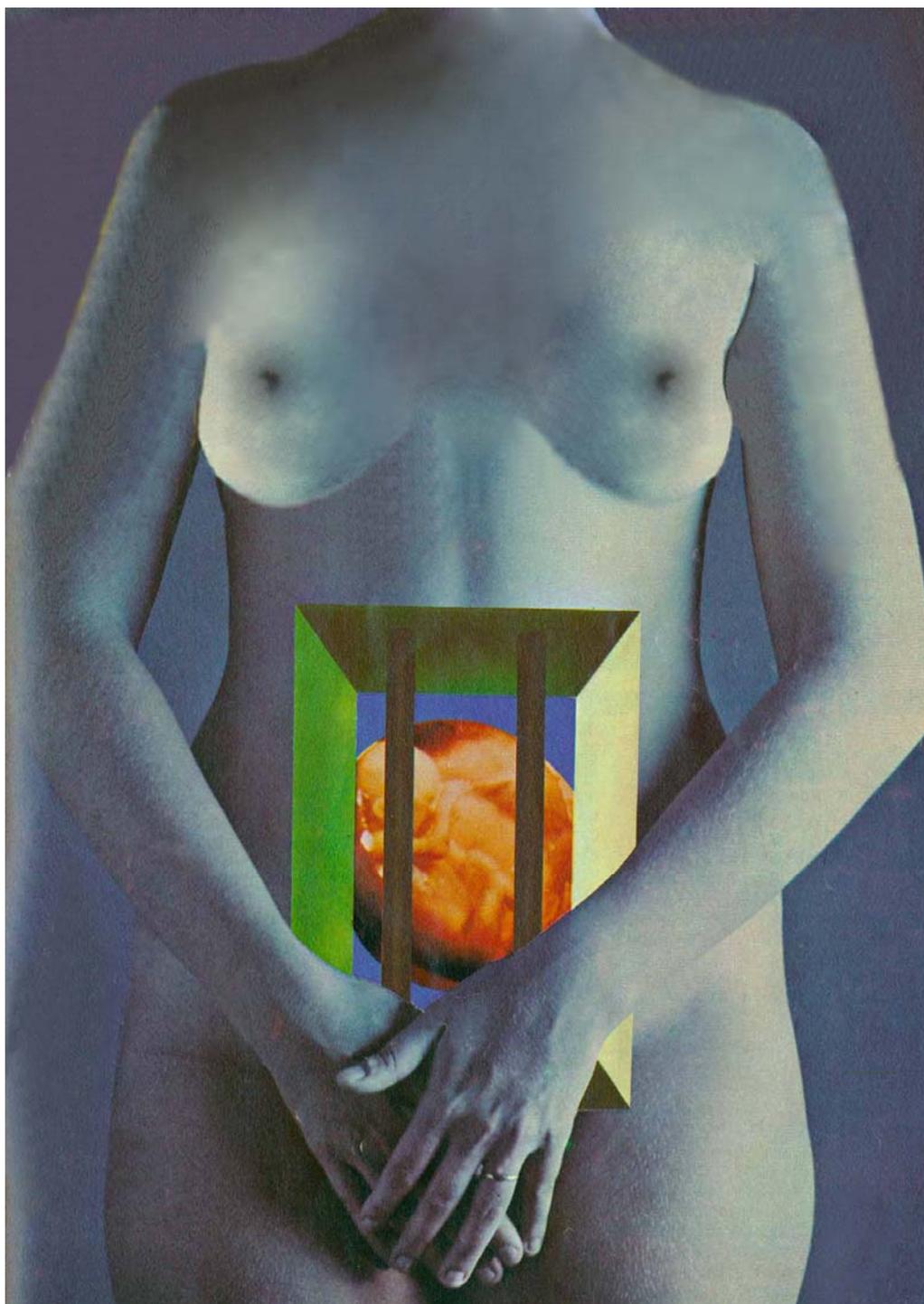


Figura 9 - PAULO SCHEUENSTUHL. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 11, p. 85, jul. 1972.

Essa é uma outra imagem exemplar que ilustra e destaca o corpo da gestante como corpo-tela mas, ao mesmo tempo, como corpo-cela (vigiado). A revista mostra o corpo grávido, morada do Outro, indício de perigo (por isso vigiado?) e, ao mesmo tempo, símbolo de proteção.

Não por acaso, deparamo-nos, na revista, com a presença de um corpo grávido metamorfoseado de tela a cela, talvez vigiado e punido pela coerção social, como sugerido

por Foucault (1988). Assim a revista divulga, por exemplo, algumas clínicas e hospitais no Brasil (e no mundo) que regulam e vigiam os corpos grávidos de modo mais efetivo. Pode-se citar, por exemplo, o emprego de um novo tipo de monitor nos aparelhos de ultra-som que se desfaz dos fios e que utiliza sinais de rádio, em que ondas eletromagnéticas transmitem as informações sobre as contrações intra-uterinas e o batimento cardíaco, de forma a rastrear as gestantes independentemente de onde estiverem e do que estiverem fazendo.

Falo em corpo-tela porque, de um modo geral, os médicos e/ou técnicos viram literalmente as costas para as pacientes para ver a tela (“quase afagando-a”), que mostra o que está acontecendo com o feto dentro do nosso corpo-útero.



Figura 10 – IMGGES27SFETOA. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 422, p. 51, dez. 2005.

Conforme podemos observar nessa outra imagem, o útero é apresentado como uma película úmida, brilhante, ensolarada, de um vermelho transparente como se fosse coberto de um verniz que o vitrifica, deixando-o sem poros, sem exsudação. Há nessas imagens intra-uterinas uma luminosidade intensa que destaca e detalha suas estruturas internas (paredes

intra-uterinas, a circulação dos nutrientes) como modo de evocar a grandiosidade e a energia desse órgão. Uma idéia de profundidade do útero é também mostrada e destacada pelo líquido amniótico, que projeta e embala o feto/embrião como forma de enfatizar o poder desse órgão, pois é ele que o engendra e o recebe o feto/embrião, o carrega, suporta, agüenta, nutre e protege. Tais processos ajudam a produzir a idéia do útero – corpo e ambiente – de modo que ele passa a ser nomeado como ambiente fetal, qualificado ainda como um “ambiente sentimentalizado”. Por exemplo, é comum a revista referir-se ao útero como *ninho, toca, lar, abrigo, recinto caloroso e aconchegante onde por nove meses o/a filho/a vem se refugiar*.

Rosely Costa (2002) faz-nos ver que a cultura ocidental é influenciada, em geral, por duas teorias da reprodução: a monogenética e a duogenética. Para a autora, a teoria monogenética estrutura-se no pressuposto de que o homem “faz o filho”; nessa teoria, o pai é originador e criador, o homem é o único gerador. Aqui a participação das mulheres mães restringe-se a acolher o feto/embrião em seu corpo para que se desenvolva. O crescimento do feto/embrião é visto como um processo natural e espontâneo, efetuado por meio do ato nutridor do pai, que mantém relações sexuais com a mãe. É no intercurso da relação sexual, durante a gestação, que o pai nutre o feto/embrião. O pai não apenas abre o caminho, mas atua fazendo o feto crescer, processo que continua após o nascimento, quando também é posicionado como provedor principal da alimentação através do sustento econômico.

Já a teoria duogenética de reprodução fundamenta-se em representações de reconhecimento bilateral de participação do pai e da mãe no ato reprodutivo, modelo duogenético de participação. Nessa perspectiva, o homem não faz o filho sozinho, mas em parceria com a mulher: a mãe também o faz. Contudo, essa teoria aponta uma relação “assimétrica entre homem e mulher, uma vez que a gravidez é tida como um processo que ocorre exclusivamente no corpo da mãe (ou de outra mulher), e o embrião desenvolve-se independente da participação paterna” (COSTA, 2002, p. 350), mas dependente do corpo materno. Para a autora, a grande diferença contida na teoria duogenética da reprodução é a centralidade da mãe, cujo corpo garante a continuidade do processo gestacional. O desenvolvimento do feto/embrião, nessa representação, depende exclusivamente da mãe, na medida em que o corpo materno tem de estar preparado para dar condições ao desenvolvimento do feto/embrião.

Costa (2002) assinala que a teoria duogenética da reprodução reforça a idéia de que o corpo da mãe garante os processos físicos da gravidez: a função procriativa maternal é potencialmente contínua, cria a base da parceria mãe-filho/a, enquanto a relação com o pai é descontínua. De acordo com essa concepção, o pai serve apenas para dar forma ao processo de implantação participando do processo de fertilização, mas é a mãe que assume uma tarefa mais complexa, a de criar as condições para o feto se desenvolver, pois o embrião, enquanto tal, é entendido como incompleto; necessita, portanto, da mãe para a condução de sua vida. No entender de Costa (2002, p. 351):

É justamente essa desigualdade contida na teoria duogenética, marcada pelo processo de condução da gravidez, que informa as noções de amor natural materno, de ligação natural e automática da mãe com o filho. Isto é, a grávida é tomada como a responsável por estabelecer esse amor e essa ligação natural da mãe com o filho, pois confere à mãe uma experiência exclusiva de intimidade com a criança.

Parece que, no contexto da cultura ocidental, a teoria duogenética da reprodução foi ganhando cada vez mais força, tanto que no projeto da *Pais & Filhos* a gestação é aprendida e apreendida como um processo biológico que se concretiza e depende quase essencialmente do corpo da mãe. A participação do homem no processo de condução e implementação da gestação é pouco formulada.

As imagens intra-uterinas estão cada vez mais expostas em todos os espaços da revista: nas capas, no seu interior, na coluna específica, nas propagandas. Para Wolf (1996, p. 74) essas imagens intra-uterinas emergentes não se restringem a ficar apenas na fantasia feminina: elas “não só afetam a história, elas são a história” e transbordaram e transformaram o campo político da maternidade. Wolf (1996, p. 74) destaca ainda que as imagens intra-uterinas mudaram nosso jeito de definir a vida. A autora assinala que:

As imagens da vida intra-uterina que destacam o feto/embrião passaram a influenciar de modo mais contundente a legislação a respeito de quando começa a vida e, portanto, de quando ela pode ser abortada. As imagens intra-uterinas em que o minúsculo polegar aparece na boca do feto ainda não desenvolvida fortaleceu o vocabulário do movimento em defesa da vida (e da fragilidade do feto). O movimento em defesa da vida lutou com palavras e agora luta também, como seria de se esperar, com a força das imagens.



Figura 11 – LEANNART NILSSON. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 264, p. 23, dez. 1990.

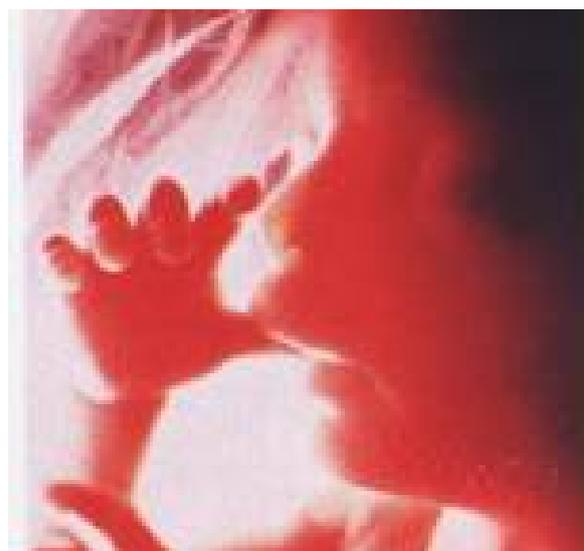


Figura 12 – OCVIVE INTERNACIONAL. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 414, p. 10, jul. 2002.

As imagens intra-uterinas instituíram novos significados acerca da vida fetal, reposicionando “o feto como um ser separado da mãe, flutuando serenamente no líquido amniótico” (LUPTON, 1999, p. 4). Para Lupton (1999), o feto passa a ser investido de uma identidade individual, separado da mãe, embora ao mesmo tempo dependente do conteúdo do corpo da mãe. O feto passa a ser visto não mais como experiência privada de emoções, de sensações sentidas e descritas pela mãe, mas como “feto-público”, objeto de mecanismos externos de investigação e de controle. Para Lupton (1999), as impressões e sensações das grávidas sobre suas experiências não mais representam a referência principal para os diagnósticos médicos sobre o bem-estar e o crescimento do feto; ao contrário, as tecnologias de imagens e os exames laboratoriais são hoje os principais recursos de conhecimento acerca do feto tomados como conhecimentos “seguros e verdadeiros”.

Graças à ecografia 4D, o futuro bebê mostra quem é, em imagens de grande nitidez, até mesmo suas expressões faciais (OLIVEIRA, 2000, p 72).



Figura 13 – REZAR SEPARAR. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 429, p. 21, out. 2003.

Essas imagens e enunciados propiciaram um reposicionamento do embrião/feto, um embrião e/ou *feto pessoa* que aparece como “pessoa plena de direitos” (MEYER, 2004b). Há em curso uma “pessoalização” cada vez mais precoce do embrião e/ou desse a quem se chama uma “pessoa em potencial”. A foto gravada da ultra-sonografia materializa essa pessoalização na medida em que possibilita aos futuros pais conhecerem e apresentarem a imagem não mais do feto, mas do “Pedrinho” ou da “Bia”, dentro da barriga da mãe. Essa questão reafirma o lugar da mãe cuidadosa, cujo papel já não é só o de possibilitar a procriação, mas também o de responsabilizar-se pela vida que armazena. No contexto desse debate, Meyer (2004b, p. 9) indica que um “ambiente fetal saudável passa a ser concebido como um direito do feto, e a mulher [gestante] que não oferece esse ambiente é posicionada como desviante, negligente ou, na pior das hipóteses, como criminosa em potencial”. Destaca-se, pois, nessa modificação do estatuto do embrião, um reposicionamento importante das mulheres gestantes.

Esse novo posicionamento do feto implicou, como destaca Lupton, uma remoralização da gravidez. O corpo da mãe, com isso, é compreendido como um corpo duplamente responsável por dois corpos. O feto/embrião no útero é tipicamente representado na cultura, na qual incluo as páginas da revista, como “frágil, altamente vulnerável, e seu desenvolvimento como algo suscetível a uma grande variedade de ameaças da mãe” (LUPTON, 1999, p. 5). Pode-se dizer que hoje a responsabilidade das gestantes é potencializada também pelo argumento do *feto-cidadão*.

Lupton (1999) destaca que, quanto mais os valores individuais progridem, mais se consolida o sentimento dos deveres para com os/as filhos/as. Para a autora, nenhuma outra forma de obrigação moral, como a das gestantes para com o feto, desfruta de tão amplo reconhecimento social. Lupton (1999) diz que se, de um lado, a pós-modernidade enfraquece os deveres em seu conjunto, de outro, amplia o espírito de responsabilidade em relação a filhos/as. A lista de críticas e deveres das mães é cada vez mais longa. Os “deveres das mães superam os do filho” (FORNA, 1999, p. 192), realidade que se torna mais destacada no contexto da *Pais & Filhos* a partir da década de 90. Para Forna (1999, p. 192), a violência contra o feto/embrião no ventre materno “passou a ser um dos delitos mais graves, mais intoleráveis na opinião pública” dos Estados Unidos, que estabeleceu uma punição legal aos eventuais agentes desse delito, nomeado de *fetocídio* (FORNA, 1999, p. 192).

No atual contexto histórico, confere-se ao feto⁵⁰ um conjunto de direitos distintos daqueles da mulher em cujo corpo ele está se desenvolvendo. Para Meyer (2004b), essa noção pode instituir conflitos entre os interesses da mulher e os do feto; nesse sentido, os direitos e liberdades civis colocam-se em xeque.

A veiculação das imagens intra-uterinas e dos exames, na *Pais & Filhos*, de um modo particular, dão forma concreta à idéia de que é o corpo da mãe que deve atender às necessidades específicas das crianças. É interessante observar que essas imagens tridimensionais, completas e detalhadas anatomicamente, com atenção especial ao corpo do feto/embrião no útero materno, fazem também um convite permanente a pais e mães a

⁵⁰ O ECA – Estatuto da Criança e Adolescente, nos artigos 3 e 4, outorga à criança (já na vida intra-uterina) o direito ao desenvolvimento físico, mental, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade, colocando como dever da família e da comunidade assegurar esses direitos.

sonharem com determinados modos de conduzir e viver a gravidez e com determinados biótipos físicos como o/a filho/a perfeito/a. As fronteiras da visualização atingem, hoje, até o detalhamento genotípico dos corpos ainda no útero materno, e quase tudo que tem conotação de inferioridade e deformidade desaparece das descrições da revista por meio de linguagem técnica, neutra e objetiva.

Assim, estar grávida e ser mãe parece ocupar uma posição de prestígio dentro do contexto da revista. Pergunto: onde fica o corpo paterno? Para Badinter (2003, p. 14), “as tecnologias das imagens a partir da modernidade minimizam cada vez mais a participação masculina”. Essas imagens sobre a gestação, em franca expansão na *Pais & Filhos*, fornecem, então, um modo particular de explicar diferenças e posições sociais: o corpo materno no centro do processo reprodutivo; o corpo paterno quase excluído do processo de implementação e de condução da gravidez – tanto que essa exclusão parece espalhar-se também para outras dimensões da reprodução social da vida humana, tal como a educação, o cuidado e a criação dos/as filhos/as.

Localiza-se, na revista, uma representação de maternidade em que as mulheres devem assumir, de forma concreta, o processo biológico da gestação e do parto, como também os cuidados posteriores que os/as filhos/as requerem, por um período mais ou menos longo da sua existência, ou seja, a chamada maternagem. Badinter (1985) refere-se ao uso ambíguo da maternidade na cultura. A maternidade remete ao mesmo tempo para um estado momentâneo de gravidez e para uma ação de longo prazo: a maternagem, a educação.

COMBINAÇÃO DO MODELO DE CASAL-IGUALITÁRIO COM O DE CASAL NÃO-IGUALITÁRIO

Ao mesmo tempo em que se verifica a exarcebção desse movimento que fortalece a centralidade da mãe no processo reprodutivo é possível delinear, também, nas páginas da *Pais & Filhos*, a partir da década de 80, um movimento que estende para o genitor, com mais ênfase, a responsabilidade da criação dos/as filhos/as. A revista passa a mostrar, de muitas

formas, a necessidade de *planejamento, cuidado, criação, educação dos/as filhos/as como sendo um problema do casal*. Observa-se a repetição e multiplicação de enunciados, tais como:

casal-companheiro,
casal-solidário,
casal igualitário,
filhos a dois,
gravidez compartilhada,
grávidos os dois.
(PAIS & FILHOS, 1980).

Como se vê nesses excertos, a *Pais & Filhos* propaga uma representação de família monogâmica heterossexual e, principalmente depois da década de 80, pelo menos mais igualitária, ampliando a participação do pai na educação dos/as filhos/as, em comparação ao que historicamente vinha sendo mostrado. Reportagens e imagens, a partir daí, mostram o quanto os homens também *podem* se envolver com os/as filhos/as. Note-se: eles podem, elas devem.

Penso que a situação do curso para gestantes é emblemática dessa nova questão no contexto da revista, que ensina que o pai também deve aprender:

Aqui, até papai aprende a ser boa mãe (PAIS & FILHOS, 1980, p. 76).

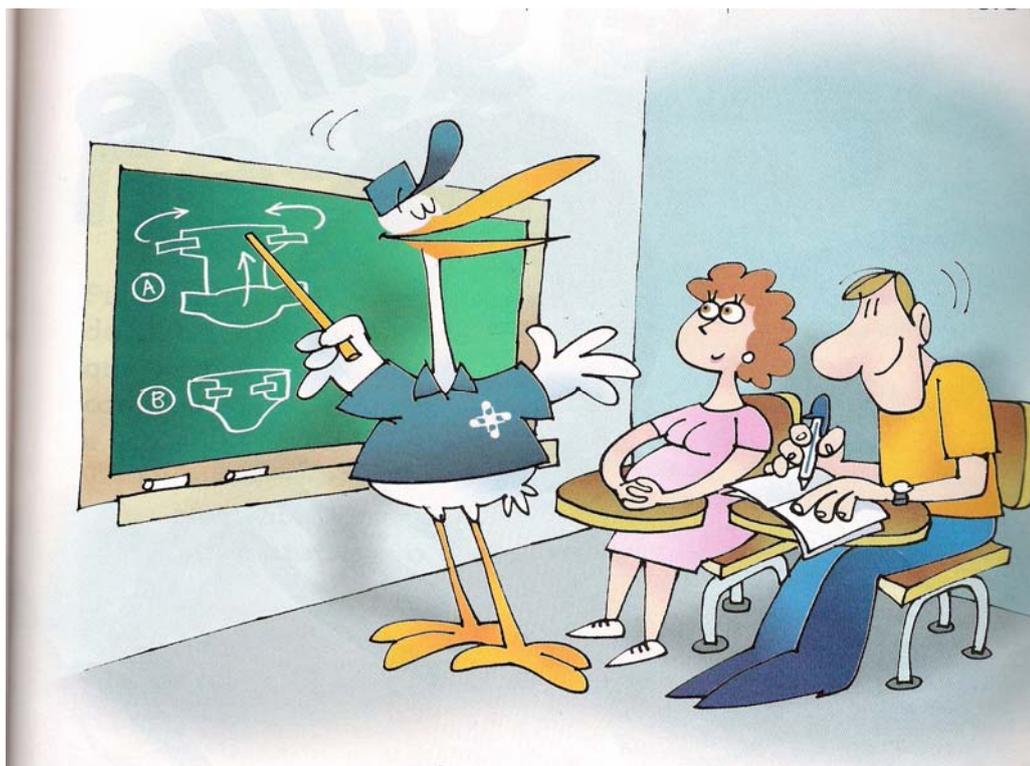


FIGURA 14 - SORIANI DAMN. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 138, p. 136, jun. 1980.

Como se observa na imagem, é o pai que está atento, anotando: ele está aprendendo. O texto repete:

(...) que todos saem daqui com o diploma de mãe. Todos têm um mesmo objetivo: aprender a ser pai. Ficam sabendo como *receber e curtir o filho* (para não ficarem fumando de um lado para outro na maternidade)... Pais aprendem e se conscientizam do que é ser pai (PAIS & FILHOS, 1980, p. 78).

Interessante, nessas situações, é que o pai é apresentado como alguém que está aprendendo; a mulher gestante parece já saber tudo, já nasce com “seu diploma de mãe”. De certa forma, nessa imagem, a mulher mãe continua sendo identificada com a natureza, e o homem o pai, com a civilização. Destaco a recorrência da paternidade como um acontecimento que se estabelece a partir de um determinado momento da vida do homem, com a experiência que se segue depois de confirmada a gravidez. Já a maternidade aparece como uma experiência de continuidade, de realização de um plano, desde sempre elaborado na história do feminino. A *Pais & Filhos*, em muitas passagens, mostra de um modo sutil que

a maternidade naturalizada é uma continuidade, sempre existiu: *ela já tem o diploma de mãe*. Para Costa (2002, p. 344), parece que

as mulheres vão se constituindo mães ao longo de suas trajetórias de vida, e que a maternidade é uma experiência de continuidade, de repetição, de realização de um plano desde sempre elaborado no passado feminino. A maternidade aparece como atualização de uma continuidade.

As falas apresentadas na revista possibilitam que as mulheres sejam apresentadas e descritas como sendo mães por natureza, dotadas do instinto da maternidade, embora a *Pais & Filhos* invista todo o tempo na educação dessa mãe. Assim, os mesmos discursos que reiteram e atualizam os cuidados para com os/as filhos/as como uma tarefa a ser compartilhada pelo pai também atuam no sentido de afirmar a maternidade com algo natural, instintivo do feminino.

Observa-se na revista a figura do “novo” pai, aquele que participa do cotidiano dos/as filhos/as: *receber e curtir o filho*, como destaca o excerto. Elisabeth Roudinesco (2003) chama-nos a atenção para o fato de que a figura do novo pai emergiu na esteira do movimento feminista que aponta quão pouco a maioria dos pais fazia por suas crianças, e das transformações das novas configurações familiares (os acordos)⁵¹. O movimento feminista questionou e questiona, seriamente, o lugar do homem e as hierarquias entre homens e mulheres, o modo como o homem relacionava-se consigo, com os filhos e com as mulheres. Todo esse questionamento surtiu efeitos culturais e nas práticas discursivas, o que vemos aparecer nas páginas *Pais & Filhos*.

Roudinesco (2003) destaca que, infelizmente, há muitas evidências de que o novo homem não seja mais do que um produto da imaginação dos *media*. Para a autora, embora o pai seja agora visto como quem dispensa um maior interesse pelos filhos/as, maior que nas décadas anteriores, o seu envolvimento encontra-se confinado a áreas muito limitadas.

Observa-se um movimento mais forte, a partir da década de 80, na *Pais & Filhos*, na direção de realçar que o bom pai é o que se preocupa, é aplicado, zeloso, amoroso

⁵¹ Ver Roudinesco (2003): descrições dos “novos acordos”, em que a família se consolida como um contrato consensual entre um homem e uma mulher com duração relativa à durabilidade do amor. Para a autora, a família não se dissolveu, mas se organizou de modo mais horizontal e em redes. O casamento perdeu o ornamento de sacralidade e, em constante declínio, é hoje caracterizado pela união afetiva dos cônjuges, com ou sem filhos/as, que se unem não mais por uma vida, mas por períodos aleatórios.

companheiro de seus/suas filhos/as e de sua família. De um modo geral, os pais aparecem em grande parte dessas reportagens como participantes das experiências maternas em relação aos/às filhos/as: brincando, passando a mão na barriga da mulher, acalentando o bebê, curtindo os/as filhos/as, transportando, até mesmo cozinhando para a família. Apesar disso, na revista, os homens não aparecem realizando outras atividades tradicionalmente femininas, como *trocar fraldas, dar banho, dar mamadeira*. A *Pais & Filhos* mostra o pai participante, em caráter provisional e esporádico, dentro de limites: quando se trata de cocô, não; quando o bebê chora ou está doente, é com a mãe. As mulheres são mostradas como personagens mais ativas, decididas, dinâmicas, com mais autoridade quando o assunto é o cuidados com os/as filhos/as. Ao contrário do que se possa pensar, não há nisso nenhum traço de inferioridade, pois ela está *cuidando do/a filho/a*, está feliz, e proporcionando o melhor de si para os/as filhos/as, como a revista procura destacar.

Então, é desse modo que destaco a existência, no contexto da *Pais & Filhos*, da articulação de duas representações aparentemente paradoxais: a do *casal-igualitário* com a do *casal não-igualitário*. Parece ser necessário salientar que, apesar das profundas mudanças em relação às tarefas domésticas e aos cuidados com os/as filhos/as, as tarefas seguem sendo diferentes para homens e mulheres. Dos homens pais a revista parece que espera colaboração e participação; os pais são aliados, e as mães são as responsáveis pela criação e educação.

Uma vez fecundada, recai sobre a mãe o peso de entregar ao/à filho/a as energias de seu corpo e de sua alma. É possível observar as implicações políticas (algumas destacadas ao longo desta seção) muito mais efetivas sobre as corporalidades das grávidas. Vale ressaltar que a maternidade continua a ser uma “tarefa”, objeto da partilha, que resiste em alguns pontos à equalização entre homens e mulheres, apesar de todas as transformações. Parece que permanece um constrangimento biológico que, apesar das transformações nos modos de pensar, configura um ponto de tensão no interior das relações entre homens e mulheres contemporâneos, entre um imaginário de relações igualitárias, individualizantes, e uma subjetividade hierarquizada pela impossibilidade de repartição de algumas tarefas, próprias da gravidez, apesar das formulações e experiências muito em voga que circulam a partir da metade da década dos anos 80, inclusive com certa força na revista, como o surgimento da noção de *casal grávido* (SALEM, 1983). Pergunto: casal grávido?!

Cada época diz o que pode dizer em razão de suas condições de enunciação e de seus campos de visibilidade (FOUCAULT, 1999). Nesse sentido, neste capítulo, procurei mostrar

uma multiplicidade de discursos, enunciados e imagens que parecem delinear os *a priori* históricos mais amplos do nosso tempo, que estão na base de um movimento mais geral que podemos chamar de politização do corpo grávido.

A partir do próximo capítulo, de modo mais pontual, localizo especificamente o discurso das práticas corporais e esportivas na revista, com o desafio de compreender como esse discurso veiculado na *Pais & Filhos* colabora com o processo de politização dos corpos grávidos. Assim, cada capítulo desta tese apresenta-se como reelaboração que dá lugar a um movimento em espiral, avançando, retomando e também acrescentando novos argumentos, ou considerações e conceitos demandados pelo diálogo com o material empírico.

5 AS PRÁTICAS CORPORAIS VISTAS COMO MODO DE CUIDAR DE SI

A partir deste capítulo, de maneira mais pontual, localizo o discurso das práticas corporais na *Pais & Filhos*. O modo como as gestantes são posicionadas nesse discurso é o ponto de partida deste capítulo – as posições correspondentes a várias ações discursivas, relacionadas a um tempo sociohistórico e às condições de produção de um discurso. Para Foucault (1997), são essas as condições que marcam o lugar de onde se fala, permitindo que um dado discurso que, em determinadas épocas, é minimizado seja, em outras, exaltado. Pesquisar o discurso das práticas corporais, neste caso, consiste em identificar os mecanismos e as estratégias acionadas para governo e regulação dos corpos grávidos na e a partir da *Pais & Filhos*. Para isso, procurei descrevê-lo e analisá-lo em sua historicidade. Retomo o passado, valendo-me de Carmen Soares (2002b, p. 1) quando diz:

(...) o passado [da *Pais & Filhos*] não revela verdades escondidas, ele apenas permite possíveis novas interpretações. Isso talvez porque o olhar para o passado seja sempre o olhar do presente, um olhar amalgamado pela experiência daquele que olha, pelas escolhas que faz, pelo lugar social que ocupa.

Na segunda edição da *Pais & Filhos*, encontrei a primeira prescrição de exercícios físicos para gestantes, traduzida nesta representação:



Figura 15 – Estúdio P & F. *Pais & Filhos*, São Paulo, n. 64, p. 18, fev. 1974.

Abaixo os Tabus da Gravidez... exercícios na gravidez.
Exercícios físicos, sim. Chope e cigarros **não**, pois fazem mal à saúde (PAIS & FILHOS, 1974, p. 66).

Observo que o movimento inicial da revista é no sentido de dizer que os exercícios físicos na gravidez *não são proibidos, nem perigosos, nem considerados impuros*. A *Pais & Filhos* faz, inicialmente, um claro esforço para dissociar os exercícios físicos de outras práticas consideradas perniciosas, tais como o consumo de fumo e de álcool.

As imagens dispostas entre as letras nessa chamada evocam um corpo grávido com roupa esportiva, com traços extremamente marcados pela maquiagem (toalete sofisticada, mesmo esportiva) e olhar atento (olhos carregados de negro, o que colabora para marcar os traços “fortes” da gestante). A imagem destaca uma gestante que cuida do seu corpo e que, por meio também de exercícios físicos, é *atenta, cuidadosa, moderna (uma mãe pra frente)*. Essa imagem encontra-se associada a outros excertos afirmativos:

Atividade física específica para gestantes tem como objetivo proporcionar uma condição de bem estar e de saúde integral às gestantes.
Os exercícios físicos são formas de cuidado que mantêm a saúde das gestantes (MALTA, 1974, p. 66).

A *Pais & Filhos* volta-se para a produção da nova mulher: moderna (*mãe pra frente*), desenvolta, ágil, responsável, capaz de enfrentar os desafios dos novos tempos; não despreza o exercício físico, embora haja uma necessidade imperiosa de adaptação das gestantes. Na revista, afirma-se que as práticas corporais visam à melhora da saúde, concorrendo para uma saúde integral. Surgem renovados interesses e conhecimentos sobre os corpos das gestantes, podendo-se pensar sua produção social a partir da metáfora da fabricação do soldado, como descrita por Foucault (1989, p. 201). O corpo da gestante “(...) tornou-se algo que se fabrica, de uma massa informe, de um corpo inapto”, faz-se uma gestante cuidadosa; “corrigiram-se aos poucos as posturas; uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível e se prolonga, cria-se o hábito”; em resumo, cria-se o senso de responsabilidade com a instauração do “modelo da gestante cuidadosa” produzido também pelas práticas corporais (FOUCAULT, 1988, p. 25).

As prescrições dos exercícios para gestantes emergem no contexto da *Pais & Filhos* e, de modo mais pontual, na edição de 1974, como prática de manutenção da saúde. São indicações/prescrições que se sustentam e se legitimam, inicialmente, pela ótica do cuidado, muito mais do que pela ótica do “culto ao corpo”⁵². O “cuidar de si” por meio dessas práticas é considerado, então, *como atitude de responsabilidade diante do outro – feto/criança – e da vida*.

O descuido na gravidez é visto, pela revista, como representativo de ação de descarte, desconsideração, desatenção para com esse outro; em contrapartida, o cuidado é visto como a valorização, a inclusão e a atenção para com o(s) outro(s), no caso, para com o/a filho/a. Há uma força pedagógica, no contexto da *Pais & Filhos*, que atua na direção de ensinar que o cuidado para com o feto, durante a gravidez, é mais abrangente do que as atitudes de atenção e zelo; cuidar é mais que um ato afetivo, é uma atitude de ocupação, de responsabilização, de envolvimento, sobretudo, *de trabalho corporal da mãe* – em suma, uma representação que se opõe ao descuido.

O descuido com a saúde do corpo grávido é visto como negligência. Descuido é um estigma do nosso tempo, como destaca Silva (2005); nesse sentido, aparecem na revista, de muitos e diferentes modos, as figuras da *gestante boa X gestante má*, esta última como destituída de competência para cuidar de si. A revista enfatiza, pouco a pouco, a figura da gestante cuidadosa com a sua saúde; entre as muitas práticas que essa gestante realiza, está a dos exercícios físicos.

O discurso das práticas corporais, na *Pais & Filhos*, concorre com outros discursos para posicionar a gestante como cuidadosa, aquela que acompanha as transformações deflagradas pelos métodos científicos para melhor gerir seu corpo, ou seja, *leva-se a sério*. Nesse contexto, a aspiração a produzir o/a filho/a perfeito/a e saudável é impingida com base no aparato dos discursos científicos e na resposta à seguinte questão: quais podem ser os cuidados de si? Pensar a mudança no senso de cuidado é descrever o que precisa ser cuidado e por meio de quais práticas necessita cuidar-se (VAZ, 1999). As diferentes artes de governar com suas respectivas racionalidades políticas, articuladas com as diferentes técnicas de cuidado de si, produzem modos de subjetivação. Foucault criou o conceito

⁵² As práticas corporais, na revista, têm se apresentado não como uma simples atividade entre as outras de embelezamento/modelagem dos corpos grávidos, mas como prática de cuidado, que promete a promoção/prevenção/proteção/reabilitação da saúde da gestante e do feto.

de “cuidado de si” e de “governamentalidade”. Este último denomina a relação entre tecnologias de governo (racionalidades políticas) e o cuidado de si (por meio de tecnologias do eu), particularmente no que se refere ao ideal de autocriação estética, à possibilidade de que cada um de nós possa tornar-se (a si e/ou o/a filho/a) uma obra de arte, como escolha ético-política; ou seja, entender e viver a vida como “ato de criação política” (FOUCAULT, 2004).

O argumento de que as práticas corporais promovem a saúde tem sido uma constante no discurso contemporâneo, de modo que dificilmente uma prática que se vincule à saúde das gestantes é(seria) desprezada pela revista. *Se as práticas corporais e esportivas promovem a saúde, porque não?*, diz o conselho editorial Arnaldo Niskier (1974). Assim, o discurso propagador da importância de cuidado com a saúde significado por essas práticas foi ganhando espaço, atenção e visibilidade na revista.

Carmen Soares (2003a) instiga-nos a considerar que, nos últimos 200 anos, no mundo ocidental, tem-se afirmado “uma cultura do movimento”, sustentada pela ciência e pela tecnologia, sobrepondo-se aos indivíduos, aos grupos, às diferentes classes sociais, como prática importante de cuidado que (re)define seus objetivos como uma prática indispensável à saúde⁵³. Como bem observa Carmem Soares (2003a, p. 10), parece que hoje há uma tentativa de convencimento “da necessidade imperiosa de colocar o corpo em movimento, sem o que não há saúde”.

Entendo que vários acontecimentos e movimentos contribuíram para a afirmação da importância das práticas corporais e esportivas prescritas para as mulheres, inclusive para as gestantes, no século XX. Castells (1999, p. 171-2) destaca quatro movimentos básicos associados:

O primeiro, a transformação da economia e do mercado de trabalho associada à abertura de oportunidades para as mulheres no campo da educação (...).
Em segundo lugar, vêm as transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, que proporcionaram um controle cada vez maior sobre a gravidez e a reprodução humana (...).
Em terceiro, tendo como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica, o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 60 (...).

⁵³ O uso dessa expressão é retomado porque, como observa Soares, se analisarmos o processo histórico da educação física no Brasil, perceberemos que esse tipo de legitimação das práticas corporais é bastante antigo. Soares (1994) afirma que as primeiras tentativas de incluir a educação física no universo escolar foram em nome da promoção da saúde, higiene física e mental, da educação moral e eugênica. A autora acrescenta que o sentido do conceito de saúde não ficou estático, modificando-se de acordo com as condições históricas de possibilidades.

E o quarto elemento é a rápida difusão da cultura urbana, industrializada e globalizada, em um novo mundo interligado, por onde pessoas e experiências passam e se misturam e se propagam (...).

Goellner (2004) destaca outros acontecimentos e circunstâncias que ajudaram a reforçar a importância das práticas corporais e esportivas para mulheres, como competições nacionais e internacionais, Olimpíadas, criação de clubes esportivos, programas governamentais e não-governamentais, mulheres “que faziam força física em casas de espetáculos, circos e *music halls* nos Estados Unidos e Europa” (2004, p. 362), proliferação das imagens esportivas da mídia nos cinemas e propagandas, a própria profissionalização do ideário esportivo, os concursos de *misses*, entre outros acontecimentos.

Entendo que acontecimentos esportivos como os destacados por Goellner (2004) criaram e criam condições de possibilidade para a afirmação, cada vez maior, da prescrição dessas práticas para as mulheres brasileiras, inclusive, para as grávidas. Muitos são os discursos e intervenções destinados a educar os corpos grávidos e o esporte, como prática contemporânea, não fica distante dessa afirmação. Não é à toa que uma variedade dessas práticas para as gestantes eclode com mais força a partir da segunda metade do século XX⁵⁴, garantindo-se como prática importante de cuidado pautada pela negação do corpo “real” e pela busca de aprimoramento dos corpos e da saúde. À medida que os anos transcorreram, as perspectivas sob as quais se qualificavam as práticas corporais e esportivas para as gestantes foram se alterando, sendo possível identificar, nas últimas décadas, algumas mudanças importantes.

As práticas corporais, no contexto da *Pais & Filhos*, são “práticas generificadas”, prescritas/produzidas por relações de gênero, como destaca Michel Messner (1992). Essa idéia também é reforçada por Louro (1992) ao afirmar que nossos corpos são educados, treinados, moldados e marcados pelas normas sociais, religiosas, políticas e culturais; há uma estreita e contínua imbricação que se estabelece entre o social e o corporal. O processo de educação de homens e de mulheres implica o processo de ensino/aprendizagens de valores transmitidos por conhecimentos, posturas, movimentos e práticas. E, nesse sentido, praticamente,

⁵⁴ A ampliação da participação das mulheres nos esportes escolares foi autorizada pelo Conselho Nacional de Desportos (Brasil 1979, Brasil 1983) e endossada por muitos acontecimentos e estudos científicos que jogavam por terra os argumentos sobre a probabilidade de as mulheres estarem mais propensas às lesões esportivas do que os homens (AZEVEDO, 1988).

todo movimento corporal é distinto para os dois sexos: o andar balançando os quadris é assumido como feminino, enquanto dos homens espera-se um caminhar mais firme (palavra que no dicionário vem associada a seguro, ereto, resoluto - expressões muito masculinas e positivas), o uso das mãos [...], o posicionamento das pernas ao sentar, enfim, muitas posturas e movimentos são marcados, programados, para um ou para outro sexo [assim como algumas práticas são mais prescritas para um ou outro estado, como o da gravidez] (acréscimo meu. LOURO, 1992, p. 58-59).

Folheando as publicações da *Pais & Filhos* ao longo dos seus 37 anos, pode-se dizer que há uma transformação em relação às práticas direcionadas às grávidas⁵⁵, percorrendo-se múltiplos caminhos, apresentando-se contradições, tensões entre uma orientação e outra. Uma primeira impressão depois da seleção e das inúmeras leituras que empreendi do material foi a de polissemia e/ou significação múltipla que o discurso das práticas corporais apresenta ao longo do projeto editorial da revista. Identifiquei didaticamente a presença desse discurso na *Pais & Filhos* a partir de três grandes movimentos.

Em um primeiro movimento, que compreende a primeira década de existência da revista, de 1970 a 1980, são mais enfatizadas as prescrições das atividades corporais alternativas, tais como: as técnicas de expressão corporal, de relaxamento e de alongamento, exercícios posturais, exercícios respiratórios, a ioga, a biodança, as massagens, o ciclismo, as ginásticas, que se desdobram sempre em novos tipos (*energic, zen, gym tonic*, alongamento, localizada, antiginástica). Essas práticas não desaparecem ao longo do projeto editorial, embora outras também, pouco a pouco, tomem mais força.

Um segundo movimento vai de 1980 a 1990, no qual se prescrevem outras práticas corporais às gestantes, tais como as ginásticas aeróbicas, a aeroginástica, as técnicas de exercícios respiratórios, as caminhadas e os esportes, como natação, atletismo. As práticas ditas de resistência foram mais enfatizadas, já que podiam tanto melhor conduzir a formação corporal e moral, quanto permitir maior condicionamento físico, acreditando-se que assim as gestantes dariam melhores respostas no trabalho de parto.

No terceiro movimento, de 1990 a 2005, observo um hibridismo, uma combinação de muitas e diferentes práticas, em que a musculação e outras práticas esportivas são veiculadas

⁵⁵ Um indicativo que mostra essa força no Brasil é a abertura de mais de 88 unidades da rede de academias Pelé Club. Quando perguntaram ao diretor administrativo da franquia qual seria seu público-alvo, respondeu: “as grávidas, os quarentões, cinquentões, sessentões”.

como um dos recursos mais importantes de limpeza dos corpos e da pele, juntamente com questões estéticas. É nesse sentido que encaminho a análise do objeto desta tese. Passo a discutir, então, como esses movimentos se apresentam no contexto da revista.

GRÁVIDAS: NEM O EXCESSO NEM A CARÊNCIA DE MOVIMENTOS CORPORAIS

É importante destacar que o cuidado ideal(izado) pela via das práticas corporais e de movimento, na *Pais & Filhos*, não convive, inicialmente, *nem com o excesso, nem com a carência de movimentos corporais*. A revista, nos primeiros dez anos do seu projeto editorial, faz todo um movimento para mostrar que as práticas corporais devem ser realizadas/vivenciadas pelas gestantes *na justa medida (...)*, com *movimentos nem para mais e nem para menos* (Pais & Filhos, 1970, capa).

Grávida, ponha o corpo em movimento, em particular as pernas, mas sem grande esforço (...) Gestante! Faça exercício com alma de quem fica sentada (KAMEL, 1975, p. 12-13).

Cuidar do corpo grávido agora implica “colocá-lo em movimento muito mais do que cercá-lo (...)” (SANT’ANNA, 1996, p. 256). É importante destacar que, no contexto da *Pais & Filhos*, se fazia presente, até então, a recomendação de cuidados para as pernas muito mais pelo uso de meias do que pela prática de exercícios físicos. Porém, a partir desse período, as recomendações de uso das meias se mantêm, mas acrescidas de prescrições de alguma prática corporal. As gestantes são estimuladas a assumir e a manter ações dinâmicas, em que uma representação corporal mais enérgica abre caminho, tornando insuficiente o uso apenas das meias. O repouso é substituído pelo movimento. Há uma abertura de espaço para as práticas de movimento. Recomenda-se:

(...) abrir-se para um trabalho muscular, um aperfeiçoamento da capacidade funcional, por meio das prescrições de alguns movimentos para o corpo grávido, com alternância de esforços estáticos e dinâmicos (KAMEL, 1975, p. 13).

A regra destacada, então, pela revista é a de que *a gestante deve se movimentar, mas na justa medida*; a busca da *justa medida* é cercada de parâmetros prescritivos. Na *Pais &*

Filhos e na cultura ocidental, havia um elaborado sistema de regras prescrevendo que o corpo grávido deveria ficar restrito a uma esfera segura; é um corpo que necessitava ser protegido e que, de preferência, jamais deveria ser exposto à violência que se supunha haver nas práticas esportivas de competição e em esportes que exigiam maior esforço, confronto corporal e movimentos violentos.

Badinter (1993) afirma que os esportes que envolvem competição, agressão e violência são considerados como a melhor iniciação à virilidade, pois é nesse espaço que os homens e/ou adolescentes ganham "*status* de macho", mostrando, publicamente, seu desprezo pela dor, o autocontrole do corpo, a força e a vontade de ganhar dos outros. "Em suma, mostra que não é um bebê, uma moça ou um homossexual, mas um homem de verdade" (BADINTER, 1993, p. 94). Essas foram algumas das representações que, inicialmente, contribuíram para afastar as gestantes das práticas esportivas.

Encontrei, nos primeiros anos de existência da revista, artigos objetivando incentivar as práticas corporais de movimento para gestantes, ao mesmo tempo em que veiculavam instruções e normatizações acerca dos exercícios que podiam ou não ser feitos. Como se vê:

(...) Esportes como trabalho pesado: as gestantes devem se resguardar das atividades esportivas, de movimentações pesadas, bruscas, esforços;

(...) as mulheres quando grávidas não podem fazer esportes, pois eles podem lesar e ainda debilitar a criança por nascer;

(...) as grávidas devem continuar realizando outros trabalhos corporais, como pequenas caminhadas, etc (KAMEL, 1975, p. 13).

A idéia veiculada, inicialmente, no projeto editorial da *Pais & Filhos* era a de que esforços rigorosos, *treinamento árduo, suor, fadiga*, condensados no termo "trabalho", estavam associados às práticas esportivas, o que implicaria prejuízo à saúde das gestantes. Já o último excerto reforça que alguns trabalhos corporais para as gestantes, como caminhadas, são não só aceitos, mas parecem ser até recomendados.

A própria relação "esporte e gestante", na *Pais & Filhos*, quase não é referida nos primeiros dez anos da revista; encontram-se apenas as expressões: *gestantes e as práticas corporais alternativas, gestantes e os exercícios físicos*. A expressão "esporte" está vinculada ao universo masculino, sendo também muito aconselhado/recomendado para as crianças, em especial, para os meninos.

Fazendo-se um pequeno mergulho histórico no campo da educação física na cultura ocidental, pode-se perceber uma opção preferencial pelas práticas esportivas⁵⁶. Essa tendência valoriza o esporte de alto rendimento⁵⁷, competitivo, prática que parece trazer certo estímulo à violência com, e entre, os corpos, tanto entre os desportistas para vencer, superar os limites, quanto dos desportistas para consigo, exigindo dos atletas, muitas vezes, uma sobrecarga de trabalho, treinamentos exaustivos e, não raro, o uso de estimulantes. As atividades esportivas de alto rendimento de muitos e diferentes modos, por meio de um trabalho exaustivo de repetições de gestos motores, de exigência da precisão de gestos técnicos e de aumento do esforço corporal, parecem transferir-se para os trabalhos com os não-atletas, fundindo-se com os motivos que, muitas vezes, orientavam e orientam as práticas corporais nas academias, clubes e escolas, como observa Soares (2005).

Entendo que essas características do esporte de alto rendimento, calcado na cultura de grande esforço corporal, provocaram reações críticas e uma mobilização no sentido de reformular as práticas corporais direcionadas para as gestantes. Assim, nos primeiros dez anos do projeto editorial da *Pais & Filhos*, as práticas corporais prescritas/recomendadas/indicadas para gestantes são as *alternativas, suaves e brandas*⁵⁸, tidas como uma forma importante de cuidado, distanciando-se do caráter de esforço. Localizam-se facilmente excertos como este que segue:

(...) É claro que os exercícios violentos das práticas esportivas estão proibidos para as gestantes, mas as atividades alternativas e suaves para gestantes são aconselhadas, aliás, recomendadas (FERREIRA, 1970, p. 41).

A revista formula uma proposta de trabalho corporal para as gestantes por outro viés, não pelo *ethos* do exagero dos esforços, da violência sobre os corpos e da competição. Ela otimiza o preparo do corpo grávido, mas com orientações no sentido de dar preferência às práticas corporais nomeadas e reconhecidas, nesse contexto, como alternativas e suaves.

⁵⁶ Soares utiliza outras denominações, tais como *voga esportiva, estilo de vida esportivo, versão atlética esportiva, versão muscular da vida em sociedade, culto da performance*; ver o texto *Práticas corporais: invenção de pedagogias?* (2005).

⁵⁷ Essa questão é tratada com muita propriedade por Soares (2005) e Vaz (2004).

⁵⁸ A revista trata as expressões “alternativas”, “suaves” e “brandas” como sinônimas. Desse modo, vou me referir ao primeiro termo – práticas corporais alternativas.

Chamo a atenção, aqui, para o uso do termo “alternativas” para designar essas práticas. Sua utilização indica que as práticas de alto rendimento seguem sendo reconhecidas e aceitas como norma e como referência do que se entende por prática de esporte. Sendo a gravidez uma condição particular, que demanda o abrandamento de esforços nas práticas, buscam-se propostas *alternativas*.

Uma consulta ao dicionário, a esse recurso tão enredado nas “operações de fixação e legitimação dos significados atribuídos às palavras”, como diz Meyer (2000, p. 36), permite delimitar algumas das definições do termo “alternativo”: “Diz-se daquilo que representa uma opção entre duas ou mais possibilidades.”; “Que adota uma posição independente em relação a tendências dominantes.” (AURÉLIO, 2000). Percebo que o uso da expressão “alternativa” como adjetivo do substantivo “práticas”, passa a representar o movimento que a revista faz para posicionar as práticas corporais *alternativas* em pólo oposto ao das práticas corporais *esportivas*. Como se pode observar, as práticas alternativas apresentam-se como um contraponto evidente, uma alternativa ao que era normal, ao padrão, ao estabelecido, enfim às práticas esportivas hegemônicas.

As práticas corporais são consideradas "alternativas" em relação ao modelo hegemônico das práticas esportivas, tanto pela sua disponibilidade quanto pela garantia de prudência com os corpos. O “investimento viril e quase artesanal que os esportistas exercem concretamente sobre seus corpos (...)” (POCIELLO, 1995, p. 117) parece ceder lugar a outros tipos de investimentos *alternativos* nos corpos grávidos. Essas práticas abrem novos espaços para outros jogos corporais, em que as gestantes se inserem por constituírem uma opção diferente do trabalho pesado, árduo, das práticas esportivas. O próprio adjetivo “suave” aparece no dicionário associado às expressões “delicado”, “moderado”, “equilibrado” – muito mais positivadas para o feminino e esperadas, sobretudo, de um corpo grávido.

Pode-se explicar *o alternativo*, no projeto da *Pais & Filhos*, evocando-se também os efeitos de uma cultura do movimento feminista⁵⁹, que, em vias de afirmação, no final da década de 1960, exigia respeito e direitos iguais, militando por alternativas aos corpos, como as de certa liberação sexual, discussões e práticas do amor livre, uso dos contraceptivos,

⁵⁹ É importante destacar que 1975 se torna o Ano Internacional da Mulher, logo estendido por todo o decênio (de 1975 a 1985). Encontros e congressos de mulheres se sucedem, cada qual com sua especificidade de reflexão, assim como a criação de dezenas de organizações, muitas nem tão feministas, mas todas reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhoria nas condições de trabalho. O "8 de março" é finalmente declarado Dia Internacional da Mulher, por iniciativa da ONU, e passa a ser comemorado em todo o País de forma cada vez mais organizada (SCAVONE, 1996).

aborto, divórcio (SACAVONE, 2004). A *revista* funciona um pouco como porta-voz de reivindicações, como "nosso corpo nos pertence", que foi um dos grandes motes a recuperar as inflamadas discussões promovidas por feministas e por anarquistas sobre corpo e sexualidade, no início do século XX.

É nesse contexto cultural que se modificam pelo menos em parte as posições de homens e de mulheres na casa, na rua, no trabalho, enfim, na vida em sociedade, e que se observa a emergência das prescrições de práticas corporais alternativas de exercícios físicos para as grávidas, que, como substitutas das práticas esportivas hegemônicas, e apesar de todos os filtros estéticos, técnicos, ideológicos e políticos, desempenham uma importante tarefa educativa dos corpos grávidos.

Desse modo, a revista dissemina uma quantidade de informações sem precedentes no sentido de reafirmar a importância das práticas de atividades corporais alternativas para as gestantes.

Grávida! Entregue-se às atividades corporais alternativas, suaves e brandas.

Para manter-se saudável e bem disposta durante toda a gestação, nada melhor do que deixar de lado a preguiça e mexer o corpo de um jeito suave e não de forma violenta (FARH, 1976, p. 17).

Esse excerto sinaliza o quanto, para a revista, as grávidas necessitam realizar atividades corporais diferenciadas. Entretanto, não podemos deixar de pensar nos diversos significados atribuídos à expressão “práticas corporais esportivas”, na cultura ocidental, como assinala Soares (2005). Se, de um lado, o esporte faz uma referência ao rendimento extremo, à competitividade máxima e à extrapolação de limites, de outro, associa-se à idéia de um trabalho de aprendizagem do espírito de equipe, cooperação, negociação e mesmo de superação individual (SOARES, 2005). As práticas corporais justificam-se para as gestantes, em princípio, também na esteira dessa perspectiva moral, como oportunidade para interação social. Elas são repolitizadas enquanto metáfora de “cooperação entre os corpos mãe e filho/a”, num contexto em que esse vínculo é um valor moral positivo, como justifica o excerto seguinte:

Nada é mais saudável do que as atividades físicas para melhorar a relação de ambos: mãe e feto (FARAH, 1976, p. 17).

Na próxima seção, discuto o conceito de pedagogias corporais por considerá-las educativas dos corpos grávidos.

OS PROCESSOS EDUCATIVOS IMPLANTADOS POR MEIO DE PEDAGOGIAS CORPORAIS

A discussão sobre os processos educativos e sua relação com as pedagogias corporais empreendida nesta tese tem nas reflexões de Louro (1999), Meyer (2003a) e Soares (2005) as principais referências teóricas. Desse modo, assumo a noção de educação considerada “como um conjunto de processos pelos quais indivíduos são transformados ou se transformam em sujeitos de uma cultura”, como afirma Meyer (2004a, p. 52). Para essa autora, tornar-se sujeito de uma cultura envolve um complexo de forças e de processos de aprendizagens que inclui, com especial ênfase, meios de comunicação como revistas, televisão, rádio, filmes, e demais espaços, como por exemplo, centros de lazer. Dentre esses processos de educação, se sobressai o das práticas corporais. Para Soares, a educação dos corpos se dá na relação de sua materialidade com o mundo:

(...) somos educados por tudo que nos rodeia, da palavra à arquitetura das casas, das escolas, dos prédios onde trabalhamos, educados pelas ruas e espaços destinados às práticas corporais, elas mesmas são formas específicas de educação (SOARES, 2005, p. 42).

Soares (2006) instiga-nos a pensar que as práticas corporais podem ser configuradas como uma forma de expressão concreta de possibilidades de educação dos corpos, entre os quais, inclui os das gestantes (SOARES, 2006). Para Louro (2004), essas práticas produzem posições de sujeitos e identidade(s), exercendo poder de autoridade e de sedução. Segundo pistas lançadas por essas autoras, as práticas corporais (alternativas/suaves, esportivas, de *fitness*, de lazer e outras tantas) são práticas sociais e históricas que dizem respeito diretamente a formas de educação dos corpos, uma vez que elas não se restringem apenas aos contornos das formas físicas, mas, sobretudo, implicam modos de comportamento e padrões de pensamento. Pode-se dizer que são “pedagogias virtuosas” de educação dos corpos grávidos.

As pedagogias corporais, para Soares (2005, p. 5), “(...) são portadoras de preceitos e dão formas aos corpos, (...) formas sensíveis e palpáveis que educam os gestos, induzem posições, comportamentos”. Elas materializam os processos de educação dos corpos, trazendo à cena um conjunto de saberes e práticas de saber-poder colocadas sucessivamente em jogo, caminhando na direção de educá-los.

Esses pressupostos teóricos de Louro (2000), Meyer (2003a) e Soares (2005) autorizam-me a pensar em quantos corpos, sucessiva e simultaneamente, as diferentes pedagogias propostas pelo discurso das práticas corporais, no contexto da *Pais & Filhos*, têm ajudado a produzir e educar. Assim, investigo na revista as diferentes atualizações de algumas dessas pedagogias corporais, que “incorporam, em seus lentos processos de constituição, as transformações da sensibilidade de cada época”, mais precisamente, uma racionalização de determinados modos de educação dos corpos grávidos, a fim de explorar “como nos tornamos o que somos” (FOUCAULT, 1999). Os modos pelos quais

nos tornamos sujeitos, os modos de *subjetivação*, aparecem e se desenvolvem historicamente como *práticas de si* que vigoram dentro de práticas discursivas (saberes) e práticas de poder que testemunham pela descontinuidade de suas formas históricas (FOUCAULT, 1988, p. 23).

É possível, portanto, falar em pedagogias corporais “(...) como um modo bastante eficaz de governar a si próprio e de controlar as populações”, inclusive as grávidas (SOARES, 2005, p. 46). Essa reflexão sugere pensar que, no âmbito dessas pedagogias, “há modos singulares de tratar os corpos, de exercitá-los, de compreendê-los (...)”, pois elas educam visando a determinados modos de vida. A partir dessas referências, é possível afirmar que as práticas corporais alternativas, dentro da *Pais & Filhos*, se constroem como um discurso importante de “cuidado de si”, apresentando-se em duas condições: como uma alternativa (crítica) às práticas esportivas e, ao mesmo tempo, como uma prática propositiva, que estabelece a positividade de suas próprias ações. O campo das práticas corporais

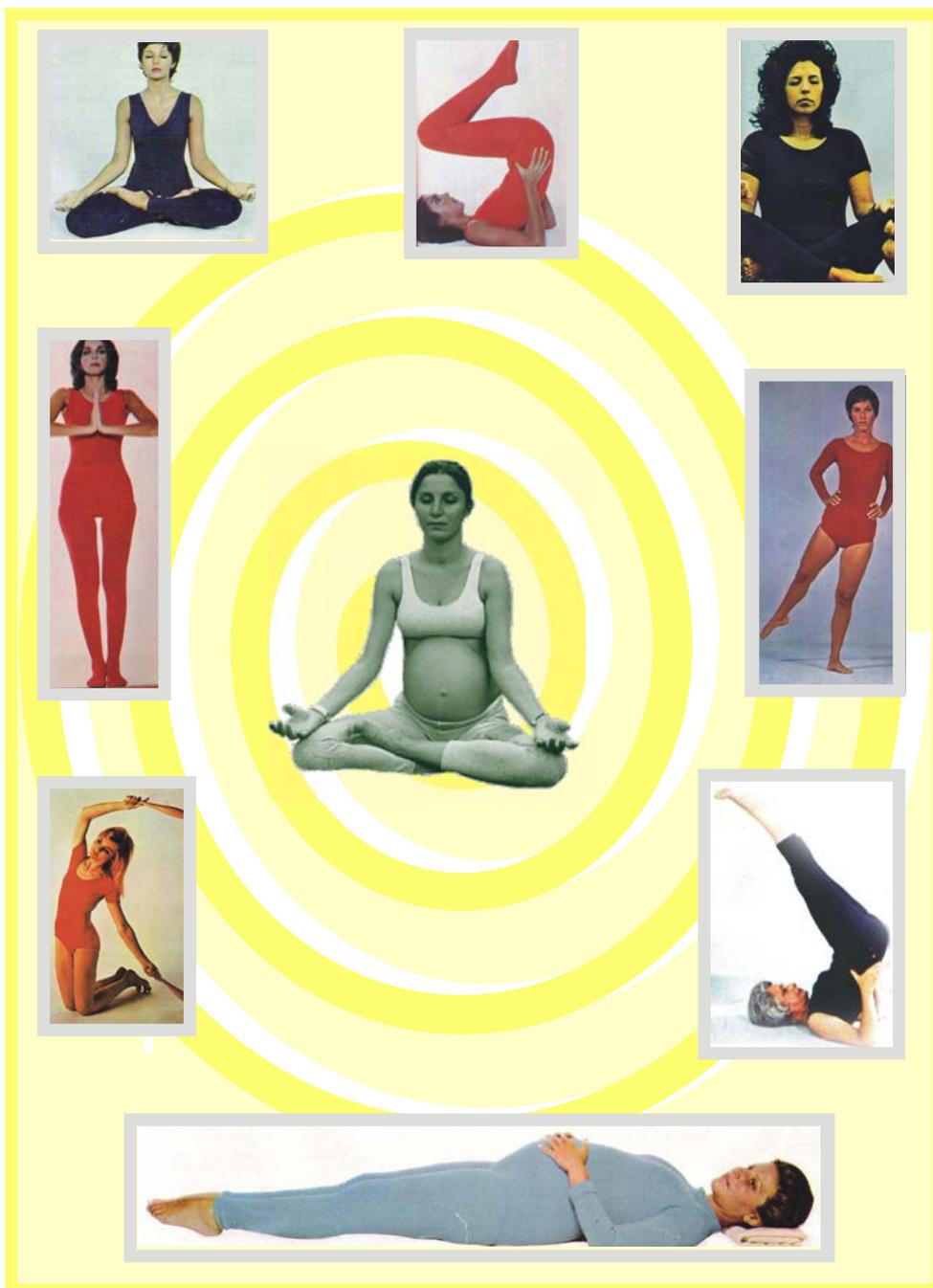
(...) não é um campo de atividades e técnicas separado de receio e desejos sociais mais amplos: cada prática corporal [alternativa, esportiva, *fitness*], freqüentemente, produz um corpo heterogêneo, capaz de exprimir e absorver os fantasmas, receios, desejos e limites de cada sociedade na qual se desenvolve (SANT’ANNA, 2001b, p. 21).

Desse modo, as práticas corporais alternativas e/ou esportivas, como todas as outras práticas, não são neutras; elas produzem efeitos na vida e nos corpos das gestantes. Direciono, inicialmente, minhas análises para elementos que possam mostrar como as práticas corporais alternativas conjugam as dimensões pedagógicas e políticas nas suas ações. Destaco que as práticas corporais alternativas não estão descoladas do contexto social, político e econômico em que se desenvolvem, estando articuladas tanto ao contexto histórico mais amplo – do estímulo ao exercício físico, movimento corporal e demonização do sedentarismo – quanto ao contexto mais específico, que inscreve, a meu ver, um modo de politização dos corpos grávidos na contemporaneidade. Então, as pedagogias corporais são, antes de tudo, educativas, não apenas por educarem os corpos grávidos, mas, mais do que isso, porque educam as gestantes a viverem, corporalmente, suas gestações de determinados modos.

Foucault demonstrou que bons momentos para se escrever uma história política do corpo são aqueles em que os “dados” podem ser observados, no sentido de se perceber a vigência de mecanismos de poder, cujo objeto é o corpo; seriam aquelas passagens históricas em que o corpo é disputado em um campo específico de saber (FOUCAULT, 2004). Portanto, é válido destacar algumas das estratégias, mecanismos, formas adversas de educação pelas quais, de uma ou outra forma, os discursos das práticas corporais alternativas se reportam aos corpos grávidos. Como destaquei anteriormente, por um lado, nota-se uma forma de educação do corpo dita mais hegemônica, a do esporte de alto rendimento, por meio de um trabalho exaustivo de repetições, precisão de gestos e aumento de sobrecarga, tornando o corpo forte e saudável, como presume o discurso quase hegemônico da educação física; por outro, no pólo oposto, há uma educação do corpo descrita no contexto da revista como alternativa, também munida de artifícios e de intencionalidades para dar conta da educação dos corpos grávidos.

Aventuro-me a analisar alguns elementos desse projeto educativo da *Pais & Filhos*, calcado nas práticas corporais alternativas, brandas e suaves, abordadas na primeira parte. Na segunda parte, detalho alguns dos modos específicos de educação dessa pedagogia corporal.

O DISCURSO DAS PRÁTICAS CORPORAIS ALTERNATIVAS E AS GESTANTES



Figuras 16 - Estúdio P & F. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 85 dez. 1975⁶⁰.

Nesse quadro, procurei mapear as práticas alternativas que por terem sido classificadas como ideais para as gestantes tiveram, de 1970 a 1980, maior impacto no contexto da *Pais & Filhos*. Dentre elas, destaco: a eutonia, as terapias de meditação corporal, a bionergia, a

⁶⁰Estúdio P & F. **Pais & Filhos**, n. 97, p. 119, dez. 1976.

biodança, os alongamentos, a antiginástica, os exercícios de reeducação postural global e respiratória, a ioga e o *tai-chi-chuan*. Começo perguntando-me: o que é proposto no contexto da revista como práticas corporais alternativas? Como essas pedagogias ajudaram e têm ajudado a produzir os corpos das gestantes?

Como se vê nas imagens do quadro, há um conjunto de valores propostos nessas pedagogias, tais como: o uso do corpo de forma individual, tranqüila, lenta, leve, distanciando-se da expressão de dor, de sofrimento e de esforços corporais exagerados, embora as gestantes não deixem de exercitar o corpo. As imagens, em vez de ligeireza, mostram a tranqüilidade e a serenidade das gestantes em ação, atividades que parecem sugerir o não-embrutecimento dos corpos grávidos e até, pelo contrário, prometem suavizá-los e, ao mesmo tempo, energizá-los.

Para Vigarello (2001) e Soares (2002a), a história do corpo (da primitiva à pós-moderna) é um pouco a história da “civilização do gesto” e das qualidades físicas, adquiridas pelos modos de educação; é uma história heterogênea e plural, contemplando diferentes modos de sociabilidade e de diferenciação. Nesse sentido, assumo o desafio de pensar como algumas dessas qualidades físicas foram (e são), historicamente, colocadas em cena por determinadas pedagogias corporais.

De modo particular, no contexto da revista, as práticas corporais que exigem menos esforços são apresentadas como um modelo alternativo para as gestantes, referindo-se muito mais às dimensões *comunicacional, perceptiva, espiritual, energética dos corpos* do que à dimensão do desenvolvimento da aptidão física. A revista tenta marcar a diferença das atividades alternativas em relação às atividades hegemônicas, dizendo:

No ambiente das práticas alternativas não há nada de corpos suados se esforçando desesperadamente, muito menos um preparador físico musculoso incentivando seus alunos na base da gritaria. Ao contrário, o clima é totalmente *zen* e o silêncio impera. Os sons que se ouvem são os sonoros bocejos das alunas, tamanho o estado de relaxamento em que mergulham.

O trabalho tem o objetivo de dar tranqüilidade e segurança à gestante e ao seu bebê em uma fase de transformações físicas e mentais. Os exercícios realizados são leves, com pouca carga, não prolongados e com intervalos de repouso.

Trata-se de práticas holísticas, a palavra vem do grego *holos*, que significa o todo, ou seja, é o equilíbrio físico e mental. (...) as praticantes não se limitam a copiar os movimentos do professor, cada aluna realiza de acordo com suas capacidades (KINSEY, 1978, p. 48).

A revista faz um movimento para destacar que as práticas corporais alternativas são mais abrangentes, pois tratam os sujeitos de modo integral, considerando as dimensões física, psicológica e espiritual como importantes e articuladas, numa busca pela “unidade” e “totalidade” do ser. Postula-se fazer:

(...) uma leitura holística, integral, singularizada de cada organismo, mais equilibrada, menos fragmentada, englobadora do físico, do psicológico, do espiritual (KINSEY, 1978, p. 49).

A *Pais & Filhos* leva-nos a pensar que essas práticas *interferem no estado geral das gestantes, portanto, geram uma sensação de bem estar e equilíbrio*. O equilíbrio entre as dimensões *corpo-afeto-emoção-razão* é uma qualidade e um valor destacado como peculiar dessas práticas. Infere-se que as práticas alternativas compreendem e tratam o corpo da seguinte forma:

(...) muito mais do que cabeça, costas, braços, pernas, ele é a pessoa com tudo o que isso implica, sentimentos, história, cultura, reunidos e impressos em cada célula que o constitui (KINSEY, 1978, p. 48).

Para Courtine (1995), pode-se falar que as práticas corporais alternativas instituem um novo paradigma de ação, cujas raízes estão na contracultura dos anos 60⁶¹, que se caracterizam pela crítica ao dualismo corpo/mente. Percebe-se um conflito nos discursos veiculados na revista: de um lado, o corpo grávido decomposto em partes – mamas, útero, barriga –, submetido à razão analítica para melhor aprendizagem e manejo como destaquei no capítulo anterior; por outro, no discurso das práticas alternativas, é proposto um trabalho que contempla o corpo por “inteiro”.

Muitas das práticas alternativas são apresentadas pela revista tanto como *terapias corporais* quanto como *práticas corporais*⁶². O termo “terapia” aparece explicitamente nas

⁶¹ Essa noção de corpo parece estar vinculada a alguns movimentos de forte caráter social: *hippie*, ecológico e feminista.

⁶² A incorporação das práticas corporais alternativas no universo da formação curricular da educação física emergiu em alguns projetos há pouco tempo. No Brasil, por exemplo, na Universidade Gama Filho, a inclusão ocorreu em 1992. A formação dos professores das práticas alternativas deu-se em circuitos paralelos aos oficiais, fora da formação da educação física e, não raro, no cruzamento paralelo das formações de terapias alternativas (LACERDA, 1995).

falas, sob forma de depoimentos das leitoras da revista. Declarações como as que seguem são típicas na *Pais & Filhos*:

(...) pra mim, essas aulas são como terapia, depois que faço, sou outra pessoa, eu me sinto mais leve declara Marília, 32 anos.

Jane Russo destaca o *boom* das terapias, em especial na classe média brasileira, como um fenômeno que não se restringe ao campo da psicologia: “faz parte, na verdade, de um *boom* mais amplo, de técnicas, práticas e crenças, que constituem um complexo alternativo” (RUSSO, 1998, p. 111). Para Russo (1998), muitas dessas atividades corporais ocuparam um hiato das ditas ciências “psi”, uma vez que a promessa de democratização da psicanálise não se viabilizou devido às condições econômicas da população e, também, devido à popularização de outras abordagens⁶³, como as de Wilhelm Reich⁶⁴, Alexander Löwen e Therese Bertherat.

Há, na *Pais & Filhos*, uma valorização das práticas que tomam como princípio a ação do corpo em detrimento da palavra (RUSSO, 1998). Conforme a revista, para muitos dos problemas psíquicos, a solução está no corpo. O bem-estar psicológico (*feeling good*) é entendido como consequência das condições corporais (COURTINE, 1995). Por isso, para o projeto editorial da *Pais & Filhos*:

(...) Não basta liberar a mulher da miséria econômica, também é necessário liberar de sua miséria corporal, afetiva, sexual, para desfrutar o prazer de viver corporalmente.
(...) exercícios e terapias corporais resolvem 90% desses problemas (VASCONCELOS, 1977, p. 13-16).

⁶³ Muitas dessas práticas/terapias corporais alternativas vinculam-se, teoricamente, às correntes psicológicas de Reich. No contexto da revista, *a couraça do caráter e a couraça muscular seriam equivalentes em sua função*.

⁶⁴ Há uma longa produção de obras de Reich (1999) e de Lowen (1988) de fácil acesso no Brasil.

A revista afirma que grande parte das mulheres brasileiras tem uma relação com seus corpos marcada por uma educação de rigidez, de certo desprezo pelo próprio corpo, sendo cercadas de prescrições inibidoras desde que nascem, tais como:

(...) feche as pernas;
(...) comporte-se, tenha modos;
(...) endireite o corpo;
(...) tire as mãos daí, não toque, não se mexa (Pais & Filhos, 1977).

As práticas corporais alternativas *visam a tratar o ser humano como um todo*, analisando os efeitos de manifestações aparentes e procurando as causas que geram os bloqueios, sejam eles de origem *corporal ou emocional*. A revista as prescreve e afirma que são terapêuticas inestimáveis que propiciam às mulheres mais sensualidade e emoções estéticas e até mesmo eróticas, qualidades valiosas que atuam de forma positiva e ajudam *as mulheres a ser mais donas de si, de seu corpos* (PAIS & FILHOS, 1978, capa). As indicações das práticas alternativas para as gestantes relacionam-se com uma pedagogia que pode ajudar as mulheres, quando grávidas, a manterem-se atraentes e desejáveis. A idéia da *Pais & Filhos* é que o corpo grávido também pode ser modificado, conquistando, inclusive, mais sensualidade e determinadas performances sexuais e eróticas.

A revista sustenta que a vida produz marcas nos corpos, daí a importância das práticas corporais alternativas, pois elas:

(...) são técnicas corporais que estimulam e ajudam as gestantes a exercerem uma certa flexibilidade, uma certa frouxidão com seus corpos. Muitos artigos falam em desrepressão (fazer cessar a repressão existente) do corpo, afrouxamento do corpo, um corpo mais aberto (AURI BRAGA, 1978, p. 31).

De um lado, observa-se, por meio da linguagem característica dessas práticas, um imperativo para que as gestantes *relaxem, afrouxem as tensões, respirem com suavidade, sintam o corpo*. De outro, essas práticas significam, enquanto ideal, o domínio de si, a autonomia corporal, a quebra das dependências, caminhando na direção de um incentivo para que as gestantes *labutem para ser donas de si (de seus corpos)*.

As práticas alternativas servem, sobretudo, por meio de um discurso atrativo, para pensarmos o corpo como *espaço de prazer, distanciando-se da idéia do corpo sofredor*. A revista destaca que, para muitas mulheres, o corpo só existe à medida que causa dor e, nesse sentido, sensibiliza as gestantes para que procurem inserir nas suas vidas as práticas alternativas como técnicas corporais que, no seu conjunto, as ajudam a *reencontrar seu corpo e a tirar o mais alto grau de proveito possível de vida que há nele* (PAIS & FILHOS, 1977).

Não obstante a insistência da *Pais & Filhos*, em especial nas décadas de 70 e 80, em mencionar a *repressão corporal* das mulheres, tal posição é frequentemente descrita como do passado, em oposição à de uma "mulher moderna", que reivindica a *liberdade corporal*. Foucault (1988), no primeiro volume da obra *História da Sexualidade*, no primeiro capítulo, discute o que ele chama de "hipótese repressiva". Ele pergunta se a repressão (do corpo) seria um fenômeno característico da Idade Clássica⁶⁵, já que até hoje muitos acreditam ter sido o século XX a era da "grande libertação". Enfim, Foucault (1989) questiona: de que repressão se trata e de que liberação se fala? Ele propõe uma leitura mais rica dessa relação repressão/liberdade. Não nega que, em muitos momentos, houve repressão, mas, para ele, a dinâmica é mais complexa, mais sutil, mostrando que ocorreu um controle dos sujeitos através de técnicas de si, e a partir de seu argumento podemos pensar que o discurso das práticas alternativas participa também de um controle contemporâneo dos corpos grávidos.

Observo que, nessa discursividade, a gestante é investida de uma missão produtiva de conhecer, governar e administrar o seu corpo e o estado de gravidez. É dessa forma, pois, que o discurso das práticas corporais alternativas, na revista, se constitui pelo *ethos* que individualiza o corpo. São práticas que procuram levar as gestantes a curtir seu próprio corpo e a sua condição a exemplo das formulações a seguir:

(...) práticas corporais alternativas tratam de ensinar a gestante a afinar a escuta a seu corpo (...) Desenvolvem a tomada de consciência total e harmoniosa do corpo (BRAGA, 1978, p. 32).

⁶⁵ O pensamento de Foucault privilegia o eixo sincrônico, sensível, identificando três momentos bem distintos: a Renascença (XVI), a Idade Clássica (XVII-XVIII) e a Modernidade (XIX-XX).

Essas práticas centram-se naquilo que a revista chama de trabalho consciente de si. Para Bauman (2001), os sujeitos pós-modernos são convocados a serem “coleccionadores de experiências e sensações” corporais no modo de experimentar os movimentos dos corpos. O corpo fica mais livre para o gozo dos sentidos; torna-se uma “central de sensações”, porque se aposta no sentir. Essa convocação se insere no discurso da *Pais & Filhos*, que insiste em evidenciar a necessidade de restabelecimento do contato eu-corpo; nesse contexto, o discurso das práticas alternativas desafiou (e desafia) as gestantes a serem:

(...) menos carregadas e mais leves;
(...) mais lúcidas e menos dependentes;
(...) mais exigentes e menos submissas;
(...) mais flexíveis e menos engessadas com seus corpos e seu estado de gravidez
(BRAGA, 1978, p. 32).

Foucault (1988) destaca que cada sociedade tem suas formas específicas de “configurações de controle”. Inspirada nele, penso ser possível considerar que, na *Pais & Filhos*, se processa uma substituição crescente do controle “duro” pela suavidade do autocontrole das práticas alternativas. As formas austeras da pedagogia corporal disciplinar rígida perdem terreno para as pedagogias comunicacionais, de iniciativa do desenvolvimento pessoal e íntimo com o corpo. Destaco a seguir algumas formas mais específicas de educação dos corpos grávidos produzidas por essas práticas.

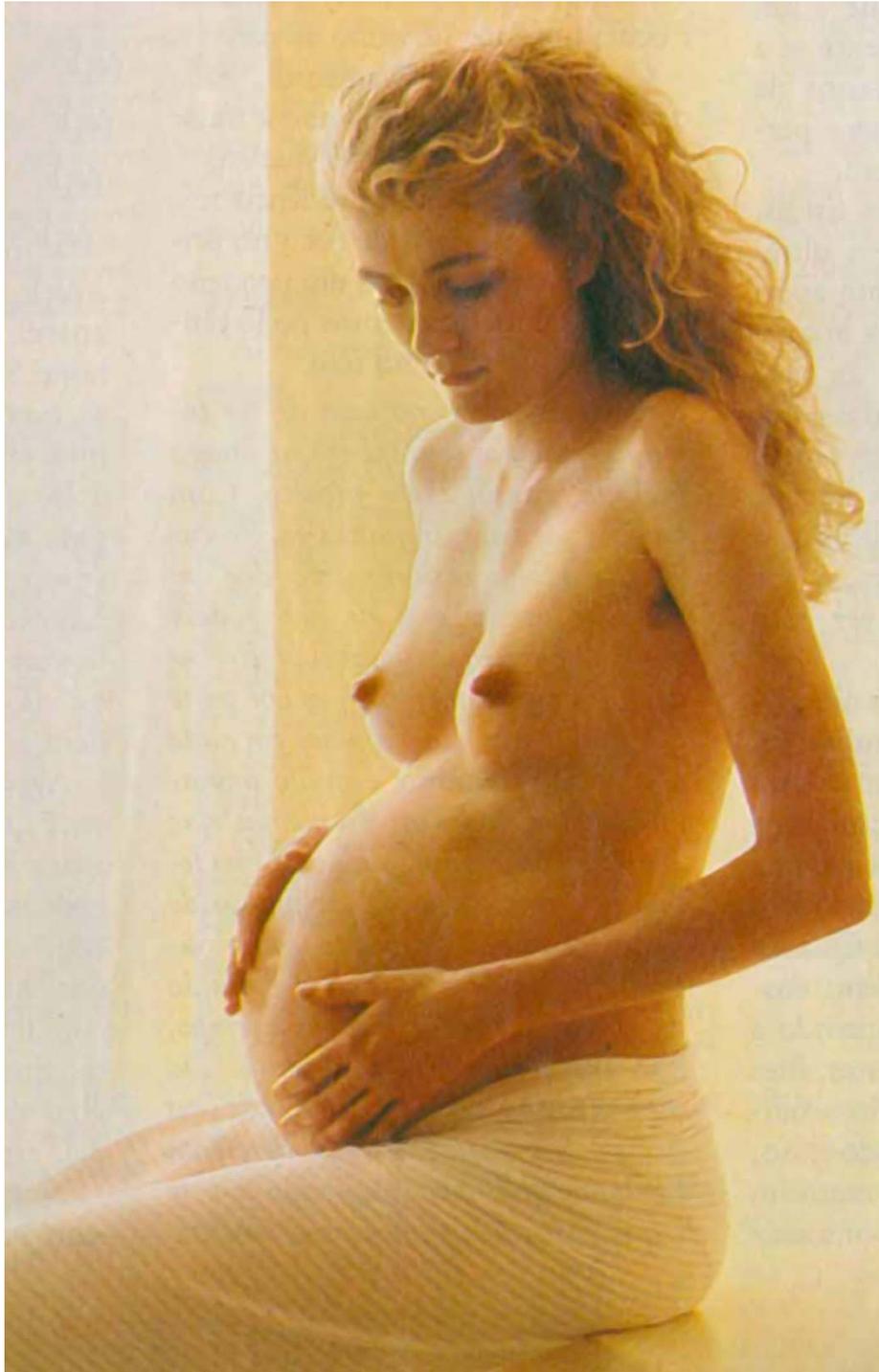


Figura 16 – ELTERN. **PAIS E FILHOS**. São Paulo, n. 295, p. 13, 1978.

Toque na barriga.

Você deve respirar devagar e num ritmo constante, toque, aperte e solte (como se estivesse amassando pão) a barriga, toque afagando-a, toque muito suave e lentamente, toque encostando levemente na pele, toque mais firme (de segurança). Essa técnica pode ser feita também em movimentos circulares (EQUIPE PAIS E FILHOS, 1976, p. 119).

As práticas alternativas apresentam-se, como se observa na imagem e no excerto, como um trabalho corporal educativo que caminha na direção de mostrar a gestante se relacionando harmonicamente, com afabilidade, maciez, brandura e curiosidade com seu estado de gravidez. Esse exercício enfatiza, por isso, movimentos contínuos, comedidos, sensíveis, tranquilos, harmoniosos. Para realizá-lo a mãe age, ordena, acarinha, mima, afaga – mãe representada aqui como aquela que dá assistência, auxilia, agüenta; aquela que não se afasta da interação e conformando-se com a conduta, abaixa os olhos, junta as mãos e cobre com ternura o/ filho/a, num ato de espera do que deseja. Um desejo que se realiza com a suavidade no movimento dos dedos, o apelo ao tato, ao toque, à intimidade, o desejo expresso de harmonia, de realizar a fusão mãe-corpo-filho. As práticas parecem sinalizar para a possibilidade de “retorno a um paraíso perdido” em que mãe e filho/a, supostamente, podem se reencontrar. A ênfase do exercício está na comunicação da mãe consigo e com o outro (feto/embrião), no prazer de enfrentar a si e à gravidez.

Esse exercício acentua-se muito mais na dimensão da comunicação individual com o próprio corpo e com o/a do/a filho/a, como se observa na imagem. A comunicação desses passa, aqui, pela experiência de viver: “suavidade, delicadeza, produção de si por meio do exercício (...) ao mesmo tempo flexibilidade e rapidez de adaptações [ao estado da gravidez], leveza e mobilidade, trabalho de vínculo com o outro, senso de iniciativa, capacidade de se envolver com outros” (...), como observa Christian Pociello (1995, p. 124).

Familiarizar-se com o corpo e com o estado de gravidez é apontado, pois, como um dos argumentos mais contundentes para enfatizar os benefícios das práticas alternativas pela *Pais & Filhos* a partir de 1975. Por exemplo, inúmeros exercícios corporais individuais, como o que destaco abaixo, têm como foco sensibilizar as gestantes para essa nova condição.

Objetivo: aprender a observar o corpo
(...) sente confortavelmente diante do espelho (de preferência, nua) observe e toque suavemente no rosto, no colo e nos seios, na barriga (demoradamente) e visualize seu útero.

Visualize agora seu bebê e o espaço que ele está ocupando em seu útero, localize a placenta e o cordão umbilical. Devagar, vá imaginando lentamente cada parte do corpinho, cabeça, peito, braços, mãos, dedos, órgãos sexuais, a cor dos cabelos, o formato do nariz e da boca, dos olhos e a cor... sinta seu coraçãozinho e deixe que a energia de amor do seu coração chegue até você.

Esse exercício, o ideal é que dure uns 40 minutos (KAMEL, 1975, p. 12-13).

As características principais dos movimentos propostos nesse exercício são o contato, o toque e a escuta. Parece que aqui "ser mãe é desdobrar-se, fibra por fibra, em dedicação", como destaca Coelho Neto⁶⁶. O aspecto que quero enfatizar é justamente a participação do discurso das práticas corporais suaves na ressignificação da relação corpo-gestante e também da relação mãe-feto como um dos discursos que educam as gestantes a *aceitarem* e a *entenderem* o novo corpo, que *se modifica com a gravidez*, e a estabelecerem vínculos amorosos com o feto – já representado como um *coraçãozinho* que pulsa de amor pela mãe. Para o conselho editorial da revista, quanto mais cedo as mulheres aceitam a condição de estarem grávidas, mais rapidamente têm probabilidade de mudar alguns maus hábitos, tais como: *beber muito café e refrigerantes, ingerir álcool*,⁶⁷ continuar fumando, usar outras drogas. Essas são estratégias de treinamento em que as gestantes são ensinadas a renunciar aos maus vícios e/ou, pelo menos, a reprimi-los na gravidez.

Lupton (1999) destaca que, no contexto de determinadas vertentes da Psicologia do Desenvolvimento Infantil, a gestante deve passar, durante a gravidez, por “sucessivas e adequadas etapas” para identificar o que é o *self* e o que é o bebê – reconhecer o bebê como ser autônomo, separado de si e, ao mesmo tempo, ligado a ela pelo desenvolvimento de um forte vínculo afetivo.

Entendo que esses tipos de exercícios sinalizam, também que o próprio ato de cuidar de uma outra pessoa é um ato *gentil, harmonioso, afetuoso* que demanda atitude de colaboração, envolvimento, doação, troca e comunicação. Como se observa nos exercícios anteriores (e em grande parte de outros) prescritos pela revista, há a eliminação do esforço físico, do suor e da fadiga, que são substituídos pela busca do contato e vínculo mãe e filho/a. A harmonia e a gentileza da mãe para com o/a filho/a, comumente vistas pela cultura como habilidades espontâneas das mulheres, são aprendidas ao preço de controle e vigilância, também veiculados pelo discurso das práticas corporais alternativas. Quem diria?

Nesse tipo de exercício cuidar de si, na gravidez, implica então envolvimento e dedicação para com o outro. A isso também se vincula a responsabilidade da mãe, fazendo

⁶⁶ Fragmento retirado da poesia *Ser mãe é padecer num paraíso!*

⁶⁷ É interessante destacar que a era do consumo acentua a pacificação dos comportamentos, fazendo um movimento para diminuir as agressões físicas.

emergir a preocupação com o ser que ela gestou, reforçando a posição de mãe responsável. Essa atividade desafia a gestante a tornar-se íntima do seu corpo e da sua condição, bem como do corpo de seu/sua filho/a, o que se contrapõe a uma racionalidade fria, abstrata e distante nos modos de relacionamento, dando vazão a uma racionalidade sensível e afetuosa.

A técnica do toque é mostrada pela revista como imprescindível e desejável para dar segurança e estabelecer confiança entre mãe-filho/a. Ensina-se a mãe a ter mais paciência e menos egoísmo com seu corpo e a receber o/a filho/a com menos sofrimento. Esse tipo de prática parece ensinar, ainda, que a gravidez é um trabalho de “alianças” na dimensão da intimidade mãe e filho/a. A distribuição de posição dos corpos de mãe e filho/a, a orientação dos olhares sobre uma relação de visibilidade e exposição permanente, a privacidade exposta ao olhar constante e à vigilância contínua são formas de exercício de poder que se realizam aí. Posso dizer que esses exercícios produzem efeitos importantes, fazendo com que as gestantes se voltem para os vínculos de intimidade, de modo que a mãe, muito mais que o pai, é definida pela revista como muito mais carinhosa e protetora.

É notável a importância que a revista dá às práticas corporais alternativas, no período de 1970 a 1980, uma vez que o corpo materno tem um lugar/papel central. Desaconselha-se às gestantes a tomarem os sinais do corpo na gravidez como meros indícios que desaparecerão; recomenda-se que reconheçam e investiguem quaisquer sinais e os limites que eles sugerem.

O corpo é um instrumento ou recurso de ação primordial de cuidados na gravidez; simultaneamente, recebe um grande incentivo para que se autoconstitua, mas não de qualquer forma, e sim de forma comedida, tranqüila, docilizada, segura. As práticas alternativas estão inscritas em um imaginário social de liberação do corpo, da sexualidade, dos sentimentos; seus jogos corporais colocam o corpo em destaque, incentivando o sentimento de autonomia, mas, ao mesmo tempo, orientando suas condutas no sentido de produzir a mãe afetuosa, tranqüila, comedida, carinhosa.

É interessante observar o quanto à revista procura identificar as práticas alternativas com práticas inocentes, tranqüilas, seguras, que não oferecem riscos, que ajudam a mãe a conquistar um lindo bebê, a saborear uma vitória.



Figura 17 – Estúdio P & F. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 120, p. 27, nov. 1978.

A imagem do bebê é usada como estratégia destinada a significar a vitória de conceber o/a filho/a valorizando o encantamento e a paz que o nascimento de uma criança saudável e perfeita é capaz de provocar. Além disso, entendo que essa imagem reforça a idéia de que o corpo sadio do/a filho/a é resultado, também, da adoção das práticas alternativas. Nesse sentido penso que se reafirma, nessa estratégia, o pressuposto do quanto às ações e os cuidados que a mãe assume na gravidez (como fazer exercícios), ajudam na produção da vida saudável e perfeita de que nos fala Sfez (1995). A conquista do/a filho perfeito/a é, assim, resultado das ações da mãe. É ela que, graças aos seus esforços, chega a essa conquista que, na ótica da revista está ao alcance de todas. Exercita-se, pois, um tipo de poder que atrai e seduz as mulheres porque materializa a conquista (ou vitória) de ter o/a filho/a perfeito/a, e isso é tão significativo que quase ninguém se atreve a contestá-lo ou problematizá-lo.



Figura 18 – FORUM.ACEBOARD.NET. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 206, p. 21, fev. 1986.

É notável o esforço que a *Pais & Filhos* faz para identificar as práticas corporais alternativas tanto como práticas não prejudiciais às grávidas quanto, sobretudo, seguras para o bebê, como se observa pelo uso recorrente da estratégia⁶⁸ e do recurso da imagem de um bebê. No cerne dessa estratégia está o pressuposto que a expectativa da chegada de uma criança é suficiente para que a mãe altere sua rotina, por exemplo, adotando uma atividade física. Ela reafirma a idéia de, que a gestante que *fizer atividades alternativas terá paz de espírito*. Subjaz aí

⁶⁸ Para Andréia Ciaffone (2002), é cada vez mais comum no Brasil o *marketing* por meio de imagens das crianças com o objetivo de atingir as mães. Para a autora, essa é uma das melhores estratégias de capturar o interesse das mães, principalmente porque os filhos, em geral, determinam os padrões de consumo da família. De acordo Ciaffone (2002), as crianças de 0 a 12 anos, da classe média, representam a principal influência de consumo das famílias, tanto em termos de produtos quanto de serviços. A confirmação de uma gravidez condiciona, praticamente, grande parte do consumo da família, desde as compras no mercado e no *shopping*, onde morar, que carro ter, para onde ir durante as férias, que restaurantes freqüentar, entre outros, incluindo a aquisição de produtos e a fruição de serviços provocados pelo estado de gravidez, tais como freqüentar cursos de preparação para o parto, academias, massagista.

um ideal de cuidado e se esse se configurar pela alternativa da atividade física, que esta seja realizada com moderação e prudência.

Quero chamar atenção, ainda, para o versículo, transcrito pela revista, que reforça a representação de mãe como sustentáculo da família e dos/as filhos/as (“vinde a mim ...”). Parece que a estratégia de usar um versículo bíblico valoriza a autoridade da mãe quanto à sua capacidade de gestar a vida. Além de ser protetora/mantenedora, é como se a mãe dissesse: “vinde a mim, pois dou suporte, amparo, apoio, sustentação”. As virtudes exaltadas nesse versículo resumem os dotes de uma mãe perfeita: um ser humano referente, eficiente, compreensivo, de coração aberto para socorrer os necessitados que lhe batem à porta e, acima de tudo, a pessoa sobre quem toda a família pode se apoiar. A mãe aparece como alguém que reúne os filhos em torno de si para apoiá-los. Mais uma vez, é ela que consegue expressar o seu afeto. Percebe-se que, embora não tenha se falado de amor no versículo, é amor o que a mãe sente e faz sentir ao receber a todos.

O segundo enfoque que quero destacar nessa imagem é o empenho da *Pais & Filhos* para dissociar o processo de condução da gravidez da representação de algo pesado. Nesse sentido, pode-se fazer uma paráfrase a partir do versículo: (...) Venha fazer exercícios, eles vos aliviarão. Porque o jugo da gravidez é suave, o seu fardo é leve (...).

De um lado, observa-se uma orientação de vivência da gravidez como acontecimento pesado; de outro, são oferecidos meios (como o das práticas corporais alternativas) para deixar o processo de condução e implementação da gravidez mais leve. Parece que a revista veicula a idéia ambígua de que a gravidez é leve e, ao mesmo tempo, pesada.

A *Pais & Filhos* valoriza as práticas corporais alternativas como campo de relaxamento, de leveza, de alívio de tensões. Essas práticas podem ajudar a tornar leve a ansiosa espera da gravidez (...), a tornar leve o processo da gravidez. A revista reconhece que o processo de condução da gravidez é árduo, pesado, que a gestante tem o peso, não apenas do ventre, mas um peso imposto de muitos e diferentes modos, tais como:

(...) peso posto pelas cobranças, peso de ser responsável por o bebê nascer o mais saudável possível, por educá-lo (...) peso de sustentar o filho... peso de dar muito amor (...) peso de cuidar direitinho... peso de desejar a gestação (GOMES, 1980, p. 21).

As práticas corporais alternativas fazem um apelo ao relaxamento do corpo grávido e parecem indicar a quase obrigatoriedade de a gestante ser *cool, ficar fria, manter a calma diante da condução da sua gravidez*. Elas ensinam que a gravidez é um estado em que a mulher precisa de *relax*, em que é preciso aprender a desacelerar, relaxar, deixar leve o corpo... Afirma-se, ainda, na revista, que tais práticas ajudam o corpo grávido a ganhar leveza, sem lesões, e a *manter-se em equilíbrio mesmo quando tudo ao redor está em desarmonia*. Encontram-se, nelas, então, as vantagens de práticas que primam pela descontração, soltura, leveza, flexibilidade do corpo e do pensamento. A imagem de um psiquismo e de uma aparência contrária à rigidez ganha *status* positivo. Para Sant'Anna, há, na cultura ocidental, uma procura pela leveza, influência mais marcada depois da década de 50 pelo modo de vida americano, época em que os corpos foram chamados ao emagrecimento, inclusive os grávidos, e ao uso de produtos com poucas calorias. Como destaca a autora, a partir dessa década, no Brasil, as revistas e a publicidade em desenvolvimento enaltecem incessantemente “as vantagens dos xaropes e das águas digestivas, das estações de cura, dos vestidos de seda, dos penteados pouco complicados e dos comportamentos leves” (SANT'ANNA, 2001b, p. 15). O charme do corpo leve é uma qualidade renovada para todos os corpos, particularmente no final da década de 80, no contexto da revista, a qual ensina a:

Tornar o que é pesado [parto] mais leve.
Tornar-me menos sólida, menos densa a vida, a gravidez e assim por diante.
Curvar como os bambuzais (adaptar), sem perder a firmeza do corpo.
Render-me aos apelos das recomendações de saúde, tornar mais leve a condução da gravidez (KAMARA, 1978, p. 14).

Nessa perspectiva, a leveza dos corpos grávidos rimará, mais do que nunca, com a flexibilidade. As gestantes são convidadas pela revista a deixarem, por exemplo, *para trás a antiga rigidez a respeito da gravidez*, a buscarem novos padrões, *mais flexíveis*, para viver. E, entre esses novos padrões, incluem-se as práticas alternativas e suaves como um recurso importante para uma gestação bem-sucedida. É o convite à busca da liberdade através do exercício físico.

O CHARME DA FLEXIBILIDADE E A MOBILIZAÇÃO DOS CORPOS GRÁVIDOS

O excerto a seguir permite perceber o quanto práticas corporais como a ioga ajudam a preparar o corpo lembrando diretamente à gestante sua obrigação *de ser flexível* na vida. Parece que determinadas condições, como a gravidez, exigem um grau bastante alto de flexibilidade.

(...) ser mulher flexível como exige a prática da ioga é ser como o bambu, que dificilmente se quebra em meio à tempestade [seja no parto, na família, no trabalho], pois pode se curvar ao sabor dos ventos, mas sem quebrar nunca.

Para mulheres-gestantes, a prática da ioga é muito pertinente. A partir de agora a vida com o filho exigirá delas muito mais flexibilidade para suportar melhor as novas exigências da maternidade (KAMARA, 1978, p. 14).

Encontra-se na flexibilidade a chave de uma nova forma de produção e organização da vida, a partir da década de 80. Na expressão de Bauman (2004), o mundo, contrariamente ao estágio anterior, é caracterizado pela mutabilidade constante, pela fluidez das estruturas, tanto organizacional quanto relacional. Bauman (2004, p. 112-113) assim assevera: “uma inédita fluidez, fragilidade e transitoriedade em construção (a famosa flexibilidade) marca quase todas as interações sociais humanas”. A flexibilidade afeta particularmente quase todos os processos da vida, desde as relações do mercado de trabalho (oferta e procura) e as relações profissionais, passando pelas relações familiares e pela concepção de masculinidades e feminilidades, até as formas de compreender a gravidez, principalmente no tocante à atividade educativa e de socialização.

A gestante aparece como alguém que precisa buscar o conhecimento para vivenciar a gravidez, como um corpo que precisa ser ágil, móvel, menos fixo. É o prenúncio de uma nova era de mobilidade, que dá fluidez e um novo sentido às práticas corporais para grávidas, já que a riqueza da saúde vem também com a “mobilidade”, como afirma Bauman (1998).

Bauman (2000) define o novo sujeito como “*sujeito de modulações*”⁶⁹, que não tem perfil, nem função determinada, um ser com demasiados aspectos e, por isso mesmo, sempre pronto a ir avante em relação à exploração de possibilidades de relacionar-se com a vida, não mais de uma forma rígida, mas flexível e móvel na nova ordem social, sendo essas algumas das qualidades valorizadas. As qualidades de flexibilidade e de mobilidade são representativas da sociedade líquida, descrita por Bauman (2000), na qual os sólidos se liquefazem, as instituições se desmaterializam, derrubam-se os muros, as crenças e as tradições. A nova ordem é de mutação e mobilidade, flexibilidade e velocidade também em relação às identidades, crenças e tradições. O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer as identidades se deterem, mas evitar que se fixem (BAUMAN, 2003). Bauman refere-se à identidade como construída através de fragmentos, como fruto do “desenraizamento”, nunca sendo, portanto, fixa e totalmente determinada. O escape resultante da adaptação do sujeito aos múltiplos contextos proporcionados pelo mundo atual é o que Bauman (2003) chama de identidades mutantes. É possível afirmar que, na *Pais & Filhos*, no final dos anos 80, há celebração da flexibilidade, com a idéia de as gestantes se adaptarem às muitas circunstâncias da vida.

Na *Pais & Filhos*, o ciclismo também foi considerado como uma prática que contribuiria para a mobilidade física dos sujeitos, dentre eles, as gestantes, sobretudo na segunda metade da década de 70. “Andar e correr não bastam: é preciso ter leveza e flexibilidade” (BAUMAN, 2001, p. 14.) para andar de bicicleta e dispor de modo mais rápido e ativo da vida.

Na revista, pode-se observar todo um movimento educativo que foi emergindo, ensinando as gestantes a adquirirem mais “mobilidade” corporal neste mundo concebido segundo o ideário da termodinâmica, que agora (re)atualiza “o antigo sonho de endireitar o corpo, fornecendo novas finalidades”: desencurvar os corpos, em particular, os femininos, e torná-los retos combina, desde então, “com a obrigação de fazer cada vez mais flexíveis e móveis os corpos das mulheres” (SANT’ANNA, 1997, p. 125). Na *Pais & Filhos*, quando se menciona a “liberdade corporal” das mulheres, em especial nas décadas de 70 e 80, tal posição é freqüentemente descrita como a de uma “mulher moderna”, que reivindica a mobilidade corporal.

⁶⁹ Bauman (2000) apropria-se da imagem do “sujeito modulado” para entender o humano no contexto dos grandes centros urbanos. Isso porque, nessa condição, quase todas as formas de comunhão são móveis e mutantes, pois os módulos não são integrados de forma permanente e fixa (ver mais na obra *Em busca do político*).

O discurso das práticas corporais como técnicas de “cuidado de si” pouco a pouco vai ao encontro de identidades “apreciadas”, como da mulher *livre, leve, flexível*. Foucault (1999) permite-nos perceber que o saber das práticas corporais é instituído na *Pais & Filhos* como uma tecnologia política, como uma maneira eficaz de ensinar os corpos, dando respostas às urgências históricas colocadas pelo mundo contemporâneo: do triunfo, da flexibilidade, da mobilidade, da velocidade.

A idéia da liberação social das mulheres – *livres, leves, flexíveis* – aparece constantemente nas entrelinhas da revista, associada à idéia de liberação física.

(...) gestante não esconda o corpo... crie uma nova relação com seu corpo, comece a fazer atividade física, que tal pedalar...
A bicicleta oferece segurança, nada de subidas íngremes ou esburacadas (...) a bicicleta oferece liberdade, desfrute, não há nada que impeça a mulher grávida de andar, pelo contrário, a permanência da grávida parada, por várias horas sentada, pode causar edemas dos membros inferiores (inchação dos pés e tornozelos) (LOBO, 1975, p. 36).

Nesse sentido, o ciclismo aparece, nas páginas da *Pais & Filhos*, como uma prática que contribuiria muito para a expansão do exercício físico, inclusive das grávidas, especialmente a partir de 1975. A revista incentiva essa prática afirmando que ela *cria uma nova mulher*, diferente das de gerações anteriores, com a possibilidade de movimentar-se e, inclusive, vestir-se de modo diferente do de suas avós. No entanto, a imagem que acompanha os artigos que prescrevem a prática do ciclismo contradiz isso, pois a gestante aparece andando de bicicleta, ainda de vestido. Aparece sozinha, com a sensação aparente de “liberdade”, mas logo o enunciado diz: *você e seu filho – sua melhor companhia*. Interessante pensar o quanto à revista faz esse investimento do/a filho/a como *a melhor e/ou até mesmo a única companhia* confiável.



Figura 19 – ELTERN. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 75, p. 36, jan. 1975.

Encontrei alguns artigos com depoimentos de médicos que contra-atacam a indicação da bicicleta para as gestantes (todavia, em número menor do que os que a indicam). Pergunto-me se esses médicos contrários à prática do ciclismo pelas grávidas estavam mesmo preocupados com a saúde física delas ou com o risco que essa prática representava à manutenção do controle da mulher, na medida em que despertava suas ambições de liberdade. Esse questionamento se faz pertinente, uma vez que hoje temos indicação de bicicletas, inclusive as ergométricas, para serem utilizadas pelas mulheres na gravidez. Verifica-se,

portanto, que a indicação/prescrição da prática do ciclismo para as gestantes é recheada de controvérsias.

Interessante observar que a revista, inicialmente, levanta a seguinte indagação:

Muitos livros antigos permitiam tarefas domésticas e proibiam esportes, apesar do fato de o trabalho doméstico ser geralmente mais extenuante que as atividades esportivas. Ao longo dos anos, muitas teorias transformaram-se sobre a importância do exercício que é bom ou até fundamental para mãe e/ou criança. Os exercícios físicos vêm sendo rotineiramente prescritos; no passado, não eram oferecidos à gestante por causa do medo de que potenciais benefícios pudessem não compensar os riscos fetais (PIRES, 1970, p.14).

Alguns acontecimentos foram fundamentais para uma inclusão mais incisiva das práticas corporais no pré-natal nas décadas de 70 e 80. A expansão das idéias de parto humanizado, a expansão do tempo de lazer, a explosão publicitária de um mercado do corpo (que investe mais específica e pontualmente nos corpos femininos⁷⁰), a afirmação das mulheres no mercado de trabalho, as férias remuneradas, a popularização do acesso às praias, a ascensão das modelos de fisionomia famélica e a súbita valorização, na moda, de rostos e corpos que parecem vender “saúde” fazem com que ser uma gestante esportista seja cada vez mais valorizado, quase um pré-requisito de uma gravidez bem-sucedida.

O campo contemporâneo das práticas corporais e esportivas, em especial o que se apresenta para o feminino, unifica um conjunto de valores como *flexibilidade e liberdade*. Esses valores são explorados pela *Pais & Filhos*, uma vez que as mulheres estavam em desvantagem em termos de liberdade corporal não por acaso, pois é justamente nesse momento que os corpos em movimento, expressando flexibilidade e mobilidade, tornam-se cada vez mais positivados no contexto da revista.

No próximo capítulo, passo a explorar a idéia da gestante superatléica e da incansável mãe preparada, abordando as práticas corporais esportivas de resistência que ganham terreno no universo da *Pais & Filhos*.

⁷⁰ A indústria do material esportivo descobriu que as mulheres, de um modo geral, compram muito mais material desse tipo do que os homens e trocam/aposentam esses equipamentos antes também (Veja, 2000).

6 A REPRESENTAÇÃO DE MÃE ESPORTIVA ASSOCIADA À DE MÃE CONTROLADA E PREPARADA



Figura 20 – ELTERN. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 112, p. 48, mar. 1978.

Destaco nesta seção o segundo movimento que delimito no período de 1980 a 1990, identificado a partir de várias leituras do material selecionado. Esse movimento enfatiza as práticas corporais ditas de resistência para as gestantes, tais como: o trabalho de condicionamento aeróbico e anaeróbico, a natação, a caminhada, as corridas, as técnicas dos exercícios respiratórios, somados aos exercícios posturais e ao fortalecimento das musculaturas abdominal, dorsal e perineal. Começo perguntando-me: o que e como as pedagogias corporais ditas de resistência ensinaram (ensinam) às gestantes?

As páginas da revista passam a estampar, a partir de 1980, imagens de grávidas com chamadas do tipo: *Pronta para ficar grávida*. As grávidas aparecem em ação, preparando-se por meio de práticas como, por exemplo, caminhada, corrida, ginásticas, musculação. Uma reportagem expõe perguntas de uma leitora (Regina): Quais exercícios físicos “melhor” preparam o corpo para o parto?

Olá Regina, quem lhe responde é o nosso consultor da Pais & Filhos.

Regina, na verdade, são muitas as formas de cuidado que podem garantir uma boa gravidez e um parto normal. Mas, tem uma forma que nos últimos estudos tem se destacado muito, que é as atividades físicas para as gestantes. As variáveis que podem garantir um parto normal são muitas como, por exemplo, a posição do bebê na hora do parto, as boas condições de preparo do corpo na gestação e dilatação da pelve. Mas, não basta tudo isso ir bem se a gestante não tem força muscular, principalmente de abdômen, região lombar e/ou assoalho pélvico (músculos da bacia) e ainda força. Ela terá até um parto normal mais demorado e sofrido, tanto para ela quanto para o bebê, por não conseguir empurrar. Os médicos observam que 80% das mulheres que estão grávidas pedem por cesariana em seus consultórios e não se preocupam com a parte física como suporte da gestação. A maioria já inicia a gestação obesa ou sedentária e isto é um dos fatores que dificulta um parto. Mas, se durante a gestação, se a gestante praticar exercícios de fortalecimento e de condicionamento aeróbico, como caminhadas, pedaladas ou natação, terá um melhor preparo, ficando menos cansada e obesa, se ajustando às mudanças anatômicas e fisiológicas da gravidez, ao mesmo tempo em que preparará melhor seu corpo para a hora do parto. Os exercícios de força e aeróbicos são os mais indicados, tais como: caminhada, corridas, natação, hidroginástica, musculação. Mas lembre-se: devem ser acompanhados por professor habilitado. Um abraço e boa sorte.

Praticar esporte agora: (...) é um dever imperioso das pessoas civilizadas e preparadas.

(...) As atividades corporais preparam as gestantes para o trabalho de parto.

(...) O esporte é necessário para as gestantes para dar agilidade, resistência e condicionamento físico, em especial para o parto (Pais & Filhos, 1980, p. 48-49).

Esses fragmentos ilustram o aumento do espaço do discurso das práticas corporais, em especial, das esportivas, as quais emergem como práticas que civilizam, preparam as gestantes dentro de contextos em que um alto grau de controle é esperado. Os anos 80 são marcados pela idéia de regulação/controle do corpo grávido, em que não há espaço para gestantes despreparadas.

A preparação do corpo grávido virou ordem. A década de 80 é uma época que amava o visual e cuidava de sua aparência e funcionalidade através de um exame minucioso e ansioso do corpo. O corpo deve ser perfeito. *I want muscles* (“quero músculos”), cantava Diana Ross, e Jane Fonda tornava-se a sacerdotisa da aeróbica ao promover a ascensão dessa prática; seus vídeos de ginástica eram disputados: “e um, e dois, e três (...)” – vestindo colante colorido, a estrela mostrava às mulheres, inclusive grávidas, como construir um corpo de sonho, ou seja, de aço. É proibido fraquejar, a grávida tem que estar preparada e ser ativa, participativa e segura (Cf. FAUX, 2000, p. 194).

Constata-se, a partir de 1980, uma crescente afirmação da expressão *esporte e gestante* na *Pais & Filhos*, pois as práticas corporais e esportivas abordadas não são mais aquelas que buscam apenas a harmonia e o equilíbrio corporal das gestantes, mas também a preparação orgânica da resistência aeróbica e anaeróbica, a preparação muscular, produzindo, assim, uma idéia de cuidado associado com velocidade, força, enfim, com resistência.



Figura 21 – ELTERN. **Pais & Filhos**, São Paulo, p. 48, mar. 1980.

A imagem acima, própria dessa década, exemplifica o movimento que a revista faz para destacar a importância das práticas esportivas para as gestantes, pois mostra uma gestante que, mesmo com uma barriga grande, assume o tipo atlético em ação, busca a produção, canalização e mesmo a eliminação das energias. A *Pais & Filhos* produz uma nova imagem dos corpos grávidos: o corpo grávido azeitado pelas práticas esportivas e vestido com roupas próprias do universo esportivo. Parece que as roupas esportivas (*sticker*) são a rubrica que ajuda a determinar a conformação da potência anatômica dos corpos e a dar um ar de jovialidade e mobilidade aos corpos grávidos. A partir dessa época, as roupas soltas, no estilo da gestante matrona, pesada, são quase banidas do universo da revista, em cujas páginas são expostos e estampados corpos grávidos com roupas do tipo *coolmax* (roupas inteligentes que mantêm a temperatura, não conservam odores, moldam o corpo e lhe dão cores). São corpos ágeis e rápidos que se movem e se deslocam velozmente, como observamos na imagem anterior. Corre-se para trabalhar o corpo, e não é à toa que a velocidade e ritmos aeróbicos são capacidades físicas que passam a ser mais valorizadas para as gestantes.

O modo de andar rápido, a velocidade e a idéia de suor e/ou de autodisciplina possibilitam-nos ver a tendência da arquitetura do corpo grávido esportivo que a imagem parece transmitir, a partir da década de 80, no contexto da *Pais & Filhos*. Sant' Anna (1994) destaca que, a partir do século XIX, emerge e se propaga "uma produção da velocidade" na cultura ocidental, tanto da velocidade das máquinas, quanto da metabólica do ser vivo e de seus movimentos. Virilio (1998) faz uma leitura da velocidade e de suas conseqüências nos espaços, nas sociedades, particularmente nos corpos e nos modos de experimentação. A "produção de velocidade", para esse autor, remete ao século XIX, com o advento da Revolução Industrial, a qual, mais do que propiciar a produção em série, possibilitou a fabricação da velocidade, passando da "idade do freio" à "idade do acelerador" (aceleração propiciada pelos motores a vapor). A idéia de velocidade coloca em discussão antigas concepções de temporalidade no que diz respeito ao espaço territorializado do lazer e ao trabalho; isso interfere, de forma crucial, nos modos de ser e de viver dos indivíduos e das coletividades.

Para Sant' Anna (1994, p. 81), a sociedade brasileira, a partir da década de 70, passa a "empurrar o brasileiro para fora de casa, para correr, andar de bicicleta, fazer ginástica", com mais ênfase. A preparação física, a preparação da resistência aeróbica e anaeróbica, a

preparação muscular, a aquisição de força (dinâmica, estática, explosiva, muscular e localizada), a preparação perceptivo-cinética, a intensificação da velocidade (velocidade de reação, de deslocamentos, coordenativa) ganham espaço, inclusive entre as grávidas.

As práticas de mobilidade assumiram, na contemporaneidade, a posição de principal ferramenta do poder (BAUMAN, 2001). Dito de forma positiva, o poder passa a ser associado com ser mais móvel e mais veloz que os demais. Para Bauman (2001), a valorização da capacidade de mover-se foi ganhando cada vez mais espaço na sociedade líquida; a fixidez, a solidez da sociedade sólida chegou ao seu fim. Para o autor, estabelece-se um paradoxo em comparação com períodos sólidos da humanidade, quando a fixidez e o assentamento eram valorizados como símbolos de cidadania e honradez: quem não tinha endereço fixo ou era nômade, era discriminado; o sedentário era superior ao nômade, tinha mais credibilidade; hoje o sedentário é quase execrado.

O repouso, a moleza, a má condição física, a falta de movimentos, posicionamentos viciosos da vida sedentária das pessoas, inclusive das gestantes, passam a ser considerados uma ameaça à saúde da espécie. Nesse contexto da década de 80, a inatividade passa a ser representada como contraponto dos pressupostos contemporâneos que valorizam a ação, a rapidez, a velocidade, a resistência, a elasticidade, a leveza, as formas harmônicas. Não há lugar para inatividade (SANT'ANNA, 1994). O repouso preconizado à grávida em outros tempos cede, cada vez mais, lugar para atividades que proporcionem mais energia e atividades mais tônicas. Busca-se “a produção de energia, fazer mais que restringir, incitar mais que impedir; estimular mais que inibir” (COURTINE, 1995, p. 90). Parece que as gestantes, no contexto da *Pais & Filhos*, são estimuladas a ampliar o seu potencial de ação, e é com esse propósito que as práticas corporais são prescritas.

Gestante!
Caminhe, ande (...) corra
Quebre o tabu e coloque as pernas para o ar (PAIS & FILHOS, 1980)

É importante destacar que, a partir dos nos anos 70, ocorre no Brasil um grande estímulo às atividades corporais e esportivas através de métodos como os de Cooper e de campanhas governamentais⁷¹. Isso implica também que a expressão “caminhe e corra” passe, a partir da década de 80, como se observa no contexto da *Pais & Filhos*, a emergir com mais força no campo das prescrições para as gestantes.

Em um de seus números, a revista *Pais & Filhos* estampa na manchete de capa chamadas sobre a naturalidade com que as gestantes passam a fazer as caminhadas e corridas ao ar livre, aumentando sua capacidade pulmonar e muscular. O excerto a seguir deixa explícita a curiosidade que o exercício de realizar caminhadas e corridas desperta nas gestantes.

Caminhadas, corridas, estão fazendo sucesso também entre as gestantes.

A **criança** no ventre materno vive do oxigênio da mãe; daí cresce a necessidade que ela sente de respirar profundamente e que aumenta à medida que avançam os dias e a **criança** cresce.

A respiração regulada, nesta fase, alivia muito a sensação de falta de ar e estimula consideravelmente o sistema central, contribuindo para que a criança nasça mais saudável, forte, robusta. Daí a necessidade de exercícios físicos que beneficiem a mãe e a **criança** (GONZALEZ, 1980, p. 16-19).

É interessante observar o destaque dado pelos excertos às práticas corporais como benéficas para a saúde das crianças. Essa transformação do olhar dirigido à criança deu lugar a um agenciamento inédito de alianças, como destaca Lupton (1999), entre diferentes saberes, tais como: a medicina, a psicologia, a pedagogia, aparecendo também a educação física. Essa mutação explica por que a família se alicerçou em torno da criança, de modo que a gestante se sente, em cada um de seus atos como o de fazer atividade física, responsável por ela. A importância da atividade física para assegurar a saúde da criança reveste-se de um novo poder genealógico; nas palavras de Foucault, a criança passa a ser vista como um investimento – no caso, é vista como objeto criado pela mãe, e não mais como um “acidente de percurso”.

⁷¹ CAVALCANTI, Kátia Brandão. Cavalcanti (1984), na obra *Esporte para Todos: um discurso ideológico*, sobre as campanhas organizadas nos anos 70, como Esporte para Todos.

Pode-se dizer que uma nova atenção se volta aos exercícios aeróbicos para as gestantes, num contexto em que as “carnes” são oxigenadas. As práticas corporais de resistência, antes pouco recomendadas e/ou até mesmo condenadas, de 80 a 90, passam a ser estimuladas para gestantes, por exemplo, com a prescrição de alguns percursos cuidadosamente descritos pela *Pais & Filhos*, que sensibilizam as gestantes para se exporem mais ao ar livre, manterem ritmos e velocidades diferentes; o treinamento de resistência significa perseverança na repetição do mesmo tipo de trabalho.

É importante destacar que a ascensão das práticas de resistência prescritas para as gestantes, na revista, faz parte de um movimento brasileiro maior de cientificação das práticas corporais e esportivas, como destaca Hugo Lovisolo (2000). Para o autor, as últimas décadas do século XX desenvolveram e aprimoraram teorias reiteradoras dessa cientificação no campo da fisiologia do exercício, inclusive na gravidez, abordando temas específicos, tais como: ajustes fisiológicos e endocrinológicos; hemodinâmica materna na gravidez, homeostase da circulação fetal no momento da prática de exercícios; composição corporal da grávida; necessidades nutricionais da gestante ativa; respostas pulmonares e cardiorrespiratórias mediante a realização dos exercícios, biomecânica relacionada aos exercícios físicos da grávida, bem como os aspectos legais de prescrição desses exercícios. Assim, pode-se dizer que houve uma ruptura nos modos de teorizar e administrar as práticas corporais, que passam a ser visualizadas como uma forma de deixar os corpos grávidos mais preparados, resistentes e fortes para agüentarem o “tranco” na gravidez, de modo especial no trabalho do parto, sem se deteriorar, danificar, arruinar.

No Brasil, principalmente nas últimas décadas do século XX, essas informações chegaram com força e se multiplicaram por meio de manuais, revistas, clínicas e cursos em grupos de preparação para o trabalho de parto. O professor de educação física emerge como uma nova figura nesse contexto, fazendo parte de modo mais intenso dessa preparação. Os educadores físicos trazem para as páginas da *Pais & Filhos* cada vez mais argumentos fisiológicos, psicológicos e morais a favor das atividades corporais para as gestantes, como os enumerados a seguir:

Sou professora de Educação Física e atuo com um trabalho direcionado à preparação corporal da mulher durante a gestação, o parto e o puerpério (Julia).

O objetivo é o de ajudar a gestante a compreender as transformações corporais e a conscientizá-la que seu corpo deve ser preparado para o parto e que ele será seu grande parceiro durante o trabalho de parto (Ana Paula).

Meu trabalho, como professor de Educação Física, na verdade, é dar autonomia à mulher, sem criar nenhuma relação de dependência, fazê-la caminhar com suas próprias pernas, instrumentalizá-la, informá-la, ou seja, prepará-la física e emocionalmente durante toda a gravidez, para que no momento do parto ela possa ser dona de si (Márcia).

Meu trabalho é preparar o corpo da gestante durante a gravidez para que ela encontre o caminho do seu verdadeiro papel, ativo e participativo durante o trabalho de parto (Maria Helena).

O parto tranquilo começa com a preparação da mãe. Mulheres preparadas fisicamente e que continuam com exercícios bem orientados durante a gravidez têm vantagens no decorrer da gravidez e no trabalho de parto, mostram-se mais equilibradas emocionalmente e com mais coragem durante o trabalho de parto (Karine).

Grupos e cursos de preparação ajudam a fortalecer e dar segurança à gestante por meio do conhecimento, da informação (GASPARINI, 1984, p. 35-36).

É importante destacar certo deslocamento observado nos sentidos atribuídos à noção de práticas corporais, uma vez que, até então, elas eram tidas como práticas que visavam à manutenção dos corpos e aqui elas passam a assumir também o sentido de aperfeiçoamento e de preparação da potência dos corpos grávidos. Os princípios básicos e metodológicos desses cursos e grupos de preparação de gestantes têm como objetivo explícito melhorar a atuação e participação (ativa) da mãe no trabalho de parto; para isso, investe-se no corpo para melhorar seu desempenho e condicionamento. Sobre isso, diz Sant' Anna (2001b, p. 100): “o corpo ganha importância exagerada, porque são múltiplas as exigências e as sensibilidades que cada indivíduo tem em relação a si mesmo”.

Parece que, nesse contexto, de 1980 a 1990, as práticas esportivas para as gestantes dizem respeito a uma vitória em uma prova – o parto – e à quebra de um recorde ao atingir-se o rendimento máximo no que se refere ao desempenho nesse acontecimento. Parece que elas unificam, de modo particular, um conjunto de marcas corporais, tais como velocidade, resistência, determinação, força e busca de superação dos limites corporais.

Na próxima seção, trato um pouco mais dessas marcas. As práticas corporais propagadas no final da segunda década da *Pais & Filhos*, especialmente as de resistência, podem ser percebidas, por um lado, como representantes do processo civilizatório, destacado por Norbert Elias (1992; 1994). Assim, podemos pensar nos exercícios propostos nos cursos de preparação para o parto, cujo objetivo é fornecer subsídios para comportamento ativo e participativo no trabalho de parto. Por outro lado, as práticas corporais indicam um fortalecimento dos processos disciplinares e de biopolíticas, conforme destacados por Foucault (1999), acerca da disciplinarização dos corpos e da crescente politização e racionalização da vida na gravidez.

Dessa forma, a implementação das tecnologias esportivas para as gestantes pode ser vista também, na ótica foucaultiana, como dispositivo disciplinar, como mais um processo de racionalização da qualidade técnica e do cálculo administrativo da vida, prática que ajuda a controlar o corpo dos sujeitos, fundamentalmente, suas emoções (medo, dor, fraqueza), as quais se tornaram cada vez mais cerceadas, como destacam Elias e Erick Dunning (1992, p. 102).

Só as crianças podem mostrar medo, apenas estas não são censuradas de imediato como descontroladas ou anormais, se choram e soluçam publicamente, em lágrimas desencadeadas pelos seus sofrimentos súbitos, se entram em pânico num medo selvagem, ou se cerram os punhos com firmeza e batem ou mordem o odiado inimigo.

Com isso, ver gestantes agitarem-se em lágrimas e/ou entrarem em pânico, dominadas por medo da dor, deixou de ser encarado como normal. Assim, tais demonstrações das dores em público (sala de parto, maternidade) invariavelmente são percebidas como vexatórias, provocando determinado constrangimento, tanto em quem as presencia quanto em quem as produz. Pois, como nos recordam Elias e Dunning (1992), para serem considerados normais, espera-se que os adultos (as gestantes) que vivem nas nossas sociedades controlem a tempo as suas emoções e os seus sentimentos.

As gestantes aparecem nas páginas da revista cada vez mais ligadas ao mundo *fitness* (preparação, aptidão, boa forma), em caminhadas, corridas e jogos, dentro da piscina, ligadas a máquinas, nas práticas da musculação, em trabalho de potência muscular, ginástica localizada, peso e halteres – práticas que crescem a partir de 1980, instigando o gosto pelos exercícios⁷³. Como afirma Alain Corbin (1990): renova-se a ortopedia, aposentando-se os aparelhos de aspecto medieval – como a cruz de ferro usada para enrijecer a postura das donzelas –, que são substituídos por máquinas, com sistemas de forças como os mostrados no quadro acima, que visam a aumentar o rendimento físico. As máquinas obrigam as forças naturais dos corpos a agirem segundo movimentos determinados e, com astúcia, submetem, pouco a pouco, os corpos a forças mais poderosas, aparecendo aí uma capacidade de retorsão do mais forte sobre o mais fraco (CORBIN, 1990). O resultado desse novo interesse em imprimir mais potência nos corpos é o ressurgimento das infinitas e renovadas ginásticas educativas ou corretivas, fundadas, como afirmam Corbin (1990) e Soares (2002a), em séries de exercícios fragmentados. Corbin explica que os exercícios extrapolam a esfera militar e, paulatinamente, se infiltram no cotidiano já sob a forma de muitas e diferentes práticas, cuja finalidade é conferir ao corpo grávido o máximo de potência, contribuindo para vencer e/ou estabilizar as limitações impostas pela gravidez.

O próprio ritmo da música que acompanha grande parte dessas práticas traz implícito o tempo rápido, acelerado e mais individualizado dos movimentos, incluindo a busca da produtividade individual, fruto de quantidade e intensidade de práticas. As práticas esportivas expressam-se, nesse contexto, como espaço de produção de um conjunto de regramentos, tais como “o das funções cardíacas, criação e disposição física e psíquica, enrijecimento dos músculos, enquadramento do peso em tabelas padronizadas, equilíbrio emocional” (SANT’ANNA, 1994, p. 81).

Nesse sentido, as práticas esportivas de resistência podem ser compreendidas como representantes de “uma maquinaria de poder que esquadrinha o corpo [grávido], o desarticula e o recompõe em uma anatomia-política que é também uma mecânica de poder” (FOUCAULT, 1999, p. 185). O propósito é produzir o aumento do condicionamento, o refinamento das

⁷³ Goellner (2004) destaca que, a partir da segunda metade do século XX, no Brasil, modalidades como voleibol, basquetebol, natação, tênis e atletismo tornam-se cada vez mais praticadas pelas mulheres, assim como aumenta sua participação nas competições nacionais e internacionais.

capacidades e habilidades físicas e musculares, com os corpos grávidos sendo submetidos à produção, aprofundando-se também sua sujeição. Assim, essas práticas representam o desenrolar de um processo anátomo-individual específico, analisado por Foucault, que nos instiga a pensá-las como uma técnica de exercício de poder que exige autovigilância constante das gestantes – exige resultados claros, quantificáveis, captados por redes de olhares escrutinadores que objetivam regular as ações individuais pelo controle.

É importante destacar que essa dimensão micropolítica dos exercícios, como Foucault (1988) destaca, se articula em uma dimensão macropolítica, visto que tal disciplina não está dissociada de toda uma máquina concreta, articuladora de dispositivos coletivos, voltada para a suposta manutenção da saúde da população. Essas práticas parecem investidas do caráter de dever coletivo, voltado para a otimização da saúde; por exemplo, a consolidação da prescrição de exercícios físicos para as gestantes só foi possível porque havia (há) um significativo movimento de expansão das tecnologias estimuladas pelas políticas dos Estados, preocupadas com a saúde populacional e com a formação de cidadãos e cidadãs fortes, resistentes, preparados/as, destemidos/as.

A preocupação com a saúde populacional, que se fortaleceu a partir da segunda metade do século XX nas sociedades ocidentais, proporcionou um aumento do controle e da busca de uma espécie de estabilidade social, radicada nas potencialidades e no rendimento dos corpos da população. Esse processo de preocupação com os corpos, a saúde e a vida produziu um crescente aprimoramento das ações individuais por meio das práticas corporais. É nesse sentido que percebo a ênfase dada ao deslocamento das prescrições de práticas para as gestantes de alternativas para de resistência. Como destaquei, há uma articulação entre as dimensões micro e macro que poderia ser compreendida como articulação entre ações individuais e ações e estruturas coletivas. Entendo que as biopolíticas acirram a atual cultura de disciplinarização dos corpos individuais, passando não apenas a organizá-los, mas a modificá-los, abrindo a possibilidade de uma fabricação renovada do vivo. A proliferação de novas práticas esportivas prescritas às gestantes, as pesquisas voltadas para a melhora do desempenho corporal no parto e o crescente investimento da revista *Pais & Filhos* no tema *gravidez versus exercícios físicos* não seriam possíveis sem essa nova organização da economia da saúde. A prescrição das atividades com o intuito de melhorar as condições físicas das gestantes processa-se nesse movimento de biopoder, que articula uma anátomo-política do corpo individual da gestante com uma biopolítica da população.

Como se observa na imagem a seguir, o discurso das práticas esportivas apresenta algumas particularidades em relação a outros discursos da área da saúde. De um modo muito peculiar, na década de 1980, a revista apresenta um discurso que explicita a necessidade de preparar as gestantes, por meio de pedagogias corporais esportivas que desenvolvam a coragem, a força e a energia necessárias para o trabalho de parto e o exercício posterior da maternidade.

Firme e forte para a maratona do parto

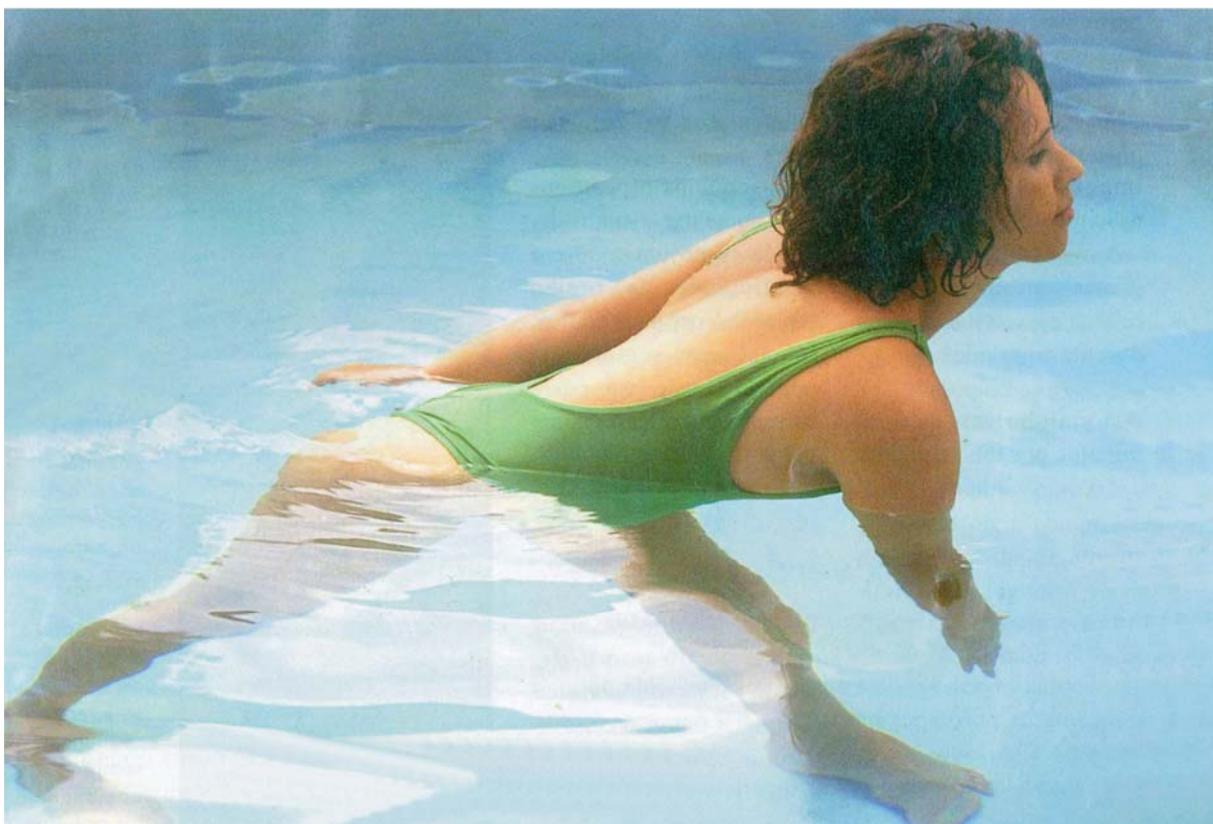


FIGURA 23 – FOTOTECA INTERNACIONAL. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 135, p. 23, mar. 1980.

A imagem exemplifica esse movimento, em que a ordem é ser *Firme e Forte* (...) *Preparar-se para a maratona do parto*. O parto é nomeado pela revista como uma maratona, metáfora que capta o senso de agir e fazer da gestante (...) *faça-você-mesmo*. O uso da expressão “maratona” surge como uma estratégia utilizada pela revista para (re)afirmar a idéia do parto como um acontecimento que exige esforço corporal, uma atividade de longo

percurso, muito intensa; portanto, um acontecimento que necessita de preparação. Uma pergunta e respectiva resposta para ilustrar a associação, feita aqui, do trabalho de parto com a idéia da prática de uma maratona: que preparo necessita um maratonista? Um maratonista necessita, minimamente, desenvolver a resistência muscular esquelética e o sistema cardiorrespiratório, aumentando a potência do coração para bombear sangue com mais eficiência (Cf. GONÇALVES E CAMPANE, 2005).

A partir da década 80, numerosas técnicas de preparação do corpo para o trabalho de parto emergiram na *Pais & Filhos*, juntamente com uma ética que obriga a gestante a responsabilizar-se pelo seu corpo e pelo seu próprio parto. Essa idéia de responsabilizar-se pelo próprio corpo no trabalho de parto intensificou-se no Brasil a partir da década de 80, fundamentalmente por meio de políticas liberais que se estruturam numa defesa exacerbada da produção do indivíduo responsável (MEYER, 2004b). Numa sociedade neoliberal, o que está em jogo é a capacidade gerencial do indivíduo. Aflora daí a necessidade de promover o espírito de responsabilidade individual, o dever de reger-se a si mesmo, administrar a esfera íntima mediante transformações de organização gerencial de si.

A obrigação moral do indivíduo moderno de cuidar de si aparece conjugada com a ascensão do senso de responsabilidade individual. A era é a do bê-a-bá das obrigações individuais, do dever de aperfeiçoamento de si. Quanto mais incremento de deveres em relação a si, maior o número de procedimentos *performativos* em uma cultura cujas exigências de desempenho individual são propagadas por quase toda parte. Aumentar o domínio de si representa a produção de indivíduos disciplinados e controlados, ligados, paralelamente, a um processo de programação racional e meticulosa dos corpos, mas não por adestramentos violentos nas formas de conduzir o cuidado do corpo, mas pela reorganização do mundo da disciplina, dos deveres individuais, da microfísica, estudado por Foucault (1988), e do mundo da “liberdade” de conduzir o cuidado e o preparo dos corpos (de escolher essa e/ou aquela prática).

Aumenta a responsabilidade individual de condução da gravidez e do parto, ao mesmo tempo em que cada gestante se torna a autora do estatuto moral ao qual deseja aderir. Estamos “mais soltos, mais perdidos, mais tutelados e mais obrigados a gerir o nosso mundo como artistas da nossa própria existência”, como diz Gilles Lipovetsky (2005b, p. 234). Deve-se cuidar de si, guiar-se por ações individuais, deslocadas das ações sociais e (re)situadas no âmbito da iniciativa individual, como destaca Silva (1999). A ampliação do dever de cuidar de si, de dispor do próprio corpo e o fortalecimento dos deveres para consigo observam-se, de

forma típica, no recente fenômeno da mãe preparada para a gravidez e o trabalho do parto. Normalmente, espera-se que as mulheres gestantes estejam preparadas e permaneçam controladas e que, de preferência, se comportem “bem” em todas as situações, inclusive no parto. Assim, cada gestante é considerada como responsável (e culpada) pelo trabalho de parto, como a revista replica: *só sofrem no parto as mulheres que não se preparam*.

A mãe é descrita e idealizada como a *nobre selvagem* em muitos artigos da *Pais & Filhos*. Pode sustentar um pouco essa idéia o exemplo da mãe caçadora:

(...) a mãe que se agacha e dá à luz o seu filho, sem causar nenhum reboliço na floresta e/ou no campo, corta o cordão umbilical com os dentes, limpa o rosto do bebê com um punhado de folhas, leva-o ao seio e volta a colher raízes e frutos (BARBOSA, 1984, p. 26).

Tal descrição espelha-se em representações do mundo animal (em macacas, onças). Trata-se de uma estratégia da revista em que os personagens humanos e os animais são misturados, vencedores e invencíveis, concluindo que a “*mãe-natureza*” faz do nascimento (e do parto) do/a filho/a um ato simples, sem grandes “escândalos” e gritos, cuja agente volta em breve para o trabalho. Para Badinter (2003, p. 11), o investimento das últimas três décadas do século XX foi um pouco esse de converter a mulher num ser forte e resistente, com certo coroamento da “supermulher”: uma mulher que se prepara para quase todas as situações e também para uma volta à natureza, pois a mãe selvagem está instintivamente preparada para o parto. Há aqui um paradoxo: parir é descrito pela revista, ao mesmo tempo, como uma capacidade “natural” e como uma atividade que é ensinada exaustivamente. Nesse caso, o discurso da revista intervém a todo o momento sobre a “natureza”, regulando, disciplinando e educando as gestantes por meio de regras; entre elas, estão as de preparação para o trabalho do parto.

É interessante destacar que, ao mesmo tempo em que o parto é representado como um fenômeno da natureza, também é descrito como um dos fenômenos controlados pelo domínio das ciências. Os mecanismos corporais eram passíveis de serem controlados mediante a preparação da gestante, como se observa no seguinte excerto:

Aulas de preparo para o parto são absolutamente necessárias a todas as gestantes, durante o longo período de 9 meses em que a mulher "prepara" outra pessoa (BARBOSA, 1984, p. 27).

Entendo que chegamos a uma época de mudanças do *status* da preparação do corpo, em que a preparação do corpo grávido ganhou uma amplitude inédita. Chega-se a ponto de acreditar que a gestante que grita durante o trabalho de parto e/ou faz cesariana *sente que não deveria agir assim, que se descontrolou e/ou não se preparou*. A ocorrência de qualquer complicação no decorrer da gravidez e/ou no trabalho de parto ou no próprio parto, a partir da década de 1980, no contexto da *Pais & Filhos* e na cultura ocidental, passa a ser concebida, de modo geral, como falha (culpa) da própria gestante, decorrente da falta de controle do seu corpo e da falta de preparação. Essas “falhas”, em outras épocas, eram atribuídas ao destino, à parteira, ao/à obstetra e/ou ao desenvolvimento limitado da ciência e da tecnologia.

Essa abordagem destaca a importância que a mulher preparada tem no decorrer da gravidez, em especial, para no trabalho de parto. A revista destaca que:

(...) a futura mãe de classe média freqüentemente é mais velha e mais ambiciosa do que foi sua própria mãe.

(...) ela aborda o parto como qualquer outra atividade: estuda, prepara-se e treina como se o trabalho de parto fosse um exame em tribunal.

(...) A gestante que faz exercício (...) deixa seus músculos e coração mais fortes (...) já não é mais aquela mulher amolecida (BARBOSA, 1984, p. 27).

A preparação para o parto passa a ter uma conotação individualista: cada gestante é responsável por qualificar-se, por estar à altura das exigências de um acontecimento que ocorre por opção e em um lugar específico, qualificação que dependerá de si e de suas escolhas, inclusive das feitas até mesmo antes dos nove meses. Entendo que essas idéias de preparação fazem parte de um movimento mais amplo na direção de uma nova formação discursiva: a de preparar-se para a vida, o que inclui desde as situações mais privadas, como a do trabalho de parto, até os diferentes âmbitos sociais. A “preparação para a vida” tornou-se um conceito chave na contemporaneidade. Nos últimos anos, houve uma intensificação das idéias de uma *formação continuada e/ou permanente, ao longo e em várias situações da vida*.

A cultura de preparação para o trabalho do parto e para gestar e dar à luz uma criança saudável é um exemplo claro da veiculação dessa educação continuada.

É interessante destacar que, com a crescente sofisticação dos cuidados da saúde, o hospital se tornou o templo em que as pessoas nascem e morrem, o lugar privilegiado em que é possível parir de maneira científica, sendo postos a serviço das gestantes todos os recursos terapêuticos modernos, como destaca Antoine Prost (1995). Até 1940, a imensa maioria das mulheres fazia o parto em casa; hoje, quase todos os partos são realizados em maternidades hospitalares. Dessa forma, o trabalho de parto escapa à vida privada: as instituições de saúde públicas e privadas encarregam-se dele literalmente, no sentido não só financeiro, como também material, educativo e afetivo.

Emerge, então, nessa época, uma situação nova para a gestante, a de viver em outros espaços momentos cruciais da existência ligados à vida, a sua individualidade, como, por exemplo, o nascimento do/a filho/a: o parto é retirado do espaço privado do âmbito familiar, do quadro doméstico, e transferido para um cenário asséptico e funcional, mais anônimo impessoal e profissionalizado: o hospital (PROST, 1995). Parir em espaços hospitalares trouxe outras exigências para as gestantes. É nesse contexto de regulação e controle da vida que se propagam com mais força as idéias de preparação do corpo para o trabalho de parto.

No emergente processo de preparação do corpo da gestante, foram incorporadas, entre outras, as marcas da ética protestante do trabalho (que se opõe à fruição espontânea do trabalho de parto), da civilização, dos costumes que regulam o uso do corpo e regulamentam os comportamentos sociais, no caso específico, comportamentos adequados ao trabalho de parto: como administrar a dor, quais os procedimentos, atitudes e reações das gestantes em face do trabalho de parto. As gestantes contemporâneas são sitiadas pelas *tecnologias do eu*, que vão desde as prescrições religiosas até as formas científicas de regulação de suas condutas (ROSE,1999), o que se pode ver, de forma exemplar com o abecedário do parto.

Analgesia
Anestesia
Atividade Física
Cócoras
Contrações
Dilatação
Doula
Expulsão
Lamaze
Monitoramento Fetal
Oxitocina
Placenta
Sala de parto
Triagem obstétrica
Tricotomia
Técnicas de controle corporal



FIGURA 24 - CRISTINA NABUC. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 157, p. 26, jan. 1982.

O *abecedário* do parto, propagado nas páginas da revista, é exemplar do volume de conhecimentos especializados necessários para a preparação do parto. Nesse contexto as práticas corporais e esportivas podem ser entendidas como *tecnologias do eu* na medida em que permitem às gestantes realizarem, por seus próprios meios, certo número de operações sobre seus corpos, pensamentos, condutas e formas de agir, produzindo uma transformação que promova segurança, rendimento, como destaca Foucault (1988).

Para Foucault (1988), duas circunstâncias são criadas simultaneamente na modalidade pedagógica das *tecnologias do eu*. Primeira: o sujeito modifica a experiência subjetiva de si, na medida em que assume um conjunto normativo de condutas; segunda: o trabalho que o sujeito faz sobre si mesmo torna-o um sujeito moral (Cf. LARROSA, 1999). Entendo que as

práticas corporais e esportivas, na qualidade de *tecnologias do eu*, são apresentadas como mecanismos práticos que criam, regulam e modificam a experiência do trabalho de parto e são relevantes do ponto de vista moral, pois ensinam comportamentos, atitudes, sentimentos, controle e tolerância com a dor que são necessárias para “viver bem” esse momento.

Numa sociedade que valoriza o controle, o bom comportamento e a performance, a gestante não tem o direito de exprimir fraqueza no trabalho de parto, devendo ser educada/corrigida/civilizada. Essas responsabilizações específicas de controle do corpo para o trabalho de parto são muito mais voltadas para as mulheres brancas de classe média, que devem se manter calmas e silenciosas no decorrer do parto. A revista elege o silêncio e o controle da dor, não se cansando de repetir: *gestante, se você tiver que gritar, grite para dentro*. Porém, de modo geral, as mulheres de classes populares não adotam o silêncio como norma; talvez porque o uso mais acentuado das expressões de dor externadas por gemidos e gritos represente para elas um modo de serem mais vistas (e escutadas) nas maternidades. O parto, à semelhança de muitos outros processos fisiológicos, não pode ser considerado um acontecimento “natural”. Ele é culturalmente definido, reflete valores sociais e varia de acordo com a sociedade (KITZINGER, 1978).

As posições adotadas pela mulher durante as últimas fases do trabalho de parto podem variar cultural e socialmente. Tais posições variam conforme a época histórica, desde ficar deitada ou sentada em cadeiras e banquinhos, usados na Europa medieval (o que só se modificou no reinado de Luís XIV⁷⁴), até o advento do *active birth*, cujas idéias ingressaram no Brasil a partir da década de 70, vindas do Reino Unido. Parto ativo, uma expressão cunhada por Janet Balaska, sugere a idéia da parturiente como a pessoa ativa e por extensão e de um manejo participativo da gestante no parto⁷⁵. No contexto da *Pais & Filhos*, um excerto recorrente é: *a gestante faz o parto*. As gestantes são encorajadas a participar ativamente do parto. Parece que o discurso das práticas esportivas adquire reputação especialmente por

⁷⁴ Quando os obstetras convenceram as amantes do rei a dar à luz deitadas em mesas de modo que aquele, escondido atrás de uma cortina, pudesse ver tudo [*apud* Pete M. Dunn, "Obstetric Delivery Today", *Lancet*, April 10, 1976).

⁷⁵ Foi principalmente após a segunda guerra mundial que um número considerável de centros/movimentos do parto ativo apareceu nos países industrializados. Cada grupo tem uma história, embora todos compartilhem a idéia do parto ativo: em Londres, o Active Birth Centre, centro de parto ativo, *nascita attiva* na Itália, *naissance active* em Genebra, *gesellschaft für geburtsvorbereitung* na Alemanha.

ensinar às gestantes as posições e técnicas do corpo específicas para facilitar o trabalho de parto. Tais técnicas vão se aprimorando, inclusive as específicas para cada momento diferente, como as mais apropriadas para as fases da dilatação e da expulsão.

Selecionei, no acervo da *Pais & Filhos*, algumas técnicas corporais visando a ilustrar esse movimento em que a mulher gestante passa a ser educada para ser *gestante ativa que controla o seu corpo*.

1. Exercícios respiratórios: orientação quanto à duração da respiração, durante e após as contrações (respiração peitoral lenta, lenta modificada, respiração rítmica, sopro avançado);
2. Incentivo à deambulação durante as contrações;
3. Contração do assoalho pélvico (...) e relaxe proporcionando alívio da tensão muscular vaginal.;
4. Alongamento do gato (mãos e pés) favorece a dilatação, melhora a circulação;
5. Posição de pressionamento da borboleta de pé e/ou sentada (em cima de bolas);
6. Massagem na região lombo-sacra com movimentos circulares;
7. Massagem nos pés: promove o relaxamento, diminui a sensação de desconforto e dor, melhora a circulação, dá segurança e bem-estar (e muitos outros exercícios) (Editorial da Pais & Filhos, 1982, p. 87-89).

A idéia de controle dos corpos não é nova; o que é novo nesse contexto é o controle de si, de diferentes partes do corpo por meio da utilização de técnicas corporais: do joelho à pélvis, da bacia à coluna lombar, dos ombros, do peitoral e dos braços à panturrilha, da respiração superficial rápida e acelerada. As técnicas são utilizadas como modo de aliviar, diminuir a dor e o peso do parto, estabelecendo condições mais eficazes e funcionais dos corpos. É importante destacar que, quanto mais se intensificam as técnicas para o trabalho de parto, mais as mães podem afirmar que a maternidade é um empreendimento complexo e exigente que requer enormes conhecimentos e habilidades. As expectativas para a tarefa do parto hoje são mais elevadas do que já foram, pois as mães gastam mais tempo e energia procurando e assegurando a manutenção de determinado tipo de cuidado adequado, apoiadas no exercício dessas técnicas que intensificam suas expectativas de *performance*.

Para o conselho editorial da *Pais & Filhos*, o controle do corpo seria alcançado se as gestantes compreendessem minimamente os mecanismos bio-fisiológicos do ciclo gravídico e aprendessem os padrões de movimentos específicos, bem como o tipo de esforço (força

dinâmica, estática, explosiva, muscular) a ser aplicado no momento da saída do feto. Com observa Soares (2003a p.18), os exercícios físicos reconstruídos pelas ciências foram “(...) pensados exclusivamente em função do bom desempenho e do aprimoramento de funções orgânicas. (...) com finalidades bem definidas, específicas, úteis e, sobretudo, não como mero entretenimento, divertimento” (SOARES, 2003a, p.18).

No período de 1980 a 1990, a *Pais & Filhos* multiplicou a divulgação de métodos e técnicas corporais para facilitar o parto. As equipes de Dick Read⁷⁶ (1958) e de Lamaze (1958)⁷⁷ fundiram as teorias e técnicas⁷⁸ de seus estudos, apresentando-as como uma abordagem contemporânea, denominada de “método psicoprofilático” (MPP), que veio influenciar, de modo especial, o Ocidente. Observo que essa abordagem foi um dos métodos mais propagados pela *Pais & Filhos*, principalmente na década de 80. Esse método encorajava as gestantes a participarem ativamente do parto, a dominarem as técnicas de respiração e de força muscular e a conhecerem e dominarem o funcionamento e os procedimentos da sala de parto. Como se lê no seguinte excerto:

Uma gestante que controla e domina as diferentes técnicas corporais é respeitada na sala de parto, torna-se a protagonista e certamente passa por esta experiência mais segura (MORAES, 1982, p. 25).

Esses ritos de preparação para o parto permitem-nos refletir sobre a representatividade sociocultural dos corpos, não tendo a ver apenas com a tradição mais ritualística de um parto. Creio que aparece aí uma relação mais disciplinada das gestantes com seus corpos, o controle

⁷⁶ Esses métodos explicam que, quando o ser humano desconhece uma realidade, em seu lugar, cria uma fantasia, por isso é importante discutir e orientar muitas vezes as gestantes para desmistificar as representações culturais, tabus, crenças e desinformações que aprenderam durante sua vida sobre o parto.

⁷⁷ Esses dois autores popularizaram o método psicoprofilático de parto sem dor no Ocidente e constataram, por meio de estudos diferentes, que a tensão gerada na hora do parto era tanto física quanto psíquica, de modo que os músculos que atuavam nessa hora, ao invés de relaxados, permaneciam tensos, dificultando o desenrolar do parto. Por isso, enfatizaram padrões de respiração progressiva e específica para melhorar a saúde e o tônus muscular da gestante e reduzir a dor do parto (Conforme LAMAZE, 1958; READ, 1958).

⁷⁸ O programa adotado pelo método psicoprofilático (MPP) dividia-se em quatro partes: séries de exercícios metabólicos (para ativar a circulação sanguínea, aumentar a capacidade pulmonar e aquecer as articulações, por exemplo: caminhadas aceleradas); série de exercícios musculares (para manter a tonicidade dos grupos musculares que, com a gravidez, se alongam: parede abdominal, reto, transverso, oblíquo interno e externo); série de exercícios respiratórios, treino das respirações específicas para o trabalho de parto. Assim, durante a fase denominada de “dilatação”, dois tipos de respiração poderiam ser aplicados: a respiração da “vela” e a do “cachorrinho”. Essas respirações, usadas nos momentos do trabalho de parto em que o/a médico/a solicita “faça força”, fazem com que os músculos perineais fiquem “relaxados” para poder alongar o canal e permitir que o bebê se desloque rapidamente em direção ao meio externo; por último, viria a série de exercícios de relaxamento para permitir uma maior elasticidade.

de emoções e de sensações como a dor por meio de ações motoras. O discurso das práticas corporais faz um tipo de operação que poderia, em tese, ser descrito como discurso eminentemente político de preparação das gestantes.

Inicialmente, a especificidade conferida ao discurso das práticas esportivas no contexto da *Pais & Filhos* amplia o vocabulário corpóreo da gestante, a *sensibilidade aos ritmos respiratórios, ao estados de tensão muscular, estado de tensão articular*. A revista associa a representação da mãe controlada e preparada à representação da mãe esportiva (atlética). Trata-se de dois ideais que estão unidos no combate contra um único inimigo: a mãe despreparada, descontrolada, desviante, frágil, fracassada, incivilizada. Hays (1998) fez uma descrição da mãe preparada (na qual inclui claramente a mãe esportiva) que a nossa sociedade apresenta em imagens como as da *Pais & Filhos*:

Ela tem aquele ar de cuidadosa, trabalhadora, caminha firme, pasta numa das mãos, filho sorridente na outra e/ou na barriga. Literal e figurativamente, ela vai em frente [se prepara]. Seu cabelo, quando é longo, flutua: quando é curto, está puxado para trás dos dois lados das orelhas, indicando mobilidade e avanço. Ela não tem nada de tímida, passiva. É confiante, ativa, liberada para as práticas esportivas. Usa terno bem cortado, mas com laço de seda ou um acessório colorido dizendo: sou feminina. A imagem junta o que o processo histórico havia dividido: filho e trabalho, laço de seda e terno, mulher e esporte, cultura feminina e masculina (HAYS, 1998, p. 170).

Nesse sentido, cada gestante é incitada pela cultura de um modo geral, e pela revista em particular, a submeter-se a regimes de exercícios físicos cada vez mais intensos, rigorosos, planejados, sistematizados.

A construção do corpo por meio das práticas esportivas não produz efeitos apenas nos caracteres físicos, mas também nas sensações e reações emocionais mais íntimas, tais como: ser uma mãe preparada, forte e resistente.

Sou pediatra e durante a minha gestação participei do Grupo de Gestantes com aulas de exercícios físicos preparatórios para o parto, com debates e esclarecimentos de dúvidas – é, mãe pediatra tem muitas dúvidas. Quando fui para a maternidade, me senti preparada para aquele momento. No pré-parto, me lembrava das coisas que aprendi com este curso e fiquei relaxada e confiante, e tudo deu certo (Paula Stockler, médica, 30 anos).

Como a gente se prepara para várias situações na vida, para receber uma visita, um hóspede, por exemplo, acho importante a gente se preparar para receber um novo ser. E assim, fiz curso de preparação para o parto, e isso me preparou melhor para receber o Guilherme (Vera Souza, atendente de escritório, 26 anos) (Pais & Filhos, 1988, p. 27).

A revista parece mostrar que Paula e Vera, por exemplo, não nasceram mães, mas, como quase todas as *parideiras*, aprenderam a ser mães. Existem diferenças muito significativas entre as mulheres – desde as diferenças individuais até as mais sistemáticas, como classe social, escolarização, profissão, religião. A partir desses depoimentos, é possível afirmar que há um tipo de mãe preparada, o padrão hegemônico, que circula na *Pais & Filhos*; um tipo idealizado de mãe, que serve de referência para outras mulheres vislumbrarem o alcance das qualidades físicas de mãe preparada.

MÃE FORTE

As gestantes, no contexto da *Pais & Filhos*, são geralmente retratadas como mulheres que se preparam para o parto, aquelas que acompanham os métodos científicos que *levam a sério seu corpo*; já não são mais tão tímidas, recatadas, mas mulheres ativas e fortes, mais próximas de si quando o assunto é o cuidado com o próprio corpo. De 1980 a 1990, parece que há um movimento que trabalha para fortalecer a representação de mulher de mulher forte, que demonstra firmeza e eficiência em quase todas as situações, como podemos observar em chamadas como as que seguem:

(...) Aprenda a virar o jogo – a ser forte (PAIS & FILHOS, 1978. capa).

(...) Nas decisões, seja forte e firme (PAIS & FILHOS, 1979, p. 41).

(...) Você, mãe, é forte para segurar as pontas na administração da família (PAIS & FILHOS, 1980, p. 21).

(...) Você que tem uma personalidade forte, decidida e responsável, você pode ter um filho sozinha (PAIS & FILHOS, 1980, capa).

(...) Aprenda a explorar o seu ponto forte: pernas, busto, boca, olhos, etc (PAIS & FILHOS, 1982, p. 57).

(...) Uma mãe forte malha todo dia para manter seu corpo em forma. (...) uma mãe forte constrói espaço para ter e para manter o corpo em forma no trabalho de parto (PAIS & FILHOS, 1988, p. 14).

Essas narrativas remetem à construção de gênero da mulher-forte-firme. Ser forte é uma qualidade positivada pela revista. Parece que, a partir da década de 80, a *Pais & Filhos* não nega e sim apela para o desenvolvimento da força física, enfatizando-a não apenas no sentido restrito da força como capacidade física, como também em vários sentidos, em termos

de afetividade, de rendimento, de ser forte, de “segurar as pontas”, enfim, de saber lidar com os contrapontos da vida. Trago aqui três situações destacadas pela revista que considero exemplares da afirmação da posição de “mulher-mãe-forte”.

A primeira que observo está relacionada com um certo destaque dado à organização das famílias denominadas de *matrifocais*, estruturadas nos *ombros fortes* das mulheres. *Famílias matrifocais* é uma expressão tomada de Hays (1998), relacionada a certos tipos de organização familiar, caracterizados pela valorização explícita e elaborada do papel materno, em que as relações entre mães e filhos/as são mais enfatizadas. Nessas famílias, a figura do pai é ausente, e é a mãe que tem o controle sobre os recursos econômicos e os processos de decisão, sendo que a renda principal vem das mulheres (mãe e/ou avós – *ombros fortes*), o que significa uma ruptura ou, no mínimo, um contraponto à representação de família que investe no novo pai solidário destacado no quarto capítulo.

O segundo exemplo de fortalecimento da posição “mulher-mãe-forte” é o da “produção independente”, termo veiculado na *Pais & Filhos* entre as décadas de 80 e 90 para definir a mulher solteira, com renda própria e independente, que assume um/a filho/a sozinha. O termo “produção independente” parece ser uma condição que questiona e/ou recusa o termo pejorativo da “mãe solteira” e ainda pode ser uma forma de mostrar recusa ao casamento, ao modelo da família tradicional; talvez, ainda, queira mostrar que a gravidez é uma decisão, um projeto, uma escolha. Parece que o discurso da “produção independente” indica que a mulher mãe pode ser casada, mas também não-casada e/ou divorciada e independente financeiramente, dividindo despesas da casa e/ou assumindo sozinha sua manutenção.

O terceiro exemplo que destaco de posição da “mulher-mãe-forte” é o claro jogo que a revista faz nas projeções de imagens de mulheres em trabalho de parto normal, em geral com seus corpos exageradamente fortes, firmes, resistentes. Com frequência, o rosto delas é retratado com uma fisionomia semelhante à de um “animal” feroz, dentes em destaque, mãos e punhos cerrados, expressando agressividade. A revista parece apontar as práticas corporais e esportivas como as que corroboram a formação discursiva da gestante forte a partir da noção *de força física como atributo importante do desenrolar do parto normal*.

(...) atividade física na gravidez deixa o corpo da mulher mais forte para o parto normal (Pais & filhos, 1986, capa).

Cabe salientar que o uso da força física não é mais condenável, já que o próprio parto é um exercício de forças musculares que projetam o feto para fora. *Expulsar* alguém requer força, coragem e determinação. Por um lado, a mulher é detentora da força que direciona, controla e regula seu parto, por outro, para que o parto normal ocorra sem transtornos, há necessidade de combinar ações voluntárias (esforço muscular da mãe) e contrações uterinas, que são involuntárias. O feto sai da cavidade pélvica empurrado pela união desses efeitos combinados. Nesse sentido, há a associação da idéia de ser mãe forte com a de ser útil. O estímulo ao fortalecimento muscular é retomado pelas teorias científicas do final do século XX como importante para a educação das mulheres, incluindo as gestantes. A figura máscula, forte e atlética como vantajosa para as gestantes emerge com renovada força, como se vê em inúmeras imagens.

As capacidades físicas de força muscular, vigor físico, resistência e potência são vistas agora como importantes e necessárias tanto às identidades masculinas quanto às femininas, particularmente quando se trata de mulheres gestantes e a *Pais & Filhos* elege as atividades corporais e esportivas como promotoras desses atributos. Goellner (2004, p. 364) destaca que, como

espaço pedagógico, há muito o esporte tem sido campo privilegiado do exercício simbólico da virilidade e da construção de valores a ela agregados, visto que, culturalmente, foi e algumas vezes ainda é representado como sendo um espaço masculino. Agressividade, competitividade, risco, potência, vigor físico, velocidade e determinação são atributos associados ao masculino, em oposição à fragilidade, delicadeza, beleza física e flexibilidade, tidas como características femininas.

Esse estímulo da *Pais & Filhos* para que as mulheres, mais especificamente as gestantes, adquiram vigor físico pode ser visto como um “atravessamento de fronteira”, especialmente se considerarmos os padrões culturais na definição daquilo que é esperado para cada gênero, como observou Goellner (2004).

Para Soares (2005), as imagens esportivas jogam com certa concepção do esportista forte. O esportista “é quase sempre movido pela idéia de ir mais longe, ser mais veloz, fazer a ultrapassagem dos limites das próprias forças, de regular os esforços (...), de superação de si mesmo” (SOARES, 2005, p.52). Parece que o estímulo à adoção das práticas esportivas dado pela *Pais & Filhos* a partir de 1980 culmina em 1990, com a adesão das mulheres à cultura da superação de limites, despertando seus desejos de vitória em diversos âmbitos da vida,

inclusive na gestação. As práticas esportivas (como os campeonatos e as olimpíadas) ajudaram a problematizar o mito do sexo frágil e alteraram outros tabus. Por exemplo, nos anos de 1980, Isabel, jogadora de voleibol de alto rendimento da seleção brasileira, provou que a gravidez não era empecilho ao continuar atuando nas quadras durante todos os nove meses da gestação. A partir de então, a revista destaca cada vez mais a ampliação do número de mulheres envolvidas nos esportes de alto rendimento no Brasil e em práticas antes consideradas violentas. Para Goellner (2004), os anos de 1980 a 1990 caracterizaram-se pela inserção das mulheres em esportes até então considerados violentos para a participação feminina, tais como: judô, pólo aquático, handebol e futebol. César Sabino (2004) também destaca que a representação de masculinidade hegemônica, do homem forte, esportista, destemido, independente, durão, passa a ser adotado por um número cada vez mais significativo de mulheres de classe média, que buscam “vencer na vida” e acham que, para tal, têm que demonstrar força, não apenas em músculos, mas em atitudes...

Nesse sentido, o território esportivo parece ser, como destaca Goellner (2004, p. 367), um território

(...) permeado por ambigüidades, o mundo esportivo fascina e desassossega homens e mulheres, tanto porque contesta os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, por meio de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre liberação e controle de emoções, e também representações de masculinidade e feminilidade.

A *Pais & Filhos* insiste na associação de que, quando se está forte fisicamente, é possível vencer mais facilmente os sentimentos negativos, como de abandono, medo e outros; o trabalho começa com o plano físico e a revista reforça isso dizendo: *corpos que encolhem são cérebros que encolhem* (MARCIA, 1990, p. 45).

MÃE RESISTENTE

Mãe... força, força, força, ... parabéns, parabéns, parabéns pelo sucesso do parto (...)
(Pais & Filhos, 1990, capa).

Essa é uma fala comumente dita às gestantes na sala de parto e reiterada na *Pais & Filhos*. Essa articulação entre força e sucesso é formulada dentro de um pensamento circular

na revista, no sentido de que ela confere superioridade moral à capacidade feminina de dar à luz, função que, por sua vez, quando bem sucedida/executada (parto normal), parece dignificar a mulher e testemunhar essa superioridade. Aparece, assim, o reconhecimento de um novo *status* atingido pela gestante devido a sua forma física, poder conferido ao corpo materno, associado à capacidade heróica de resistir, como podemos observar na formulação a seguir:

(...) Parabéns, mãe, foi você quem fez o parto e deu à luz. A grande vencedora que nos encanta com seu corpo e com sua capacidade de resistência, a rainha merecedora de todos os louros e aplausos (Pais & Filhos, 1990, p. 45).

Foucault argumenta que a produção discursiva dessa experiência é uma tática de auto-ampliação do poder do corpo materno no sentido de mostrar a superioridade física e moral da grávida. A revista qualifica a experiência do parto normal como *inestimável*, uma vez que esta possibilita à mãe olhar para o bebê que foi capaz de parir e reconhecer seu próprio valor.

(...) Eis o meu filho, que eu pari por mim mesma, consegui! E se fui capaz de passar por isso, também serei uma boa mãe (MIRANDA, 1988, p. 114).

Entendo que o rito do parto normal ajuda a demarcar a posição de mãe preparada, forte, resistente, boa, em contraposição à de mãe despreparada, fraca, frágil. Os pares de oposições binárias – preparada/despreparada, forte/fraca, resistente/frágil – reiteram uma distinção social baseada na forma física das gestantes, cuja atuação no parto e respectivas força e resistência emergem como sinal de distinção social e poder. Não podemos esquecer que a revista se endereça à classe média, que valoriza tanto a forma física quanto a moral (*mãe com atitude*) como elementos importantes de identificação, como afirma Luc Boltanski (1979).

As situações de parto normal destacadas pela *Pais & Filhos* com frequência são representadas por imagens em que as mulheres gestantes emergem como superpoderosas, com seus corpos plásticos, preparados, flexíveis, resistentes, tornando-se modelares pela bravura, coragem e resistência com que enfrentam e vencem as dores do trabalho do parto. A revista destaca muito mais *as facilidades do parto* do que as dores, o que pode ser facilmente

contestável, pois o parto é difícil e doloroso para as mulheres de quase todas as sociedades; não é tão fácil assim como é destacado.

Por exemplo, na África, hoje, a chance de uma mulher morrer por causa de uma gravidez e/ou um parto é de uma em 13, e a taxa de mortalidade materna ainda tira o sono de muitos países, particularmente no terceiro mundo. A Organização Mundial da Saúde gradua a Taxa de Mortalidade Materna⁷⁹, considerando o número de mortes a cada 100.000 nascimentos, como *baixa* quando menor que 20 mortes (Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França, Itália, Inglaterra, Holanda, Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Japão, Austrália, Nova Zelândia); como *média*, de 20 a 49 (Cuba, Costa Rica, Chile, Uruguai, China); como *alta*, de 50 a 149 (Brasil⁸⁰, Argentina, Colômbia, Venezuela, México, Jamaica, Tailândia, Turquia); e como *muito alta*, a partir de 150 (Equador, Guatemala, Paraguai, Honduras), sendo que, em alguns países da América Latina, África e Ásia, ultrapassa 300 mortes (Bolívia, Peru, Nigéria, Senegal, Egito, Somália, Lesotho, Bangladesh).

De forma geral, *a dor do parto*, na *Pais & Filhos*, é tratada quase sempre no singular. Sabemos que não é uma dor única, e quase não se fala em processo doloroso (contrações e demais desconfortos peculiares a um parto). As dores são marcadas historicamente pela negação (há em curso, na revista, uma ética indolor), a qual se dá pelo incentivo à drogadição (medicalização presente na nossa cultura) e/ou por meio de outras terapias corporais e da interminável ligação do estado da gravidez com a felicidade. David Lê Breton (apud SOARES, 2005, p. 52) afirma que

(...) a dor é íntima, certamente, mas ela é também impregnada de social, de cultural, de relacional, ela é fruto de uma educação. Ela não escapa aos vínculos sociais (...) Ela é uma manifestação ambígua da defesa do organismo. Privada da capacidade de sentir, a existência humana torna-se terrivelmente vulnerável.

⁷⁹ Há uma estreita relação entre a causa da morte materna e o desenvolvimento social, econômico e cultural do continente, país, estados e municípios avaliados (conforme dados da OMS, 2006).

⁸⁰ A mortalidade materna no Brasil tem um impacto desproporcional sobre mulheres afrodescendentes, mestiças, indígenas, solteiras, adolescentes, pobres e pouco escolarizadas (ver Relatório da CPI sobre Mortalidade Materna Federal, página 44. O Relatório está disponível em www.cfemea.org.br, último acesso em 07 de outubro de 2006).

Negam-se os desconfortos, e, nesse sentido, aceitam-se indiretamente as dores no seu limiar (com muita tolerância *pela felicidade de ter filhos/as*). De maneira geral, a revista, ao falar da *dor* associando-a ao caráter heróico das mulheres, apresenta, “uma visão mais científica da dor e do sofrimento, deseja representar mesmo o seu controle, esta relação íntima de supor ser possível chegar sempre a um limite maior, não importando as condições para tal empreendimento” (SOARES, 2005, p. 53).

A revista ensina, fundamentalmente, *que o tributo da dor é pago pela felicidade de ter o filho, ou seja, a dor não é isenta de tributo*, uma característica atribuída às dores do parto na grande maioria dos relatos de profissionais e das próprias gestantes. Ao descrever as vivências das dores do parto, as mulheres reforçam o quão intensas elas são, mas logo amenizam isso, dizendo *que a alegria de gerar um filho é tão grande, que essas dores logo a gente esquece*. Parece que isso é o que pode ser dito, é o que é possível de ser sancionado por esses discursos; assim, a dor é quase sempre relativizada pelas mulheres e pela *Pais & Filhos* (1987, p. 89).

Talvez aqui resida parte dos fundamentos do altruísmo e do imperativo *viva para o outro* que se traduzem em abnegação, sacrifício e renúncia pelo outro tão fortemente vinculados à da maternidade. Amor e dor, duas faces da moeda da maternidade. Para Wolf (1992), desde os primórdios da história até pouco antes da década de 60, a vivência sexual das mulheres estava associada à dor, e não se oferecia às mulheres “o direito do prazer sem dor”. Para a autora:

a febre puerperal e as complicações durante o resguardo, dar à luz era uma dor atroz até a invenção do clorofórmio em 1860 e representa um perigo mortal até o advento da anti-sepsia na década de 1880. Daí em diante, o sexo trazia o risco de um aborto ilegal, com seus perigos de hemorragia, útero perfurado e morte por septicemia. O trabalho, para a mulher significava o parto, de forma tal que o trabalho, o sexo, o amor, a dor e a morte, durante séculos, estavam entrelaçados, num nó vivo na memória das mulheres (WOLF, 1992, p. 142).

Para a autora, a dor associada ao sexo começou a ser amenizada a partir de múltiplos acontecimentos, tais como: o advento da pílula da anticoncepção e a legalização do aborto em alguns países ocidentais. Os costumes sociais em transformação e a defesa do direito ao prazer da sexualidade por parte do movimento feminista contribuíram, pois, para minar os fios entre sexo e dor.

MÃE SENSUAL

Durante séculos, o trabalho de fortalecimento muscular esteve associado ao masculino, à brutalidade, à rudeza e à grosseria. Hoje, ao contrário, o corpo musculoso tornou-se ícone cultural completamente positivado para as mulheres. O ideal contemporâneo de corpos grávidos é o de um corpo enxuto, compacto e firme, sem excesso de gordura, sem *rasuras* (fissuras) musculares. Nesse contexto, a partir da década de 80, os exercícios para o *assoalho pélvico* passaram a ser superestimados no contexto da revista *Pais & Filhos*. Os exercícios são originalmente prescritos para aumentar a elasticidade e a tonicidade do períneo e evitar rupturas durante⁸¹ o trabalho de parto. Pergunto-me: por que o assoalho pélvico passa a ser tão falado nesse contexto?

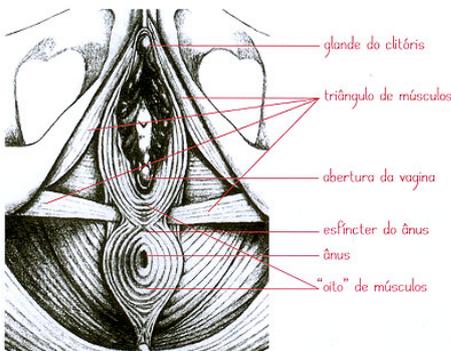
Destaco aqui uma dessas reportagens que orientam as mulheres gestantes – *Assoalho Pélvico: cuide dele*.



FIGURA 24 – ANDREA VIEIRA. *Pais & Filhos*, São Paulo, n. 240, dez. 1988.

⁸¹ É importante lembrar que, na obstetrícia moderna, a prática padrão é realizar uma episiotomia durante o estágio de parto, em vez de estirar excessivamente o períneo e provocar lacerações. Esse corte tem sido utilizado de rotina em centenas de milhões de mulheres desde meados do século XX, com base na crença de sua necessidade para facilitar o parto e para a preservação do estado genital da parturiente (Cf. RESENDE, 2002).

A pélvis (“bacia”) é a parte do corpo que fica entre a barriga e as pernas. Como nós andamos em duas pernas, essa bacia precisa ser bem forte para sustentar o peso de toda a parte de cima do corpo. Por isso temos uma musculatura forte que segura todos os órgãos da bacia no lugar certo, incluindo a bexiga, os intestinos, etc. Nas mulheres, isso é ainda mais importante, pois durante a gravidez ela ainda tem que suportar o peso do útero e do bebê. A parte de baixo dessa bacia é feita por músculos fortes, que formam um “assoalho”.



Vejamos como funciona o assoalho pélvico: Os músculos do assoalho pélvico formam um oito (8) (ver na imagem), sendo que o círculo de cima envolve a abertura da vagina e da uretra e o círculo de baixo envolve a abertura do ânus.

A saúde dos músculos pélvicos é fundamental para manter a integridade e o bom funcionamento da vagina e da uretra e a posição dos órgãos dentro da pélvis. Os músculos pélvicos controlam o fluxo de urina, a contração (aperto) da vagina e o bom fechamento do ânus. Tanto a uretra quanto o ânus têm um esfíncter (músculos especiais que funcionam como fechaduras) que garantem a retenção da urina e fezes. O assoalho pélvico é composto de várias camadas de músculos suspensos como uma “rede” pendurada em dois pontos, na frente e atrás da pélvis. Além dessa rede, os músculos também formam um triângulo (ver na imagem).

Um assoalho pélvico saudável tem um bom tônus (firmeza) e elasticidade. Entretanto, a idade, a falta de exercícios em geral, e mesmo a gravidez e parto (seja ele vaginal ou cesariana) fazem com que estes músculos fiquem mais fracos, e a “rede” fique “arriada”.

Na maioria das vezes, os exercícios pélvicos podem prevenir e tratar esses problemas. Quando iniciamos os exercícios, os músculos estão fraquinhos, mas eles aos poucos vão reagindo e ficando mais poderosos. Como todo exercício, esses também necessitam de regularidade, fé e constância, mas os resultados são excelentes, e podem mesmo evitar um tratamento por cirurgia. Para muitas mulheres, esses exercícios implicam grande satisfação sexual, tanto na hora de fazê-los sozinha quanto depois na hora das relações. Aproveite, pois com o tempo pode ficar ótimo!

Exercícios para o Assoalho Pélvico: como fazer os exercícios e manter uma vagina poderosa

Exercício número 1 - contração e relaxamento básicos

Deite-se de costas, de lado, ou de bruços, com as pernas e o peito relaxados. Imagine o “oito” do assoalho pélvico. Faça uma contração e sinta os esfíncteres ficando mais apertados e as passagens internas (vagina, uretra, ânus) mais fechadas. Relaxe.

Concentre-se no esfíncter da frente, o que fecha a vagina e a uretra. Coloque a ponta dos dedos em cima do osso da púbis (mais ou menos onde começam os pêlos, indo da barriga para a vulva) e contraia bem forte a vagina. Dá para sentir a contração nos seus dedos também, pois o osso se move do lugar dele. Conte até cinco e relaxe. Repita 10 vezes.

À medida que você vai ficando mais forte nessa área, vá aumentando as repetições. O ideal é chegar a 50 vezes, três vezes ao dia.

Exercício número 2 - O Elevador. Coloque-se em uma posição confortável. Imagine que você está subindo em um elevador. À medida que você sobe os andares, tente imaginar os músculos cada vez mais contraídos, sem perder a contração que vai se acumulando. Quando estiver bem contraído, vá descendo os “andares” aos poucos, até relaxar completamente os músculos. Sempre termine o exercício com uma contração.

O ideal é chegar a 50 vezes, três vezes ao dia (BASSANI, 1988, p. 87).

Parece que, nas últimas décadas, sinaliza-se para as mulheres que há algo mais do que reprodução e maternidade em suas vidas sociais. As idéias (re)construtivistas e funcionalistas dos corpos não apenas puseram em cena as opções de mudá-los como também educaram e educam o olho feminino para exigir a funcionalidade (mínima) de seus corpos, no tocante à vivência da gravidez, incluindo também o direito a usufruir a sexualidade, a sensualidade. "Os corpos [ou órgãos] que se desviam dos padrões de uma normalidade utilitária não interessam" (SOARES, 2002, p. 18, acréscimo meu); se não interessam, torna-se essencial a sua adequação a modelos de funcionalidade aperfeiçoada.

O assoalho pélvico, músculo pouco falado e conhecido mesmo entre as mulheres, faz a sua aparição. É interessante pensar as diferentes razões que levaram tanto ao esquecimento do trabalho específico do assoalho pélvico quanto ao abrupto interesse por ele. Quais são os fatores associados tanto a uma quanto a outra situação? Será possível dizer que o assoalho pélvico reaparece em momentos econômicos de maior liberação, escolarização, informação e que, do mesmo modo, é esquecido em momentos de repressão moral e de conservadorismo? Talvez ele seja parte do nosso corpo tal como o clitóris, que, no ponto de vista de Margareth Rago (2002, p. 183), "é silenciado física e discursivamente, em períodos de maior controle sobre a mulher, sobretudo naquele em que ela é associada à figura sacralizada da mãe, sendo, portanto, totalmente dessexualizada".

Para Rago (2002), é possível dizer que a vitória da representação de família nuclear higienizada, do início do século XIX, a exemplo dos regimes italiano e alemão, promoveu a figura dócil da mulher mãe, aconchegante e aninhada entre os/as filhos/as, abnegada e bondosa, totalmente assexuada. Esse contexto levou a um total abafamento da existência de alguns órgãos da mulher. Assim, para a autora, é somente nos início dos anos 80 que, no Brasil e em muitos outros países, entram em cena o clitóris e, podemos pensar, também o assoalho pélvico no contexto de uma discussão que redefine o lugar social da mulher, principalmente do ponto de vista de um alargamento de sua vida sexual.

A partir da segunda metade do século XX, as mulheres conquistaram, ao preço de muitas lutas difíceis, direitos e poderes que lhes permitiram o desafio de pensar a prática da sexualidade desvinculada de sua função reprodutiva e relacionada à dimensão do prazer. Reprodução e prazer separam-se em espaços próprios e, embora imbricados um com o outro, é possível escolher livremente, com o auxílio de contraceptivos, quando gozar e reproduzir ou

quando simplesmente gozar. O planejamento familiar e o controle da natalidade passaram a ser pensados como integrantes das políticas públicas, e a tecnologia do anticoncepcional, em particular, torna-se uma grande aliada do feminismo ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, sexo e compromisso. Aliás, o "ficar" das atuais gerações parece ser o grande efeito comportamental dessas conquistas. Assistimos ao que Bauman (1998, p. 183) chama de "desintegração do sexo (...) do sacrossanto ninho familiar". Trata-se da "redistribuição" do sexo a serviço de um novo padrão de integração social, no qual se inclui a sensualidade.

As práticas de sexualidade distanciam-se da família na medida em que as máximas "liberar a si mesmo" e "senhoras de si" tornam-se palavras de ordem. Liberar a si mesmo implicava lutar não "contra o grande poder central, mas contra as formas múltiplas de poder que agiam no cotidiano de cada uma" (RUSSO, 1987, p. 200). Russo (1987) conclui que as modificações da família, a modernização da sociedade e a reorientação cultural dos anos 70, associadas ao ideário de que o sujeito se libera à medida que se autoconhece, se tornam campo fecundo para a conhecida difusão dos saberes acerca da sensualidade.

No seu primeiro volume de *História da Sexualidade*, Foucault (1988) é explícito a respeito da mudança de trajetória quanto a uma genealogia da sexualidade, na medida em que se refere ao estudo da maneira como o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma sexualidade (FOUCAULT, 1988, p. 11). Dessa forma, somos informados ser a sexualidade um entre os diversos modos históricos pelos quais passamos pela experiência de constituirmo-nos enquanto sujeitos.

Na *Pais & Filhos*, aumentam significativamente as imagens de gestantes e mães como mulheres belas, com olhares provocativos, vestindo roupas transparentes, semi-abertas, estirando-se sobre objetos e camas, sem nenhum rastro que lembre imagens de prostitutas, mas de uma mãe "decente" que usa de forma explícita o seu corpo e sua sensualidade. É no corpo que se inscrevem, inicialmente, significados das relações de sensualidade. Segundo Susan Bordo (1997, p. 19), o corpo é "uma poderosa forma simbólica, uma superfície na qual as normas centrais, as hierarquias e até os comportamentos de uma cultura são inscritos e assim reforçados na linguagem corporal concreta".

As imagens explícitas de corpos grávidos mais sensuais expostas na revista são formadoras de novos códigos de valores e de novos comportamentos que evidenciam de forma explícita a sensualidade. Uma idéia forte infiltra-se na *Pais & Filhos*, qual seja, a de conferir, ao corpo grávido o máximo de sensualidade, considerando esta um dispositivo histórico, aparentemente subterrâneo, mas que se aprende a partir de uma grande rede de estimulação e de intensificação dos prazeres, até mesmo pela incitação do discurso: *seja mãe sensual*.

A revista trabalha com uma idéia dúbia: ao mesmo tempo em que apresenta a gestante como pacata e normatizada (obediente, cuidadosa), como um corpo fragmentado em seios, barriga e coração, desenha também uma representação da gestante fogosa, de sexualidade exuberante, que desafia a rigidez. Produz uma representação da gestante muito mais a partir do seu corpo, da beleza e da estética, portanto, uma mãe com sensualidade, que expressa seus desejos, vontades e fantasias sexuais. Do mundo circundante, também emerge a percepção de uma mulher que resgatou para si o gozo sexual, antes exclusividade masculina (BRUNS, 1993).

Dessa forma, a produção do ser masculino e do ser feminino (do ser grávida), bem como do ser sensual, responde a um projeto renovado de valores da sociedade atual. Como afirma Louro (1999, p. 26): "Há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou 'jeitos de viver', sua sexualidade e seu gênero".

Nesse contexto, as relações de saber/poder que se cruzam no discurso das práticas corporais e esportivas ensinam, de modo particular, que, se ao homem *cabe apertar a cintura, estufar o peito e encolher a barriga*, à mulher (gestante), *além de atender a essas exigências, é cobrado um erotismo das formas*.

É possível dizer que o discurso das práticas corporais ensina e desafia, diretamente, as prescrições corporais que desenvolvem a sensualidade, tais como as prescrições das práticas de danças.

A dança é uma técnica corporal muito favorável às formas femininas e às linhas arredondadas, se adapta perfeitamente ao desenho do corpo grávido

Baseada na consciência corporal e no isolamento de grupos musculares específicos, bem executada, a dança oferece flexibilidade e tônus muscular de forma suave e duradoura, exercitando de modo particular a sensualidade das gestantes.

A dança é benéfica para o corpo e oferece uma boa dose de sensualidade. Sensualidade e corpo em forma. Que homem resiste?

A delicadeza dos passos e deslocamentos retoma a graça feminina do andar e o reconhecimento de quanto a gestante pode ser suave, sensual e assertiva.

A dança ajuda a diminuir muita tensão e dores na coluna (por isso, altamente solicitada durante a gravidez).

As pernas recebem alta dose de esforço, o que se traduz, depois de algum tempo, em pernas bem torneadas e fortes

Nem só de musculação e academia podemos esperar um corpo condicionado (...) seios, bumbum durinho, braços alongados e coxas mais grossas são algumas das vantagens da dança... Isso sem contar a injeção de sensualidade e alguns benefícios fisiológicos. Quer mais? (PAIS & FILHOS, 1990, p. 4).

E é essa aparente multiplicação da prescrição/recomendação de práticas corporais como a dança que assinala aspectos de desenvolvimento da sensualidade, antes colocada numa esfera quase proibida e pouco incentivada ao corpo grávido. No entanto, não é somente incitação à sensualidade, representa também uma denúncia (da revista) contra a situação vivida por grande parte das mulheres brasileiras, reprimidas pelas imposições sociais.

Nessa perspectiva, a dança é entendida no contexto da *Pais & Filhos* como uma estratégia fundamental de desenvolvimento dos seguintes atributos: docilidade, suavidade, sensualidade. Entre vários artigos, imagens e depoimentos publicados na revista, encontra-se freqüentemente uma articulação conflituosa entre uma linguagem feminista, combativa, de emancipação da mulher, e o uso de uma linguagem “doce”, que objetiva suavizar, como o uso da linguagem sensual e assertiva, nas mensagens do texto. A escolha dessas expressões pode ter sido casual, mas serve, de todo modo, para apresentar a “mãe” como uma mulher sensual e erótica. A sensualidade também aparece como indicativo de mulher forte, havendo uma combinação de sensual e assertiva.

No próximo capítulo, procuro mostrar o quanto as práticas corporais e esportivas (junto com a nutrição e o mapeamento genético) são tomadas no contexto da revista como recursos importantes de filtragem e de limpeza dos corpos grávidos.

7 A PREVENÇÃO DESDE A VIDA INTRA-UTERINA COMO PRESSUPOSTO DE SAÚDE DOS SUJEITOS



Figura 25- Pais & Filhos, São Paulo, n. 371, out. 1999.

É no terceiro movimento, de 1990 a 2005, que observo uma hibridização, uma combinação inédita de muitas e diferentes práticas corporais e esportivas nas páginas da *Pais & Filhos*. Como se observa, no quadro acima, a gestante aparece na malhação, pedalando a bicicleta, fazendo ioga e pilates, suando na esteira, realizando práticas esportivas em contato com a natureza, caminhando, correndo, talvez na direção de apaziguar a responsabilidade de gestar outra vida, num contexto que exige dela (sobretudo de seu corpo), somente dela, a produção (utópica⁸²) de um corpo puro e limpo, sem “doença” aparente e com uma “saúde perfeita”.

No cerne desse terceiro movimento, encontram-se as práticas corporais e esportivas reestruturadas, apresentadas às gestantes como técnicas de sedução, novidade (pela lógica da moda), humor, entretenimento, erotismo, promessa de maior bem-estar; são destacadas pela revista como técnicas que causam prazer e agradam – uma neofilia (apreço ou amor por quase todas as práticas novas) que se afirma.

(...) Forró, funk, hip-hop, artes marciais, terapias orientais, aromaterapia, bolas, trampolins elásticos, tudo isso, em função da saúde, do bem-estar físico e mental das grávidas. Uma amostra de que, hoje, “malhar” pode ser muito mais diversificado do que apenas correr na esteira e levantar peso (ROMANA, 1995, p. 14).

O mundo que vem depois da década de 90, no contexto da *Pais & Filhos*, enfrenta a espera da gravidez, buscando a potencialização dos corpos. As práticas corporais e esportivas parecem ser uma promessa de preparo antecipado e preventivo, “um porto seguro para os navegantes perdidos no mar turbulento das mudanças constantes, confusas, contraditórias e intensas” (BAUMAN, 2001, p. 72). A revista estimula as gestantes a dançarem, pedalarem, caminharem na esteira, a depositarem uma certa confiança na idéia da prevenção, buscando, assim, alguma referência – de prevenção dos seus próprio corpos – num mundo quase sem nenhuma. Para Bauman (2001), essa representação de prevenção ensina que são as gestantes, em seu percurso individual de cuidados, que “ajudam o mundo em seu percurso, trazendo ‘carne’ saudável, limpa, perfeita” (BAUMAN, 2001, p. 72).

⁸² Utopia – como descrição de uma “situação ideal, altamente aperfeiçoada, quimera, ilusão”. Dicionário Aurélio.

O movimento da revista, em especial a partir da década de 90, segue no sentido do incentivo à promoção da saúde. A questão da saúde dos corpos torna-se uma obsessão, porém cabe destacar que essa obsessão não é vivida da mesma forma por todas as mulheres gestantes, mas é inevitável: a saúde torna-se um valor, um prêmio, sendo que os indivíduos estão com medo dos efeitos do que comem e bebem e também da falta da atividade física (cujo combate aparece como nova moralização). Os indivíduos informam-se e assumem a condição de *homo sanitas* “o indivíduo amedrontado, que zela pela sua saúde [e a do/a filho/a] como primeiro bem” (LIPOVETSKY, 2005a, p. 91).

Hoje, não ficamos preocupados/as apenas quando os problemas de saúde acontecem; antecipamo-nos, preocupados/as com seu possível acontecimento. A *Pais & Filhos*, a partir de então, destaca a prevenção/promoção como ações fundamentais, afirmadas pelo crescimento da saúde preventiva, por meio da constituição de um discurso próprio que proclama: *proteção, segurança, defesa de conquistas sociais, preservação do planeta*. Para Lipovetsky (2005a), nas últimas três décadas do século XX, as técnicas de conservação do corpo deslocaram-se para técnicas de prevenção, o futuro evocado no presente, conforme destaca Bauman (2001).

É nesse sentido que se observa, conforme excertos abaixo, o quanto as gestantes são responsabilizadas pela programação do futuro.

(...) nascem cerca de 240 mil crianças por dia no mundo.

(...) nascem cerca de 8 mil crianças por dia no Brasil.

(...) portanto, temos 240 mil oportunidades de mudanças por dia no mundo e 8 mil oportunidades de mudanças de futuro por dia no Brasil.

Como tornar realidade estas oportunidades?

Como efetivar estas mudanças?

Através de uma educação antes do nascimento, uma atenção adequada ao início da vida, que investe naquelas que gestam.

Um dos caminhos para a mudança desejada, no que se refere à capacidade de vida de nossas crianças, nossas famílias, nossa sociedade (MENDONÇA, 1999, p. 90).

Do ponto de vista de Forna (1999), o que é “novo”, nesse contexto atual, em relação aos séculos anteriores é a exaltação da vida intra-útero, a idéia de que uma vida saudável (do

futuro) nasce no ventre (presente) de uma mulher⁸³. Proliferam as publicações que afirmam ser no primeiro período – o gestacional, no útero – que o trajeto de saúde do indivíduo se define. Excertos como estes, explicativos da vida fetal, ganham mais força no contexto da revista a partir da década de 90:

(...) uma vida saudável nasce no ventre de uma mulher. (...) em semanas, a célula microscópica cresce e se torna um feto que pesa cerca de 500 gramas e já tem bilhões de células cerebrais.

Um feto cresce 50 cm em nove meses, nunca mais o ser humano vai crescer tanto, em pouco tempo (WERNECK, 1998, p. 24).

O que muda, como a revista mostra, é a capacidade de reunir mais cedo as informações acerca do desenvolvimento/comportamentos do óvulo, embrião e feto e de conhecer mais detalhadamente sua qualidade. As novas tecnologias pré-natais criaram normas para os padrões de desenvolvimento fetal, as quais são cada vez mais exibidas nas páginas da revista para que as gestantes se “conformem” com elas. Os parâmetros para o crescimento fetal permitem que os profissionais da saúde, governo, companheiros, familiares, acompanhem o crescimento e empreguem as sanções legais caso o desenvolvimento “normal” não esteja ocorrendo, obrigando-se, por exemplo, as gestantes a alterarem suas dietas (parar de usar medicamentos e/ou drogas), suas atividades diárias (incorporando cuidados específicos), no sentido de proteger os direitos do feto, como destaca Emily Martin (2006).

A *Pais & Filhos* reproduz uma prescrição normatizadora a de desenvolvimento fetal por meio de um sistema que produz e veicula o que é padrão, cujo controle é exercido visando a classificações, adequações e correções. Ao explicar esse desenvolvimento fetal padrão, a revista, como representante leiga da “ciência”, (re)produz um discurso que pertence a um “domínio disciplinar” da medicina e da psicologia como suas maiores representantes. Segundo análise de Foucault (1988), esses mecanismos disciplinares constituem-se em formas de controle e de poder na medida em que veiculam a “norma”, objetivando ensinar o que “a gestante deve fazer” (WALKERDINE, 1995).

⁸³ A utilização do ultra-som, o desenvolvimento da fotografia, os microscópios eletrônicos e a informática são algumas das ferramentas que colaboraram com inúmeros estudos que vêm sendo feitos sobre o período intra-uterino.

A revista utiliza essas estratégias para evidenciar a importância orgânica e biológica dos corpos das gestantes, visando a reafirmar a idéia de que a gestante é a principal responsável pelo desenvolvimento fetal, não só pela proteção do feto, como também por toda a estrutura que sustentará o desenvolvimento da saúde do indivíduo adulto (FIDALGO, 2003). Os estudos descritos na revista posicionam a vida intra-uterina como imperativo do desenvolvimento saudável normal dos adultos. A saúde dos indivíduos estaria intrinsecamente relacionada aos cuidados que as gestantes devem ter na vida intra-uterina (aconchego, tranquilidade, limpeza, pureza, eficiência).

Diante desse deslocamento, pergunto-me: quem é o sujeito privilegiado dessa forma governo? Parece não restar dúvida de que o sujeito privilegiado desse governo é a mulher gestante ou a que deseja se tornar mãe. É reatualizada, aqui, a tese de que a saúde de uma sociedade depende da educação da mãe na gestação – a garantia do futuro saudável, limpo e perfeito começa no presente de uma gravidez.

A cultura da prevenção/precaução vem se tornando cada vez mais imperiosa em tempos em que a consideração de cenários futuros se torna constante nas propostas de gestão dos riscos de vários aspectos da vida, conforme Castiel (2003). Para o autor, a cultura da prevenção e os interesses econômicos têm precedência sobre a atenção para com as gerações futuras. Lupton (1999) também lembra o papel do mercado – da saúde – como instância reguladora.

Para Sfez (1995), desdobra-se, na pós-modernidade, uma espécie de atividade de controle em prol de uma grande saúde ou, ainda, de uma saúde perfeita a partir da vida intra-uterina, culminando com certa limpeza dos corpos das mulheres mães. Trata-se, nesse contexto, da condenação explícita dos desvarios (sujeira do útero) da carne, que ameaçariam não só a vida (saúde) do feto, como também a vida do planeta, a saúde da sociedade. Começo, então, perguntando o que seria “sujeira” nesse contexto. Como e de que modo a localizamos?

LIMPEZA DO PLANETA E DOS CORPOS

Para Sfez (1995), duas são as pedras fundamentais que carregam, de forma explícita, o conceito de limpeza: o imperativo do planeta ecologicamente limpo, despoluído, em que se

produz uma alimentação sã, cem por cento⁸⁴, e o imperativo de limpeza dos corpos. Assim como se despoluem os rios e o meio ambiente, também é preciso despoluir os corpos, limpar as partes doentes e/ou substituí-las.

Como se vê, o conceito de limpeza vai além de reorganizar o ambiente (o planeta), estendendo-se aos corpos das pessoas e, mais especificamente, aos de determinados grupos e/ou de uma determinada categoria de pessoas. Alguns grupos de pessoas, nos quais se incluem, de modo claro, as grávidas que não cuidam de seus corpos (que não assumem alguns cuidados), são concebidos como obstáculos para a “organização apropriada do ambiente” (BAUMAN, 2001) caso não mantenham seus corpos limpos.

Nesse sentido, o corpo grávido, como destaca Lupton (1999), desperta estranheza e medo, pois ameaça a integridade da ordem simbólica; pelo

simples fato de engravidar, anuncia publicamente ser objeto penetrável, ser um corpo invadido, primeiro por seu parceiro sexual e o sêmen desse parceiro e, num segundo momento, pelo feto. O corpo grávido devido a sua capacidade de permeabilidade, por sua abertura ao mundo a um outro corpo dentro de si (...) rompe com os ideais de controle, único, separado dos outros corpos, desafia os conceitos de limites corporais, é um estado corporal anômalo, um corpo em transição entre um estágio e outro. Como tal, é desorganizado, desperta os sentidos do medo do perigo e da contaminação potencial (LUPTON, 1999, p. 12).

Ao mesmo tempo em que o corpo grávido é celebrado pela *Pais & Filhos* ele é posicionado, também, como um corpo que pode “poluir” socialmente, portanto, é ameaçador. Talvez por isso tantos investimentos, na revista, ensinam a controlar, limpar e purificar através de diversos rituais.

Grávida! Limpe o corpo... (...) com ele limpo, então você vence a batalha e o meio ambiente também (MARTINS, 1998, p. 34).

⁸⁴ As preocupações relacionadas ao porvir planetário e os riscos ambientais assumem posição primordial no debate coletivo, estão bem vivas, habitam e alertam permanentemente as pessoas no presente, alimentando as controvérsias públicas, solicitando medidas de proteção para o patrimônio ambiental. Multiplicam-se as análises de risco, em escala nacional e planetária, os cálculos probabilísticos destinados a discernir, avaliar e controlar os perigos, diante das ameaças atmosféricas, das mudanças climáticas, da contaminação dos solos. Há a afirmação de idéias de desenvolvimento sustentável e de ecologia que transmitem um ambiente viável às gerações futuras (Cf. LIPOVETSKY, 2004; SFEZ, 1995).

É importante destacar que as manifestações de compulsão pela limpeza dos corpos grávidos não se mostram apenas nos regimes totalitários. Para Sfez (1995), os programas pré-natais reintroduzem, de um modo particular, uma moral sanitária, higienizada, de obsessão por limpeza, trazida pela vigência do paradigma biotecnocientífico, a saber: o controle das disfunções orgânicas e a manipulação preventiva das informações genéticas são programas que prescrevem uma clara noção de limpeza dos corpos – como necessária para atingir a “utópica” saúde perfeita.

A ênfase na limpeza dos corpos grávidos parece não ser novidade histórica. No entanto, a limpeza atual não é idêntica à que vigorou em outros períodos da civilização ocidental; toda sujeira orgânica deve ser repelida pelas grávidas, o que impõe uma ampla lista de rituais de limpeza. Observo que a vigilância, cada vez mais acentuada, na manutenção da limpeza, seu monitoramento e prevenção, na *Pais & Filhos*, são prescritos mediante as retóricas de uma alimentação saudável – perda de peso, controle do colesterol –, da limpeza dos genes e da inclusão da atividade física, como procuro descrever a seguir.

LIMPEZA DOS CORPOS POR MEIO DAS PRÁTICAS ALIMENTARES

Há um movimento de repúdio aos corpos “sujos”, e os sonhos de pureza e limpeza (corporal) são retomados, na revista, intermediados pelas práticas alimentares. Deseja-se que

(...) a futura mamãe se abstenha de café, chá, álcool, fumo, de alimentos não pasteurizados e light. Dê adeus às frituras, aos alimentos condimentados, ao excesso de açúcar (...) e inclua outros alimentos e práticas tais como os exercícios físicos (ARANHA, 2003, p. 36).

Observa-se que estamos próximos de um *ethos*, em termos de limpeza, menos espontâneo e mais projetivo, festivo, higienista e preventivo.

Até o antigo ritual de satisfazer os súbitos “desejos alimentares” das grávidas, que muitas vezes se manifestavam nos horários mais inconvenientes, passou a ser criticado pelo discurso da nutrição, pois o controle da alimentação, para Bauman (2003), significa hoje um importante dispositivo de “limpeza dos corpos”.

A *Pais & Filhos* ensina os/as leitores/as a ficarem cada vez mais atentos/as às suas práticas alimentares: por exemplo, não beber refrigerante porque tem muito açúcar e conservante; não comer muita carne vermelha porque tem gordura. Em contrapartida, instiga

as pessoas a procurarem produtos “naturais” (alimentos orgânicos), saudáveis biologicamente, com identificação de etiquetagem regulada, com datas de validade, valores nutritivos e calóricos, especialmente as taxas de açúcar e gorduras devidamente identificados e declarados, apostando em menções, tais como: *alimentos naturais, frescos, 0% de gordura, sem colesterol, sem sal, baixas calorias*.

A crítica das experiências contemporâneas em relação às práticas alimentares registrada pela *Pais & Filhos* aponta algumas pistas que possibilitam a exploração do papel e dos usos do bio-poder e de seus equivalentes atualizados. Em relação à virada do século passado, podemos dizer, amparados/as em Foucault, que a rede de profissionais, hoje, foi ampliada para incluir os consultórios, os laboratórios e as páginas das revistas para confissão dos pecados "da gula e da preguiça". A obrigação da confissão dessa prática é, agora, imposta a partir de tantos pontos diferentes e já está tão profundamente incorporada em nós que não a percebemos mais como efeito de um poder que nos coage constantemente.

Giddens (2002) destaca que, até os anos 50, as pessoas se alimentavam e tomavam banho de mar e de rio com tranquilidade; hoje, precisam ver primeiro se a água não está poluída ou se a comida não tem produtos geneticamente modificados, que podem provocar câncer. Segundo Giddens (2002), essa tendência será acentuada no futuro, porque o indivíduo do futuro terá mais prudência, informar-se-á mais ainda para viver com menos risco. O novo ascetismo alimentar é complexo e mantém-se articulado a uma série de outras práticas, como: a prolífica bibliografia da farmacopéia antioxidante, que envolve uma quantidade indeterminada de produtos e serviços que enaltecem os suplementos vitamínicos, os *spas*, os centros estéticos, as clínicas, os tratamentos fisioterápicos e as academias. Na *Pais & Filhos*, esse imperativo se percebe em chamadas como:

(...) Emagreça ... emagreça ... emagreça;
(...) Controle a boca (...) Feche a boca (...) Boca fechada;
(...) Jogue pesado contra gordura, celulite e flacidez;
(...) Invista num cardápio light;
(...) Faça muita atividade física (PAIS & FILHOS,1996; 1998; 1999; 2003).

LIMPEZA DOS GENES

Vejamos outros exemplos de como a *Pais & Filhos* divulga e dá ênfase aos genes.

Laboratórios identificam genes ligados à esquizofrenia, ao alcoolismo, causadores dos diferentes cânceres.

Descoberta dos genes “anormais”, dos genes responsáveis pela formação do adulto-difícil, do adulto-mal-ajustado, do adulto-rejeitado, adulto-instável (e mais recentemente, criança-hiperativa) e por aí afora.

Cientistas descobrem mais genes ligados ao apetite, à obesidade (CARVALHO, 2000, p. 18).

Como se vê, uma maré de patologias e distúrbios comportamentais se faz presente nas publicações da *Pais & Filhos* a partir da década de 90. Entendo que esse tema traz um peso a mais à vivência de uma gravidez.

Um novo espírito de época impõe-se junto à transparência dos ambientes e dos corpos propiciada pela prospecção das biotecnologias de mapeamento genético. Essas idéias de transparência e limpidez dos genes são a resposta atualizada da revista aos novos tempos de “visibilidade total”⁸⁵ – a exposição excessiva e a limpeza também ocorrem nos genes,⁸⁶ na qualidade de informações preciosas. De acordo com Sfez (1995), acabou-se a individualidade secreta dos genes, pois eles estão permanentemente expostos “em informação e comunicação”.

Agora, “o que somos”, como a *Pais & Filhos* nos faz ver, pode ser atestado pela resposta final, que é o “*program*” dos genes. É a emergência dos genes como o principal ponto de desencadeamento de “anormalidades” dos adultos. Circulam discursos, na revista, que imputam sutil culpa aos genes das mães, desde os insucessos acadêmicos dos/as filhos/as

⁸⁵ O sistema de vigilância de presídios, tão propagado por Jeremy Bentham, ganha uma dimensão que se alastra para todas as instâncias, da guerra aos *reality shows*, como a *Casa dos Artistas*, do Sistema Brasileiro de Televisão, e o *Big Brother*, exibido com tanto sucesso na Europa e transplantado para o Brasil pela Rede Globo de Televisão. Os sistemas de vigilância que tornam os condomínios transparentes (até os elevadores e garagens) estão presentes em todos os prédios de classe média. Vejamos a arquitetura presente na maioria dos prédios pós-modernos: as bancadas e muros foram transformados em vidro (Cf. TOGNOLLI, 2005).

⁸⁶ Porte um *chip* com todos os seus dados, sua história e sua inserção social e econômica.

e obesidade até quando há notícias de adultos capazes de matar, característica atribuída às mães que transmitiram genes monstros. As mães têm sido culpadas por problemas manifestados pelos/as filhos/as, desde o autismo até a psicopatia.

No atual debate, a eugénica⁸⁷ trouxe a forte crença de que se podem “substituir os *bad genes* pelos *good genes* e criar uma nova espécie de humanidade libertada de seu mal-estar e sofrimento”. A *Pais & Filhos* parece aceitar sem grandes questionamentos esse movimento da eugénica, aliás, até parece favorável a essa perspectiva na maior parte das vezes. Em quase nenhuma reportagem a revista considera o fato de que genes estão sujeitos a mutações, contêm potencialidades que se expressam diferentemente, de acordo com a educação, com o ambiente e com as condições de vida e de saúde, ou seja, que eles se modificam em novos contextos pela própria ação dos sujeitos.

O atual projeto da genética apresenta-se como capaz de mostrar o seqüenciamento dos genes responsáveis pelas características hereditárias do indivíduo. Apresenta-se, por um lado, através de sua face redentora do sofrimento, voltado para prevenir e curar doenças e malformações consideradas de origem genética; por outro, instiga um movimento de melhoria das competências humanas, como a inteligência, a memória, a criatividade artística, o desempenho físico, os traços do caráter e várias outras características biofísicas.

Esses conhecimentos genéticos trouxeram para as gestantes grandes esperanças, mas também apreensões crescentes, “tendo a potencialidade de mudar nossas vidas, talvez mais do que qualquer outro avanço científico ou tecnológico” (RIBEIRO, 2003, p. 145). É nesse sentido que a *Pais & Filhos* abre caminho para afirmar que os corpos das gestantes estariam passando por um processo de obsolescência e, portanto, necessitando recorrer a um *upgrade* para melhor adequar sua funcionalidade.

A sociedade pós-moderna, adepta da limpeza pormenorizada, induz a um estado de terror próprio a tudo que seja “sujo”. Hoje, manifesta-se menos no ardor do gozo e mais no medo da gravidez de risco, das doenças e do envelhecimento. Estamos enamoradas de nossos corpos e ao mesmo tempo aterrorizadas pelo ambiente social agressivo a ele. Tudo inquieta: a poluição urbana, a violência nas periferias, no nível pessoal, tudo o que fragiliza o equilíbrio e a limpeza dos corpos (SFEZ, 1995).

⁸⁷ Eugénica é uma tecnociência nascida nos anos 70, do encontro entre genética, biologia molecular e engenharia.

O CORPO GRÁVIDO LIMPO, APTO E SAUDÁVEL POR MEIO DAS PRÁTICAS CORPORAIS E ESPORTIVAS

Cada perspectiva de limpeza tem, em contrapartida, uma perspectiva antagônica correspondente de sujeira que, como destaca Sibilia (2004), precisa ser ativamente combatido. A *Pais & Filhos* menciona variados recursos de limpeza, que vão desde a água e sabão (como padrão de limpeza e civilização) até a nutrição, a genética, cremes e as próprias práticas corporais e esportivas. De acordo com Bauman (2001), a sociedade pós-moderna renova os rigorosos instrumentos de filtragem de limpeza. É nesse sentido que as práticas corporais e esportivas, junto como a nutrição e o mapeamento genético são tomadas como um dos recursos mais importantes de filtragem de limpeza; como uma renovada alternativa de prática inserida e aprovada, no mercado, para o consumidor; como uma prática que ajuda a encaixar os corpos que estão “fora do lugar” e a deixá-los aptos (BAUMAN, 2001). O que significa, hoje, estar fora é ser gordo/a, ter celulite, ser flácido/a, ser sedentário/a, ter carne suja?

No mundo pós-moderno, há ainda um severo teste de limpeza que deverá ser transposto por todo/a aquele ou aquela que solicite ser ali admitido/a. A prática de atividades físicas para as gestantes parece que foi (e é) incluída como uma das que contribuem, exatamente, para a estrutura ordeira e limpa de uma gravidez saudável, como se destaca em muitos excertos, por exemplo:

Uma feliz combinação de fatores resultará na perfeição das gestantes. O que a genética não limpa será resolvido com alimentação correta e com a malhação na medida certa. Cada um destes fatores traz grandes inovações. (...) Mas são as atividades físicas que trazem a revolução mais impressionante.

Um novo tipo de malhação e de alimentos saudáveis traça as linhas de um corpo mais limpo, belo e harmonioso das gestantes (FIGUEIRA, 2004, p. 40).

Observa-se todo um movimento na *Pais & Filhos*, a partir da década de 90, que coloca em uma “nova” história o discurso das práticas corporais e esportivas na forma de se relacionar com as gestantes. Para Bauman (2003), a sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores, e não de produtores. A vida organizada em torno da posição de sujeito consumidor tende a ser normativamente regulada. Há um mínimo

que se precisa fazer para viver e para ser capaz de exercer a função de consumidor (como, por exemplo, assumir alguns cuidados nutricionais, incluir as atividades físicas), e há um máximo (de limpeza e perfeição) com que se pode sonhar, que está relacionado às aprovações sociais (as ambições) de cada época, para não ser desprezado ou relegado. Por exemplo, um corpo grávido que não faz atividade física é combatido, condenado como corpo sujo no contexto da *Pais & Filhos* depois da década de 90.

A partir da década de 90, observo que a revista sofisticava as justificativas das práticas corporais e esportivas dirigidas para as mulheres gestantes, veiculando que as mulheres gestantes que não são mobilizadas por essa forma de cuidado passam a ser consideradas como “mães de risco”.

Conforme orientações do Tratado de Obstetrícia (*Modern Motherhood*) referidas por Carlos Stacpoole (2003), uma gravidez pode ser descrita como “de baixo risco” ou de “alto risco”⁸⁸. Aparece aí certa oficialização de que a ausência das práticas corporais e esportivas na gravidez contribui para produzir gravidez de “alto risco”. Observa-se uma clara moralização da mãe de risco. Portanto, múltiplas sugestões são divulgadas na revista, fazendo ver que a educação das gestantes não seria eficaz e plena, caso não se inserissem, na sua rotina do pré-natal, as práticas corporais e esportivas.

Essas práticas voltadas para as gestantes estão em sintonia com os cânones que alicerçam a nossa *risk society*, de modo a se conquistar um corpo limpo. As noções de risco complexificam-se ao ganharem força no pensamento contemporâneo; explora-se a idéia de risco nos pressupostos informativos de saúde (GIDDENS, 2002; CASTIEL, 2003). Segundo Lupton (1999), essas noções referem-se a riscos disseminados nos corpos, nos comportamentos e atitudes, no ambiente, identificando-se distinção entre os riscos no sentido geral e os riscos *corpóreos* (genes, diabetes⁸⁹), os riscos *ambientais* (que incluem a poluição do ambiente, desmatamento, lixo nuclear) e aqueles relacionados aos *estilos de vida* e comportamentos (onde os grandes focos de atenção hoje incluem a dieta e os exercícios físicos). Talvez possamos dizer que não há só um risco em pauta, mas um conjunto de riscos, organizados segundo graus e valores.

⁸⁸ Alguns fatores, como idade e patologias, tais como hipertensão, diabetes e problemas renais, são considerados de “alto risco”, bem como a ausência de exercício físico, o aumento de peso e a idade (inferior a 14 anos e superior a 35 anos).

⁸⁹ Está localizada no risco corpóreo, mas é também construída, ao mesmo tempo, parcialmente, como sendo em função de um risco ligado ao estilo de vida e aos aspectos de ambiente social e físico (LUPTON, 1999).

Podemos dizer que as estratégias ligadas às orientações para as gestantes inserirem as práticas corporais e esportivas na gravidez estão vinculadas a uma dada racionalidade de governo e de autogoverno dos riscos. O risco, nesse sentido, pode ser entendido como estratégia de governo pela qual as gestantes são monitoradas – “o risco é uma tecnologia moral: calcular um risco é dominar o tempo e disciplinar os corpos” (LUPTON, 1999, p. 5).

Amparada por Lupton (1999), argumento que as expressões alto risco e/ou baixo risco são estratégias pedagógicas, que se apresentam, quando fazemos escolhas e nos posicionamos optando ou não por prestar atenção ao(s) risco(s) frente a diferentes situações da vida.

Para Castiel (2003), o discurso do risco é quase sempre apelativo, posto que é seguido, invariavelmente, de alguma percentagem calculada e presidido por medidas como alto e baixo. Para o autor, a categoria “risco”, desenvolvida pela epidemiologia moderna, alcança um alto grau de eficácia na contemporaneidade. Para ele, há uma emergência de representações de autocuidados (que incluem as práticas corporais) como produtos contendo determinados rótulos. Assim, “gestantes de baixo risco” seriam vistas como sendo mais valiosas, tanto econômica quanto fisicamente, em termos do que esses corpos poderão produzir para a sociedade. Gestantes de “baixo risco” são representadas, na *Pais & Filhos*, como seres “verdadeiramente humanos” e com futuro produtivo e prolífico. Já as gestantes de “alto risco” são vistas como “seres sedentárias, culpadas por ocupar um lugar que não traz segurança a paisagem social” (BAUMAN, 2004, p. 144).

A sociedade dos consumidores elege a saúde (cada vez mais) perfeita como padrão que seus membros devem atingir, acenando com o ideal da *aptidão (total fitness, physical)*⁹⁰ (BAUMAN, 2001). Aptidão é a qualidade do que é apto, capacidade, habilidade, disposição; conjunto de requisitos necessários para exercer algo (por exemplo, processo da gravidez); é uma condição adquirida (fabricada). A expressão *physical* refere-se ao físico, corpóreo, material. A combinação das duas expressões, “aptidão física” leva à construção do conceito como sinônimo de capacidade, habilidade, disposição material, enfim, a indicação de que o indivíduo está apto corporalmente. O que aparece aqui de novo é a expressão “aptidão total”, referindo-se à totalidade biopsicossocial, ao fato de o indivíduo estar apto para todas as situações do ponto de vista biológico, psicológico e social.

⁹⁰ *Fitness, physical*, termos com forte influência estadunidense (BOHME, 2003).

Nos dias de hoje, vemos várias manifestações na tentativa de se formarem e formatarem corpos magníficos, pois a “aptidão total” está associada à idéia de perfeição. Assim: queremos filhos/as geneticamente perfeitos/as, esteticamente bonitos/as, socialmente destacados/as. A maioria das gestantes sente-se incapaz frente ao endeusamento da “aptidão total”, cujo conceito justifica sua antítese, a exclusão, permitindo que corpos sejam descartados a partir do momento em que não atinjam “aptidão total”, segundo o padrão da perfeição, ou, ainda, que não atinjam uma representação de corpos musculosos, esguios, velozes, malhados e saudáveis. A saúde e os corpos são tomados como produtos inacabados, em constante transformação. A liberdade de informação desses novos tempos associa-se à liberdade da forma para modificar a saúde e o corpo (SANTOS, 2000).

Para Bauman (2001), saúde e aptidão (total) não são sinônimos, apesar de ambos se fundamentarem em cuidados com os corpos. A saúde demarca e protege os limites entre saudável e doente. O estado de aptidão, ao contrário, é tudo menos sólido, seus limites não são fixados nem circunscritos com precisão; sua prova fica sempre para o futuro. Estar apto/a significa ter um corpo flexível, ajustável ao mercado; estar sempre aberto/a ao lado do mais (do ir além) no que se refere a qualquer padrão de capacidade, sendo ilimitado o potencial de expansão corporal; estar pronto/a a enfrentar o não-usual, o não-rotineiro. Na busca da aptidão, não há tempo para descanso; os/as que buscam aptidão sabem que nunca serão suficientemente aptos/as e que devem continuar tentando – essa busca “é um estado de auto-exame minucioso, auto-recriminação, de autodepreciação permanente e assim de ansiedade contínua” (BAUMAN, 2001, 93). Bauman vê que, na contemporaneidade, o cuidado com a saúde está cada vez mais associado à busca da aptidão: “contínuo, fadado à insatisfação permanente, incerto quanto à adequação de sua direção atual e gerando muita ansiedade” (BAUMAN, 2001, p. 93).

Entendo que essa ambição explica, por exemplo, a notável popularidade que atividades de *fitness* ganharam como regimes de aptidão, na esteira dos quais o universo *fitness* se expande para as gestantes. Parece que os componentes da “aptidão total” para as gestantes em atividades de *fitness*, depois da década de 90, ampliaram os fatores básicos de exigência. A aptidão das capacidades motoras, nesse terceiro movimento identificado na revista, parece se complexificar e se diferenciar do segundo movimento por incluir: condicionamento de resistência cardiorrespiratória, flexibilidade, resistência muscular, força; concomitantemente, inclui também as capacidades motoras de condicionamento, como

velocidade e força explosiva, potência, tempo de reação, assim como as capacidades coordenativas, de equilíbrio, agilidade, ritmo, entre outras (BHOME, 2002).

A partir da década de 90, no contexto da *Pais & Filhos*, acirra-se uma discussão a respeito da exigência de “aptidões totais” mais complexas⁹¹ para as grávidas, que desafiam múltiplos e complexos condicionamentos. Nesse contexto, a aptidão física é agora mais regulada e está diferenciada por três níveis de capacidade: alto, ótimo e baixo nível de atividade física.

É nesse sentido que a revista incita claramente as gestantes a se adequarem a um modelo alto e ótimo de aptidão e de preparo físico, por meio das práticas corporais e esportivas, talvez para que desenvolvam “uma nova saúde, mais forte, alerta, alegre, firme e audaz que todas as saúdes até agora” (VIRILIO, 1996, p. 97).

A gestação, em qualquer tipo de sociedade, é um acontecimento cercado de ritos e de significados. Em culturas como a nossa, na atualidade, apresenta-se como um projeto que deve ser devidamente controlado, regulado, pleno de temperança, prudência e suscetível de uma gestão criteriosa dos riscos.

Essa concepção sustenta a existência de um estado ótimo de saúde e aptidão total como critério de avaliação da saúde, a materna. Esse conceito é um elogio a um mundo em que a ciência e a técnica ocupam lugar de destaque. Nessa perspectiva, é somente mediante esses recursos (como as atividades físicas) que a condição de pleno “bem-estar” fica assegurada.

A partir da década de 1990, a categoria da perfectibilidade (dos corpos e da saúde), oriunda do próprio conceito da OMS e (re)afirmada, particularmente, pela medicina americana, vive seu grande momento também nos discursos das práticas corporais e esportivas dirigidas às gestantes. A *Pais & Filhos* destaca, nos seus discursos, as idéias de *saúde perfeita*, *grande saúde* e *metacorpo*⁹² como pressupostos que dão novas cores e sentidos ao desenrolar da gravidez e que serão atingidos se as gestantes aderirem a determinadas práticas de saúde, como as corporais e esportivas. Entendo que esses pressupostos produzem efeitos na educação e regulação das grávidas, na atualidade,

⁹¹ Desde o período pós-segunda guerra até 1990, a aptidão física foi considerada como o desenvolvimento da resistência cardiorrespiratória, flexibilidade e força; a partir daí, muda consideravelmente.

⁹² A expressão “metacorpo” é de Paul Virilio; já as expressões “saúde perfeita” e “grande saúde” são de Lucien Sfez; e a expressão “nova saúde” é de Volnei Garrafa.

redimensionando a relação corpo-gestante-feto e ensinando às gestantes, conforme Virilio (1996, p. 97), que a saúde “não é apenas algo que se tem, mas que constantemente é preciso adquirir”, aperfeiçoar e promover durante a gravidez. Ainda que algumas práticas sejam mais enfatizadas validadas, outras são reconhecidas como necessárias para acelerar o desenvolvimento de “corpos mais sadios, (...) corpos de super-homens”. Para Virilio (1996), a crescente sedentarização é suprida por excitantes e estimulantes químicos e técnicos (drogas, anabolizantes, pastilhas inteligentes, antidepressivos capazes de superexcitar as faculdades mentais) e pelas práticas desportivas desnaturalizadas, que passam cada vez mais a superexcitar os músculos e exigir grandes esforços (VIRILIO, 1996).

Hoje, na revista, quase não se fala mais em seleção natural da espécie, mas sim em seleção da “espécie preparada, superior, perfeita, superequipada, aperfeiçoada” através de rigorosas formas de cuidados, em especial, das práticas corporais e esportivas (que se apresentam como mais eficazes na constituição das identidades). Desse modo, vemos que as gestantes⁹³ de hoje são chamadas a

administrar seus riscos (e as questões estéticas), numa forma de autopolicimento que implica o dever de lutar contra o próprio destino, ultrapassando os limites da própria configuração biológica com a ajuda da tecnociência (...) o imperativo da saúde perfeita, no campo da procriação na tentativa de evitar que erros inscritos como probabilidades nos códigos genéticos se efetivem – tanto nos organismos quanto no corpo social (SIBILIA, 2002, p. 199).

As gestantes, atualmente, estão sendo alvos ativos da lógica de que todo ser humano “é capaz de aperfeiçoar a sua saúde [a sua gravidez]; e o grau dessa perfeição não tem limite”, segundo Garrafa (2003, p.29). Tal aperfeiçoamento, pela forma que a *Pais & Filhos* o aborda, depende apenas de *capricho*, de engajamento, podendo ser feito pela livre⁹⁴ escolha de determinadas formas de cuidado. Na atualidade, a gravidez tornou-se progressivamente “ativa e intervencionista”, como diz Forna (1999, 45)⁹⁵, uma tarefa cada vez mais complexa e de muitas aprendizagens e exigências.

⁹³ Lupton (1999) observa que as estratégias, os discursos de promoção da saúde (pública e particular) dirigidos às grávidas não são capazes de interpelar todas elas ao mesmo tempo ou do mesmo modo.

⁹⁴ O arranjo neoliberal forja a idéia do indivíduo autônomo, senhor de si, responsável pelo aperfeiçoamento das capacidades, sendo que a sociedade transfere essa responsabilidade, quase integralmente, para o indivíduo.

⁹⁵ Não tenho dúvida de que os inúmeros cuidados corporais trouxeram efeitos positivos e abriram novas possibilidades para se viver a gestação.

A crença de que uma gravidez rigorosamente planejada garantiria, de certo modo, a produção de “melhores” indivíduos, com corpos mais perfeitos e saudáveis, acaba por exigir da mulher gestante – e só dela – um engajamento individualizado, sobretudo com o dever de *ter, controlar, promover, aperfeiçoar a saúde*. Essa exigência implica a transferência para a esfera individual da responsabilidade pelos meios e recursos necessários para a viabilização do projeto de corpo (o da gestante e o do feto) e de saúde da sociedade, como observa Meyer (2006).

Dentro desse contexto de reinvenção dos corpos grávidos e da maternidade como modo de expressão, busca-se promover novas narrativas simbólicas de limpeza e ampliação das condições de saúde e de estética, de modo que as práticas corporais e esportivas encontram espaço. O discurso das práticas corporais e esportivas entrelaça os argumentos de promoção da saúde e da estética, veiculando mensagens que borram os contornos dos dois conceitos.

Esse discurso das práticas corporais e esportivas reforça a idéia de um corpo materno limpo, perfeito, tanto em termos da saúde quanto em termos da estética das gestantes. A partir da década de 90, podemos dizer que as práticas corporais adquiriram um grande impulso como práticas de prevenção e promoção da saúde, e também, como práticas de modelagem estética dos corpos grávidos, conforme exemplos transcritos a seguir:

(...) práticas que ajudam a gestante a manter o perfil atlético, musculado, mas não exagerado... A ter uma musculatura sólida, rígida, firme, consistente, sem flacidez, moleza, celulite.

(...) o músculo trabalhado por meio da atividade física é o que dá forma e aspecto sólido ao corpo grávido, e é a gordura que dá flacidez e moleza, deformando as formas (CARVALHO, 1991, p. 11).

Outro exemplo: na revista, a celulite e a gordura aparecem como inimigas das gestantes, e as atividades físicas surgem aí como uma forma de limpar a pele e de deixar o corpo grávido limpo, compacto e firme, sem excessos de gordura e, de preferência, sem marcas de conseqüências do estado de gravidez. Para Jean Jacques Courtine (1995), há uma tendência, neste tempo histórico, ao amor pelo corpo liso, polido, e a uma cultura visual do músculo.

O PAVOR DAS MARCAS DEIXADAS PELA GRAVIDEZ: AUMENTO DE PESO, MANCHAS, CELULITES, ESTRIAS, FLACIDEZ, CICATRIZES

Fica subentendido, nas páginas da *Pais & Filhos*, que a gravidez provoca no corpo das mulheres modificações, tais como: aumento de peso, flacidez, estrias, celulites, manchas, cicatrizes. A orientação é para que as gestantes otimizem as potencialidades corporais, para que não mais aceitem, resignadamente, o desgaste da gravidez, e sim promovam uma eficiente atividade de si, sobre si mesmas, correlata às exigências de proteção estética de seus corpos.

Observa-se que os corpos grávidos são admirados, desde que não exibam as marcas da sua função: *quando a pele escurece, mancha e/ou fica com estrias, o aumento de peso, a falta de tônus muscular, tornam-se objetos de repulsa*. Interessante notar que a pele escura, a “celulite” e a “estria”, até a década de 90, não eram tratadas pela revista como uma questão “repugnante” e “deformante”, como passa a ser a partir dessa década. Wolf (1992, p. 301) destaca que

Os cirurgiões estéticos depois da década de 90 definem como doenças (deformidades) todas as evidências que o corpo apresenta de sua atividade reprodutiva – marcas de estrias, seios caídos, seios que amamentaram e o peso que se acumulou após o parto, à razão de cinco quilos por gravidez.

A seguinte chamada ilustra um pouco essa questão:

O que uma mulher vive na gravidez não precisa ficar em seu corpo. Deve ficar apenas em sua memória, basta estar preparada (CARVALHO, 1991, p. 11).

Dessa forma, a memória do processo da gravidez marcada nas dobras da pele converte-se em doença (WOLF, 1992). Pergunto-me: será que não acontece nada de político aí? Parece-me que essas exigências para eliminar as marcas dizem muito, não de doença, mas da saúde moral e estética de uma época (?!). As gestantes são convidadas a construir suas saúdes e, por conseqüência, as dos seus fetos, a conservar as suas formas, a modelar sua aparência, a apagar as marcas da gravidez. Sibilía (2004) diz tratar-se de uma clara transição para as intervenções de uma vontade fáustica⁹⁶ (limpar, corrigir, criar, ultrapassar) de “deletar” toda e qualquer impureza, inclusive as da pele.

⁹⁶ Fáustico, para Sibilía (2004), seria o indivíduo insatisfeito com a estreiteza do seu conhecimento.

A estética corporal das gestantes também muda através dos tempos



Figura 26 – FOTOTECA INTERNACIONAL. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 408, jan. 2002.

Padrão de beleza corporal não é difícil da grávida atingir: Massa e tônus muscular (MAGALHAES, 2002, p. 41-43).

A fantasia contemporânea do ideal de mãe limpa, perfeita, é incomensurável e está rodeada pelas mais variadas fontes e áreas. A *Pais & Filhos* utiliza, como vemos, imagens da arte para mostrar o deslocamento da beleza da gestante através dos tempos e a afirmação de que é possível obter esse padrão por meio das práticas corporais esportivas.

Não são apenas as roupas que as grávidas usam que perderam os excessos, nesse último movimento de 1990 a 2005. Os corpos também, de modo que as *formas simples e limpas* são a nova ordem na revista.

Essa tendência da *simplificação das formas* agrega valores. A revista induz e conduz a leitora a pensar que corpos gordos, flácidos e moles refletem uma personalidade fraca

(alguém que não sabe se controlar), enquanto um corpo grávido malhado (trabalhado), esbelto, longilíneo, significa determinação, força de vontade, poder de sedução (mesmo grávido). Ensina também que *somente as gestantes fracas de espíritos* dispensariam esse ideal, de modo a poder fazer a seguinte pergunta à leitora: *uma mulher fraca de espírito pode ter filhos?*

Como se observa no excerto a seguir, trata-se, pois, de uma das características da sociedade de controle, que repassa às gestantes a idéia de que elas são responsáveis pela própria vida e pelo seu nível de saúde, cabendo a si postergar a finitude dos corpos e os efeitos, no caso, do próprio processo da gravidez.

Hoje a vida social pede coisas muito diferentes às mulheres. Ora, uma mulher, até a primeira metade do século XX, tinha mesmo muito pouco a esperar da vida, depois de ter realizado seu destino social de parir filhos. É compreensível que sua aparência, sua saúde, sua disposição física atestassem o fim de linha de sua condição. (...) Hoje, o fim da linha está definitivamente adiado indefinidamente (CARVALHO, 1991, p. 12).

Na composição do quadro dessa nova mulher mãe, a definição da maternidade é diferente da do passado, pois acompanha a mudança dos tempos. Nessa nova definição, cabe viver a maternidade associada à busca da carreira, da beleza, do sucesso, do exercício da sexualidade. Folhear a *Pais & Filhos* dos anos 90 é deparar-se com gestantes que, além de bem-sucedidas e belas, são inteligentes, elegantes, empenhadas em suas carreiras. A revista configura a imagem de uma mulher realizada na maternidade sem que deixe de se empenhar na carreira – a imagem de uma gestante serena, divertida, bem cuidada, sem marcas e aborrecimentos da gravidez. Associa-se o decurso da gravidez (as formas que o corpo vai tomando) ao mito de um eternamente belo.

* * *

A quantidade de material informativo disponível sobre as formas de cuidar dos corpos grávidos por meio das práticas corporais e esportivas sugere, cada vez mais, que a biologia não equipa as mulheres para a função social de cuidar de si e dos/as filhos/as. Ao referir-se à sexualidade Louro diz algo que também se pode associar à maternidade: “é curioso observar, no entanto, o quanto essa inclinação [da maternidade], tida como inata e natural em nossa

existência, é alvo da mais meticulosa e intensa vigilância, bem como do mais diligente investimento” (acréscimo meu) (LOURO, 1999, p. 17). Desmistificar a essência biológica da corporalidade feminina é descortinar a construção sociocultural do processo de gravidez como “*ato regulável pela sociedade*” e pelas diferentes áreas do saber, como procurei mostrar no campo da educação física.

Nesse sentido, esta tese não é um trabalho avaliativo daqueles que tradicionalmente buscam os “defeitos e as virtudes” do objeto da pesquisa, no caso, a revista *Pais & Filhos*. Não pretendi construir uma “alternativa” aos modos de educar os corpos grávidos que a revista e/ou outras instâncias culturais veiculam, como também não pretendi julgar suas ações e opções “como certas e/ou erradas”. Meu objetivo foi o de mostrar a gravidez e a maternidade sob uma perspectiva educativa e, para isso, tratei de mergulhar nas significações veiculadas nos discursos das práticas corporais, observando suas forças e fazendo aparecer algumas das relações de saber-poder que vêm constituindo esse discurso da área na qual me insiro a educação física.

Procurei expor como as diferentes práticas corporais nas revistas ensinam a gestante (mãe) a ser carinhosa, cuidadosa, preparada, resistente, atlética, forte, corajosa, participativa, bela, atraente, sensual, constituindo um importante discurso que produz diferentes identidades. Descrevi como a *Pais & Filhos*, como uma tecnologia de governo e autogoverno, constitui as gestantes leitoras de suas páginas como objetos de saber, a partir do seu poder de falar sobre elas. Descrevi, assim, as conexões entre o governo de si (relação de cuidado de si) e o governo dos outros (relação com as pedagogias corporais alternativas, esportivas, com suas regras e normas morais). Apresentei, portanto, um pouco sobre os modos como, na revista *Pais & Filhos*, o discurso das práticas corporais e esportivas produz a politização contemporânea dos corpos grávidos.

Finalizo esta tese registrando que se, de um lado, analiso e critico a atual politização da gravidez veiculada pela revista – o imperativo categórico da mãe perfeita, cuidadosa, saudável –, de outro, fui e sou uma mãe subjetivada por muitos desses “novos” discursos da politização da maternidade. Portanto, como pesquisadora, não estou fora nem acima do contexto e do objeto que investigo.

Gostaria que esta tese, de acordo com seu compasso, pudesse constituir-se como uma contribuição acadêmica e política para a difusão da vivência de processos de gravidez e de maternidade menos intensificados, menos regulados e menos controlados, pois:

*Do rio que tudo arrasta
se diz que é violento.
Mas quase ninguém diz violentas
as margens que o comprimem (BRECHT).*

8 REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da infância e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARILHA, Margareth Berquó. Desejo da maternidade tecnologia conceptivas e o Estado: rápidas considerações. In: SCAVONE Lucila. **Tecnologias reprodutivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2006.
- ARTAL, Raul; GARDIN, Susan. **O exercício físico na gravidez**. São Paulo: Manoele, 2000.
- AUMONT, Jaques. **A imagem**. Trad.: SANTOS, Estela. SANTORO, Cláudio. Campinas: Papirus, 1993.
- BADINTER, Elisabeth. **Hombres/Mujeres. Como salir del camino equivocado**. Buenos Aires AR: Fondo de Cultura Económica, 2003.
- _____. **Sobre a identidade masculina**. Trad.: DUQUE, Maria Ignez Estrada, 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- _____. **Um amor conquistado. O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- _____. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- _____. **Em busca da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- _____. **O mal estar da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BHOME, Carlos. **Manual de pesquisa das diretrizes do ACSM para os testes de esforço e sua precicão**. ACSM – Colégio Americano de Medicina do Esporte. Guanabara: Koogan, 2002.
- BOLTANSKI, Luc. **As classes sociais e o corpo**. Rio de Janeiro: Edições Gral, 1979.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JACAR, Alison. BORDO, Suzan. **Gênero, corpo e conhecimento**. Trad.: Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997.
- BRUNS, ALVEZ, Maria. T. & Grassi, M. V. F. C. (1993). Mulher e sexualidade: o desejo da continuidade. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, n.4, v.12, São Paulo, 1993.

BRUSCHINI, Cristina e SORJ, B. **Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo: Marco Zero: Fundação Carlos Chagas, 1994.

CAPONI, Sandra. A saúde como abertura ao risco. In: CZERESNIA, Dina (Org). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura, o poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTIEL, Davied Luiz. Dédalo e os Dédalos: Identidade cultural, subjetividade e os riscos à saúde. In: CZERESNIA, Dina (Org). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

CIAFFONE, Andréia. **O superpoder de consumo da primeira idade**. São Paulo: MS, 1998.

COELHO, Neto. **Ser mãe é padecer num paraíso!** <<http://www.amoremversoeprosa.com/cirandas/442cirandadasmaes.htm>> Acesso em: 14 set. 2006.

CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT Michelle (Org.). **História da vida privada da primeira guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CORRÊA, Marilena Villela. **Novas tecnologias reprodutivas: limites da biologia ou biologia dos limites**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

COSTA, Rosely Gomes. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2, jul./dez. 2002.

COURTINE, Jean-Jacques. Os *staknovistas* do narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org.). **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

ELIAS, Norbert. & DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FAUX, Dorothy Schefer. **Beleza do século**. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 2000.

FELIPE, Jane. Governando os corpos femininos. **Labrys**, n. 4, jul./dez. 2003.

FIDALGO, Lurdes. **Reconstruir a maternidade numa perspectiva discursiva**. Lisboa: Instituto do Piaget, 2003. (Coleção Horizontes Pedagógicos).

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e educação da mulher: modos de enunciar o feminino na TV. In: FUNK, Susana. WIDHOLZER, Nara (Org.). **Gênero em discursos da mídia**. Florianópolis: Ed Mulheres, 2005.

_____. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas: Editores Associados/AMPED, n. 20, maio/jun./jul./ago. 2002.

FITCHNER, Mirian. O flagelo da maternidade. <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT499085-1664-1,00.html>. Acesso em out. 2006.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Gilles Deleuze**. Trad.: SANT'ANNA, Claudia Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In:_____. **Ética, sexualidade, política. Ditos e escritos**. Rio de Janeiro: Forense: 2004. Universitária, vol. V.

_____. **Em Defesa da Sociedade: Cursos do College de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Resumo dos Cursos do College de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Foerense, 1996a.

_____. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau, 1996b.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1979.

FRAGA, Alex Branco. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

GARRAFA, Volnei. Bioética e manipulação da vida. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **Transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo na modernidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: **O mundo psicossocial da mulher no esporte, comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. **Labrys**, n. 4, ago./dez., 2003a.

_____. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003b.

_____. ANDRADE, Victor. Educação Física e História: a literatura e a imagem como fontes. In: FERREIRA, Amarilio (Org.). **Pesquisa histórica na Educação Física**. São Paulo: Hucitec, 2001.

_____. Mulheres em movimento: imagens femininas na *Revista Educação Physica*. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, jul./dez. 2000.

GONCALVEZ, Aguinaldo. CAMPANE, Rafael Zoppi. Aptidão física. GONZÁLEZ Fernando Jaime, FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo (Org.). **Dicionário crítico**. Ijuí: Unijuí, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo, **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997.

HAYS, Sharon. **Contradições culturais da maternidade**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Séries estatísticas retrospectivas/Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

KLEIN, Carin. “... **Um cartão [que] mudou nossa vida?**” Maternidades veiculadas e instituídas pelo Programa Nacional Bolsa-Escola, 2003. Dissertação de Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

KNIBIEHLER, Yvone. FOUQUET. **La Femme et les Médecins**. Paris: Hachette, 1983.

_____. Madres y Nodrizas. In: **TURBER, Silvia. Figuras de la madre**: Cadetra, 1996.

KITZINGER, Susan. **Mães, um estudo antropológico da maternidade**. Lisboa: Presença, Martins Fontes, 1978.

KODA, Harold. **Extreme beauty: the body transformed**. New York, The Metropolitan Museum of Art, 2001.

LACERDA, Yara. **Atividades corporais: o alternativo e o suave na Educação Física**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

LAMAZE. READ, Dick. **Childbirth**. London: Burke, 1958.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascararas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org). **O sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Trad.: FUHRMANN, Sonia. Petrópolis: Vozes, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade pós-moralista: o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos**. Trad.: BRAIO, Ara. São Paulo: Manole, 2005a.

_____. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Trad.: DEUTSCH, Monteiro. São Paulo: Manole, 2005b.

LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho. ensaios sobre sexualidade e teoria *queer***. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **Notas para dar conta de uma promessa. Prática de pesquisa**. PPGEDU/UFRGS, 2002. (Texto mimeografado).

_____. **As nossas sociedades são intensamente vigiadas**. Entrevista Public Online: Portugal, 12 jul., 2001.

_____. Corpo, Escola e Identidade. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez., 2000.

_____. **Gênero, sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez, 1995.

_____. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. **Teoria e Educação**. n. 6, Porto Alegre, 1992.

LOVISOLO, Hugo. **Atividade física, educação e saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

LOWEN, Alexander. **Corpo e sexualidade desde Reich até Hoje**. Alegria: Summus, 1998.

LUPTON, Deborah. Risk and the ontology program. In: LUPTON, D. **Risk and sociocultural theory: new directions and perspectives**. Cambridge/UK: University Press, 1999.

_____. **The imperative of Health: public health and the regulated body**. Thousand OAKS, CA: Publications, 1995.

LUZ, Madel Therezinha. **Novos saberes e práticas em saúde coletiva. Estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais**. São Paulo: Hucitec, 2003.

_____. **Medicina e ordem política brasileira: perspectivas e instituições de saúde**. (1850-1930). Rio de Janeiro: Graal, 1982.

MACHADO, Roberto. **Danação da norma: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MARTIN, Emily. **A mulher no corpo: uma análise cultural de reprodução.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **Visões do feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MARTINS, João Carlos. **Expectativa para o mercado Profissional do Professor de Educação Física.** São Paulo: Sprint, 2000.

MEDEIROS, Marcelo. **Planejamento Familiar: os filhos dos pobres.** <<http://www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?IDTemasDados=83>> Acesso em out. 2006.

MEYER, Dagmar. A politização contemporânea da modernidade. **Gênero: núcleo transdisciplinar de estudos de gênero – NUTEG**, Niterói, v. 6, n. 1, 2006.

_____. **A educação da família como estratégia governamental de inclusão social: um estudo situado na interface dos Estudos Culturais, de Gênero e de Vulnerabilidade.** Projeto CNPQ. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2004a.

_____. Direitos reprodutivos e educação para o exercício da cidadania reprodutiva: perspectivas e desafios. In: FONSECA, Claudia; TERTO, Veriano; ALVES, Calef, (Orgs). **Antropologia, diversidade e direitos humanos: diálogos interdisciplinares** Porto Alegre: UFRGS, 2004b.

_____. **Gênero e Educação: teoria e política.** In: LOURO, Guacira; NECKEL, Jane Felipe. Petrópolis: Vozes, 2003a.

_____. Educação, saúde e modos de inscrever uma forma de maternidade nos corpos femininos. **Revista movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 38-52, 2003b.

_____. **Educar e assistir corpos grávidos para gerar e criar seres humanos “saudáveis”.** Educação, saúde e constituição de sujeito “de direito” e “de risco”. Porto Alegre: UFRGS/FACED, 2002a (Projeto de pesquisa).

_____. **Pedagogias do Aleitamento Materno. Educação, saúde e produção de identidades de gênero.** Porto Alegre: UFRGS/FAPERGS, 2002. Relatório de Pesquisa. Faculdade de Educação da UFRGS/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul, 2002b.

_____. As mamas como constituintes da maternidade: uma história do passado? **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 25, n. 2, jul./dez., 2000.

MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no Século XX.** São Paulo: Olho D'Água/FAPESP, 2001.

MIRANDA, Sérgio Roberto. **Ginástica para Gestantes.** Rio de Janeiro: Sprint, 2004.

NATHANSON, Graciela. O corpo feminino como objeto medico e mediativo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, 2005.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, 2000.

PAIS & FILHOS. São Paulo: Bloch e Manchete, anos 1-37. (Coleção).

_____. Disponível em <<http://www.revistapaisefilhos.terra.com.br>> Acessos em 2003; 2004; 2005; 2006.

PAIVA Miriam. A mulher faz o pré-natal. <<http://www.cfemea.org.br/temasedados/detalhes.asp?EPT4990>> Acesso em ago. 2006.

PINTO, Céli R. **Com a palavra o senhor Presidente Sarney: ou como entender os meandros da linguagem do poder**. São Paulo: Hucitec, 1989.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza e as praticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaço do privado. In: VINCENT, Gerard (Org). **História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias**. São Paulo: Companhia das Letras, vol. 5, 1995.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino ou as muitas descobertas do “amor venéris”. In: SANT'ANNA, Denise (Org.). **Corpo e Cultura**. São Paulo: EDPUC, 2002.

REICH, Wilhelm. **Reich Fala de Freud**. Lisboa: Moraes, 1979.

RESENDE, Jorge. **Manual da Obstetrícia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2002.

RIBEIRO, Renato Janine. **Novas Fronteiras entre natureza e cultura**. In: NOVAEAS, Adauto. **O homem-máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

RIPOLL, Daniela. **Aprender sobre a sua herança já é um começo – ou de como tornar-se geneticamente responsável**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2003.

ROHDEN, Fabiola. **Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

ROSE, Nikolas. Governando a alma: a formação do eu privado. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Liberdades reguladas: a pedagogia construtivista e outras formas de governo do eu**. Petrópolis: Vozes, 1998.

RUSSO, Jane. **O Corpo contra a palavra. Tese (Doutorado em Antropologia Social)**. Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, 1998.

SABINO, César. **O peso da forma: cotidiano e uso de drogas entre fisiculturistas**. Tese, PPGSA/IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

SALEM, Tânia. **Sobre o casal grávido: incursão em um universo ético**. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional: Rio de Janeiro, 1983.

SANTOS, Lucinete. **Adoção: da maternidade à maternagem – uma crítica ao mito do amor materno**. **Serviço social & sociedade**. São Paulo: Cortez, 1998.

SANTOS, Luiz Henrique Sacchi dos. **Biopolíticas de HIV/AIDS no Brasil: uma análise dos anúncios televisivos das campanhas oficiais de prevenção. (1986-2000)**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS (tese de doutorado), 2002.

SANT'ANNA, Denise B. **Educação Física e história**. In: CARVALHO, Y. **Educação Física e ciências humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001a.

_____. **Corpos de passagem: ensaio sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001b.

_____. **Passagem para condutas éticas na vida cotidiana**. São Paulo: PUC/EDU, 1999.

_____. O corpo entre antigas referências e novos desafios. **Cadernos de subjetividade**, São Paulo, v. 5, dez. 1997.

_____. Cultos e enigmas do corpo na história. In: STREY, M; LISBOA, S (Orgs.). **Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar**. Porto Alegre: EDIPUC, 1996.

_____. **Políticas do corpo, elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

_____. **O prazer justificado: história e lazer (1969/1979)**. São Paulo: Marco Zero, MCT-CNPq, 1994.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias intelectuais: arte e meios de comunicação**. São Paulo: Edusp, 1997.

SCAVONE, Lucila. **Dar e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. A maternidade e o feminismo: diálogo com as Ciências Sociais. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 16, 2001a.

_____. **Maternidade transformações na família. Interface comunicação saúde e educação**. São Paulo, n. 8, fev. 2001b.

_____. Recursos conceituais: feminismo e ciências sociais. In: SCAVONE, L. **Tecnologias Reprodutivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

SFEZ, Lucien. **A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia**. São Paulo: Unimarco/Loyola, 1995.

SIBILIA, Paula. O pavor da carne: risco da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 25, dez. 2004.

_____. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

SILVA, Ana Márcia. DAMIANI Iara Regina. **As práticas corporais na contemporaneidade: pressuposto de um campo de pesquisa e intervenção social**. In: SILVA, Ana Márcia. DAMIANI, Iara Regina (Org.). Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005.

_____. **Corpo ciência, mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SILVA, Tomás Tadeu. **Nunca fomos humanos: nos rastros dos sujeitos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. **Documento de identidade: uma introdução à teoria do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Carmen. Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte. In: Rago, M. e Veiga Neto. **As figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Contexto, 2006 (no prelo).

_____. Práticas corporais: invenção de pedagogias? In: SILVA Ana Márcia. DAMIANI Iara Regina (Org.). **Práticas corporais**. Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005.

_____. Arquitetura e educação do corpo: notas indicadas. SOARES, C. L, ZARANKIN. **Revista do núcleo de desenvolvimento da criatividade da UNICAMP, Campinas**, v. 10, n. 1, Campinas: NUDECRI-UNICAMP, 2004.

_____. Cultura de Movimento. **Revista do SESC: Corpo Prazer e Movimento**, São Paulo, 2003a.

_____. Pedagogias do corpo. **Labrys**, n. 4, ago./dez., 2003b.

_____. **Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no Século XIX**. Campinas: Autores Associados, 2002a.

_____. Memórias da natureza: Georges Hébert e a educação do corpo. **Revista Digital**, Buenos Aires, Año. 8, n. 55, Diciembre de 2002b.

_____. Corpo, Conhecimento e Educação. In: SOARES, C. (Org.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. Educação física: raízes européias e Brasil. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1994. SOARES, Carmem. **Educação Física: raízes históricas e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994.

STACPOOLE, Carlos. Tratado de Obstetrícia, Modern Motherhood. In: **Advertência às mulheres na condução dos cuidados corporais antes, durante e depois da gravidez**. London: Cassel, 2003.

STEINBERG, Shirley. Kindercultura: A construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H. e outros (Orgs.). **Identidade social e a construção do conhecimento**. Porto Alegre: PMPA, 1997.

SWAIN, NAVARRO Tânia. Intertextualidades: perspectivas feministas e foucaultianas. **Labrys**, v. 5, jul. 2004.

THÉBAUD, Françoise (Org.). **História das mulheres**. São Paulo: Ebradil, 1986.

TUBERT, SILVIA. **Figural de la madre**. MADRID: Cátedra, 1996.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Treinar o Corpo, dominar a Natureza: nota análise do esporte a partir do treinamento corporal**. Campina: Cadernos Cedes, 1999.

VAZ, Paulo Roberto G. Corpo e Risco. Fórum Media. Disponível em: <<http://www.eco.ufrj.br/paulovaz/textos/corpoerisc.pdf>Acesso> Acesso em 06 mar. 2006.

VEJA. Criança: do nascimento aos cinco anos. São Paulo: Ed. Abril, v. 36, edição esp. n. 23, maio 2003.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

VIGARELLO, Georges. SANT'ANNA, Denise (entrevista). "O corpo inscrito na História: imagens de um arquivo vivo". In: **Projeto História**, São Paulo, EDUC/FAPESP, n. 21, 2002.

_____. **História das práticas de saúde: a saúde e a doença desde a Idade Média**. Trad.: SARMENTO, Luiz Filipe. Lisboa: Notícias, 2001.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAUJO, Hermes Reis (Org.). **Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente**. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

_____. **A arte do motor**. São Paulo: Estação da Liberdade, 1996.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez., 1995.

WOLF, Naomi. **Fogo com fogo**. Trad.: Waldeia Barcelos. São Paulo: Rocco, 1996.

_____. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992

YALOM, Marilyn. **A história do seio**. Lisboa: Teorema, 1997.

REFERÊNCIAS DOS EXCERTOS

- ALMEIDA, Gercilga. Curso para pais. **Pais & Filhos**, São Paulo, p.76, jun. 1974.
- ANA, ARAUJO. Preparando para o parto. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 229, p. 47, jan. 1988.
- FERNANDES, Simone. Aprenda a ser pai. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 138, p. 76-80, jun. 1980.
- ARANHA, Antonio. A Gravidez. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 401, p. 36, dez. 2003.
- AZEVEDO, Mario. Ela aprende a olhar o corpo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 75, p. 23, jan. 1975.
- BARSA, Paulo. Já e tempo de nascer. **Pais & Filhos**, São Paulo n. 217, p. 89, jan. 1987.
- BASSANI, Solange. Mudança corporal e o períneo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 240, dez. 1988.
- BOECHAT, Jacqueline. Pronta para ficar grávida. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 112, p. 48-49, mar. 1978.
- BRAGA, Auri. Aprenda a respirar. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 120, p. 31, nov. 1978.
- CARLOS, Ataíde. Mulher corajosa. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 157, p. 57, jan. 1982.
- CARNEIRO, SERGIO. Nós as mulheres. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 253, p. 102, jan. 1990.
- CARVALHO Marcos. Os gens. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 374, p. 18, jan. 2000.
- CASTELO, Alessandra. Grávida e o prazer da atividade física. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 253, p. 21, jan. 1990.
- CORREA, Paulo. A mulher e o homem cuidando do corpo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 396, p. 14, jan. 2001.
- COSTA, Gomes. Cuidados com o corpo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 134, p. 14, dez. 1979.
- MELLO, Paulo. Força na vida. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 122, p. 41, jan. 1979.
- DA SILVA, Carla. Aprenda a ser forte. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 121, p.16, dez. 1978.
- DENIS, MORAES. Entra em ação a super mãe. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 5, p. 87-89, jan. 1982.
- DILSON, Kamel. Faça ginástica. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 18, p. 23, fev. 1975.
- EQUIPE, PAIS E FILHOS. Gravidez mês a mês. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 97, p. dez. 1976.

- FARAH, Imelde. Atividade e gravidez. **Pais & Filhos**, São Paulo, n.87, p. 17, fev. 1976.
- FERNANDES, Simone. Gravidez e o tamanho da família Poucos filhos. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 134, p. 21, fev. 1980.
- FERREIRA Lucia. Eu era uma moça feia. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 21, p. 41, maio 1970.
- FIGUEIRA Mônica. O a b c das mães. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 434, p. 40, maio, 2004.
- FIGUEREDO, Mônica. Entrevista. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 436, p. 14-17, jul. 2004.
- GASPARINI, Aline. A preparação para o parto. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 186, p. 35-36, jun, 1984.
- GOMES, Iran. Exercícios e gravidez. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 134, p. 21, fev. 1980.
- GONZALEZ, Amélia. Ginástica para facilitar o parto. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 134, p. 16-19, fev. 1980.
- GRACIANO, Marília. Eu mamãe. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 19, p. 18, mar. 1970.
- KAMARA, Alice. Com o equilíbrio da ioga. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 121, p. 14, dez. 1978.
- KINSIEY, Laboratório. Aprenda a dar o devido valor ao seu corpo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 110, p. 48, jan. 1978.
- LOBO, Márcia. Mulheres de ombro forte. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 205, capa, jan. 1986.
- LOBO, Márcia. Livre para se deslocar. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 75, p. 36, jan. 1975.
- MAGALHÃES Arno. Padrão de beleza corporal não é difícil da grávida atingir: Massa e tônus muscular. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 412, p. 41-43, maio, 2002.
- MAGALHÃES, Márcia. Nós mulheres. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 260, p. 45, ago. 1990.
- MALTA, Maria Helena. Vamos derrubar os tabus: gravidez não é doença. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 63, (capa), jan. 1974.
- MARTINS, Paulo. Mãe e filhos uma relação delicada. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 351, fev. 1998.
- MIRANDA, Claudia. Leboyer 20 anos depois. **Pais & Filhos**, São Paulo n. 240, p. 114, dez. 1988.
- NISKIHER, Arnaldo. Diretor editorial. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 63, p. 42, jan. 1974.
- NOBRE, Vanede. viva bem com seu corpo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 28, p. 50, dez 1970.
- OLIVEIRA, Bel. Saiba o que é o exame 4D. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 389, p. 72, jun. 2000.

- PACHECO, Tete. Família Ampliada. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 396, p. 27, jan. 2001.
- PEREIRA, Carlos, Controle alimentar e atividade física, **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 326, p. 17-25, jan. 1996.
- PINTO, Carlos. Gravidez rodeada de cuidados. **Pais & Filhos**, São Paulo, n, 192, p. 114, dez. 1984.
- PIRES, Eliane. O esporte. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 18, p. 14, fev. 1970.
- RODRIGUEZ, Jorge. O que a medicina pode fazer pelas mulheres. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 39, (capa), dez. 1971.
- SERGIO, Barbosa. Firme e forte para a maratona do parto. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 135, p. 23, mar. 1984.
- SOARES, Vilmar. Vida e a Força. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 133, p. 21 jan. 1980.
- TAURIZA, Simone. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 233, p. 14, maio 1988.
- VASCONCELOS, Aurora. Mágica para liberar o corpo. **Pais & Filhos**, São Paulo, n.100, p. 13-16, mar, 1977.
- WERNECK, Claudia. Ajude o bebê a nascer saudável. **Pais & Filhos**, São Paulo, n. 351, p. 24, fev. 1998.